tradução
μετάφραση
ترجمه
ਅਨੁਵਾਦ
Übersetzung
ñembohasa
traducción
перевод
നഗനവാ
תרגום
vertaling
번 역
käännös
translation
тәржемә
översättning
თარგმანი
përkthim
թարգմանություն
canjı
okujjulula
turkakipt'äwi
translatio
tradukado
ಅನುವಾದ
překlad
çeviri
翻訳

Ficha catalográfica elaborada por:
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Literária em Tradução -- n. 1, set. 2010 -.- Florianópolis, 2010 –
[recurso eletrônico].

Semestral, ano 10, n. 21, 2º vol., dez. 2020
Bilíngue: 10 idiomas
Editada por Gleiton Lentz e Roger Sulis; ilustrada por Aline Daka
Sistema requerido: PDF
Modo de acesso: https://www.notadotradutor.com/
Portal interativo: Archive.Org
ISSN 2177-5141

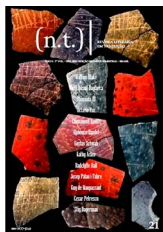
1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

Indexada na Sumários.Org e Latindex

INTRO

"Pensa bem: isso tudo é a nossa vida."

Fazıl Hüsnü Dağlarca

EDITORIAL

www.notadotradutor.com
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

Edição e Coordenação
Gleiton Lentz

Coedição e Consultoria
Roger Sulis

Ilustração e Curadoria
Aline Daka

Revisão e Assistência
Amanda Zampieri

Consultoria Linguística
Scott Ritter Hadley

Revisão dos Originais
Equipe (n.t.)

Agradecimentos

Fac-símiles e originais: ▪ Library of Congress (EUA), para "The Book of Ahania", de W. Blake; ▪ Site Copta Ortodoxo St-Takla (Egi.), para "في حبّ مصر", de Shinouda III; ▪ Archive.Org, para "Deux lettres de mon moulin", de A. Daudet; ▪ Google Books, para "Europa", de G. Schwab; ▪ Archive.Org, para "Don Quixote's Abortion", de K. Acker; ▪ Google Books, para "The Well of Loneliness", de R. Hall; ▪ Gallica (Fra.), para "Gustave Flaubert", de Maupassant; ▪ Biblioteca Centrală Mihai Eminescu (Rom.), para "Aranca, ştima lacurilor", de C. Petrescu. **Direitos de publicação:** ▪ Doğan Kitap (Tur.), para "Akdeniz Şiirleri", de F.H. Dağlarca; ▪ Seix Barral (Esp.), para "El mono gramático", de O. Paz; ▪ Ερμῆς (Gré.), para "Ιστορία ενός Σκύλου και Ιστορία μιας Γάτας", de E. Roídis; ▪ Galaxia Gutenberg (Esp.), para "El principi d'alquímia", de J. Palau i Fabre; ▪ Norstedts (Sué.) e Edições Antígona (Port.), para "Brev till en ö", de S. Dagerman.

Em um abrigo rochoso em Western Cape, na África do Sul, conhecido como Diepkloof Rock Shelter, arqueólogos descobriram algumas das primeiras evidências do uso humano de símbolos em formato de desenhos geométricos que, inclusive, podem representar talvez a forma mais antiga de comunicação escrita já encontrada. Feitas por caçadores-coletores, as gravuras datam de 60 mil anos, uma era antes de os humanos terem abandonado o continente africano para migrar pelo resto do mundo.

Entalhadas em cascas de ovos de avestruz, que eram usados como recipientes de água, considerados os primeiros cantis da história, desde a primeira escavação arqueológica do sítio em 1973, cerca de 400 cascas foram descobertas, de possivelmente 25 recipientes. Os fragmentos gravados, capa desta edição da (n.t.), mostram o desenvolvimento inicial de uma tradição gráfica e o uso complexo de símbolos para mediar as interações sociais, o que evidencia a capacidade de nossos ancestrais em conceituar padrões e formas que não existiam primariamente na natureza.

Os padrões simbólicos ou gráficos consistem em linhas cruzadas em ângulos retos ou oblíquos por meio de hachura, apresentando padrões repetitivos lineares abstratos, que parecem formar um sistema de representação simbólica no qual identidades coletivas e expressões individuais são comunicadas, sugerindo fundamentos sociais, culturais e cognitivos. Por isso, pesquisadores argumentam que, devido à repetição desses motivos, os primeiros humanos talvez estivessem tentando comunicar algo, como a identidade de um indivíduo ou de um grupo específico.

Como vemos, a intenção humana de se comunicar não só oral, mas graficamente, parece remontar a uma era ainda mais antiga que a dos primeiros registros encontrados de proto-escrita, que datam do 7º milênio a.C., como os símbolos Vinča, na Europa, ou Jiahu, na China, por exemplo. E essa mesma intenção se encontra na escrita dos autores reunidos nesta edição e também no processo de transliteração empreendido pelos tradutores, os herdeiros diretos dessa tradição de grafar e decifrar. E enquanto os estudiosos se detêm em interpretar e decifrar esse antigo sistema geométrico, apresentamos as traduções já *decodificadas* a partir dos onze idiomas que compõem o presente número.

Abrimos a revista com o poema ilustrado *O Livro de Ahania* | *The Book of Ahania*, de William Blake, traduzido por Sergio Ricardo Oliveira; seguido dos *Poemas do Mediterrâneo* | *Akdeniz Şiirleri*, do poeta turco Fazıl Hüsnü Dağlarca, por Miguel Sulis, e da seleção *Em amor com o Egito* | في حبّ مصر, do poeta copta egípcio Shinouda III, por Isabela Alves Pereira. Já em "prosa poética", apresentamos os capí-

tulos iniciais de *O macaco gramático* | *El mono gramático*, do mexicano Octavio Paz, por Marco Antonio B. Martínez.

Na rubrica seguinte, cinco escritores, de cinco nacionalidades, ilustram as páginas com seus "contos e excertos": *A história de um cachorro e A história de uma gata* | *Ἱστορία ἑνὸς Σκύλου κα᾿ Ἱστορία μιᾶς Γάτας*, do grego Emmanouil Roídis, por Théo de Borba Moosburger; *Duas cartas de meu moinho* | *Deux lettres de mon moulin*, do francês Alphonse Daudet, por Vera Lúcia de Azevedo Siqueira; *Europa*, do alemão Gustav Schwab, por Sofia Froehlich Kohl; *O aborto de Dom Quixote* | *Don Quixote's Abortion*, da estadunidense Kathy Acker, por Bruno Brito; e um capítulo de *O poço da solidão* | *The Well of Loneliness*, da inglesa Radclyffe Hall, por Morgana Feijão.

Na clássica seção ensaística, o escritor catalão Josep Palau i Fabre apresenta *O princípio da alquimia* | *El principi d'alquímia*, por Lucas Figueiredo Silveira, e o francês Guy de Maupassant seu ensaio sobre *Gustave Flaubert*, por Kedrini Domingos dos Santos. E na sequência publicamos a 2ª parte do conto *Aranka, o espírito das águas* | *Aranca, ştima lacurilor*, de Cezar Petrescu, por Fernando Klabin, na recém lançada seção "Folhetim".

E em "Memória da Tradução" relembramos mais uma tradução, desta vez lusitana, empreendida pela escritora Irene Lisboa em 1958, a do capítulo *Carta a uma ilha* | *Brev till en ö*, do clássico sueco de Stig Dagerman, *Bränt barn*.

E assim como os padrões simbólicos dos fragmentos encontrados em Diepkloof Rock Shelter, que parecem sugerir uma tentativa de comunicação, que quiçá expresse a identidade de um indivíduo ou então de um grupo, da mesma forma operam os escritores e poetas com suas obras, ao fazerem uso de um sistema linguístico, de uma grafia, para expressar suas vozes ou se vincular a um grupo estético. E o mesmo, por extensão, fazem os tradutores, em sua eterna necessidade de decifrar o mundo e fazer jus a todo um legado, que até o momento parece ligá-los a um passado ainda mais distante, há 60 mil anos desde as cavernas de Diepkloof, muito antes da milenar Babel.

Boa literatura decifrada! ■

Os editores
Desterro, outubro de 2021.

(n.t.) | 21°

Publicada na Ilha do Desterro, em Santa Catarina, Brasil.

ISSN 2177-5141

SUMÁRIO

poesia

(n.t.) | Diepkloof

O Livro de Ahania
William Blake

O texto: Publicado em 1795, *The Book of Ahania* (*O Livro de Ahania*), de William Blake, é uma releitura feita a partir do *Gênesis* e do *Êxodo*, e considerado da fase experimental de suas iluminuras. Idealizado como sequência do *The Book of Urizen* (1794) e dividido em seis capítulos, representa, na mitologia blakiana, a síntese do pensamento urizênico (tirânico) e sua trágica divisão interna, que alude à imagem profética da separação da eternidade e entrada na história. O resultado é uma alienação de si que cria Ahania, entidade feminina alada ligada à acepção do Pecado, a contraparte feminina de Urizen, que expõe o lamento advindo de toda a separação.

Texto traduzido: Blake, W. "The Book of Ahania". In. Stevenson, W. H. (Ed.). *Blake: The Complete Poems*. London/New York: Routledge [1795], 2014, pp. 274-284.

Iluminuras: Blake, W. *The Book of Ahania*. Lambeth: Catherine Blake, printer, 1795. Plates 1-6.

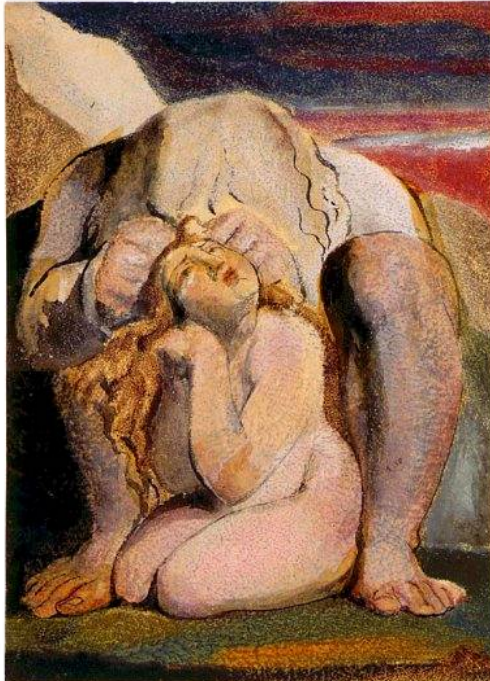
Licença: Library of Congress.

O autor: William Blake (1757-1827), poeta e gravurista inglês, nasceu em Londres. Considerado um dos maiores nomes da literatura inglesa, sua obra poética é constituída por livros proféticos que combinam escrita e ilustração segundo uma técnica particular de gravura desenvolvida pelo próprio autor. A partir de livros bíblicos e de John Milton, reinterpretou liricamente o bem e o mal para alcançar uma "união profética", dotada de simbolismo. Escreveu e ilustrou mais de vinte livros, como *A Divina Comédia*, de Dante, e *O livro de Jó*, da Bíblia, e também, de artistas britânicos de sua época.

O tradutor: Sergio Ricardo Oliveira é licenciado em Letras e mestre em Educação pela UFF, e doutor em Serviço Social pela UFRJ. Tradutor e professor, suas atuais pesquisas voltam-se à ucronia, ao espaço-tempo social e às relações literatura e educação, literatura e sociedade. Para a (n.t.) traduziu Robert Graves.

THE BOOK OF AHANIA

"How wide the abyss between Ahania and thee!"

WILLIAM BLAKE

THE
BOOK of
AHANIA
LAMBETH
Printed by W Blake 1795

AHANIA

Chap: Ist

1: Fuzon, on a chariot iron-wing'd
On spiked flames rose; his hot visage
Flam'd furious! sparkles his hair & beard
Shot down his wide bosom and shoulders
On clouds of smoke rages his chariot
And his right hand burns red in its cloud
Moulding into a vast globe, his wrath
As the thunder-stone is moulded.
Son of Urizens silent burnings

2: Shall we worship this Demon of smoke,
Said Fuzon, this abstract non-entity
This cloudy God seated on waters
Now seen, now obscur'd; King of sorrow?

3: So he spoke, in a fiery flame,
On Urizen frowning indignant,
The Globe of wrath shaking on high
Roaring with fury, he threw
The howling Globe: burning it flew
Lengthning into a hungry beam. Swiftly

4: Oppos'd to the exulting flam'd beam
The broad Disk of Urizen upheav'd
Across the Void many a mile.

5: It was forg'd in mills where the winter
Beats incessant; ten winters the disk
Unremitting endur'd the cold hammer.

6: But the strong arm that sent it, remember'd
The sounding beam; laughing it tore through
That beaten mass: keeping its direction
The cold loins of Urizen dividing.

7: Dire shriek'd his invisible Lust
Deep groan'd Urizen! stretching his awful hand
Ahania (so name his parted soul)
He siez'd on his mountains of Jealousy.
He groan'd anguish'd & called her Sin,
Kissing her and weeping over her;
Then hid her in darkness in silence;
Jealous tho' she was invisible.

8: She fell down a faint shadow wandring
In chaos and circling dark Urizen,
As the moon anguish'd circles the earth;
Hopeless! abhorr'd! a death-shadow,
Unseen, unbodied, unknown,
The mother of Pestilence.

9: But the fiery beam of Fuzon
Was a pillar of fire to Egypt
Five hundred years wandring on earth
Till Los siez'd it and beat in a mass
With the body of the sun.

Chap: II:

1: But the forehead of Urizen gathering.
And his eyes pale with anguish, his lips
Blue & changing; in tears and bitter
Contrition he prepard his Bow.

2: Formd of Ribs: that in his dark solitude
When obscurd in his forests fell monsters
Arose. For his dire Contemplations
Rushd down like floods from his mountains
In torrents of mud settling thick
With Eggs of unnatural production
Forthwith hatching; some howld on his hills
Some in vales; some aloft flew in air

3: Of these: an enormous dread Serpent
Scaled and poisonous horned
Approachd Urizen even to his knees
As he sat on his dark rooted Oak.

4: With his horns he pushd furious.
Great the conflict & great the jealousy
In cold poisons: but Urizen smote him

5: First he poisond the rocks with his blood
Then polishd his ribs, and his sinews
Dried; laid them apart till winter;
Then a Bow black prepard; on this Bow.
A poisoned rock placd in silence:
He utterd these words to the Bow.

6: O Bow of the clouds of secresy!
O nerve of that lust formd monster!
Send this rock swift, invisible thro'
The black clouds, on the bosom of Fuzon

7: So saying, In torment of his wounds.
He bent the enormous ribs slowly;
A circle of darkness! then fixed
The sinew in its rest: then the Rock
Poisonous source! placd with art, lifting dif-
-ficult
Its weighty bulk: silent the rock lay.

8: While Fuzon his tygers unloosing
Thought Urizen slain by his wrath.
I am God. said he. eldest of things!

9: Sudden sings the rock. swift & invisible
On Fuzon flew. enterd his bosom;
His beautiful visage, his tresses.
That gave light to the mornings of heaven
Were smitten with darkness. deformd
And outstretchd on the edge of the fo-
-rest

10: But the rock fell upon the Earth.
Mount Sinai. in Arabia.

Chap: III:

1: The Globe shook; and Urizen seated
On black clouds his sore wound anointed
The ointment flowd down on the void
Mixd with blood; here the snake gets
her poison

2: With difficulty & great pain; Urizen
Lifted on high the dead corse:
On his shoulders he bore it to where
A Tree hung over the Immensity

3: For when Urizen shrunk away
From Eternals, he sat on a rock
Barren; a rock which himself
From redounding fancies had petrified
Many tears fell on the rock,
Many sparks of vegetation;
Soon shot the pained root
Of Mystery, under his heel:
It grew a thick tree; he wrote
In silence his book of iron:
Till the horrid plant bending its boughs
Grew to roots when it felt the earth
And again sprung to many a tree.

4: Amazd started Urizen! when
He beheld himself compassed round
And high roofed over with trees
He arose but the stems stood so thick
He with difficulty and great pain
Brought his Books. all but the Book
Of

Of iron, from the dismal shade

5: The Tree still grows over the Void
Enrooting itself all around
An endless labyrinth of woe!

6: The corse of his first begotten
On the accursed Tree of Mystery:
On the topmost stem of this Tree
Urizen naild Fuzons corse.

Chap: IV:

1: Forth flew the arrows of pestilence
Round the pale living Corse on the tree

2: For in Urizens slumbers of abstraction
In the infinite ages of Eternity:
When his Nerves of Joy melted & flowd
A white Lake on the dark blue air
In perturbd pain and dismal torment
Now stretching out, now swift conglobing.

3: Effluvia vapord above
In noxious clouds; these hoverd thick
Over the disorganizd Immortal.
Till petrific pain, scurfd oer the Lakes
As the bones of man, solid & dark

4: The clouds of disease hoverd wide
Around the Immortal in torment
Perching around the hurtling bones
Disease on disease, shape on shape.
Winged screaming in blood & torment.

5: The Eternal Prophet beat on his anvils
Enragd in the desolate darkness
He forgd nets of iron around
And Los threw them around the bones

6: The shapes screaming flutterd vain
Some combind into muscles & glands
Some organs for craving and lust
Most remaind on the tormented void:
Urizens army of horrors.

7: Round the pale living Corse on the Tree
Forty years flew the arrows of pestilence

8: Wailing and terror and woe
Ran thro' all his dismal world:
Forty years all his sons & daughters
Felt their skulls harden: then Asia
Arose in the pendulous deep.

9: They reptilize upon the Earth.

10: Fuzon groand on the Tree.

Chap: V

1: The lamenting voice of Ahania
Weeping upon the void.
And round the Tree of Fuzon:
Distant in solitary night
Her voice was heard, but no form
Had she: but her tears from clouds
Eternal fell round the Tree

2: And the voice cried: Ah Urizen! Love!
Flower of morning! I weep on the verge
Of Non-entity; how wide the Abyss
Between Ahania and thee!

3: I lie on the verge of the deep.
I see thy dark clouds ascend.
I see thy black forests and floods.
A horrible waste to my eyes!

4: Weeping I walk over rocks
Over dens & thro' valleys of death
Why didst thou despise Ahania
To cast me from thy bright presence
Into the World of Loneness

5: I cannot touch his hand:
Nor weep on his knees, nor hear
His voice & bow, nor see his eyes
And joy, nor hear his footsteps, and
My heart leap at the lovely sound!
I cannot kiss the place
Whereon his bright feet have trod.

But

But I wander on the rocks
With hard necessity.

6: Where is my golden palace
Where my ivory bed
Where the joy of my morning hour
Where the sons of eternity, singing

7: To awake bright Urizen my king;
To arise to the mountain sport,
To the bliſs of eternal valleys:

8: To awake my king in the morn!
To embrace Ahanias joy
On the breath of his open bosom:
From my soft cloud of dew to fall
In showers of life on his harvests.

9: When he gave my happy soul
To the sons of eternal joy:
When he took the daughters of life
Into my chambers of love:

10: When I found babes of bliss on my beds.
And bosoms of milk in my chambers
Fill'd with eternal seed
O! eternal births sung round Ahania
In interchange sweet of their joys.

11: Swell'd with ripeness & fat with fatneſs
Bursting on winds my odors.
My ripe figs and rich pomegranates

In infant joy at thy feet
O Urizen sported and sang;

12: Then thou with thy lap full of seed
With thy hand full of generous fire
Walked forth from the clouds of morning
On the virgins of springing joy.
On the human soul to cast
The seed of eternal science.

13: The sweat poured down thy temples
To Ahania return'd in evening
The moisture awoke to birth
My mothers-joys, sleeping in bliss.

14: But now alone over rocks, mountains
Cast out from thy lovely bosom:
Cruel jealousy! selfish fear!
Self-destroying: how can delight
Renew in these chains of darkneſs
Where bones of beasts are strown
On the bleak and snowy mountains
Where bones from the birth are buried
Before they see the light.

FINIS

O Livro de Ahania

“Quão largo é o abismo entre Ahania e você?”

WILLIAM BLAKE

Capítulo I

Fuzon, em um coche com asas de ferro,
Em chamas ponteiras se levantou; seu rosto quente
Flamejante furioso; brilha seu cabelo & barba
Seus largos peitos e ombros derrubados.
Sobre nuvens de fumaça esbravejou seu coche,
E a mão direita arde vermelha em sua nuvem,
Moldando em um vasto globo sua fúria,
Enquanto a pedra do trovão é moldada,
Filho das queimaduras silenciosas de Urizen.

“Devemos adorar este demônio da fumaça”,
Disse Fuzon, “esta não-entidade abstrata,
Este Deus nublado sentado sobre as águas,
Agora visto, agora obscuro – o Rei da tristeza?”

Então ele falou em uma chama ardente,
Sobre Urizen, franzindo a testa, indignado,
O globo de fúria tremendo no alto.
Rugindo de fúria, ele atirou
O globo uivante; queimando-se voou,
Alongando-se em um feixe faminto. Logo

Oposto ao exultante feixe flamejante
O amplo disco de Urizen erguido
Através do vácuo de muitos quilômetros.

Foi forjado em moinhos onde o inverno
Bate sem trégua; por dez invernos, o disco
Incansavelmente suportou o martelo frio.

Mas o braço forte que o enviou recordou
O feixe de som; com o riso se rasgou
A massa batida, mantendo sua direção,
Os lombos frios de Urizen se dividiam.

Gritou em terror sua luxúria invisível.
Urizen em gemido fundo, esticando sua mão nefanda
Ahania (então nomeie sua alma separada)
Ele se adonou de suas montanhas de ciúmes.
Ele gemeu angustiado & chamou-a de Pecado,
Beijando-a e chorando por ela,
Depois a escondeu nas trevas, em silêncio,
Apesar de ciumenta, ela era invisível.

Ela caiu, uma sombra amena a vagar
No caos e em torno do Urizen obscuro –
Enquanto a lua angustiada gravita a terra –
Desamparada, odiada, uma sombra de morte,
Invisível, sem corpo, desconhecida,
A mãe da Peste.

Mas o feixe ardente de Fuzon
Foi um pilar de fogo para o Egito,
Quinhentos anos vagando na terra:
Até que Los o dominou e bateu-o em massa
Com o corpo do sol.

Capítulo II

Mas a testa de Urizen franzindo,
E seus olhos pálidos de angústia, seus lábios
Azuis & mutáveis, em lágrimas, em amargura,
Com pesar preparou seu arco,

Formado de costelas, que em sua solidão obscura
Quando nas trevas de suas florestas, monstros caídos
Surgiram. Porque suas terríveis contemplações
Desceram rápidas como as enchentes de seus montes
Em torrentes de lama, coagulando-se
Com ovos de produção não-natural
Na incubação – alguns uivavam em suas colinas,
Alguns em vales, outros no alto voavam.

Destes, uma enorme serpente tenebrosa,
Escamada e com chifres venenosos,
Aproximou-se de Urizen, até seus joelhos,
Que se sentava em seu carvalho de raízes escuras.

Com seus chifres, assaltou com fúria.
Grande o conflito & grande o ciúme
Em venenos frios, mas Urizen a feriu.

Primeiro envenenou as pedras com seu sangue,
Depois poliu as costelas, e seus tendões
Uma vez secos, separou-os até o inverno;
Depois, um arco negro preparado. No arco,
Uma pedra envenenada posta em silêncio,
Ele pronunciou estas palavras para o arco:

“Oh arco das nuvens de sigilo,
Oh ousadia daquele monstro de luxúria,
Envie esta pedra rápida, invisível, através
Das nuvens negras, no peito de Fuzon”.

Dizendo assim, no tormento de suas feridas,
Ele dobrou as enormes costelas lentamente,
Um círculo de trevas; depois fixou
O tendão em seu descanso, depois a pedra,
(Fonte venenosa) posta com arte, com custo erguendo
Seu peso volumoso. Silente a pedra pousa.

Enquanto Fuzon, e seus tigres se desatam,
Pensou que Urizen havia morrido por sua ira.
“Eu sou Deus”, disse ele, “o mais velho das coisas!”

De repente, canta a pedra, rápida & invisível
Em Fuzon voou, entrou em seu peito.
Seu belo rosto, suas tranças
Que deram luz às manhãs do Céu
Foram agarrados pelas trevas, deformados
E estendidos na beira da floresta.

Mas a pedra caiu na terra,
No Monte Sinai, Arábia.

Capítulo III

O globo tremeu; e Urizen, sentado
Em nuvens negras, suas chagas abertas ungidas.
A pomada fluía pelo vácuo
Com sangue; aqui a cobra recebe seu veneno.

Com dificuldade & grande dor, Urizen
Erguia no alto, o cadáver morto;
Em seus ombros, ele o carregou para onde
Uma árvore pendia sobre a imensidão.

Para quando Urizen se retraiu
Dos Eternos, ele se sentou em uma pedra
Árida, uma pedra que ele próprio
Por fantasias retumbantes tinha petrificado.
Muitas lágrimas caíram sobre a pedra,
Muitos focos de vegetação;
Logo disparou a raiz magoada
De mistério sob seu calcanhar.
Cresceu uma árvore grossa; ele escreveu
Em silêncio, seu livro de ferro,
Até que a vil planta, ao encurvar seus ramos
Cresceu até as raízes quando tocou a terra
E novamente saltou para muitas árvores.

Surpreendido começou Urizen, quando
Ele se viu rodeado
E com o telhado alto coberto de árvores.
Ele se ergueu; mas os caules eram muito densos
Ele com dificuldade e enorme dor
Trouxe seus livros, todos menos
O de ferro, da sombra nefasta.

A árvore ainda cresce sobre o vácuo,
Enraizando-se em todos os lugares,
Um labirinto interminável de desgraças:

O cadáver de seu primeiro filho
Na maldita Árvore do Mistério.
No caule superior desta árvore
Urizen pregou o cadáver de Fuzon.

Capítulo IV

Adiante voaram as flechas da pestilência
Em torno do pálido cadáver vivo na árvore;

Porque no marasmo da abstração urizênica
Na era infinita da Eternidade,
Quando os nervos de alegria derreteram & fluíram,
Um lago branco sobre o ar azul escuro,
Em dor perturbada e tormento desolador
Agora estão se alongando, em rápida conjugação.

Efluentes vaporizaram-se logo acima
Em nuvens tóxicas. Estas pairaram densas
Sobre o Imortal deslocado,
Até que a dor bestial flutuasse nos lagos
Como os ossos do homem, sólidos & escuros.

As nuvens da moléstia pairavam largamente
Em torno do Imortal atormentado,
Cercando os ossos que se chocam,
Moléstia sobre moléstia, forma sobre forma,
Alado, berrando em sangue & tormento.

O Profeta Eterno golpeava suas bigornas,
Enraivecido nas trevas desoladas;
Ele forjou redes de ferro ao redor
E Los as jogou em torno dos ossos.

As formas, aos berros, vibravam em vão;
Algumas devieram músculos & glândulas,
Alguns órgãos para a ânsia e a luxúria;
A maioria permaneceu no vácuo atormentado,
O exército de horrores de Urizen.

Em volta do pálido cadáver vivo na Árvore
Por quarenta anos voaram as flechas da pestilência.

Lamento e terror e desgraça
Correu por todo o seu mundo sinistro;
Por quarenta anos todos os seus filhos & filhas
Sentiram os crânios endurecerem; logo a Ásia
Aparecia no fundo pendular.

Eles se reptilizam sobre a Terra.

Fuzon grunhiu na Árvore.

Capítulo V

A voz pesarosa de Ahania,
Chorando sobre o vácuo
E ao redor da Árvore de Fuzon.
Distante na noite solitária
Sua voz foi ouvida, mas sem forma
Ela era: mas suas lágrimas das nuvens
Do Eterno caíram em torno da Árvore,

E a voz gritou: "Ah, Urizen, amor,
Flor da manhã, eu choro à beira
Da não-entidade. Quão largo é o abismo
Entre Ahania e você?

"Estou à beira do precipício.
Vejo suas nuvens escuras se elevando,
Vejo as florestas negras e as enchentes,
Um desastre para os meus olhos.

"Chorando eu ando sobre as pedras,
Sobre covas e através de vales da morte.
Por que desprezas Ahania?,
Para expulsar-me de tua brilhante presença
Para o mundo da solidão?

"Eu não posso tocar sua mão,
Nem chorar em seus joelhos, nem ouvir
Sua voz e seu arco, nem ver seus olhos
E a alegria, nem ouvir seus passos e
Meu coração salta ao som apaixonado.
Eu não posso beijar o lugar
Onde seus pés brilhantes têm pisado,
Mas eu vagueio pelas pedras
Com uma necessidade árdua.

"Onde está meu palácio dourado,
Onde está minha cama de marfim,

Onde está a alegria da minha hora da manhã?
Onde estão os filhos da Eternidade, cantando

“Para despertar o iluminado Urizen, meu Rei?
Para levantar-se ao esporte de montanha,
Para o júbilo dos vales eternos;

“Para despertar meu Rei pela manhã
Para abraçar a alegria de Ahania
Na largura de seu peito aberto...
De minha suave nuvem de orvalho por cair
Em duchas de vida em suas colheitas?

“Quando ele deu minha alma feliz
Aos filhos da alegria eterna;
Quando ele trouxe as filhas da vida
Aos meus aposentos de amor;

“Quando vi garotas em êxtase em minhas camas,
E seios de leite em meus aposentos
Repletos de semente eterna.
Oh, nascimentos eternos ressoaram em Ahania
Em troca de suas delícias!

“Cheio de maturação e vultoso de gordura,
Quebrando os ventos meus odores,
Meus figos maduros e minhas romãs ricas
Na alegria infantil aos teus pés,
Oh Urizen, brincou e cantou:

“Então tu com o colo cheio de semente,
Com tua mão cheia de fogo generoso,
Caminhou desde as nuvens da manhã
Sobre as virgens de alegria primaveril,
Sobre a alma humana para lançar
A semente da ciência eterna.

“O suor derramado em teus templos;
A Ahania voltou à noite
A umidade despertou para o nascimento
As alegrias de minha mãe, dormindo em êxtase.

“Mas agora, sozinho, sobre pedras, montanhas,
Expulso de teu formoso peito.
Cruéis ciúmes! Medo egoísta!
Autodestrutivo, como pode o prazer
Renovar-se nestas cadeias de trevas,
Onde ossos de bestas são acariciados
Nas montanhas desoladas e nevadas,
Onde se enterram os ossos do nascimento
Antes que eles vejam a luz?”

Finis

Poemas do Mediterrâneo

Fazil Hüsnü Dağlarca

O texto: Publicados originalmente em 1958, os *Poemas do Mediterrâneo*, de Fazıl Hüsnü Dağlarca fazem parte do volume *Batı Acısı* (*A agonia do ocidente*) e são fruto de uma primeira viagem do poeta à França e à Itália. As impressões dessa viagem, amor e eternidade, estranhos cemitérios, personificadas na figura de um mediterrâneo que entende e ama, estão registradas em um gênero misto, ora lírico, popular, ora místico e de divã, onde se encontram abstração e intuição, conceitos e imagens.

Texto traduzido: Dağlarca, F. H. *Batı Acısı.* İstanbul: Doğan Kitap, 1998.

O autor: Fazıl Hüsnü Dağlarca (1914-2008), poeta turco, nasceu em Istambul. É um dos poucos literatos que, com o advento do modernismo e a quebra da tradição, lançou o olhar e a sensibilidade ao clássico, trazendo novas dimensões à contemporaneidade em uma linguagem purista e com uma ética antimilitarista. Publicou mais de 60 tomos de poesia, tornando-se um dos mais prolixos representantes de sua geração e um dos mais traduzidos poetas turcos contemporâneos.

O tradutor: Miguel Sulis, coeditor da (n.t.), é bacharel em letras (alemão e literaturas de língua alemã), mestre e doutor em literatura pela UFSC. É tradutor, professor de grego e dedica-se aos estudos da tradução. Para a (n.t.) já traduziu Rufinos, Konstantinos Kaváfis, Forugh Farrokhzad, Giánnis Ritsos, Sacher-Masoch, Haris Vlavianos, Dionýsios Solomós e Maria Polyduri.

Contato: mikhsulis@gmail.com

AKDENİZ ŞİİRLERİ

"Her köpük bir fırtına
Her köpük bir evren."

FAZIL HÜSNÜ DAĞLARCA

Sen Deniz Gök,
Bir an dursanız uykuda
Büyür bir yosun geceye karşı.

Tedirgin olur ölüler
Bir an yaslansanız karanlığa,
Sen Deniz Gök.

❖

Dalarım engine
Ki yaşadığım
Anıladığımdır.

Roma'yla Kartaca'nın arasında
Yüzer, sevgi sevgi
İstanbul.

Böler bir kuş düşüncemi ikiye
Maviden
Yarıda kalır içki.

❖

Dersin ki
Ellerimize değecek
Yıldızlar
Büyüyecek büyüyecek de.

Dersin ki
Bir aydınlığı var
Sevgililer için,
Karanlık sessiz de.

Dersin ki
Uyuyamıyorum
Yalnızız
Gece, mavi de.

❖

Sessizdi yeryüzü
Yeryüzünde bircik Akdeniz vardı
Akdenizde
Yalnız ikimiz.

Beni seviyor musun dedim,
Yumdu gözlerini uzaklığa,
Tam sorulacak an, diye gülümsedi,
Tam sorulacak yer.

❖

Bir kocaman yeşil bir kocaman boz
Yellerde
Çarpar birbirine çarpar enginlere dek.

Dalgaların ucunda yıldızların ucu
Her köpük bir fırtına
Her köpük bir evren.

Şu deniz şu gök gizlenebilir
Seni sevdiğim
Gizlenemez.

❖

Havaya da yalıma da ağaca da benzer ama
En çok suya benzer
Sevgimiz.

Morluğun acısı var sonu yok
Karışır yaşamımıza
Kendiliğinden.

Herkes ölünce toprak olurmuş
Hayır hayır
Bizim su olacağımız besbelli.

❖

Akdeniz enginlerde kararmaktadır
Ama
Ben
Öyle maviyim ki.

Akdeniz bir gitmişlikle eski, uzak,
Ama
Ben
Sahibi gibiyim yıldızların.

Akdeniz seni bir daha yaratamaz
Ama
Ben
Seni bir daha sevebilirim.

❖

Deli gibi bir gürültu, ansızın,
Yırtılırcasına yarılır sessizlik,
Düşünür Akdeniz.

İşte uçaklar geçer havalarından
Kalır mavilik üstünde apak izleri,
Akdeniz anlar ve sever.

❖

Denizdir,
Her akşam üstü
Bütün düşüncelerde
Gelip gider.

7nin le
Acısı
Uzunluğu
Aksi.

Ve gece yarısıdır bu masmavi şey,
Senin
Uzaklarda
Unuttuğun sessizlik.

❖

Duymuştun
Bu türküyü
Çok eskiden de.

Bu türküyle anılarsın yelden
Yeşilden
Kadırgaların dibindeki sessiz yosunları.

Bu Akdeniz dalgalarında bu türküde sen
Varsın ışıl ışıl
Ve yoksun biraz.

❖

İyice düşün bu bütün yaşamamızdır.

Poemas do Mediterrâneo

"Cada espuma uma tempestade
Cada espuma um universo."

FAZIL HÜSNÜ DAĞLARCA

Tu Céu Mar,
Se paras um instante no sono
Limo cresce em direção à noite.

Cadáveres se inquietam
Se te curvas um instante ante a escuridão,
Tu Céu Mar.

❖

Adentro o alto-mar
Que habito
Onde não posso ser lembrado.

Entre Roma e Cartago
Flutua, de amores
Istambul.

Um pássaro quebra meu pensamento em dois
Do azul
O drinque permanece pela metade.

❖

Dizes que
Estrelas
Tocarão nossas mãos
Indefinidamente.

Dizes que
Existe uma luz
Para amantes
E uma escuridão silenciosa.

Dizes que
Não posso dormir
Estamos sozinhos
Na noite, azul.

❖

Estava calmo o mundo
Nele apenas o Mediterrâneo
No Mediterrâneo
Apenas nós dois

Me amas, perguntei;
Fechou seus olhos para os horizontes
Perguntou no momento ideal, sorriu pensando
Perguntou no lugar ideal.

❖

Um verde colossal, um cinza colossal
Nos ventos
Colidem, defrontam-se até o mar aberto.

Nas cristas das ondas a ponta das estrelas
Cada espuma uma tempestade
Cada espuma um universo.

Esse mar, esse céu podem esconder-se
Que te amo
Não podem esconder.

❖

Parece com ar, chama e madeira mas
Parece mais com a torrente
O nosso amor

Há dor das marcas, não há fim
Mistura-se na nossa vida
Espontaneamente

Todo cadáver torna-se pó
Não, não
Seremos água, certamente.

❖

O Mediterrâneo ao longe escurece
Mas
Eu
Sou o único azul.

O passado do Mediterrâneo é antigo, distante
Mas
Eu
Sou o dono das estrelas

O Mediterrâneo não pode criar-te novamente
Mas
Eu
Posso te amar mais uma vez.

❖

Uma louca confusão, de repente
Rompe o silêncio
O Mediterrâneo reflete.

Os aviões atravessam os ares
Ficam rastros brancos no azul,
O Mediterrâneo entende e ama.

❖

É o mar
Cada tarde
Em todos os pensamentos
Vem e vai

7 com
Sua agonia
Seu comprimento
Seu oposto

É a meia-noite, essa coisa azul-marinho
O silêncio
Que esquecestes
Na imensidão.

❖

Escutavas
Esta canção
desde os velhos tempos.

Com esta canção tuas lembranças do vento
Do verde
O limo silencioso do fundo das galés.

Nas ondas do Mediterrâneo nesta canção
Tens um brilho intenso
E de certa forma não existes.

❖

Pensa bem: isso tudo é a nossa vida.

Em amor com o Egito

Shinouda III

O texto: Seleção de três poemas "Em amor com o Egito" (في حبّمصر), "Versos sobre Maria e Marta" (أبيات عن مريم ومرثا) e "Eu Vos amo, ó Senhor, na minha solidão" (أحبك يارب فى خلوتى), do Patriarca Copta Ortodoxo Shinouda III, cuja poesia versa especialmente sobre temas religiosos, mas também sobre temas seculares. Os poemas selecionados mostram o espírito arrebatado do patriarca, entregue a Deus e aos elementos de sua fé, e também o amor pela sua terra, o Egito. Conhecedor da métrica das poesias árabes de diversas épocas, chegou a compor não apenas composições em métrica recente, mas também no formato da clássica *qassida*, ou seja, da poesia pré-islâmica, como no poema "Em amor com o Egito", disposto em hemistíquios nesta edição.

Texto traduzido:
قصائد وأشعار قداسة البابا شنودة الثالث. بابا الإسكندرية وبطريرك الكرازة المرقسية 117
Fonte: site Copta Ortodoxo St-Takla

O autor: Shinouda III, nascido Nazir Gayed Roufail (1923-2012), patriarca copta egípcio, escritor e poeta, nasceu em Abnoub. Foi o 117° Patriarca ou Papa da Igreja Copta Ortodoxa em Alexandria, de 1971 até 2012, ano de sua morte. Começou a escrever poesia e prosa por volta da década de 1950 e publicou ao longo da vida muitos livros acerca dos mais diversos temas catequéticos. Recebeu a alcunha de o Papa dos Árabes, o único dentre as autoridades religiosas cristãs, por sua destacada atuação no diálogo entre cristãos e muçulmanos e em conflitos do Oriente Médio, como o Israel-Palestina.

A tradutora: Isabela Alves Pereira é graduanda do curso de Letras Português-Árabe da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

في حب مصر

« جعلتك يا مصر في مهجتي
وأهواك يا مصر عمق الهوى.»

شنودة الثالث

في حب مصر

جعلتك يا مصر في مهجتي وأهواك يا مصر عمق الهوى
إذا غبت عنك ولو فترة أذوب حنينا أقاسي النوى
إذا عطشت إلى الحب يوما بحبك يا مصر قلبي ارتوى
نوى الكل رفعك فوق الرؤوس وحقا لكل أمريء كل ما نوى

أبيات عن مريم ومرثا

دخلت البيت لا مرثا، بساحته ولا مريم.

فمن للرب في البيت، وكيف اذا أتى يخدم.

ومن يهفو لمقدمه، ومن يجري ومن يبسم.

ومن يرنو لطلعته، ومن يصغي ومن يفهم.

ومن بكلامه يشدو، طول الليل أو يحلم.

أحبك يارب فى خلوتى

احبك يارب في خلوتي

تناجي فؤادي بعمق الكلم

احبك يا رب في توبتي ووقت البكاء ووقت الندم

احبك يارب وقت الرخاء احبك يا رب وقت العدم

احبك والقصر يبني لأجلي وأيضا إذا ما هوى وانهدم

أحبك قلبا يضمد جرحي و أفرح بالجرح حين التأم

أحبك روحا يرفرف حولي يفيض علي بأسمى النعم

EM AMOR COM O EGITO

"Eu vos guardei, ó Egito, no fundo da minha alma
e eu vos amo, ó Egito, com a mais profunda paixão."

SHINOUDA III

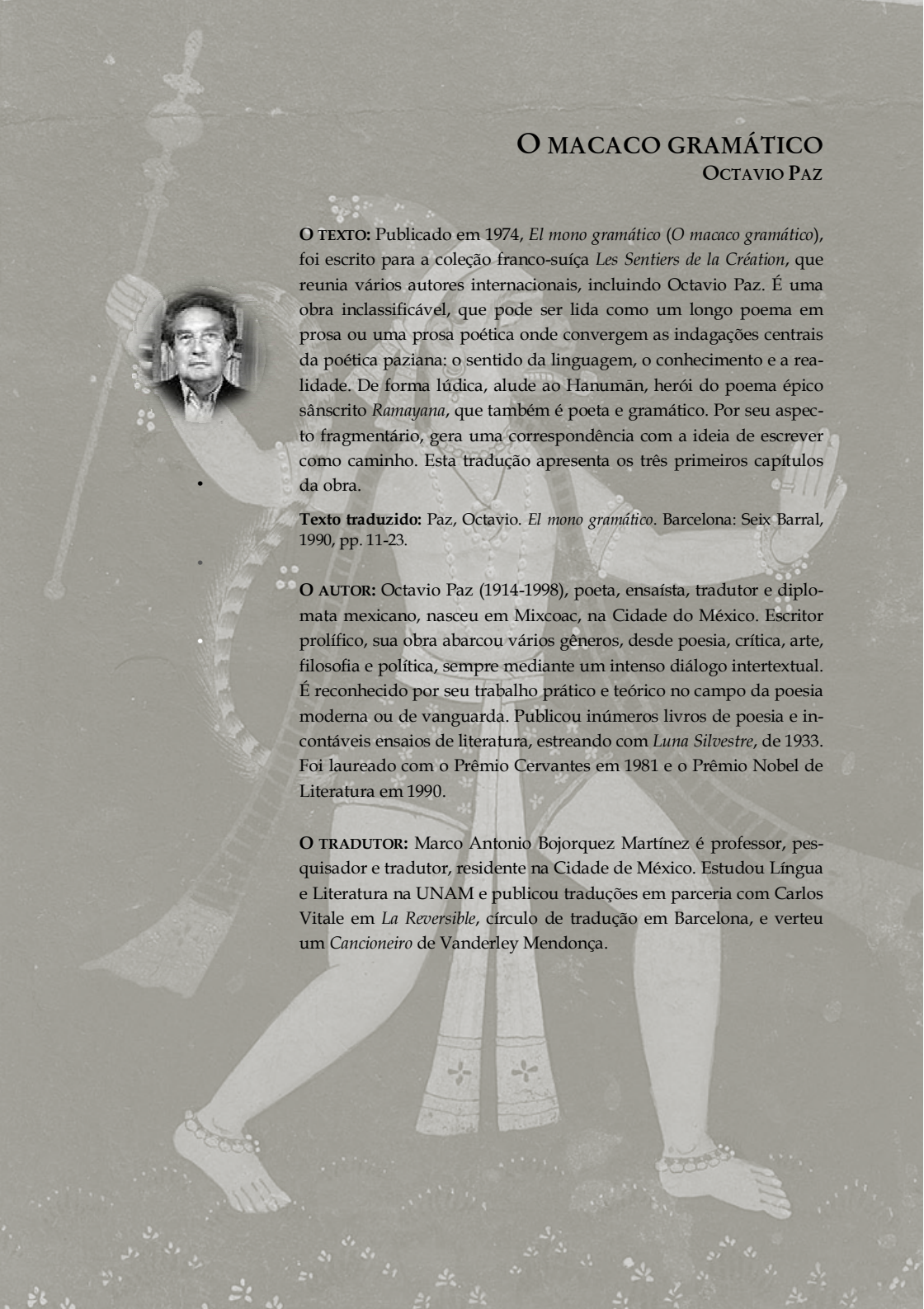
EM AMOR COM O EGITO

Eu vos guardei, ó Egito, no fundo da minha alma
e eu vos amo, ó Egito, com a mais profunda paixão
Se eu me separasse de vós, mesmo que por um instante
me consumiria em saudade e sofreria com vossa ausência
Se eu me encontrar sedento de amor algum dia
Então vos amarei, ó Egito, e meu coração se saciará
É desejo de todos vos elevar acima de tudo
E o direito que cada homem tem àquilo que deseja

VERSOS SOBRE MARIA E MARTA

Entraram na casa pelo quintal, não era Marta e nem Maria.
Então, quem está em casa para o Senhor e como vem servi-lo?
Quem anseia Suas orientações, quem se apressa e quem sorri para Ele.
Quem olha com ternura Seu semblante e ouve e compreende Suas palavras.
E quem declama Suas palavras pela noite ou está a sonhar.

EU VOS AMO, Ó SENHOR, NA MINHA SOLIDÃO

Eu Vos amo, ó Senhor, na minha solidão
Chamais meu coração com profundidade de palavras
Amo-Vos, ó Senhor, na minha contrição, na hora do choro e do arrependimento
Amo-Vos, ó Senhor, na abundância e na carência
Eu Vos amo e a Mansão edificada por mim, ainda que caia ou seja destruída
Amo-Vos como a um coração que enfaixa minha ferida e me regozijo
|quando cura
Amo-Vos como a um vento que sibila ao meu redor e me inunda
|com as supremas graças

prosa poética

(n.t.) | Diepkloof

O MACACO GRAMÁTICO

OCTAVIO PAZ

O TEXTO: Publicado em 1974, *El mono gramático* (*O macaco gramático*), foi escrito para a coleção franco-suíça *Les Sentiers de la Création*, que reunia vários autores internacionais, incluindo Octavio Paz. É uma obra inclassificável, que pode ser lida como um longo poema em prosa ou uma prosa poética onde convergem as indagações centrais da poética paziana: o sentido da linguagem, o conhecimento e a realidade. De forma lúdica, alude ao Hanumān, herói do poema épico sânscrito *Ramayana*, que também é poeta e gramático. Por seu aspecto fragmentário, gera uma correspondência com a ideia de escrever como caminho. Esta tradução apresenta os três primeiros capítulos da obra.

Texto traduzido: Paz, Octavio. *El mono gramático*. Barcelona: Seix Barral, 1990, pp. 11-23.

O AUTOR: Octavio Paz (1914-1998), poeta, ensaísta, tradutor e diplomata mexicano, nasceu em Mixcoac, na Cidade do México. Escritor prolífico, sua obra abarcou vários gêneros, desde poesia, crítica, arte, filosofia e política, sempre mediante um intenso diálogo intertextual. É reconhecido por seu trabalho prático e teórico no campo da poesia moderna ou de vanguarda. Publicou inúmeros livros de poesia e incontáveis ensaios de literatura, estreando com *Luna Silvestre*, de 1933. Foi laureado com o Prêmio Cervantes em 1981 e o Prêmio Nobel de Literatura em 1990.

O TRADUTOR: Marco Antonio Bojorquez Martínez é professor, pesquisador e tradutor, residente na Cidade de México. Estudou Língua e Literatura na UNAM e publicou traduções em parceria com Carlos Vitale em *La Reversible*, círculo de tradução em Barcelona, e verteu um *Cancioneiro* de Vanderley Mendonça.

El mono gramático

"También esto que escribo es una ceremonia, girar de una palabra que aparece y desaparece en sus giros."

OCTAVIO PAZ

HANUMĀN, HANUMAT, HANŪMAT. A celebrated monkey chief. He was able to fly and is a conspicuous figure in the *Rāmāyana*... Hanumān jumped from India to Ceylon in one bound; he tore up trees, carried away the Himalayas, seized the clouds and performed many other wonderful exploits... Among his other accomplishments, Hanumān was a grammarian; and the *Rāmāyana* says: «The chief of monkeys is perfect; no one equals him in the sastras, in learning, and in ascertaining the sense of the scriptures (or in moving at will). It is well known that Hanumān was the ninth author of grammar».

John Dowson, M.R.A.S.,
A Classical Dictionary of Hindu Mythology.

1

Lo mejor será escoger el camino de Galta, recorrerlo de nuevo (inventarlo a medida que lo recorro) y sin darme cuenta, casi insensiblemente, ir hasta el fin – sin preocuparme por saber qué quiere decir «ir hasta el fin» ni qué es lo que yo he querido decir al escribir esa frase. Cuando caminaba por el sendero de Galta, ya lejos de la carretera, una vez pasado el paraje de los banianos y los charcos de agua podrida, traspuesto el Portal en ruinas, al penetrar en la plazuela rodeada de casas desmoronadas precisamente al comenzar la caminata, tampoco sabía adónde iba ni me preocupaba saberlo. No me hacía preguntas: caminaba, nada más caminaba, sin rumbo fijo. Iba al encuentro… ¿de qué iba al encuentro? Entonces no lo sabía y no lo sé ahora. Tal vez por eso escribí «ir hasta el fin»: para saberlo, para saber qué hay detrás del fin. Una trampa verbal; después del fin no hay nada pues si algo hubiese el fin no sería el fin. Y, no obstante, siempre caminamos al encuentro de…, aunque sepamos que nada ni nadie nos aguarda. Andamos sin dirección fija pero con un fin (¿cuál?) y para llegar al fin. Búsqueda del fin, terror ante el fin: el haz y el envés del mismo acto. Sin ese fin que nos elude constantemente ni caminaríamos ni habría caminos. Pero el fin es la refutación y la condenación del camino: al fin el camino se disuelve, el encuentro se disipa. Y el fin – también se disipa.

Volver a caminar, ir de nuevo al encuentro: el camino estrecho que sube y baja serpeando entre rocas renegridas y colinas adustas color camello; colgadas de las peñas, como si estuviesen a punto de desprenderse y caer sobre la cabeza del caminante, las casas blancas; el olor a pelambre trasudada y a excremento de vaca; el zumbar de la tarde; los gritos de los monos saltando entre las ramas de los árboles o corriendo por las azoteas o balanceándose en los barrotes de un balcón; en las alturas, los círculos de los pájaros y el humo azulenco de las cocinas; la luz casi rosada sobre las piedras; el sabor de sal en los labios resecos; el rumor de la tierra suelta al desmoronarse bajo los pies; el polvo que se pega a la piel empapada de sudor, enrojece los ojos y no deja respirar; las imágenes, los recuerdos, las figuraciones fragmentarias – todas esas sensaciones, visiones y semipensamientos que aparecen y desaparecen en el espacio de un parpadeo, mientras se camina al encuentro de… El camino también desaparece mientras lo pienso, mientras lo digo.

2

Tras mi ventana, a unos trescientos metros, la mole verdinegra de la arboleda, montaña de hojas y ramas que se bambolea y amenaza con desplomarse. Un pueblo de hayas, abedules, álamos y fresnos congregados sobre una ligerísima eminencia del terreno, todas sus copas volcadas y vueltas una sola masa líquida, lomo de mar convulso. El viento los sacude y los golpea hasta hacerlos aullar. Los árboles se retuercen, se doblan, se yerguen de nuevo con gran estruendo y se estiran como si quisiesen desarraigarse y huir. No, no ceden. Dolor de raíces y de follajes rotos, feroz tenacidad vegetal no menos poderosa que la de los animales y los hombres. Si estos árboles se echasen a andar, destruirían todo lo que se opusiese a su paso. Prefieren quedarse donde están: no tienen sangre ni nervios sino savia y, en lugar de la cólera o el miedo, los habita una obstinación silenciosa. Los animales huyen o tacan, los árboles se quedan clavados en su sitio. Paciencia: heroísmo vegetal. No ser león ni serpiente: ser encina, ser pirú.

El cielo se ha cubierto enteramente de nubes color acero, casi blanco en las lejanías y paulatinamente ennegrecido hacia el centro, arriba a la arboleda: allí se reconcentra en congregaciones moradas y violentas. Los árboles gritan sin cesar bajo esas acumulaciones rencorosas. Hacia la derecha la arboleda es un poco menos espesa y los follajes de dos hayas, enlazados, forman un arco sombrío. Abajo del arco hay un espacio claro y extraordinariamente quieto, una suerte de laguna de luz que desde aquí no es del todo visible, pues la corta la raya de la barda de los vecinos. Es una barda de poca altura, una superficie cuadriculada de ladrillos sobre la que se extiende la mancha, verde y fría, de un rosal. A trechos, donde no hay hojas, se ve el tronco nudoso y las bifurcaciones de sus ramas larguísimas y erizadas de espinas. Profusión de brazos, pinzas, patas y otras extremidades armadas de púas: nunca había pensado que un rosal fuese un cangrejo inmenso. El patio debe tener unos cuarenta metros cuadrados; su piso es de cemento y, además del rosal, lo adorna un prado minúsculo sembrado de margaritas. En una esquina hay una mesita de madera negra, ya desvencijada. ¿Para qué habrá servido? Tal vez fue pedestal de una maceta. Todos los días, durante varias horas, mientras leo o escribo, la tengo frente a mí, pero, por más acostumbrado que esté con su presencia, me sigue pareciendo una incongruencia: ¿qué hace allí? A veces la veo como se ve una falta, un acto indebido; otras, como una crítica. La crítica de la retórica de los árboles y el viento. En el rincón opuesto está el bote de la basura, un cilindro metálico de setenta centímetros de altura y medio metro de diámetro: cuatro patas de alambre que sostienen un aro provisto de

una cubierta oxidada y del que cuelga una bolsa de plástico destinada a contener los desperdicios. La bolsa es de color rojo encendido. Otra vez los cangrejos. La mesa y el bote de basura, las paredes de ladrillo y el piso de cemento, encierran al espacio. ¿Lo encierran o son sus puertas?

Bajo el arco de las hayas de luz se ha profundizado y su fijeza, sitiada por las sombras convulsas del follaje, es casi absoluta. Al verla, yo también me quedo quieto. Mejor dicho: mi pensamiento se repliega y se queda por un largo instante. ¿Esa quietud es la fuerza que impide huir a los árboles y disgregarse al cielo? ¿Es la *gravedad* de este momento? Sí, ya sé que la naturaleza – o lo que así llamamos: ese conjunto de objetos y procesos que nos rodea y que, alternativamente, nos engendra y nos devora – no es nuestra cómplice ni nuestra confidente. No es lícito proyectar nuestros sentimientos en las cosas ni atribuirles nuestras sensaciones y pasiones. ¿Tampoco lo será ver en ellas una guía, una doctrina de vida? Aprender el arte de la inmovilidad en la agitación del torbellino, aprender a quedarse quieto y a ser transparente como esa luz fija en medio de los ramajes frenéticos – puede ser un programa de vida. Pero el claro ya no es una laguna ovalada sino un triángulo incandescente, recorrido por finísimas estrías de sombra. El triángulo se agita imperceptiblemente hasta que, poco a poco, se produce una ebullición luminosa, primero en las regiones exteriores y después, con creciente ímpetu, en su núcleo encendido, como si toda esa luz líquida fuese una materia hirviente y progresivamente amarilla. ¿Estallará? Las burbujas se encienden y apagan continuamente como un ritmo semejante al de una respiración inquieta. A medida que el cielo se obscurece, el claro de luz se vuelve más profundo y parpadeante, casi una lámpara a punto de extinguirse entre tinieblas agitadas. Los árboles siguen en pie aunque ya están vestidos de otra luz.

La fijeza es siempre momentánea. Es un equilibrio, a un tiempo precario y perfecto, que dura lo que dura un instante: basta una vibración de la luz, la aparición de una nube o una mínima alteración de la temperatura para que el pacto de quietud se rompa y se desencadene la serie de las metamorfosis. Cada metamorfosis, a su vez, es otro momento de fijeza al que sucede una nueva alteración y otro insólito equilibrio. Sí, nadie está solo y cada cambio aquí provoca otro cambio allá. Nadie está sólo y nada es sólido: el cambio se resuelve en fijezas que son acuerdos momentáneos. ¿Debo decir que la forma del cambio es la fijeza o, más exactamente, que el cambio es una incesante búsqueda de fijeza? Nostalgia de la inercia: la pereza y sus paraísos congelados. La sabiduría no está ni en la fijeza ni en el cambio, sino en la dialéctica entre ellos. Constante ir y venir: la sabiduría está en lo instantáneo. Es el tránsito. Pero apenas digo *tránsito*, se rompe el hechizo. El tránsito no es

sabiduría sino un simple ir hacia… El tránsito se desvanece: sólo así es tránsito.

3

No quería pensar más en Galta y en su polvoso camino, y ahora vuelven. Regresan de una manera insidiosa; a pesar de que no los veo siento que están de nuevo aquí y que esperan ser nombrados. No se me ocurre nada, no pienso en nada, es el verdadero «pensamiento en blanco»: como la palabra *tránsito* cuando la digo, como el camino mientras lo camino, todo se desvanece en cuanto pienso en Galta. ¿Pienso? No, Galta está aquí, se ha deslizado en un recodo de mis pensamientos y acecha con esa existencia indecisa, aunque exigente en su misma indecisión, de los pensamientos no del todo pensados, no del todo dichos. Inminencia de la presencia antes de presentarse. Pero no hay tal presencia – sólo una espera hecha de irritación e impotencia. Galta no está aquí: me aguarda al final de esta frase. Me aguarda para desaparecer. Ante el vacío que produce su nombre siento la misma perplejidad que frente a sus colinas achatadas por siglos de viento y sus llanos amarillentos sobre los que, durante los largos meses de sequía, cuando el calor pulveriza a las rocas y el cielo parece que va agrietarse como la tierra, se levantan las tolvaneras. Rojeantes, grisáceas, o pardas apariciones que brotan de pronto como si fuesen un surtidor de agua o un géiser de vapor, salvo que los torbellinos son imágenes de la sed, malignas celebraciones de la aridez. Fantasmas que danzan al girar, avanzan, retroceden, se inmovilizan, desaparecen aquí, reaparecen allá: apariciones sin substancia, ceremonias de polvo y aire. También esto que escribo es una ceremonia, girar de una palabra que aparece y desaparece en sus giros. Edifico torres de aire.

Los torbellinos son frecuentes en la otra vertiente del monte, en la gran llanura, no entre estos declives y hondonadas. Aquí la tierra es mucho más accidentada que del otro lado, aunque de nada le haya servido a Galta cobijarse en las faldas del monte. Al contrario, su situación la expuso aún más a la acción del desierto. Todas estas ondulaciones, cavidades y gargantas son las cañadas y cauces de arroyos hoy extintos. Esos montículos arenosos fueron arboledas. No sólo se camina entre casas destruidas: también el paisaje se ha desmoronado y es una ruina. Leo una descripción de 1891: «The way the Sandy desert is encroaching in the town should be noticed. It has caused one large suburb to be deserted and the houses and gardens are going to ruin. The sand has even drifted of the ravines of the hills. This evil ought to be

arrested at any cost by planting». Menos de veinte años después Galta fue abandonada. No por mucho tiempo: primero los monos y después las bandas de parias errantes ocuparon las ruinas.

No es más de una hora de marcha. Se deja la carretera a la izquierda, se tuerce entre colinas rocosas y se sube por quebradas no menos áridas. Una desolación que no es hosca sino lastimosa. Paisaje de huesos. Restos de templos y casas, arcos que conducen a patios cegados por la arena, fachadas detrás de las cuales no hay nada sino pilas de cascajo y basuras, escalinatas que terminan en el vacío, terrazas desfondadas, piscinas convertidas en gigantescos depósitos de excrementos. Al cabo de recorrer esas ondulaciones se desciende a un llano raso y pelado. El sendero es de piedras picudas y uno se cansa pronto. A pesar de que son ya las cuatro de la tarde, el suelo quema. Arbustos pequeños, plantas espinosas, una vegetación torcida y raquítica. Enfrente, no muy lejos, la montaña famélica. Pellejo de piedras, montaña sarnosa. Hay un polvillo en el aire, una sustancia impalpable que irrita y marea. Las cosas parecen más quietas bajo esta luz sin peso y que, sin embargo, agobia. Tal vez la palabra no es *quietud* sino *persistencia*: las cosas persisten bajo la humillación de la luz. Y la luz persiste. Las cosas son más cosas, todo está empeñado en ser, nada más en ser. Se cruza el cauce pedregoso de un riachuelo seco y el ruido de los pasos sobre las piedras hacen pensar en el rumor del agua, pero las piedras humean, el suelo humea. Ahora el camino da vueltas entre colinas cónicas y negruzcas. Un paisaje petrificado. Contrasta esta severidad geométrica con los delirios que el viento y las rocas inventan allá arriba, en la montaña. Se sube durante un centenar de metros por una cuesta no muy empinada, entre montones de pedruscos y tierra arenisca. A la geometría sucede lo informe: imposible saber si esos escombros son de las casas demolidas o lo que queda de peñascos disgregados, desmenuzados por el viento y el sol. Otra vez se desciende: yerbales, plantas biliosas, cardos, hedor a boñiga e inmundicia humana y animal, bidones oxidados y agujerados, trapos con manchas menstruales, una asamblea de buitres en torno a un perro con el vientre despedazado a picotazos, millones de moscas, una roca sobre la que han pintado con alquitrán las siglas del Partido del Congreso, otra vez el arroyo seco, un *nim* enorme donde viven centenares de pájaros y ardillas, más llanos y ruinas, los vuelos pasionales de los pericos, un montículo que fue tal vez un cenotafio, un muro con restos de pintura roja y negra (Krishna y sus vaqueras, pavos reales y otras figuras indistinguibles), una marisma cubierta de lotos y sobre ellos una nube de mariposas, el silencio de las rocas bajo la vibración luminosa del aire, la respiración del campo, el terror ante el crujido de una rama o el ruido de una

pedrezuela movida por una lagartija (la constante presencia invisible de la cobra y la otra presencia no menos impalpable y que no nos deja nunca, sombra de nuestros pensamientos, reverso de lo que vemos y hablamos y somos) y así hasta llegar, de nuevo por el cauce del mismo arroyo, a un valle minúsculo.

Atrás y a los lados, las colinas achatadas, el paisaje aplastado de la erosión; adelante, la montaña con la senda que lleva a gran tanque bajo las peñas y, desde allí, por el camino de los peregrinos, al santuario de la cumbre. Apenas si quedan huellas de las casas. Hay tres banianos, viejos y eminentes. A su sombra – o más bien: metidos en su espesura, escondidos en la penumbra de sus entrañas, como si fuesen cuevas y no árboles – unos niños vivísimos y en andrajos. Cuidan una docena de vacas flacas y resignadas al martirio de las moscas y las garrapatas. También hay dos cabritos y muchos cuervos. Aparece la primera bandada de monos. Los niños los apedrean. Verdes y centellantes bajo la luz constante, dos grandes charcos de agua pestilente. Dentro de unas semanas el agua se habrá evaporado, el lodo se habrá secado y los charcos serán lechos de polvo finísimo sobre el que los niños y el viento han de revolcarse.

O MACACO GRAMÁTICO

"O que escrevo também é uma cerimônia, o giro de uma palavra que aparece e desaparece em suas voltas."

OCTAVIO PAZ

HANUMĀN, HANUMAT, HANŪMAT. Um famoso chefe dos macacos. Era capaz de voar, além de uma figura notável no *Ramayana*... Hanumān saltou da Índia para o Ceilão em um pulo; arrancou árvores, varreu o Himalaia, conquistou as nuvens e realizou muitos outros feitos maravilhosos... Entre suas outras realizações, Hanumān era um gramático; e o *Ramayana* diz: "O chefe dos macacos é perfeito; ninguém se iguala a ele nos shastras, em aprender e determinar o significado das escrituras (ou em mover-se à vontade). É sabido que Hanumān foi o nono autor da gramática".

John Dowson, M.R.A.S.,
A Classical Dictionary of Hindu Mythology.

1

O melhor será escolher o caminho de Galta, percorrê-lo de novo (inventá-lo à medida que o percorro) e sem perceber, quase insensivelmente, ir até o fim – sem me preocupar em saber o que significa ou o que é "ir até o fim" nem o que é o que eu quis dizer ao escrever essa frase. Quando andava pelo caminho de Galta, já longe da estrada, uma vez passado o lugar das figueiras e das poças de água podre, atravessei o Portal em ruínas e, ao penetrar na praça rodeada de casas desmoronadas precisamente no início da caminhada, não sabia para onde estava indo e nem me importava sabê-lo. Não me fazia perguntas: andava, apenas andava, sem rumo fixo. Ia ao encontro... do que ia ao encontro? Então, eu não sabia e não sei agora. Talvez seja por isso que escrevi "ir até o fim": para descobrir, para descobrir o que está por trás do fim. Uma armadilha verbal; depois do fim não há nada, pois se houvesse algo o fim não seria o fim. E, ainda assim, sempre caminhamos ao encontro de..., embora saibamos que nada nem ninguém nos espera. Andamos sem direção fixa, mas com um fim (qual?) e para chegar ao fim. Busca pelo fim, terror frente ao fim: a face e o revés do mesmo ato. Sem esse fim que nos elude constantemente, não andaríamos nem haveria caminhos. Mas o fim é a refutação e a condenação do caminho: ao final, o caminho se dissolve, o encontro se dissipa. E o fim – também se dissipa.

Voltar a caminhar, ir de novo ao encontro: o caminho estreito que sobe e desce serpeando entre rochas enegrecidas e colinas adustas de cor camelo; penduradas no penhasco, como se estivessem a ponto de se separar e cair sobre a cabeça do caminhante, as casas brancas; o cheiro da pelagem exsudada e o esterco de vaca; o zumbido da tarde; os gritos dos macacos saltando nos galhos das árvores ou correndo pelos terraços ou se balançando nas vigas de uma varanda; nas alturas, os círculos dos pássaros e a fumaça azulada das cozinhas; a luz quase rosa nas pedras; o gosto de sal nos lábios ressequidos; o rumor da terra solta desmoronando sob os pés; a poeira que gruda na pele encharcada de suor, deixa os olhos vermelhos e não deixa respirar; as imagens, as lembranças, as figurações fragmentárias – todas essas sensações, visões e semipensamentos que aparecem e desaparecem no espaço de um piscar de olhos, enquanto se caminha ao encontro de... O caminho também desaparece enquanto penso nele, enquanto digo isso.

2

Atrás da minha janela, a uns trezentos metros, a massa verde-escura do bosque, uma montanha de folhas e galhos que se balança e ameaça desabar. Um povoado de faias, bétulas, choupos e freixos congregados em uma ligeira proeminência do terreno, todas as copas curvadas e viradas em uma só massa líquida, lombo do mar convulso. O vento os sacode e os golpeia até fazê-los uivar. As árvores se retorcem, se dobram, erguem-se de novo com grande estrondo e se esticam como se quisessem se desenraizar e fugir. Não, não cedem. Dor de raízes e folhagens quebradas, feroz tenacidade vegetal não menos poderosa do que a dos animais e dos homens. Se essas árvores começassem a andar, destruiriam tudo que estivesse em seu caminho. Preferem ficar onde estão: não têm sangue nem nervos, mas seiva, e em lugar da cólera ou o do medo, são habitadas por uma obstinação silenciosa. Os animais fogem ou atacam, as árvores permanecem fixas no lugar. Paciência: heroísmo vegetal. Não ser leão nem serpente: ser azinheira, ser aroeira.

O céu foi coberto inteiramente por nuvens cor de aço, quase branco ao longe e gradualmente enegrecido no centro, acima do bosque: ali se concentra em congregações roxas e violentas. As árvores gritam sem cessar sob essas acumulações rancorosas. À direita, o bosque é um pouco menos denso e as folhagens de duas faias, entrelaçadas, formam um arco sombrio. Abaixo do arco há um espaço claro e extraordinariamente quieto, uma espécie de lagoa de luz que não é totalmente visível daqui, pois é cortado pela linha da cerca dos vizinhos. É uma cerca baixa, uma superfície de tijolos quadriculados sobre a qual se espalha mancha, verde e fria, de um roseiral. Em trechos, onde não há folhas, vê-se o tronco nodoso e as bifurcações de seus galhos longos e eriçados de espinhos. Profusão de braços, pinças, pernas e outros membros armados com espinhos: nunca havia pensado que um roseiral fosse um enorme caranguejo. O pátio deve ter uns quarenta metros quadrados; o chão é de cimento e, além do roseiral, é adornado por um minúsculo prado salpicado de margaridas. Em uma esquina há uma mesinha de madeira preta, já envelhecida. Para que servia? Talvez fosse um pedestal de um vaso de flores. Todos os dias, durante várias horas, enquanto leio ou escrevo, tenho-a diante de mim, mas, por mais acostumado que esteja com sua presença, ainda me parece uma incongruência: o que faz ali? Às vezes, vejo isso como uma falta, um ato indevido; outras, como uma crítica. A crítica da retórica das árvores e do vento. No canto oposto está a lata de lixo, um cilindro metálico de setenta centímetros de altura e meio metro de diâmetro: quatro patas de arame que sustentam um aro dotado de uma tampa

oxidada e do qual pende um saco plástico destinado a conter os rejeitos. O saco é da cor vermelha como fogo. Outra vez os caranguejos. A mesa e a lata de lixo, as paredes de tijolo e o chão de cimento encerram o espaço. Trancam-no ou são suas portas?

Sob o arco das faias de luz se aprofundou e sua fixidez, sitiada pelas sombras convulsas da folhagem, é quase absoluta. Ao vê-la, eu também fico calado. Ou melhor: meu pensamento se retira e fica por um longo tempo. Essa quietude é a força que impede as árvores de fugirem e se desintegrarem no céu? É a *gravidade* deste momento? Sim, já sei que a natureza – ou o que assim chamamos: esse conjunto de objetos e processos que nos cerca e que, alternativamente, nos engendra e nos devora – não é nossa cúmplice nem nossa confidente. Não é lícito projetar nossos sentimentos nas coisas ou atribuir-lhes nossas sensações e paixões. E tampouco vê-las como uma guia, uma doutrina de vida? Aprender a arte da imobilidade na turbulência do redemoinho, aprender a ficar calado e a ser transparente como aquela luz fixa no meio dos galhos frenéticos – pode ser um programa de vida. Mas a clareira não é mais uma lagoa oval, mas um triângulo incandescente, atravessado por faixas de sombra muito finas. O triângulo se move imperceptivelmente até que, pouco a pouco, ocorre uma ebulição luminosa, primeiro nas regiões exteriores e depois, com ímpeto crescente, em seu núcleo inflamado, como se toda aquela luz líquida fosse uma matéria fervente e progressivamente amarela. Irá explodir? As bolhas acendem e se apagam continuamente em um ritmo semelhante ao de uma respiração inquieta. À medida que o céu escurece, o clarão de luz se aprofunda e começa a piscar, quase uma lâmpada prestes a se apagar entre trevas agitadas. As árvores ainda seguem de pé, embora já estejam vestidas com outra luz.

A fixação é sempre momentânea. É um equilíbrio, ao mesmo tempo precário e perfeito, que dura o que dura um instante: basta uma vibração de luz, o aparecimento de uma nuvem ou uma ligeira alteração da temperatura para que se rompa o pacto de quietude e se desencadeie a série das metamorfoses. Toda metamorfose, por sua vez, é mais um momento de fixidez a que ocorre uma nova alteração e outro equilíbrio insólito. Sim, ninguém está sozinho e cada mudança aqui provoca outra mudança lá. Ninguém está sozinho e nada é sólido: a mudança se resolve em fixações que são acordos momentâneos. Devo dizer que a forma da mudança é a fixidez ou, mais exatamente, que a mudança é uma busca incessante pela fixidez? Nostalgia da inércia: a preguiça e seus paraísos congelados. A sabedoria não está na fixidez nem na mudança, mas na dialética entre ambas. Vaivém constante: a sabedoria está no instantâneo. É o trânsito. Mas assim que digo *trânsito*, o feitiço se quebra.

O trânsito não é sabedoria, mas um simples ir em direção a... O trânsito se desvanece: só assim é trânsito.

3

Não queria mais pensar em Galta e em seu empoeirado caminho, e agora eles voltam. Retornam de forma insidiosa; mesmo que não os veja, sinto que estão novamente aqui e que esperam ser nomeados. Não consigo pensar em nada, não penso em nada, é um verdadeiro "pensamento em branco": como a palavra *trânsito* quando a menciono, como o caminho enquanto o caminho, tudo se desvanece quando penso em Galta. Penso? Não, Galta está aqui, escorregou para um canto de meus pensamentos e espreita com aquela existência indecisa, ainda que exigente em sua própria indecisão, de pensamentos não inteiramente pensados, não inteiramente ditos. Iminência da presença antes de se apresentar. Mas não existe tal presença – apenas uma espera feita de irritação e impotência. Galta não está aqui: ela me espera ao final desta frase. Ela espera que eu desapareça. Diante do vazio que seu nome produz, sinto a mesma perplexidade que, diante de suas colinas achatadas por séculos de vento e suas planícies amareladas sobre as quais, durante os longos meses de seca, quando o calor pulveriza as rochas e o céu parece que vai rachar como a terra, erguem-se nuvens de pó. Avermelhadas, acinzentadas ou pardas aparições que brotam de repente como se fossem uma fonte de água ou um gêiser de vapor, exceto que os redemoinhos são imagens da sede, celebrações malignas da aridez. Fantasmas que dançam enquanto giram, avançam, retrocedem, se imobilizam, desaparecem aqui, reaparecem acolá: aparições sem substância, cerimônias de poeira e ar. O que escrevo também é uma cerimônia, o giro de uma palavra que aparece e desaparece em suas voltas. Edifico torres de ar.

Os redemoinhos são frequentes do outro lado da montanha, na grande planície, não entre essas encostas e depressões. Aqui o terreno é muito mais acidentado do que do outro lado, embora não tenha sido útil para Galta se abrigar nas encostas da montanha. Ao contrário, sua situação a expôs ainda mais à ação do deserto. Todas essas ondulações, cavidades e gargantas são as ravinas e os leitos de riachos agora extintos. Esses montes de areia eram bosques. Não se caminha apenas entre casas destruídas: a paisagem também desabou e está em ruínas. Li uma descrição de 1891: "Deve-se notar a forma como o deserto de Sandy está invadindo a cidade. Isso fez com que um grande subúrbio ficasse deserto e as casas e jardins entrassem em ruína. A

areia até se desviou das ravinas das colinas. Esse mal deve ser detido a qualquer custo com plantio". Menos de vinte anos depois, Galta foi abandonada. Não por muito tempo: primeiro os macacos e depois os bandos de párias errantes, que ocuparam as ruínas.

Não é mais do que uma hora de caminhada. Deixa-se a estrada à esquerda, serpenteia-se entre colinas rochosas e se sobe por ravinas não menos áridas. Uma desolação que não é tosca, mas lamentável. Paisagem de ossos. Restos de templos e casas, arcos que conduzem a pátios cegados pela areia, fachadas atrás das quais nada mais são do que amontoados de pedra e lixo, escadas que terminam no vazio, terraços destruídos, piscinas convertidas em gigantescos depósitos de excrementos.

Depois de passar por essas ondulações, desce-se a uma planície plana e nua. O caminho é feito de pedras pontiagudas e cansa-se rapidamente. Apesar de já serem quatro da tarde, o solo arde. Pequenos arbustos, plantas espinhosas, vegetação torcida e raquítica. Em frente, não muito longe, a montanha famélica. Pele de pedra, montanha sarnenta. Há uma poeira no ar, uma substância impalpável que irrita e dá tonturas. As coisas parecem mais quietas sob esta luz sem peso, mas que, ainda assim, afligi. Talvez a palavra não seja *quietude*, mas *persistência*: as coisas persistem sob a humilhação da luz. E a luz persiste. As coisas são mais coisas, tudo está determinado a ser, nada mais a ser. Atravessa-se o leito pedregoso de um riacho seco e o ruído dos passos nas pedras fazem pensar no rumor da água, mas as pedras fumegam, o chão fumega. Agora o caminho dá voltas entre colinas cônicas e escuras. Uma paisagem petrificada. Essa severidade geométrica contrasta com os delírios que o vento e as rochas inventam lá em cima, nas montanhas. Sobe-se uma centena de metros por uma encosta não muito íngreme, entre montes de pedra e arenito. O disforme acontece com a geometria: é impossível saber se esses escombros são das casas demolidas ou o que resta dos penhascos deteriorados, fragmentados pelo vento e pelo sol. Mais uma vez se desce: ervários, plantas biliosas, cardos, o fedor de esterco e sujeira humana e animal, tonéis enferrujados e furados, trapos com manchas menstruais, um ajuntamento de abutres ao redor de um cachorro com o ventre despedaçado a bicadas, milhões de moscas, uma rocha onde a sigla do Partido do Congresso foi pintada com alcatrão, novamente o riacho seco, um enorme *nim* onde vivem centenas de pássaros e esquilos, mais planícies e em ruínas, os voos apaixonados dos papagaios, um montículo que talvez foi um cenotáfio, uma parede com restos de tinta vermelha e preta (Krishna e suas vaqueiras, pavões reais e outras figuras indistinguíveis), um pântano coberto de lótus e acima deles uma nuvem de borboletas, o silêncio das rochas sob a vibração lumi-

nosa do ar, a respiração do campo, o terror ante o ranger de um galho ou o ruído de uma pedra movida por uma lagartixa (a constante presença invisível da cobra e a outra presença não menos impalpável e que nunca nos deixa, sombra de nossos pensamentos, reverso do que vemos, falamos e somos), e assim até chegar, novamente pelo leito do mesmo riacho, a um vale minúsculo.

Atrás e para os lados, as colinas achatadas, a paisagem esmagada pela erosão; adiante, a montanha com a senda que leva a um grande tanque por baixo das rochas e, a partir daí, pelo caminho dos peregrinos, até o santuário no cume. Quase não há vestígios das casas. Há três figueiras-de-bengala, antigas e eminentes. À sua sombra – ou melhor: metidos em seu matagal, escondidos na penumbra de suas entranhas, como se fossem cavernas e não árvores – algumas crianças bem vivas e em farrapos. Cuidam de uma dezena de vacas magras e resignadas ao martírio das moscas e carrapatos. Há também duas crianças e muitos corvos. O primeiro bando de macacos aparece. As crianças os apedrejam. Verdes e cintilantes à luz constante, duas grandes poças de água pestilenta. Em poucas semanas, a água terá evaporado, o lodo terá secado e as poças serão leitos de poeira fina sobre os quais as crianças e o vento terão que se revirar.

contos

(n.t.) | Diepkloof

A HISTÓRIA DE UM CACHORRO
E A HISTÓRIA DE UMA GATA
EMMANOUIL ROÍDIS

O TEXTO: Publicados com intervalo de dois meses (*A história de um cachorro*, em outubro, e *A história de uma gata*, em dezembro de 1893), no periódico ateniense *Asty*, os dois contos aqui apresentados, embora autônomos entre si, formam um par e se complementam tematicamente. São representativos do estilo de Roídis, em que se nota a veia ensaística do autor (especialmente na primeira metade da *História de uma gata*, em que temos um verdadeiro encômio do gato), e o elemento autobiográfico (no caso aqui com memórias de infância ambientadas na ilha de Siros), em que memórias pessoais dão azo a narrativas realistas e permeadas por um tom satírico. Os textos são exemplos notáveis da *katharévousa* literária (variante purista e artificial do neogrego), que Roídis manejava com maestria.

Texto traduzido: Ροΐδης, Ε. Άπαντα. *Τέταρτος Τόμος, 1891-1893. Φιλολογική επιμέλεια: Άλκης Αγγέλου*. Αθήνα: Ερμής, 1978, σελίδες 384-404.

O AUTOR: Emmanouil Roídis (1836-1904), escritor e jornalista grego, nasceu em Ermoúpolis, na ilha de Siros (arquipélago das Cíclades). Após passar a infância na Itália e estudar filologia em Berlim, viveu em Atenas, onde atuou e faleceu. Foi uma figura central e vanguardista no cenário intelectual grego do século XIX, tendo publicado crônicas, ensaios, contos e uma novela histórica. Foi progressista e engajado em questões políticas. É um dos maiores estilistas da *katharévousa* (grego arcaizante), e sua obra, marcada pela sátira e senso de humor, apesar de datada em alguns aspectos, apresenta grande interesse pela riqueza de temas, inventividade, estilo e originalidade.

O TRADUTOR: Théo de Borba Moosburger é bacharel em Letras (Grego Antigo) pela UFPR e mestre e doutor em Estudos da Tradução pela UFSC. Estudou grego moderno e música popular grega em Atenas. Atuou como tradutor juramentado de grego e é proficiente em grego (C2) pelo Ministério da Cultura da Grécia. Tem traduções publicadas do grego antigo, medieval e moderno, e também do islandês, língua à qual se dedica paralelamente, com interesse especial na literatura islandesa medieval. Para a (n.t.) traduziu Kostas Karyotákis, Giorgos Seféris, Aléxandros Papadiamántis, Ilias Venézis, Odysseas Elýtis e Nikos Engonópoulos.

Ἱστορια Ἑνος Σκυλου
και Ἱστορια μιας Γατας

"Ὡς νὰ ἦτο χθεσινὴ ἐνθυμοῦμαι..."

ΕΜΜΑΝΟΥΗΛ ΡΟΙΔΗΣ

Ἱστορια Ἑνος Σκυλου

Ὡς νὰ ἦτο χθεσινὴ ἐνθυμοῦμαι τὴν ἤδη τεσσαρακονταετῆ τοῦ σκύλου ἐκείνου ἱστορίαν. Ἤμην τότε μαθητὴς τῆς πρώτης τάξεως τοῦ ἑλληνικοῦ σχολείου εἰς τὸ Ἑλληναμερικανικὸν Λύκειον τοῦ μακαρίτου Χρήστου Εὐαγγελίδου. Ἐρχόμενος ἐξ Ἰταλίας δὲν εὑρέθην ὅσον ἐφοβούμην εἰς τὴν Σύραν ξενιτευμένος. Πολλοὶ τῷ ὄντι ἀπέμενον ἀκόμη εἰς τὴν ὑμνηθεῖσαν ὑπὸ τοῦ Ὀρφανίδου ξηρόνησον Ἰταλοὶ πατριῶται ἐκ τῶν φιλοξενηθέντων μετὰ τὴν ἀποτυχίαν τῆς ἐπαναστάσεως τοῦ 1848. Οἱ Ἰταλοὶ ἦσαν οἱ πλεῖστοι ἀκονηταὶ ξυραφίων, καθαρισταὶ κηλίδων, συγκολληταὶ σπασμένων πινακίων, ἀνακαινισταὶ παλαιῶν ὑποδημάτων, διακοσμηταὶ τῶν νεκρικῶν φερέτρων, εὐνουχισταὶ πετεινῶν, ὑπαίθριοι τηγανισταὶ σμαρίδων καὶ πάντες ἀνεξαιρέτως οἱ ζωγράφοι, λιθοξόοι, χοροδιδάσκαλοι καὶ μουσικοί. Αἱ ἀξιώσεις τῶν καλλιτεχνῶν τούτων περιωρίζοντο εἰς τὸ νὰ μὴ ἀποθάνωσι τῆς πείνης, ὁ δὲ βίος δὲν ἦτο τότε ὅπως σήμερον ἀκριβός. Ἀντὶ εἰκοσιπέντε τὸν μῆνα δραχμῶν ἠδύνατό τις νὰ εὕρῃ ὁλόκληρον μονόροφον οἰκίσκον εἰς τὰ βαπόρια καὶ ἀκόμη εὐθηνότερον, ἂν εἶχεν ἀμβλεῖαν τὴν ὄσφρησιν, παρὰ τὰ βυρσοδεψεῖα, καὶ μὲ ἓν μόνον σφάντζικον νὰ χορτάσῃ κεφτέδες, στουφάδον καὶ καπαμᾶ εἰς τὰ αὐτοκαλούμενα 'Εὐρωπαϊκὰ ξενοδοχεῖα'.

Ἀνάλογος τῆς τοιαύτης τοῦ βίου εὐθηνίας καὶ τῆς πληθώρας διδασκάλων ἦτο τῶν μουσικῶν μαθημάτων ἡ τιμή, οἱ δὲ φιλόμουσοι πάσης

κοινωνικῆς τάξεως Ἑρμουπολῖται ὠφελοῦντο τῆς εὐκαιρίας, ὅπως διδαχθῶσιν ἕκαστος ἀντὶ μικρᾶς θυσίας τὸ ὄργανον τῆς ἐκλογῆς του. Οὐδέποτε οὐδαμοῦ ἀντήχησαν ὅσα τότε εἰς τὴν Σύραν βιολία, φλάουτα, τρόμπαι, πίφερα, μανδολῖνα, κόρνα καὶ κλαρινέτα. Ὁ περιερχόμενος τὰς στενωποὺς τῆς πόλεως, καὶ μάλιστα τὰς Κυριακάς, ἐπνίγετο εἰς κύματα μελῳδίας ἐξορμῶντα ἐκ παντὸς παραθύρου. Οὐδ' ἠδύνατο νὰ καθήσῃ εἰς τὴν ἕδραν κουρείου ἢ τὴν τράπεζαν καφενείου χωρὶς νὰ εὑρεθῇ ἀντιμέτωπος πατριώτου τοῦ Μιχαὴλ Ἀγγέλου καὶ τοῦ Κορεγίου ζητοῦντος τὴν ἄδειαν νὰ εἰκονίσῃ ἀντὶ τριδράχμου 'τὴν εὐγενῆ καὶ ἐκφραστικὴν κεφαλήν του' ἢ νὰ ψοφήσῃ ὁ σκύλος, ὁ γάτος ἢ ὁ ψιττακός του χωρίς νὰ δεχθῇ αὐθημερὸν τὴν ἐπίσκεψιν τοῦ προτείνοντος νὰ βαλσαμώσῃ τὸ λείψανον 'τοῦ ἀξιεράστου ζώου'. Ἂν δὲ ἐκινδύνευε νὰ μεταβῇ εἰς τὰς αἰωνίους μονὰς διακεκριμένον τῆς Συριανῆς κοινωνίας μέλος, τότε ὄχι νὰ κρυώσῃ, ἀλλ' οὐδὲ κὰν νὰ ξεψυχήσῃ ἐπερίμεναν οἱ προσφερόμενοι νὰ διαιωνίσωσι διὰ γυψίνου ἐκμάγματος τὴν ὄψιν 'τοῦ ἐπιφανοῦς μεταστάντος' ἢ νὰ ὑμνήσωσι τὰ ἀλησμόνητα ἔργα του εἰς τὰ ἔγκριτα τῆς Ἰταλίας φύλλα. Ἀδύνατον εἶναι νὰ ἀνακαλέσω εἰς τὴν μνήμην μου τὰς τοιαύτας παρὰ τὴν θύραν παντὸς ἑτοιμοθανάτου συνελεύσεις πειναλέων Ἰταλῶν, χωρὶς νὰ ἐνθυμηθῶ συγχρόνως τὸ δημοτικὸν δίστιχον·

Ὡσὰν κοράκοι κάθουνται τριγύρω τοῦ κρεββάτου
Καὶ καρτεροῦν κι' ἐγδέχονται τὸ πότε θὰ ψοφήσῃ.

Τὸ δὲ κακὸν ἦτο, ὅτι δὲν περιωρίζοντο μόνους τοὺς νεκροὺς ν' ἀνυμνῶσιν, ἀλλὰ καὶ τῶν ζώντων διέστρεφον τὸν νοῦν διὰ τῶν ὀγκωδεστάτων ἐγκωμίων. Οἱ Λατῖνοι ποιηταὶ ἐσατύρισαν ἀσπλάγχνως τὴν χαμερπῆ κολακείαν τῶν ἐπὶ Αὐγούστου πανταχόθεν συρρευσάντων εἰς τὴν Ἰταλίαν Γραικύλων. Τούτους ὅμως ὑπερέβησαν κατὰ πολὺ οἱ εἰς τὴν Σύραν καταφυγόντες ἀπόγονοι τῶν σατυριστῶν. Δύσκολον ἦτο νὰ εὑρεθῇ καθ' ὅλην τὴν νῆσον ἀξιότιμός τις μεγαλέμπορος, καταστηματάρχης, λουκουμοποιός, τοκιστής, βυρσοδέψης, σαράφης, ἢ καραβοκύρης, τοῦ ὁποίου δὲν ὑμνήθη πεζῶς καὶ ἐμμέτρως 'l'acuto ingegno' καὶ 'il raro talento'. Ἡ δὲ πρὸς τὰς εὐγενεῖς αὐτῶν κυρίας ἰταλικὴ λατρεία ὑπερέβαινε τὰ ὅρια τοῦ κωμικοῦ καὶ τοῦ πιστευτοῦ. Μεταξὺ τῶν οἰκοδεσποινῶν τούτων ὑπῆρχον βεβαίως καί τινες πράγματι εὐπρόσωποι. Καὶ αὗται ὅμως ἔπρεπε ν' ἀρκεσθῶσι δι' ἔλλειψιν ἄλλων ὑπερβολικωτέρων εἰς τὰς αὐτὰς ὁμοιώσεις πρὸς 'ἄνθος λειμῶνος,

ἄγγελος, Ἥραν, Ἥβην ἢ Παναγίαν', διὰ τῶν ὁποίων ὑμνεῖτο καὶ τῶν ἀσχήμων ἡ εὐμορφία. Ἡ τοιαύτη Ἰταλῶν κολάκων ἐπιδρομὴ συνετέλεσε, νομίζομεν, κατὰ πολὺ εἰς τὴν ἀνάπτυξιν τοῦ κυριωτάτου τῶν τότε Συριανῶν ἐλαττώματος, τῆς ἐπάρσεως, τοῦ φουσκώματος, τῆς ἐπιδεικτικῆς ἀπαγγελίας κοινῶν τόπων καὶ τῶν ἄλλων τῶν νεοπλούτων γελοίων. Ἀλλὰ διὰ νὰ μὴ φανῶμεν ἄδικοι ἢ κακόγλωσσοι, σπεύδομεν νὰ προσθέσωμεν, ὅτι μόνον κάπως γελοῖοι ἦσαν οἱ τότε προύχοντες τῆς Σύρου, κατὰ δὲ τὰ λοιπὰ ἀγαθοὶ καὶ τίμιοι ἄνθρωποι. Ἀδιστάκτως δὲ πιστεύομεν ὅτι, ἂν ἔπραττον τότε ὅσα ἔπειτα ἔπραξαν οἱ σύμβουλοι, σύνδικοι, διαχειρισταὶ καὶ δῆθεν πιστωταὶ τῆς μακαρίτιδος ἀτμοπλοϊκῆς ἑταιρίας, ἐξάπαντος θὰ ἐλιθοβολοῦντο. Ἀλλ' ἂς ἐπανέλθωμεν ἢ μᾶλλον ἂς ἔλθωμεν εἰς τοῦ σκύλου τὴν ἱστορίαν.

Ἐξ ὅλων τῶν Ἰταλῶν ἀποίκων διασκεδαστικώτατος ἦτο βεβαίως ὁ πρώην γαριβαλδινὸς λοχίας Γιαμβατίστας, ὁ προτιμήσας παντὸς ἄλλου τὸ ἐπάγγελμα σαλτιμπάγκου ἢ θαυματοποιοῦ, τὸ ὁποῖον μετήρχετο ἐπὶ τῆς πλατείας, ἀκριβῶς ἀντικρὺ τοῦ Λυκείου πρὸς μεγάλην τῶν ὑποτρόφων χαράν. Τὸν θίασον ἀπετέλουν ὁ ρηθεὶς Γιαμβατίστας, ὁ δωδεκαετὴς υἱός του Κάρλος καὶ μεγαλόσωμος σγουρόσκυλος (barbet) φέρων τὸ ὄνομα Πλούτων. Τὰ θαύματα τοῦ θιασάρχου, αἱ λαθροχειρίαι πεσσῶν, αἱ σφαιροβολίαι, αἱ πυραμίδες καὶ αἱ καταπόσεις φλεγόντων ἀνθράκων ἦσαν ἐκ τῶν συνηθεστάτων, καὶ ἔτι κοινότερα τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ τὰ 'θανάσιμα πηδήματα' (salti mortali), ὁ χορὸς μεταξὺ αὐγῶν καὶ αἱ ἐξαρθρώσεις. Πολὺ μᾶλλον τούτων εἵλκυε τὴν περιέργειαν καὶ τὰ πεντάλεπτα τῶν Συριανῶν ὁ σκύλος, ζητωκραυγάζων ἢ μᾶλλον ζητωγαβγίζων ὑπὲρ τοῦ Γαριβάλδη, ἤτοι πρὸ πασσάλου ἐνδυθέντος κόκκινον χιτῶνα, ἢ ὁρμῶν νὰ σπαράξῃ τὸν Ἰησουίτην ἢ τὸν Ραδέσκην, τὸν αὐτόν δηλ. πάσσαλον φέροντα μαῦρον ράσον ἢ ἀσπρόχρυσον στολήν καὶ πῖλον πτερωτὸν αὐστριακοῦ στρατάρχου. Ἀκόμη νοστιμώτερος ἦτο ὅταν ὄρθιος ἐπὶ τῆς τραπέζης καὶ ἔχων ἐπὶ κεφαλῆς ἀρχιερατικὸν διάδημα ἐκ χρυσοχάρτου, ἐμιμεῖτο τὸν πάπαν Πῖον Νόννον, εὐλογῶν διὰ τῶν ἐμπροσθίων ποδῶν του τὰ πλήθη τῶν πιστῶν, καὶ ἐξ ἴσου διέπρεπεν εἰς τὴν λεγομένην 'Κρίσιν τοῦ Πάριδος', ἀπονέμων ἀλανθάστως τὸ μῆλον ἢ μᾶλλον πορτοκάλιον εἰς τὴν ὡραιοτέραν ἐκ τῶν προσαγομένων πλύστραν ἢ παραμάνναν.

Ὅπως οἱ λόγιοι συμπατριῶται του μετέβαλλον εἰς τοὺς στίχους των τὰς Συριανὰς κυρίας εἰς ἀγγέλους καὶ Ἥβας, οὕτω καὶ ἐκεῖνος διὰ τῆς ἀπονομῆς τοῦ ἄθλου ἀνηγόρευε λαϊκὰς Ἀφροδίτας. Ἀλλὰ πρὸ πάντων

ἀλησμόνητος ἦτο ὅταν, βαδίζων ἐπὶ τῶν ὀπισθίων ποδῶν καὶ κρατῶν μεταξὺ τῶν ὀδόντων μικρὸν δίσκον, περιήρχετο μετὰ τὸ τέλος τῆς παραστάσεως τὰς τάξεις τῶν θεατῶν ταπεινῶς ὑποκλινόμενος πρὸ ἑκάστου καὶ ἔπειτα προσηλώνων ἐπ' αὐτοῦ ἀνεκφράστου γλυκύτητος ἐπαιτικὸν βλέμμα. Κάλλιστα δὲ γνωρίζων πόσον ὑπὸ τῶν μαθητῶν ἠγαπᾶτο, εὐθὺς μετὰ τὴν περιφορὰν τοῦ δίσκου εἰς τὴν πλατεῖαν, εἰσώρμα εἰς τὸ Λύκειον, εὔθυμος καὶ θορυβώδης ἂν διεσκεδάζομεν εἰς τὴν αὐλὴν ἢ τοὺς διαδρόμους, ἄφωνος, αἰδήμων καὶ συνεσταλμένος, ἂν εὑρισκόμεθα εἰς τῶν παραδόσεων τὰς αἰθούσας.

Ἡμέραν ἐν τούτοις τινὰ ὁ διδάσκαλος τῆς Κατηχήσεως, ὁ τότε ἁπλοῦς ιερεύς καὶ ἔπειτα ἐπίσκοπος Χαλκίδος ἀοίδιμος Δαβὶδ Μολοχάδης, μὴ γνωρίζων τὸν εἰσερχόμενον ἤγειρε τὴν ράβδον του νὰ τὸν ἀποδιώξῃ. Ἀλλὰ πρὶν ἡ ράβδος καταπέσῃ συνηντήθησαν τοῦ καλοῦ ἱερέως καὶ τοῦ καλοῦ σκύλου οἱ ὀφθαλμοὶ καὶ ἀποτέλεσμα τῆς συναντήσεως ἐκείνης ἦσαν ἡ ἀπόθεσις τῆς ράβδου καὶ ἡ προσθήκη πενταλέπτου εἰς τὸν ἔρανον τῶν μαθητῶν. Οὗτοι διεσκέδαζον ἐνίοτε ὑποβάλλοντες τὴν ἀκεραιότητα τοῦ Πλούτωνος εἰς δεινὴν ἀληθῶς δοκιμασίαν. Ἀντὶ χαλκίνου κέρματος εἰς τὸν δίσκον ἐπρόσφερον εἰς αὐτὸν κατὰ γῆς τεμάχιον ἄρτου, κουλούραν ἢ καὶ κατημέρι. Ἀλλ' εἰς ποῖον ἆρα ἀνῆκε τὸ οὕτω προσφερόμενον, εἰς τὸν θίασον ὡς τὰ πεντάλεπτα ἑταιρικῶς, ἢ τὸν εἰσπράκτορα προσωπικῶς; Τοῦτο ἦτο τουλάχιστον ἀμφίβολον. Τὸ τίμιον ὅμως τετράποδον, ἀντὶ νὰ λύσῃ αὐθαιρέτως τὸ ζήτημα ὑπὲρ ἑαυτοῦ, καταβροχθίζον τὸ προσφερόμενον, ἔθετε κατὰ γῆς τὸν δίσκον, ἐπρόσθετεν εἰς τὰ νομίσματα τὴν εἰς εἶδος προσφοράν, ἐλάμβανε καὶ πάλιν εἰς τὸ στόμα τὸν δίσκον, καὶ ἔτρεχε νὰ παραδώσῃ ἀκέραιον τὸ περιεχόμενον αὐτοῦ εἰς τοὺς κυρίους του. Ἡ τοιαύτη διαγωγὴ ἦτο τόσον μᾶλλον ἀξιοθαύμαστος, καθ' ὅσον οὐδεμία ὑπῆρχε βεβαιότης, ὅτι θὰ ἠμείβετο λαμβάνον ὅλα τὰ φαγώσιμα. Οἱ θαυματοποιοὶ ὑπερηγάπων βεβαίως τὸν σκύλον των, ἀλλὰ καὶ δὲν ἔτρωγαν ἢ τουλάχιστον δὲν ἐχόρταιναν οἱ ἴδιοι καθ' ἡμέραν.

Ὑπῆρχον ἐν τούτοις καί τινες κατ' ἔτος ἡμέραι, κατὰ τὰς ὁποίας ὄχι μόνον ἔτρωγαν ἀλλὰ καὶ ἔπιναν οἱ Ἰταλοὶ μέχρι κόρου, πανηγυρίζοντες διὰ συμποσίου τὴν ἐπέτειον ἐπαναστατικοῦ τινος κατορθώματος. Ἀφθόνως τότε ἔρρεεν ὁ οἶνος τῆς Σαντορίνης, ὁ μόνος ἐκ τῶν ἑλληνικῶν ἐνθυμίζων εἰς τοὺς ἐξορίστους τῆς πατρίδος των τὸ γλυκὺ 'δάκρυον τοῦ Χριστοῦ' ἢ τὸ βαρὺ νέκταρ τῆς Μαρσάλας. Ἐκ τοιαύτης ἐπιστρέφων ἡμέραν τινὰ ὑπερεύθυμος εὐωχίας ἀπεδύθη εἰς τὴν συνήθη ἐπὶ τῆς

πλατείας παράστασιν ὁ Γιαμβατίστας, καὶ κατὰ κακήν του τύχην δὲν παρέλειψε τὴν πυραμίδα. Αὕτη ἀποτελεῖται, ὡς πάντες γνωρίζουσιν, ἐκ στιβάδος παντοίων ἀλλεπαλλήλων σκευῶν, τραπεζίων, καθισμάτων, βαρελίων, σταμνίων καὶ φιαλῶν καὶ τὴν ἐπὶ τῆς κορυφῆς πάντων τούτων ἀνύψωσιν ὡς ἀγάλματος τοῦ θαυματοποιοῦ. Τῶν πυραμίδων τούτων ἡ στερεότης δὲν εἶναι ἀκριβῶς ὅση καὶ ἡ τῶν αἰγυπτιακῶν, καὶ πολλὴ ἀπαιτεῖται παρὰ τοῦ ἀναβάτου ἀσφάλεια πατήματος καὶ προσοχὴ πρὸς διατήρησιν τῆς ἀσταθοῦς αὐτοῦ ἰσορροπίας. Ταύτην καθίστανον τὴν ἡμέραν ἐκείνην οἱ ἀτμοὶ τοῦ θηραϊκοῦ οἴνου ἔτι ἀσταθεστέραν. Καὶ κατώρθωσε μὲν ὁ Γιαμβατίστας ν' ἀκινητήσῃ ἐπί τινας στιγμὰς ἐπὶ τοῦ ὑψηλοῦ αὐτοῦ βάθρου, ἀλλ' αἴφνης, ἐνῶ ἐσταύρωσεν ἐπὶ τοῦ στήθους τὰς χεῖρας πρὸς ἀπομίμησιν τοῦ Βοναπάρτε, τὸ ὅλον οἰκοδόμημα ἐσείσθη καὶ κατέπεσε μετὰ φοβεροῦ πατάγου, τοῦ οποίου ὑπερείχεν ὁ ὀξύτερος ἦχος τῶν συντριβομένων ὑαλίων. Οἱ θεαταὶ ἐπίστευσαν κατ' ἀρχὰς ὅτι περιείχετο καὶ ὁ σεισμὸς οὗτος εἰς τὸ πρόγραμμα τῆς παραστάσεως. Ἡ ζημία δυστυχῶς ἦτο πραγματικὴ καὶ πολὺ ἀνωτέρα τῆς ἐν ἀρχῇ ὑπολογισθείσης. Πλὴν τῶν σταμνίων καὶ φιαλῶν εἶχον σπάσει κατὰ τὴν πτῶσιν καὶ ἀμφότερα τὰ ὀστᾶ τῆς κνήμης τοῦ δυστυχοῦς σχοινοβάτου, τὸν ὁποῖον θέσαντες οἱ προσδραμόντες κλητῆρες ἐντὸς φορείου μετεκόμισαν εἰς τὸ νοσοκομεῖον, ἀκολουθούμενον ὑπὸ τοῦ ὀδυρομένου Κάρλου καὶ τοῦ Πλούτωνος, τοῦ ὁποίου δὲν ἐφαίνετο μικροτέρα ἡ ἄφωνος λύπη. Ὁ τότε ἀρχίατρος τοῦ Συριανοῦ νοσοκομείου ἦτο ὄχι μόνον καλὸς χειρουργός, ἀλλὰ καὶ κάλλιστος ἄνθρωπος. Εὐσπλαγχνισθεὶς τοὺς ἀθλίους ἐκείνους, ἐφιλοξένησε πλὴν τοῦ παθόντος εἰς τὸ κατάστημα τὸν υἱόν του καὶ τὸν σκύλον.

Τὸ διπλοῦν κάταγμα τοῦ θαυματοποιοῦ ἀπεδείχθη ἀνεπίδεκτον συγκολλήσεως καὶ ἐπεβάλλετο ἀναποδράστως τῆς κνήμης ἡ ἀποκοπή. Ὁ αἰθήρ, τὸ χλωροφόρμιον καὶ αὐτὴ ἡ διὰ τοῦ ψύχους τοπικὴ ἀναισθησία δὲν ἦσαν ἀκόμη συνήθη ἐν Σύρῳ κατὰ τὴν ἐποχὴν ἐκείνην, ὁ δὲ παθὼν ἔπρεπε νὰ ὑπομείνῃ ἀμείωτον τῆς ἐγχειρήσεως τὴν ὀδύνην. Πρὶν ἢ προβῇ εἰς ταύτην, διέταξεν ὁ ἰατρός ἐκ φόβου συγκινήσεως τὴν ἀπομάκρυνσιν τοῦ υἱοῦ τοῦ ἀκρωτηριαζομένου, κατὰ παράκλησιν ὅμως αὐτοῦ ἔστερξε νὰ μείνῃ ὁ σκύλος. Ὁ σχοινοβάτης περιβαλὼν διὰ τοῦ βραχίονος τὴν οὐλότριχα κεφαλὴν τοῦ πιστοῦ συντρόφου του, ἐστήριζεν αὐτὴν εἰς τὴν ἰδικήν του, καὶ εὐθὺς ἔπειτα ἤρχισε τῆς μαχαίρας καὶ τοῦ πρίονος ἡ ἐργασία.

Οἱ ἐκ τῆς ὀξύτητος τοῦ πόνου στεναγμοὶ τοῦ ἀκρωτηριαζομένου ἠρέθιζον τὸν Πλούτωνα, μὴ δυνάμενον νὰ μαντεύσῃ διὰ τίνα λόγον ἐβασάνιζαν τὸν αὐθέντην του τόσον σκληρῶς. Ὅτε δὲ κατὰ τὸ τέλος τῆς ἐγχειρήσεως ἐλιποθύμησεν οὗτος ἐκ τῆς ἀφθόνου τοῦ αἵματος ροῆς, ἀπομείνας ὁ σκύλος ἐλεύθερος ὥρμησε νὰ τὸν ἐκδικήσῃ, δαγκάνων τὸν γυμνὸν βραχίονα τοῦ χειρουργοῦ. Ἀλλ' οὗτος ἦτο, ὡς εἴπομεν, ἀγαθώτατος ἄνθρωπος. Ἀντὶ νὰ θυμώσῃ ἔσπευσε νὰ ἀναχαιτίσῃ τοὺς πρὸς ἐπίδειξιν ζήλου κακοποιοῦντας τὸν Πλούτωνα νοσοκόμους, διατάξας ν' ἀφεθῇ ἀνενόχλητος παρὰ τὴν κλίνην τοῦ κυρίου του.

Εἰς τὴν αὐτὴν τοῦ νοσοκομείου αἴθουσαν ἔτυχε νὰ παραμένῃ πρὸς τελείαν ἀνάρρωσιν καὶ ἄλλος Ἰταλός, πλανόδιος ἐκριζωτὴς ὀδόντων καὶ πωλητὴς μαγικῶν φίλτρων, μετερχόμενος τὸ ἐμπόριόν του εἰς τὰ χωρία ὅπου εὐκολωτέρα ἦτο ἡ εὕρεσις ἀγοραστῶν πανακείας καὶ ἀγαποχόρτου. Ὁ ἀγύρτης οὗτος, κάλλιστα γνωρίζων τὴν δεκαροσυλλεκτικὴν τοῦ Πλούτωνος ἱκανότητα, ἐσκέφθη ἐν τῷ πλήθει τῆς ἀσυνειδησίας του νὰ στερήσῃ τῆς μόνης του παρηγορίας τὸν ἠκρωτηριασμένον αὐτοῦ συμπατριώτην. Ὠφελούμενος ἐκ τῆς ἀπουσίας τοῦ νέου Κάρλου, τοποθετηθέντος διὰ συστάσεως τοῦ ἰατροῦ εἰς ἱκανῶς ἀπέχον βαφεῖον, ἠσχολήθη διὰ παντοίων περιποιήσεων νὰ ἑλκύσῃ τοῦ σκύλου τὴν ἐμπιστοσύνην, τὴν δὲ ἡμέραν τῆς ἐξόδου του ἐκ τοῦ νοσοκομείου κατώρθωσε νὰ προπεμφθῇ παρ' αὐτοῦ μέχρι τῆς ἄκρας τῆς ὁδοῦ. Ἐκεῖ ὅμως ἐπέμεινεν ὁ Πλούτων νὰ τὸν ἀποχαιρετήσῃ, οὔτε διὰ θωπειῶν, οὔτε διὰ τῆς ἐπιδείξεως ὀρεκτικοῦ ἀλλάντος πειθόμενος νὰ προβῇ περαιτέρω. Ἀποτυχούσης τῆς ἀποπείρας διαφθορᾶς, ἠναγκάσθη ὁ ἅρπαξ νὰ καταφύγῃ εἰς τὴν χρῆσιν σχοινίου, διὰ τοῦ ὁποίου παρέσυρε τὸ ταλαίπωρον ζῶον, ὁτέ μεν θορυβωδῶς διαμαρτυρόμενον, ὁτέ δε κινδυνεῦον διὰ τῆς ἀντιστάσεως αὐτοῦ νὰ πνιγῇ. Καθ' ὁδὸν ἔτυχε νὰ συναντήσῃ νοσοκόμον, εἰς τὸν ὁποῖον διηγήθη ὅτι ἀγοράσας παρὰ τοῦ κυρίου του τὸν σκύλον, εἶχε δικαίωμα νὰ τὸν συμπαραλάβῃ καὶ ἄκοντα εἰς τὰ Χροῦσα.

Ἡ ἐκ τῆς στερήσεως τοῦ συντρόφου του λύπη καὶ ἡ ἐκ τῆς πρώην κακῆς διαίτης δυσκρασία τοσοῦτον ἐδείνωσαν τὴν κατάστασιν τοῦ δυστυχοῦς θαυματοποιοῦ, ὥστε ἐρχόμενος πρωίαν τινὰ ὁ υἱός του νὰ τὸν ἐπισκεφθῇ εὗρε τὴν κλίνην κενὴν καὶ τὸν πατέρα του ἐντὸς φερέτρου ἕτοιμον πρὸς μετακόμισιν εἰς τὴν τελευταίαν του κατοικίαν.

Ὀκτὼ μετὰ τὴν ἀπαγωγήν του ἡμέρας καὶ δύο ὥρας μετὰ τὴν ἐκφορὰν τοῦ νεκροῦ ὁ Πλούτων, ὅστις εἶχε κατορθώσῃ νὰ δραπετεύσῃ

ἀπὸ τὰ Χροῦσα, ἔξεεν ἐπιμόνως τὴν ἐξώθυραν τοῦ νοσοκομείου. Ταύτην ἤνοιξε δυστυχῶς εἰς αὐτὸν ἀντὶ τοῦ θυρωροῦ τελειόφοιτος τῆς ἰατρικῆς σχολῆς, προσληφθεὶς ὡς βοηθὸς τοῦ χειρουργοῦ. Ὁ ἀποτρόπαιος ἐκεῖνος ἄνθρωπος ἠσχολεῖτο πρὸς διαβόησιν τοῦ ὀνόματός του εἰς πειράματα ζωντοτομίας, τῆς συνισταμένης, ὡς γνωστόν, εἰς τὴν ἀντὶ πτώματος ἀνατομὴν ζωντανοῦ θύματος πρὸς ἐπισκόπησιν τῆς λειτουργίας τῶν ἐσωτερικῶν του ὀργάνων, τῆς κινήσεως τῶν μυώνων καὶ τῶν ἀποτελεσμάτων τῆς τομῆς τοῦ νεύρου ἢ τῆς ἐξαιρέσεως ἐγκεφαλικοῦ λοβοῦ. Αἱ θηριωδίαι αὗται ἐνδέχεται μὲν νὰ εἶναι χρήσιμοι εἰς τοὺς σπουδαστάς, ἀλλ᾽ ἐξ ἀρχῆς ἐπροκάλεσαν καὶ ἐξακολουθοῦσι προκαλοῦσαι τὴν ἀγανάκτησιν καὶ τὰς διαμαρτυρήσεις πάντων τῶν ἐχόντων σπλάγχνα.

Ἡ θέα τοῦ καλοῦ ἐκείνου ζώου, ἀσθμαίνοντος ἐκ τοῦ μακροῦ δρόμου, τοῦ σείοντος τὴν οὐρὰν καὶ μὲ ἀνθρώπινον βλέμμα ἱκετεύοντος νὰ τοῦ ἀνοιχθῇ ἡ θύρα τῆς αἰθούσης, ὅπου ὑπέθετεν ἀκόμη εὑρισκόμενον τὸν αὐθέντην του, δὲν ἴσχυσε νὰ μαλάξῃ τὴν λιθίνην τοῦ ζωοτόμου καρδίαν. Συλλαβὼν τὸν ἀνύποπτον Πλούτωνα καὶ δέσας αὐτὸν ἐπὶ τῆς ἀνατομικῆς τραπέζης, ἤρχισε νὰ κρεουργῇ τὰς σάρκας του ἀνηλεῶς. Ἐνῷ εἰς τοιαύτην παρεδίδετο διασκέδασιν, ἐπέστρεφεν ὁ Κάρλος εἰς τὸ νοσοκομεῖον πρὸς παραλαβὴν τῆς πενιχρᾶς πατρικῆς κληρονομίας, ἤτοι δέματος θεατρικῶν ἐνδυμάτων. Ὁ ἐκ τῆς μαχαίρας πόνος καὶ ἡ αἴσθησις τῆς προσεγγίσεως τοῦ νεαροῦ κυρίου του μετέδωκαν εἰς τὸν Πλούτωνα δυνάμεις ἱκανὰς νὰ συντρίψῃ τὰ δεσμά του καὶ νὰ προβάλῃ κάτωθεν τῆς θύρας τὸν δασύμαλλον αὐτοῦ πόδα καταιματωμένον. Σπαραξικάρδιος ἀντήχησε τότε ἡ δυωδία τοῦ πρὸ τῆς κλειστῆς θύρας κλαίοντος παιδιοῦ καὶ τοῦ ὄπισθεν αὐτῆς γοερῶς ὑλακτοῦντος σκύλου. Ὁ θόρυβος ἐκεῖνος προσείλκυσε τὸν ἰατρόν, εἰς τοῦ ὁποίου τὸ βροντοφώνημα ἠναγκάσθη ὁ ζωοτόμος νὰ ὑπακούσῃ, ἀνοίγων τὴν θύραν. Ὁ Πλούτων ἐχύθη εἰς τὰς ἀγκάλας τοῦ ὀρφανοῦ, ὁ δὲ ἰατρὸς ἐπέδειξε καὶ πάλιν τὴν ἀγαθότητα τῆς ψυχῆς του, δὶς πτύσας εἰς τὸ πρόσωπον τοῦ βδελυροῦ δημίου καὶ ἔπειτα περιδέσας μετὰ πάσης ἐπιμελείας τὰς χαινούσας τοῦ θύματος πληγάς, εἰς τὸ ὁποῖον διέταξε νὰ προσφέρωσι πινάκιον γάλακτος καὶ νὰ τὸ ἀφήσωσιν ἔπειτα νὰ ἡσυχάσῃ.

Ἀδύνατον ὅμως ἦτο νὰ εὕρῃ ὁ Πλούτων ἡσυχίαν πρὸ τῆς ἀνευρέσεως καὶ τοῦ πρεσβυτέρου του κυρίου. Εὐθὺς ὡς ἔμεινε μόνος, ὠρθώθη ἐπὶ τῶν κλονουμένων ποδῶν του καὶ ἔσπευσεν εἰς τὸ θεραπευτήριον καὶ ἐκεῖθεν εἰς τὴν μικρὰν ὑπόστεγον αὐλήν, ὅπου ἀπεθέτοντο μέχρι τῆς ἐκφορᾶς των οἱ ἀποθανόντες. Ὁδηγὸν ἔχων τὴν ἀλάνθαστον ῥῖνά του

καὶ ὁτέ μεν τὴν γῆν, ὁτέ δε τὸν ἄνεμον ὀσφραινόμενος κατώρθωσε ν’ ἀνεύρῃ καὶ ν’ ἀκολουθήσῃ τὴν ὁδὸν πρὸς τὸ νεκροταφεῖον. Ἡ ἐλεεινὴ ἐν τούτοις καὶ ἀλλόκοτος ὄψις τοῦ τυλιγμένου εἰς αἱμοβαφῆ πανία ἐκείνου σκύλου ἐκίνει τὴν περιέργειαν τῶν διαβατῶν καὶ ἐξήγειρε τὴν ἀσυνείδητον παιδικὴν ὠμότητα τῶν ἀγυιοπαίδων, οἵτινες ἔτρεχον κατόπιν αὐτοῦ κραυγάζοντες καὶ λιθοβολοῦντες. Τὴν ὥραν ἐκείνην ἐξελθόντες οἱ μαθηταὶ τοῦ Λυκείου εἰς τὸν συνήθη ἑσπερινὸν περίπατον ἀνήρχοντο ἐν στρατιωτικῇ παρατάξει τὸν ἀνήφορον τῆς Ἄνω Σύρου. Αἱ τάξεις διεσπάσθησαν ἀμέσως καὶ πάντες ἐτρέξαμεν εἰς βοήθειαν τοῦ κινδυνεύοντος φίλου μας, ἐνῶ ἐπρόβαλε πνευστιῶν ὁ Κάρλος ἐξ ἄλλης ὁδοῦ. Ἀλλ’ ἦτο πλέον ἀργά. Ὁ Πλούτων, τοῦ ὁποίου ἐξήντλησαν τὰς τελευταίας δυνάμεις ἡ ὁρμὴ τοῦ δρόμου, ὁ τρόμος καὶ οἱ λιθοβολισμοί, κατέπεσε πλησίον τῆς πύλης τοῦ νεκροταφείου, μόλις προφθάσας νὰ γλείψῃ τὰς χεῖρας τοῦ παιδίου πρὶν ἢ ἐκπνεύσῃ πρὸ τῶν γονάτων του.

Συλλέξαντες δι’ ἐράνου τρεῖς δραχμὰς κατεπείσαμεν δι’ αὐτῶν τὸν νεκροθάπτην ν’ ἀποθέσῃ τὸ λείψανον τοῦ Πλούτωνος εἰς λάκκον σκαφέντα πλησίον τοῦ νεκροταφείου, ἀφοῦ ἀδύνατον ἦτο νὰ ταφῇ ἐντὸς αὐτοῦ διὰ τὸν λόγον ὅτι εἶχε τέσσαρας πόδας. Πολλάκις ἔκτοτε ἀναγινώσκων ὅσα γράφονται περὶ μελλούσης ζωῆς ἔτυχε νὰ σκεφθῶ ὅτι, ἂν ἀληθεύῃ ἡ γνώμη τῶν πιστευόντων ὅτι δὲν ἐπιζῇ εἰς τὸ σῶμα πᾶσα ψυχή, ἀλλὰ μόνη ἡ πίστις, ἡ ἀφοσίωσις, ἡ αὐταπάρνησις καὶ ἡ ἀγάπη βραβεύονται εἰς τὰς αἰωνίους μονάς, πολὺ πιθανώτερον παρὰ πολλῶν μεταστάντων γνωρίμων φίλων μου εἶναι νὰ εὑρίσκεται ἐκεῖ ἡ ψυχὴ τοῦ καλοῦ ἐκείνου σκύλου.

ἹΣΤΟΡΙΑ ΜΙΑΣ ΓΑΤΑΣ

Ἂν ἐξαιρέσωμεν τοὺς νεοπλατωνικοὺς φιλοσόφους, δὲν πιστεύω νὰ ὑπάρχωσιν ἄλλα ἐπὶ γῆς πλάσματα ὅσον οἱ γάτοι συκοφαντηθέντα. Ὡς κατὰ πρόληψιν καὶ κατὰ παράδοσιν κηρύττονται δεισιδαίμονες, ὀπτασιασταί, μυθολόγοι καὶ ὀνειροπλέκται ὁ Πορφύριος, ὁ Ἰάμβλιχος, ὁ Πρόκλος καὶ ὁ Πλωτῖνος, οὕτω κακίζεται καὶ πᾶς γάτος ὡς δόλιος, ἄπιστος, ἀχάριστος καὶ ἀνίκανος ἄλλο τι παρὰ τὸν ἑαυτόν του ν' ἀγαπήσῃ. Καὶ ὡς εἰς τὰ λεγόμενα ὀνείρατα τῶν νεοπλατωνικῶν ἀντιτάσσεται ἡ ἀσφαλὴς ἐπιστήμη τοῦ Ἀριστοτέλους, οὕτω καὶ εἰς τοῦ γάτου τὴν κακίαν αἱ παντοῖαι τοῦ σκύλου ἀρεταί. Εἰς προγενέστερον ἔργον μου ἐπροσπάθησα ν' ἀποδείξω τὸ ἱστορικῶς ἀσύστατον τῆς τοιαύτης περὶ τῶν Ἀλεξανδρινῶν γνώμης καί, πρὸ πάντων, πόσον εἶναι ἄδικος ἡ πρὸς ἄλληλα σύγκρισις δύο πραγμάτων ὅλως ἀνομοίων, οἵα ἡ ἐμπειρία τοῦ Σταγειρίτου πρὸς τὸ ὑπερούσιον πτερύγισμα τῆς νεοπλατωνικῆς διανοίας. Τοῦτο εἶναι περίπου τὸ αὐτὸ ὡς ἂν ὑπετιμᾶτο ἐν συγκρίσει πρὸς τὴν πέρδικα ὡς μὴ φαγώσιμος ἡ ἀηδών. Καθ' ὅμοιον τρόπον κατηγορεῖται καὶ ὁ γάτος, ὅτι δὲν γλείφει τὰς χεῖρας τοῦ κυρίου του ὅταν οὗτος τὸν δέρει, ὅτι δὲν τρέχει ἅμα τὸν καλέσῃ, οὐδὲ στέργει νὰ φανῇ χρήσιμος κυνηγῶν διὰ λογαριασμόν του, φυλάσσων τὰ πρόβατά του, στρέφων ἐπὶ τῆς πυρᾶς τὸν ὀβελὸν καὶ προπορευόμενος μὲ φανάριον εἰς τὸ στόμα, ἢ κὰν νὰ τὸν διασκεδάσῃ ὑπερπηδῶν ῥάβδους ἢ ὀρθούμενος ἐκ τῶν ὀπισθίων ποδῶν. Ταῦτα εἶναι ἀκριβέστατα. Οὐδείς ποτε οὔτε δι' ἀμοιβῆς οὔτε διὰ ῥαβδισμῶν κατώρθωσε νὰ ἐπιβάλῃ εἰς γάτον νὰ πράξῃ ὅσα πράττουσιν οἱ σκύλοι, οἱ δοῦλοι καὶ οἱ γελωτοποιοί. Ἀλλ' οἱ τοιαῦτα παρ' αὐτοῦ ἀπαιτοῦντες λησμονοῦσιν, ὡς φαίνεται, ὅτι ἐκ τῶν συνοίκων μας ζώων μόνον οὗτος ἀνήκει εἰς τὸ βασιλικὸν γένος τῶν αἰλουροειδῶν (felins)· ὅτι εἶναι πρωτεξάδελφος τῆς τίγρεως, τοῦ πάνθηρος καὶ τοῦ λέοντος, καὶ ἄμεσος ἀπόγονος τοῦ αἰλούρου καὶ τοῦ λυγκέως· ὅτι ἔχει, ὡς ἐκεῖνοι, ὀφθαλμοὺς λάμποντας εἰς τὸ σκότος καὶ γνώρισμα τῆς εὐγενείας του ὀξεῖς ὄνυχας συσταλτούς. Οὐδὲ φαίνονται κάλλιον τῆς φυσιολογίας μελετήσαντες τὴν ἱστορίαν. Ἐκ ταύτης θὰ ἐμάνθανον ὅτι κατὰ τοὺς ἀρχαίους ἐκείνους χρόνους, ὅτε ἐθεοποιεῖτο τὸ κάλλος τοῦ σώματος καὶ τὸ σθένος τῆς ψυχῆς, πλειστάκις ἠξιώθη ὁ γάτος θείων τιμῶν. Οἱ Αἰγύπτιοι τὸν ἐλάτρευσαν ὡς Ἀπόλλωνα ὑπὸ τὸ σχῆμα γα-

τοκεφάλου νεανίσκου καὶ τὴν γάταν ὡς θεὰν τοῦ ἔρωτος καὶ τοῦ κάλλους.

Ἡ εὐμορφία τῷ ὄντι τῶν γυναικῶν ἐξετιμᾶτο παρ’ αὐτῶν κατ’ ἀκριβῆ ἀναλογίαν τῆς ὁμοιότητος πρὸς τὰ αἰλουροειδῆ, τοῦ σπινθηρισμοῦ τῶν ὀφθαλμῶν, τῆς λειότητος τοῦ δέρματος, τοῦ ροδίνου χρώματος τῶν ρωθώνων, τῆς ἐλαφρότητος τοῦ πατήματος, τῆς χάριτος καὶ τῆς εὐκινησίας. Πρὸς κατάκτησιν τοιούτων προσόντων ἀφιεροῦντο, κατὰ τὸν Διόδωρον, νηπιόθεν αἱ κορασίδες εἰς τὴν θεὰν Γαλῆν, διὰ τῆς ἀναρτήσεως εἰς τὸν τράχηλον μεταλλίου φέροντος τὴν εἰκόνα τῆς Αἰγυπτίας Ἀφροδίτης, κατὰ δὲ τὸν Ἡροδότον, ὁσάκις ἀπέθνησκεν ἐντὸς αἰγυπτιακῆς οἰκίας γαλῆ, ἔκοπτον οἱ κάτοικοι εἰς ἔνδειξιν πένθους τὴν κόμην. Μετὰ τοὺς Αἰγυπτίους ἐλάτρευσαν οἱ Ἄραβες εἰς τοὺς αὐτοὺς τόπους τὸ εἴδωλον τοῦ ‘Χρυσοῦ Γάτου’, οὐδ’ ἔπαυσαν μετὰ τὴν ἀποκάλυψιν τοῦ ἑνὸς Θεοῦ νὰ τὸν κηρύττωσι τὸ κάλλιστον μετὰ τὸν ἄνθρωπον δημιούργημα, ἀντιτάσσοντες αὐτὸν ὡς σύμβολον καθαριότητος καὶ εὐγενείας εἰς τὰ λοιπὰ ζῶα καὶ μάλιστα τὸν σκύλον. Ἀλλὰ τὴν ἀληθῆ αὐτοῦ ὑπεροχὴν φαίνονται κατανοήσαντες κάλλιον παντὸς ἄλλου λαοῦ οἱ κατακτηταὶ τοῦ ἀρχαίου κόσμου Σουηβοὶ καὶ Βανδῆλοι, οἱ ἀναγράψαντες εἰς τὰς πολεμικὰς αὐτῶν σημαίας τὸ ὁμοίωμα τοῦ γάτου, ὡς τοῦ μόνου πλάσματος, τὸ ὁποῖον δύναται μὲν νὰ ἡμερωθῇ, ὄχι ὅμως καὶ νὰ ὑποδουλωθῇ.

Τοιοῦτος ὢν μόνον ὡς ἰσότιμος τοῦ οἰκοδεσπότου στέργει ὁ γάτος νὰ φιλοξενηθῇ παρ’ ἡμῖν. Ἀλλ’ ἂν δὲν δέχεται ὡς τὰ ἄλλα ζῶα νὰ δουλεύσῃ, ἕπεται ἆρα ἐκ τούτου, ὅτι δὲν δύναται οὐδ’ ὡς φίλος ν’ ἀγαπήσῃ; Ὁ τοιοῦτος ἰσχυρισμὸς ἀδύνατον εἶναι νὰ στηριχθῇ εἰς τὰ διδάγματα τῆς πείρας. Τὸ περὶ γάτου πολύκροτον ἄρθρον τοῦ Βυφών, τὸ ὑπὸ τοσούτων ἀναμασσηθὲν ψιττακῶν, ουδὲν ἄλλο ἀπ’ ἀρχῆς ἕως τέλους εἶναι παρὰ συρροὴ συκοφαντιῶν. Δὲν ἐνθυμοῦμαι τίς κριτικός, θέλων νὰ ὀνειδίσῃ τὸν Πλούταρχον ὡς ἀνακριβῆ, ἔφθασε νὰ εἴπῃ περὶ αὐτοῦ, ὅτι θὰ ἦτο ἱκανὸς νὰ διηγηθῇ ὅτι ἐνίκησαν οἱ Ἀθηναῖοι τὸν Φίλιππον ἐν Χαιρωνείᾳ, ἂν τοῦτο ἠδύνατο νὰ καταστήσῃ τὴν περίοδον αὐτοῦ στρογγυλωτέραν. Τοιαύτη μομφὴ θὰ ἥρμοζε πολὺ μᾶλλον εἰς τὸν Βυφών, ὅστις περὶ οὐδενὸς ἄλλου φροντίζων παρὰ πῶς νὰ διαπρέψῃ ὡς ρήτωρ, δὲν ἐδίστατε νὰ συγγράψῃ λίβελλον κατὰ τοῦ γάτου διὰ τὸν μόνον λόγον ὅτι εἶχεν ἀνάγκην ἀντιθέσεως πρὸς ἀνάδειξιν τοῦ ἐγκωμίου τοῦ σκύλου.

Ἐξ ἴσου ἄδικος, ἀλλὰ τουλάχιστον ἀκριβέστερος, ἀπεδείχθη ὁ εὐσεβέστατος Ἄγγλος ποιητὴς Βούνυαν (Bunnyan). Οὗτος ἐξετάζων τὸ ζήτημα οὐχὶ ἐν συνόλῳ, ὡς ἀπήτει ἡ δικαιοσύνη, ἀλλὰ θεολογικῶς ὑπὸ μόνην τὴν ἔποψιν τῆς ἠθικῆς τοῦ Εὐαγγελίου, ἀνυμνεῖ τὸν σκύλον, ὡς τέλειον πρότυπον πάσης χριστιανικῆς ἀρετῆς καὶ ἀκριβῆ τηρητὴν τῶν παραγγελμάτων τῆς ἐπὶ τοῦ Ὄρους ὁμιλίας περὶ ταπεινότητος, λήθης τῶν ὕβρεων καὶ ἀγάπης καὶ πρὸς τοὺς κακοποιοῦντας ἡμᾶς. Κατὰ τοῦτο ἔχει πληρέστατον δίκαιον ὁ Βούνυαν, ὄχι ὁμως, πιστεύομεν, καὶ ὅλως ἄδικον ὁ γάτος μόνον τοὺς ἀγαπῶντας αὐτὸν ν᾽ ἀγαπᾷ. Ἡ κατάκτησις τῆς καρδίας του δὲν εἶναι βεβαίως εὐχερὲς ἔργον. Ὁ θέλων ν᾽ ἀγαπηθῇ παρ᾽ αὐτοῦ δὲν ἀρκεῖ νὰ τὸν καλοθρέψῃ καὶ νὰ τὸν περιποιῆται, ἀλλὰ πρέπει καὶ νὰ μὴ λησμονῇ ὅτι ῥέει εἰς τὰς φλέβας του αἷμα βασιλικόν, προσφερόμενος πρὸς αὐτὸν μετὰ τῆς δεούσης εὐλαβείας.

Φύσει ὢν ἀριστοκρατικὸς ἀποστρέφεται ὁ γάτος τὴν ὑπερβολικὴν οἰκειότητα, τὴν ἀδιακρισίαν καὶ ἰδίως πᾶσαν ἀξίωσιν περιορισμοῦ τῆς ἀπολύτου αὐτοῦ ἀνεξαρτησίας. Ὑπεραγαπᾷ μὲν τὰς θωπείας, ἀλλὰ μόνον ὅταν ἔχῃ ὄρεξιν αὐτῶν. Ἀρέσκεται νὰ πηδᾷ εἰς τὰ γόνατά μας, ὄχι ὅμως καὶ νὰ συλλαμβάνεται ἀγροίκως ἐκ τοῦ τραχήλου διὰ νὰ τοποθετηθῇ ἐπ᾽ αὐτῶν ὡς δέμα· προσκαλούμενος οὐδέποτε ἔρχεται ἀμέσως ἢ κατ᾽ εὐθεῖαν, ἀλλά μετά τινα ἀναβολὴν καὶ δι᾽ ἑλιγμοῦ, ὡσεὶ θέλων ν᾽ ἀποδείξῃ ὅτι προσῆλθεν ὡς φίλος αὐθορμήτως καὶ οὐχὶ ὡς δοῦλος ὑπακούσας εἰς προσταγήν. Πολὺ μᾶλλον καὶ τοῦ σκύλου καὶ παντὸς ἄλλου ζώου εὐχαριστεῖται νὰ μένῃ μακρὰς ὥρας εἰς τὸν κοιτῶνά μας, ἀναπαυόμενος παρὰ τὴν ἑστίαν ἢ ἐπισκοπῶν τοὺς διαβάτας ἐκ τοῦ παραθύρου, ἀλλὰ θεωρεῖ προδοσίαν τὸ νὰ μὴ ἀνοιχθῇ εἰς αὐτὸν ἀμέσως ἡ θύρα, ἅμα ἐπιθυμήσῃ νὰ ἐξέλθῃ. Ὑπὲρ πᾶν ὅμως ἄλλο βδελύσσεται τοὺς διακόπτοντας τὴν σειρὰν τῶν συλλογισμῶν του ὅταν ὀνειροπολῇ ἢ τὸν ὕπνον του ὅταν κοιμᾶται. Τοῦτο κάλλιστα ἐγνώριζεν ὁ προφήτης Μωάμεθ, ὅστις σπεύδων ἡμέραν τινὰ νὰ μεταβῇ εἰς τὴν ἑσπερινὴν προσευχὴν ἐπροτίμησε νὰ κόψῃ διὰ ψαλλίδος τὴν ἄκραν τοῦ ἐνδύματός του, παρὰ νὰ ταράξῃ τὴν ἀνάπαυσιν τοῦ ἐπ᾽ αὐτοῦ ἀποκοιμηθέντος εὐνοουμένου του γάτου.

Εἰς τοὺς οὕτως ἀγαπῶντας αὐτὸν ἴσην ἀνταποδίδει καὶ οὗτος ἀγάπην, ὡς δύνανται νὰ μαρτυρήσωσιν ὅσαι υἱοθέτησαν γάτους γεροντοκόραι καὶ μετ᾽ αὐτῶν ἡ ἐκλεκτὴ φάλαγξ τῶν πάσης ἐποχῆς καὶ χώρας ἐπισήμων ἀνδρῶν. Ἀξιοσημείωτον τῷ ὄντι εἶναι ὅτι οἱ πλεῖστοι τούτων καὶ ἰδίως οἱ ἔξοχοι διπλώμαται, συγγραφεῖς, ποιηταὶ καὶ

καλλιτέχναι ἐπροτίμησαν τοῦ σκύλου τὸν γάτον. Παραλείποντες τοὺς ἀρχαίους ἀρκούμεθα νὰ μνημονεύσωμεν τὸν καρδινάλιον Ριχελιώ, τὸν Κολβέρτον, τὸν Μονταίγνιον, τὸν Χόφμαν, τὸν Φοντενέλλον, τὸν Γεράρδον Δόου, τὸν Λόπε δὲ Βέγας, τὸν Σατωβριάν, τὸν Ἐδγάρδον Πόου, τὸν Θεόφιλον Γωτιέ, τὸν Χάρτμαν καὶ τὸν Βωδελαῖρον, οἵτινες πάντες ἠγάπησαν τοὺς γάτους τῶν περιπαθῶς καὶ ἀντηγαπήθησαν παρ' αὐτῶν ὁλοψύχως. Οὐδ' εἶναι ἀνάγκη ν' ἀνατρέχωμεν πρὸς ἀπόδειξιν τῆς ἀνταποδόσεως ταύτης εἰς ἄλλους καιροὺς καὶ τόπους, ἀφοῦ οἰκεῖον καὶ πρόσφατον ἔχομεν τὸ παράδειγμα τοῖ γιγαντιαίου ἐκείνου λευκού γάτου τοῦ ἀοιδίμου Κουμουνδούρου, ὅστις, ἂν καὶ ἦτο ἡ ἐποχὴ τῶν ἐρώτων, οὐδ' ἐπὶ στιγμὴν ἀπεμακρύνθη τοῦ προσκεφαλαίου του κατὰ τὴν πολιήμερον πρὸς τον θάνατον πάλην, καὶ ἔπειτα ἐπῆγε ν' ἀποθάνῃ κ' ἐκεῖνος ἐκ τῆς λύπης εἰς μίαν γωνίαν, ἐνῶ οἱ σκύλοι τοῦ μακαρίτου ἐξηκολούθουν νὰ τρώγουν, νὰ πίνουν καὶ νὰ γαυγίζουν καὶ οἱ θερμότατοι φίλοι του μετέβαινον νὰ προσκυνήσωσι τὸν κ. Τρικούπην.

Τὴν πρὸς τοὺς γάτους συμπάθειαν τῶν συγγραφέων καὶ καλλιτεχνῶν ἐπεχείρησάν τινες νὰ ὑποτιμήσωσιν, ὀνομάζοντες αὐτὴν διαστροφήν, ὡς τὴν ὄρεξιν ὄζοντος τυροῦ, ἀώρων ὀπωρῶν ἢ ὑπερωρίμων ἑταιρῶν. Τὸ βέβαιον εἶναι ὅτι ἂν ἔλειπεν ὁ γάτος, θὰ ἦτο καταδικασμένος ὁ ἀγρυπνῶν συγγραφεὺς εἰς ἀπόλυτον μοναξίαν, ἀφοῦ οὐδενὸς ἄλλου πλάσματος δύναται νὰ συμβιβασθῇ ἡ συντροφία μετ' ἀδιαταράκτου διανοητικῆς ἐργασίας. Οἱ σκύλοι ἢ ἀπασχολοῦσι παίζοντες θορυβωδῶς ἢ κοιμῶνται ὡς ἀσπάλακες, καὶ τότε εἶναι ὡς νὰ μὴ ὑπῆρχον. Μόνος ὁ γάτος ἠξεύρει ν' ἀκινητῇ ἐπὶ ὁλοκλήρους ὥρας εἰς γωνίαν τῆς τραπέζης, στηρίζων ὡς Αἰγυπτία Σφὶγξ τὴν κεφαλὴν ἐπὶ τῶν ἐμπροσθίων ποδῶν καὶ προσηλῶν τὸ βλέμμα εἰς τὸν μελετῶντα, ὡς ἂν ἐνδιεφέρετο εἰς τὸ ἔργον αὐτοῦ. Πλειστάκις φαίνεται μαντεύων τὴν ἰδέαν τὴν καταβαίνουσαν ἀπὸ τοῦ ἐγκεφάλου εἰς τὴν ἄκραν τοῦ καλάμου τοῦ γράφοντος καὶ προτείνει τὸν πόδα «ὡς ἂν ἤθελε νὰ τὴν συλλάβῃ». Ὅταν δ' ἐπιτέλους βαρυνθῇ τὴν ἀκινησίαν, ἐγείρεται τότε ἡσύχως, τανύει τὴν ἐλαστικήν του ράχιν εἰς σχῆμα βυζαντινῆς ἁψῖδος καὶ ἀρχίζει ἥσυχον περίπατον διὰ τῶν λεξικῶν καὶ τῶν μελανοδοχείων. Γνωστὸν εἶναι ὅτι ὁ σκύλος τοῦ Νεύτωνος Ἀδάμας ἀνατρέψας τὸν λύχνον ἐπὶ σωροῦ χειρογράφων ἔγινε παραίτιος ν' ἀπωλεσθῇ ὁ καρπὸς πολυετοῦς μελέτης. Ἀλλ' ἐκ τῆς περιφορᾶς τοῦ γάτου ἐπὶ τῆς τραπέζης οὐδεὶς ἀπειλεῖται κίνδυνος χύσεως, οὔτε μελάνης οὔτε πετρελαίου. Τὸ βάδισμά του ἐνθυμίζει τὸν ἐπὶ αὐγῶν χορὸν τῶν Ἱσπανίδων ἢ τοὺς

Ὁμηρικοὺς ἐκείνους, τοὺς τρέχοντας δι᾽ ἀγρῶν καὶ λειμώνων χωρὶς νὰ θραύσωσιν οὔτε τοὺς στάχεις, οὔτε τὰ κρίνα.

Ἄλλοτε πάλιν, ἀφοῦ διὰ μακρὰς ἐργασίας μεταδώσῃ στιλπνότητα κατόπτρου εἰς τὸ ἀτλάζινον αὐτῆς δέρμα, προσέρχεται ἡ γαλῆ νὰ προσφέρῃ ἑαυτὴν οὕτω καλλωπισθεῖσαν εἰς τὰς θωπείας τοῦ κυρίου της. Αἱ ἐνδείξεις τῆς ἀγάπης της οὐδὲν ἔχουσι κοινὸν πρὸς τὴν θορυβώδη προπέτειαν τῶν κυνῶν, ἀλλ᾽ ἀριστοκρατικήν τινα ἐπιφύλαξιν καὶ σεμνότητα, ὑπεραρέσκουσαν εἰς τὸν καλλιτέχνην, ὅστις, ἂν εἶναι πράγματι τοιοῦτος, μισεῖ καὶ ἀποστρέφεται ὑπὲρ πᾶν ἄλλο τὴν επίδειξιν, τὸν στόμφον καὶ τὴν αἰσθηματικὴν κοινοτοπίαν. Δύσκολον δὲ φαίνεται νὰ μὰ θεωρήσωμεν τὴν ἐπίμονον πρὸς στίλβωσιν τοῦ τριχώματος αὐτοῦ ἐργασίαν τοῦ γάτου, ὡς πολύτιμον εἰς τοὺς γράφοντας ὑπόμνησιν, ὅτι ἴσον πρέπει καὶ οὗτοι νὰ καταβάλλωσι κόπον πρὸς τέλειον τοῦ ὕφους των ὁμαλισμόν. Ζητῶν συγγνώμην διὰ τὴν καὶ ὑπὲρ τοῦ ἰδικοῦ μου γάτου περιαυτολογίαν, τολμῶ νὰ προσθέσω εἰς τ᾽ ἀνωτέρω καὶ τὸ ἐξῆς ἰδιαίτερον αὐτοῦ προσόν, ὅτι ὁσάκις βλέπει ἐπὶ πολλὴν ὥραν τὴν χεῖρά μου ἀκινητοῦσαν ἐξ ἀνικανότητος νὰ συρράψῃ ἄλλην περίοδον μετὰ τῆς προηγουμένης, ἔρχεται τότε καὶ ἁπλώνεται ἐπὶ τοῦ χειρογράφου μου μακρὺς πλατύς, ὡς ἂν ἤθελε νὰ μὲ εἰδοποιήσῃ, ὅτι προτιμότερον εἶναι νὰ ὑπάγω νὰ κοιμηθῶ παρὰ νὰ ἐπιμένω γράφων φράσεις ὑπνωτικάς.

Ἀπορίας ἄξιον εἶναι πῶς οὐδεὶς φυσιοδίφης ἔτυχεν ἀκόμη νὰ παρατηρήσῃ τὴν εἰς μόνον τὸ γένος τῶν οἰκιακῶν αἰλούρων παρατηρουμένην προφανῆ τοῦ θήλεος ὑπεροχήν. Ἡ γάτα εἶναι ανωτέρα τοῦ γάτου, ὅσον τουλάχιστον ἡ Πολωνὶς τοῦ Πολωνοῦ. Ἡ ὑπεροχὴ αὕτη πρέπει ἴσως ν᾽ ἀποδοθῇ εἰς τὸ ὅτι τὸ ζῶον καὶ τὸ ἔθνος τοῦτο, ἔχουσιν ἀμφότερα χαρακτῆρα φύσει θηλυκόν, ὀξύν, εὐπαθῆ, εὐερέθιστον, ἰδιότροπον, φιλήδονον, ράθυμον καὶ αἰσθηματικόν, τὰ δὲ γυναικεῖα ταῦτα προσόντα ἑπόμενον εἶναι ν᾽ ἀναδεικνύωνται ἐναργέστερα καὶ λαμπρότερα εἰς τὰς θηλείας. Διὰ τὸν αὐτὸν λόγον, διὰ τὸν ὁποῖον ὑπερέχει ὁ ἐμβριθὴς Ἄγγλος τὴν Ἀγγλίδα κατὰ τὴν ἐμβρίθειαν, ἔπρεπε νὰ εἶναι καὶ ὁ εὔχαρις Σλάβος κατώτερος τῆς γυναικός του κατὰ τὴν χάριν. Ἀγνοῶ κατὰ πόσον ἀληθεύουσιν ὅσα διηγοῦνται ὁ Καραμζῖνος καὶ ὁ κακόγλωσσος Καζανόβας περὶ τοῦ δεσποτικοῦ χαρακτῆρος καὶ τῶν ἐλευθέρων ἠθῶν τῶν μεγάλων δεσποινῶν τῆς Πολωνίας, βέβαιον ὅμως εἶναι ὅτι ἡ γάτα καταχρᾶται κάπως τὴν ὑπεροχὴν αὐτῆς. Εἰς οὐδένα ἄλλον ὑποτάσσεται πλὴν τῆς ὀρέξεως αὐτῆς ζυγόν· δὲν θέλει δεσπότην, ἀλλ᾽ ἀρέσκεται νὰ σύρῃ ὄπισθεν τῆς οὐρᾶς της ὑπόδουλον σμῆνος

λατρευτῶν. Καίτοι ὅμως οὖσα τὸ ἡδυπαθέστατον τῶν ζώων εἶναι συγχρόνως καὶ τὸ μόνον τὸ προικισθὲν ὑπὸ τοῦ δημιουργοῦ διὰ τοῦ ανθρωπίνου αἰσθήματος τῆς αἰδοῦς. Οὐδεὶς εἶδε ποτὲ γάταν παραδιδομένην εἰς ἐρωτικὰς περιπτύξεις ὑπὸ τὸ φέγγος τοῦ ἡλίου καὶ τὰ βλέμματα παντὸς διάβάτου, ὡς πράττουσιν αἱ σκύλαι, αἱ ὄρνιθες, αἱ αἶγες καὶ τ' ἄλλα ἀδιάντροπα κτήνη, ἀλλὰ ζητεῖ τὸ σκότος τῆς νυκτὸς καὶ τὴν μοναξίαν ἀπατήτων κορυφῶν. Διὰ τοῦτο πιθανῶς ἐξωμοιώθη ἐν Αἰγύπτῳ ὄχι μόνον πρὸς τὴν Ἀφροδίτην, ἀλλὰ καὶ πρὸς τὴν αἰδήμονα Ἄρτεμιν, τὴν λαθραίως ἐπισκεπτομένην ἐπὶ τῶν ἀκρωρειῶν τοῦ Λάκμωνος τὸν φίλον της ποιμένα. Ὅσοι ἀνέγνωσαν βιβλία νευρολόγων κάλλιστα γνωρίζουσιν, ὅτι εἴς τινας ἐξόχως εὐπαθεῖς φύσεις μεταβάλλεται ἐνίοτε εἰς αἴσθημα ὀδύνης ἡ ὑπερτάτη ἔντασις τῆς ἡδονής. Τοιαύτην ὑπερευαισθησίαν πρέπει νὰ ὑποθέσωμεν ὑπάρχουσαν καὶ εἰς τὴν γαλῆν, τῆς ὁποίας οἱ ἐρωτικοὶ στεναγμοὶ ἠχοῦσι πολλάκις εἰς τὴν ἀκοὴν τῶν ἀγρυπνούντων ὡς γόοι σφαζομένης.

Ἄλλη ἀπόδειξις τῆς ἐξαιρετικῆς παρ' αὐτῇ ἀναπτύξεως τοῦ νευρικοῦ συστήματος εἶναι ἡ κλίσις πρὸς τὴν μουσικήν. Τὴν μελομανίαν ταύτην ἐξηκρίβωσαν ἐπιστημονικῶς ὁ Γρέυ, ὁ Λεκλὲρκ καὶ ἄλλοι διάσημοι φυσιοδῖφαι, κατὰ δὲ τὸν Τουσενὲλ ἡ συγκίνησις, τὴν ὁποίαν προξενοῦσιν εἴς τινας γαλᾶς αἱ λιγυραὶ μελωδίαι, φθάνει ἐνίοτε μέχρι λιποθυμίας. Ἡ ὁμοιότης ἐν γένει τῆς γάτας πρὸς φιλήδονον δέσποιναν ἢ καὶ ἀριστοκρατικὴν ἑταίραν φαίνεται ὑπὸ πᾶσαν ἔποψιν τελεία. Ὅπως αἱ κυρίαι μὲ τὰς καμελίας, οὕτω καὶ αὕτη ἀγαπᾷ νὰ μεταβάλλῃ τὴν νύκτα εἰς ἡμέραν, τὸ πρωινὸν ἐξάπλωμα παρὰ τὴν ἑστίαν, τοὺς χνοώδεις τάπητας τοὺς προφυλάσσοντας τοὺς ροδίνους πόδας της ἀπὸ τὴν ὑγρασίαν, τὸν πολύωρον καλλωπισμόν, τὰ ἀρώματα, τὸ ἀνθόγαλα, τὰς θωπείας, τὰ σπαράγγια, τὰ μαλακὰ ἀνάκλιντρα, τὰ μετάξινα παραπετάσματα καὶ ἰδίως τὰ τρίχαπτα, τὰς φούντας καὶ τὰ κρόσσια πρὸς ἄσκησιν εἰς τὸ σπάραγμα τῶν στιλπνῶν αὐτῆς ὀνύχων.

Τοιαύτη ἀκριβῶς ἦτο ἡ ἡρωὶς τοῦ παρόντος διηγήματος Συριανὴ γάτα, συνυπότροφός μου εἰς τὸ ἤδη μνημονευθὲν Λύκειον τοῦ Εὐαγγελίδου καὶ φέρουσα τὸ ὄνομα Σεμίρα. Τὸ γλαυκὸν χρῶμα τῶν ὀφθαλμῶν καὶ τὸ τρίχρουν τοῦ τριχώματος αὐτῆς καθίστανον πιθανὴν τὴν ὑπόθεσιν ὅτι ἦτο γένους μικτοῦ. Ὁ εἷς ἐκ τῶν γονέων της κατήγετο πιθανῶς ἀπὸ τὴν Ἄγκυραν, ὁ δὲ ἄλλος ἀπὸ τὰ κεραμίδια. Πολλοὶ μεταξὺ τῶν συμμαθητών μου ἦσαν οἱ ἐπιδιώκοντες τὴν εὔνοιαν καὶ τὴν συντροφίαν τῆς εὔμορφης Σεμίρας, πρὸ πάντων τὸν χειμῶνα, εἰς τοὺς

παγεροὺς κοιτῶνας τοῦ Λυκείου. Τοὺς ἀντιζήλους τούτους εἶχον κατορθώσει νὰ παραγκωνίσω δι' ἀνωτέρας προσφορὰς λιχνευμάτων, τεχνικωτέρου ξυσίματος τῆς κεφαλῆς καὶ πρὸ πάντων διὰ τῆς χρήσεως τοῦ γατικοῦ ἀγαποχόρτου, τῆς 'βαλεριάνας' δηλ., ὡς τὴν λέγουσιν οἱ Φράγκοι, ἢ τοῦ 'φοῦ', ὡς τὴν ὠνόμαζον οἱ ἀρχαῖοι Ἕλληνες ἰατροί, οἱ οὐδόλως ἐντρεπόμενοι, ὡς οἱ σημερινοί, νὰ μεταχειρίζωνται ξένας ἀκλίτους λέξεις. Ἡ ὀσμὴ τοῦ χόρτου τούτου ὑπεραρέσκει ὄχι μόνον εἰς τὰς γαλᾶς, ἀλλὰ καὶ εἰς πολλὰς κυρίας καὶ ἰδίως τὰς πρεσβυτέρας Ἀθηναίας, ὡς κάλλιστα ἐγνώριζεν ὁ ἀοίδιμος γυναικολόγος Βενιζέλος, ὁ ἀναμιγνύων βαλεριάναν εἰς ὅλας του ἀνεξαιρέτως τὰς συνταγάς, ὅπως ὁ Ρηγόπουλος εἰς ὅλας του τὰς ἀγορεύσεις τὸν Νιαγάραν.

Χάρις εἰς τὸ χόρτον τοῦτο καὶ τὴν μοναδικὴν σύμπτωσιν παντοίων ἄλλων εὐνοϊκῶν περιστάσεων, ὑπῆρξα ἐπί τινας ἑβδομάδας τὸ εὐτυχέστερον ὑπὸ τὸν ἥλιον ἀνθρωπάριον. Ὁ διευθυντὴς τοῦ Λυκείου διέσχιζε κατ' ἐντολὴν τοῦ μακαρίτου βασιλέως Ὄθωνος τὸν Ἀτλαντικόν, μεταβαίνων νὰ κηρύξῃ εἰς τοὺς Ἀμερικανοὺς τὸ εὐαγγέλιον τῆς μεγάλης ἰδέας· παρὰ τοῦ Γερμανοῦ μετοίκου Μπέκ, πατρός, νομίζω, τοῦ ἡμετέρου βιβλιοπώλου, εἶχε συστηθῇ πρὸ μικροῦ τὸ πρῶτον τῆς Ἑλλάδος δανειστήριον γαλλικῶν βιβλίων ἀντὶ συνδρομῆς τριῶν κατὰ μῆνα δραχμῶν καὶ ἄλλας τόσας εἶχον δαπανήσει εἰς λαθραίαν προμήθειαν κηρίων. Οἱ δύο σύνοικοί μου παθόντες ἱλαρὰν εὑρίσκοντο εἰς τὸ θεραπευτήριον, ὥστε ἤμην ἀπόλυτος κύριος τοῦ θαλάμου μου. Ἡ τοιαύτη μόνωσις καὶ ἀνεξαρτησία εἶναι ἡ γλυκυτάτη τῶν ἀπολαύσεων διὰ δυστυχῆ ὑπότροφον σχολείου καταδικασμένον εἰς ἄπαυστον καταναγναστικήν συγχρώτισιν μὲ παντὸς εἴδους συντρόφους. Εἰς τὸν θάλαμον ἐκείνον, παράπλευρον ἔχων τὴν Σεμίραν, διῆλθον τὰς εὐτυχεστάτας τοῦ βίου μου ἀύπνους νύκτας, ἀναγινώσκων πρώτην φορὰν τοὺς 'Τρεῖς Σωματοφύλακας', τὸν 'Μοντεχρῖστον', τὸν 'Οὐσκὸκ' καὶ τὰ ἄλλα ἀλησμόνητα τῆς ἐποχῆς ἐκείνης ἔργα, τὰ ὑπερέχοντα τὰ ψυχολογήματα τοῦ Βουρζὲ καὶ τὰ φυσιολογήματα τοῦ Ζολᾶ, ὅσον ἡ 'Νόρμα', ἡ 'Σονάμπουλα' καὶ ἡ 'Λουκία' τὰ σοφὰ γυμνάσματα τοῦ Ἀμβρουὰζ Θωμᾶ καὶ τοῦ Σαμάρα. Εἰς τὴν ὑπέροχον τῶν ἀναγνωσμάτων ἐκείνων αξίαν πρέπει νὰ προστεθῇ τῆς δωδεκαετοῦς μου φαντασίας ἡ παρθενία. Ὅταν μ' ἐκούραζεν ἡ ἀνάγνωσις ἢ μᾶλλον ἡ ἔντασις τῆς συγκινήσεως, συνεπαίζαμεν μὲ τὴν Σεμίραν, ἢ ἐμοιράζαμεν ἀδελφικῶς κουραμπιέν, τσουρέκι, χριστόψωμον ἢ ἄλλο φιλοδώρημα τῆς καλῆς μου κηδεμόνος, καὶ ἡ ἀγρυπνία παρετείνετο πολλάκις μέχρις οὗ ἀντήχει τὸ ἆσμα τῶν

σαλεπιτζήδων, τῶν πετεινῶν, τῶν λαχανοφόρων γαϊδάρων καὶ τῶν ἄλλων προδρόμων τῆς ροδοδακτύλου Ἠοῦς.

Ἡ χαριτόβρυτος ἐν τούτοις Σεμίρα εἶχε θανάσιμον ἐντὸς τοῦ Λυκείου ἐχθράν. Αὕτη ἦτο ἡ ἀπό τινων μηνῶν ἐκτελοῦσα ἔργα οἰκονόμου. Προτιμῶν νὰ σιωπήσω τὸ ὄνομα τῆς γυναικὸς ταύτης ἀρκοῦμαι νὰ εἴπω ὅτι τὴν εἶχον μεταβαπτίσει 'Λάμιαν' οἱ μαθηταί. Πατρίδα εἶχε τὴν Ὕδραν καὶ ἡλικίαν φθινοπωρινήν. Ἀλβανὴ προφανῶς τὸ γένος, μὲ ἀνάστημα δίπηχυ καὶ ὤμους ἀχθοφορικούς, ὡμοίαζε Λιάπην γυναικοφορεμένον. Πρὸς συμπλήρωσιν τῆς περιγραφῆς της ἀρκεῖ νὰ προσθέσω ὅτι ἀπὸ τὰς περιζητήτους ὑπὸ τῶν ἀρχαίων ὁμοιότητας τῆς γυναικὸς πρὸς γαλῆν δὲν εἶχεν ἡ Λάμια παρὰ μίαν, ὄχι βεβαίως τὴν εὐκαμψίαν, τὴν λειότητα, τὴν χάριν ἢ τὸ ρόδινον χρῶμα τοῦ χείλους, ἀλλὰ μόνον ἱκανῶς πυκνὸν μύστακα ὑπεράνω αὐτοῦ. Οὐδ' ἦτο χαριέστερος τοῦ προσώπου τῆς γεροντοκόρης ὁ χαρακτήρ. Πρὸς ἐκτίμησην αυτοῦ δύναται νὰ χρησιμεύσῃ, ὅτι μὴ θεωροῦσα τὸν μύστακα καὶ τὰ σαρανταπέντε τουλάχιστον ἔτη της ἱκανὰ νὰ ἐμπνεύσωσιν ἐπαρκῆ σεβασμόν, ἐθεώρει πρέπον νὰ προσφέρεται μετὰ περισσῆς σοβαρότητος καὶ αἰδημοσύνης μὲ τοὺς οὐδόλως «βλέποντας πρὸς τὸ ἐπιθυμῆσαι αὐτῆς». Ὁ φόβος της τῶν ἀσέμνων θεαμάτων ἦτο τοσοῦτος, ὥστε λησμονοῦσα ὅτι καὶ αὐταὶ αἱ καλογραίαι θεωροῦσι τοὺς πάσχοντας ὡς ουδετέρους, οὐδ' εἰς ἑξαετὲς παιδάριον ἔστεργε νὰ ἐπιθέσῃ κατάπλασμα, περὶ δὲ κλύσματος οὐδὲ λόγος ἠδύνατο νὰ γίνῃ. Ἀντὶ ὅμως αὐξήσεως σεβασμοῦ οὐδὲν ἄλλο ἐκ τῆς τοσαύτης ἐπιδείξεως σεμνότητος παρὰ τῶν μαθητῶν ἀπελάμβανε, παρὰ καθημερινὰς πεζάς τε καὶ ἐμμέτρους διακαοῦς ἔρωτος δηλώσεις. Τὰς ἐπιστολὰς ταύτας, διὰ τῶν ὁποίων ἀνυμνοῦντο ὑπὲρ πᾶν ἄλλο τῶν θελγήτρων της τοῦ μύστακος αὐτῆς αἱ τρίχες, ἔσπευδε μετ' αἰδήμονος ἀγανακτήσεως νὰ καταγγείλῃ εἰς τὸν προσωρινὸν διευθυντὴν μακαρίτην Φαβρίκιον, πολυμαθέστατον καὶ ἀγαθώτατον Γερμανὸν μ' εὔθυμον διάθεσιν καὶ μύτην κόκκινην μετὰ τὸ γεῦμα. Τοιοῦτος ὢν δυσκόλως κατόρθωνε νὰ κρατήσῃ τὸν γέλωτα ὅταν ἐπέπληττε τὸν ἔνοχον, εἰς τὸν ὁποῖον ἐπέβαλλε νὰ ζητήσῃ συγγνώμην ἀπὸ τὴν ἀξιότιμον 'δεσποινίδα' ἐνώπιον ὅλων του τῶν συμμαθητῶν. Αἱ σκηναὶ ἐκεῖναι δημοσίας αἰτήσεως συγγνώμης ἦσαν ὄντως διασκεδαστικαί. Ἀκριβὰ ὅμως ἐπλήρωναν οἱ δυστυχεῖς ὑπότροφοι τὴν διασκέδασιν ἐκείνην. Ἡ Λάμια ἦτο τότε ἀπόλυτος καὶ ἀνεξέλεγκτος τοῦ Λυκείου τροφοδότις, ἡ δὲ τροφὴ ἦτο μὲν κατὰ τὴν καθιερωμένην φράσιν 'ὑγιεινὴ καὶ ἀρκοῦσα', ἀλλά, καὶ ὅπως εἰς ὅλα τὰ σχολεῖα, τὰ ἀρεστότερα τοῦ γεύματος συστατικὰ ἦσαν ὁ πρόσφατος ἄρτος καὰ τὰ ὀπωρικά. Τὰ

τελευταῖα ταῦτα εἶχε προγράψει ὁ φόβος τῆς μαστιζούσης ἤδη τὰς Ἀθήνας ἀσιατικῆς ἢ μᾶλλον ἀγγλογαλλικῆς χολέρας, τὰ δὲ ψωμία ἐφεῦρε πρὸς ἐπίδειξιν οἰκονομικῆς δεινότητος ἡ Λάμια νὰ κλείῃ ἐπιστρέφοντα ἐκ τοῦ φούρνου ἐπὶ τρεῖς ἢ τέσσαρας ἡμέρας εἰς ὑψηλὸν ἑρμάριον διὰ νὰ 'δαμάσουν', ὡς αἱ πέρδικες καὶ οἱ φασιανοί, εὐλόγως παρατηροῦσα ὅτι τρώγεται πολὺ ὀλιγώτερος ἄρτος ὅταν εἶναι ξηρός. Ἡ ἐφεύρεσις αὕτη καὶ ὁ περιορισμὸς τῶν ἀλλαγῶν ὑποκαμίσου εἰς δύο τὴν ἑβδομάδα μετέβαλον εἰς ἀγανάκτησιν τὴν εὐθυμίαν τῶν μαθητῶν, οἵτινες συνελθόντες εἰς μυστικὸν συνέδριον ἀπεφάσισαν παμψηφεὶ ν' ἀναθέσωσι τὴν ἐκδίκησιν αὐτῶν εἰς τὴν Σεμίραν.

Πρὸς κατανόησιν τῆς ἐκδικήσεως ταύτης πρέπει νὰ εἴπωμεν, ὅτι ἡ τόσον σεμνὴ ἐκείνη παρθένος, ἡ καλύπτουσα, ὁσάκις μετέβαινεν εἰς τὴν αὐλήν, μὲ τὴν χεῖρα τοὺς ὀφθαλμοὺς διὰ νὰ μὴ τοὺς σκανδαλίσωσιν οἱ ἆθλοι τοῦ πετεινοῦ, ἐζήλευεν ἐν τούτοις τὰς ὄρνιθας εἰς τὸ βάθος τῆς ψυχῆς της. Ἀπὸ εἰκοσιπέντε τουλάχιστον ἐτῶν οὐδὲν ἄλλο ὠνειρεύετο παρὰ τὰς ἀπολαύσεις ἔρωτος θεμιτοῦ καὶ ὑπὸ τῆς ἐκκλησίας εὐλογημένου. Ἀφοῦ ἐδαπάνησεν ὅλον τέταρτον αἰῶνος ὑφαίνουσα ἱστοὺς πρὸς ἄγραν συζύγου, ἐξηκολούθει ἀκόμη νὰ ὑφαίνῃ ἡ ἀκούραστος ἐκείνη ἀράχνη. Πλὴν τῆς ἤδη ὑμνηθείσης σεμνότητος πολλὰ ἄλλα ἐπεδείκνυε πρὸς ἐπιτυχίαν τοῦ ποθουμένου προσόντα, ἐργατικότητα, ὀλιγάρκειαν, μαγειρικὴν τέχνην, χειροτεχνήματα καὶ νοικοκυρωσύνην, δραστηριώτερον ὅμως πάντων τούτων δελέασμα ἐνόμιζε τὴν ἐπίδειξιν τῆς κλίνης της.

Ἀληθὲς εἶναι ὅτι ἡ κλίνη αὕτη, ἂν καὶ ὀλίγον ἀρχαϊκή, ἦτο πράγματι ἀξιοθέατος, σιδηρᾶ, εὐρύχωρος, μ' ἐπίχρυσον ἄνω τῆς κεφαλῆς ζεύγος ἀσπαζομένων τρυγόνων. Ἀκόμη πλουσιώτερα ἦσαν τὰ στρωσίδια. Τὰς ἄκρας τῆς ἄνω σινδόνος ἐστόλιζε κόκκινος μαίανδρος καὶ ἄλλος πλατύτερος τὰ παραπετάσματα· τὰ ἐφαπλώματα ἦσαν μεταξωτὰ καὶ τὸ ἐκ πτεροῦ σκέπασμα τῶν ποδῶν ἄνωθεν κεντητὸν μὲ ὑπόραμμα ἐκ χρυσίζοντος ἀτλαζίου. Εἰς δὲ τὸν τοῖχον ἐθάμβωνε τὴν ὅρασιν χρυσάργυρος Παναγία μ' ἐρυθρὰν κάτωθεν κανδήλαν· οὐδ' ἔλειπαν τὰ βάγια, τὰ φυλακτά, οἱ σταυροὶ καὶ ἡ κογχύλη τοῦ Παναγίου Τάφου. Ἀλλὰ τὸ πρὸ πάντων διακρίνον τὴν κοίτην ἐκείνην ἀπὸ πᾶσαν ἄλλην εἶναι, ὅτι οὐδεὶς οὐδέποτε οὔτε νύκτα οὔτε ἡμέραν ἐπ' αὐτῆς ἀνεπαύθη. Ἡ Λάμια ἐκοιμᾶτο εἰς παρακείμενον σοφᾶν, ἡ δὲ ὡραία ἐκείνη κλίνη τῆς ἐχρησίμευε διὰ νὰ γυμνάζεται εἰς κεντήματα, νὰ τὴν καλλωπίζῃ, νὰ τὴν καμαρώνῃ καὶ νὰ τὴν ἐπιδεικνύῃ εἰς τοὺς ἐπισκέπτας της, μέχρις οὗ

εὑρεθῇ ὁ προσφερόμενος νὰ συναναβῶσιν ὁμοῦ ἐπ' αὐτῆς, μὲ τὴν ἄδειαν τοῦ δεσπότη καὶ τὴν εὐλογίαν τοῦ παπᾶ. Ὡς καταλληλότατος πρὸς τοῦτο ἐθεωρεῖτο ἀπό τινος χρόνου ὑπ' αὐτῆς ὁ παντοπώλης τοῦ Λυκείου, χῆρος μισοκαιρίτης, τὸν ὁποῖον ἐδέχετο τὴν Κυριακὴν μετὰ τὴν λειτουργίαν εἰς τὸν νυμφῶνά της πρὸς τακτοποίησιν τοῦ λογαριασμοῦ τῆς ἑβδομάδος, ἀφίνουσα διὰ τὸ ἀσκανδάλιστον ὀρθάνοικτον καὶ τὸν χειμῶνα τὴν θύραν.

Τῷ καιρῷ ἐκείνῳ εὑρίσκετο εἰς τὴν ἀκμήν του ὁ μετασχηματισμὸς τῶν Συριανῶν εἰς Εὐρωπαίους, τὸν ὁποῖον ὠνόμαζον, μὲ συμπάθειο, 'ξεβράκωμα'. Αἱ φέσσαι καὶ αἱ βράκαι ἐξηφανίζοντο ἀλλεπάλληλοι, ὡς τὰ πρωινὰ ἄστρα, ὑπὸ τὰς ἀκτῖνας τοῦ ἑσπερίου πολιτισμοῦ. Παρασυρθεὶς ὑπὸ τοῦ ρεύματος ἐπαρουσιάσθη Κυριακήν τινα καὶ ὁ βακάλης εἰς τὴν πρωινήν του ἐπίσκεψιν μετημφιεσμένος εἰς Εὐρωπαῖον ἀπὸ κορυφῆς μέχρι ποδῶν. Ὅπως πᾶς ἄλλος νεόφραγκος, ἑπόμενον ἦτο νὰ φαίνεται καὶ οὗτος γελοιωδέστατος κατὰ τὰς πρώτας τοῦ 'ξεβρακώματος' ἡμέρας· οἱ καγχασμοὶ τῶν μαθητῶν ἠκούσθησαν ἕως εἰς τὸ Νησάκι. Πολὺ ὅμως διάφορος ἦτο ἡ ἐντύπωσις, τὴν ὁποίαν ἐπροξένησεν ἡ μετένδυσις εἰς τὴν Λάμιαν, ἥτις ἀπὸ τῆς ἡμέρας ἐκείνης οὐδὲν ἄλλο ὠνειρεύετο παρὰ ν' ἀπαρνηθῇ κ' ἐκείνη τὸ πάτριον τσεμπέρι καὶ κοντογούνι. Οὐδ' ἐβράδυνε νὰ μεταβῇ ἀπὸ τοὺς λόγους εἰς τὰ ἔργα ἢ μᾶλλον εἰς τὰ ἐμπορικὰ πρὸς προμήθειαν τοῦ πρώτου ὑλικοῦ τῆς μεταμορφώσεως.

Τὸ μαλλινομέταξον τοῦ φορέματος, ἡ τότε ἀπαραίτητος 'πελερίνα', ἡ πόλκα, τὸ 'μαλακὼφ' ἢ πυγόκοσμος, ὡς τὸ εἶχεν ἐξελληνίσει ὁ καθηγητὴς τοῦ Συριανοῦ γυμνασίου κ. Φαρδούλης, τὰ θηλυκωτὰ ὑποδήματα καὶ τ' ἄλλα εὑρέθησαν μετὰ σχετικῆς εὐκολίας. Τὸ μόνον ἀπαιτοῦν μεγάλην συλλογὴν ἦτο τὸ καπέλον. Τὸ τότε κάλυμμα τῆς κεφαλῆς τῶν κυριῶν δὲν ἦτο, ὅπως σήμερον, ἓν τίποτε κοστίζον ἑκατὸν φράγκα, ἀλλ' ὑψηλόν, πλατύγυρον καὶ πολύπλοκον οἰκοδόμημα, ἐκ χαρτονίου, σιδηροῦ σύρματος, βελούδου, ἀνθέων καὶ πτερῶν, μετέχον πύργου, κήπου καὶ πτηνοτροφείου. Εἰς τὴν Σύρον μάλιστα ἐβασίλευον ἀκόμη αἱ γιγάντειαι 'παμέλαι' τοῦ Λουδοβίκου Φιλίππου, καίτοι ἀπὸ τρία ἤδη ἔτη ἐβασίλευεν εἰς Παρισίους ὁ Λουδοβῖκος Ναπολέων. Ἀλλ' ἐπὶ τέλους συνετελέσθη καὶ τοῦ πίλου ἡ κατασκευὴ καθ' ὅλους τοὺς κανόνας τῆς γαλλοσυριανῆς τέχνης. Ἦτο ἀπὸ βελοῦδον βαθυπράσινον, καὶ οὔτε ἄνθη τοῦ ἔλειπαν, οὔτε οὐραὶ στρουθοκαμήλων. Οὕτω σαββατιανήν τινα ἑσπέραν, μετὰ πολλοὺς κόπους καὶ δρόμους, ὁ περίφημος πῖλος

εὑρίσκετο ἐντὸς χαρτίνου κουτίου ἐπὶ τῆς ἱματιοθήκης, τὰ ἐνδύματα ἡπλωμένα ἐν τάξει καὶ συμμετρίᾳ ἐπὶ τῆς παρθενικῆς κλίνης, καὶ πλησίον αὐτῶν τὰ στιλπνὰ ὑποδήματα καὶ τὰ μεταξωτὰ χειρόκτια, ὅλα ἕτοιμα διὰ τὴν αὔριανὴν μεταμόρφωσιν τῆς Λαμίας εἰς Εὐρωπαίαν. Ἀλλ' ἕτοιμη ἦτο καὶ ἡ Σεμίρα.

Ὁ λόγος τῆς τοσαύτης κατὰ τοῦ χαριτοβρύτου τούτου πλάσματος ἔχθρας τῆς οἰκονόμου ἦτο, ὅτι ὡς ὅλαι αἱ γάται καὶ μᾶλλον πάσης ἄλλης ὑπερηγάπα ἡ ἰδική μας τὴν ζέστην καὶ τὸ ἄπλωμα εἰς τὰ μαλακά. Τούτων τὸ ἄκρον ἄωτον δὲν ἠδύνατο νὰ εὕρῃ παρὰ μόνον εἰς τὴν μεγαλοπρεπῆ ἐκείνην κλίνην. Ἐκεῖ λοιπὸν κατέφευγε τακτικὰ κατ' ἀπόγευμα ἀκριβῶς μεταξὺ τοῦ ἐφαπλώματος καὶ τοῦ σκεπάσματος τῶν ποδῶν, ἔχουσα ἀτλάζι ὑπὸ τὴν κοιλίαν καὶ πίπουλον ἐπάνω εἰς τὴν ράχιν. Ἡ Λάμια μίαν μόνην πρώτην καὶ τελευταίαν φορὰν ἐπέτυχε νὰ τὴν συλλάβῃ ἀνύποπτον καὶ νὰ τὴν δείρῃ ἀνηλεῶς. Ἀλλ' οὐδὲν ἄλλο κατώρθωσε διὰ τῆς ράβδου της νὰ τὴν διδάξῃ, παρὰ μόνον νὰ φυλάττεται, ουχὶ ὅμως καὶ ν' ἀπέχῃ τοῦ μεταξοστρώτου ἐκείνου παραδείσου. Ἔκτοτε ἐξηκολούθουν καθημερινῶς τῆς γάτας αἱ ὑπὸ τὸ σκέπασμα κατακλίσεις καὶ τῆς γυναικὸς αἱ μάταιαι καταδιώξεις. Ἡ τοιαύτη καθ' ἑκάστην καὶ κατὰ τὴν αὐτὴν σχεδὸν ὥραν μονομαχία συγκατελέγετο μεταξὺ τῶν τακτικῶν διασκεδάσεων τῶν ὑποτρόφων. Ἡ Λάμια, παραμονεύουσα παρὰ τὴν θύραν, εὐθὺς ἅμα παρετήρει ὑψούμενον ἐπὶ τῆς πεδιάδος τῆς κλίνης τὸν λόφον τὸν ἀγγέλλοντα τὴν παρουσίαν τῆς Σεμίρας ὑπὸ τὸ πίπουλον, ἐπλησίαζεν ἀκροποδητί, μὲ τὴν ἐλπίδα νὰ τὴν καταφθάσῃ κοιμωμένην· ἀλλὰ καθ' ἣν ἀκριβῶς στιγμὴν ὑψώνετο τὸ σκουπόξυλον, ἀπετίνασσε τὸ πονηρὸν ζῶον τὸ σκέπασμα καὶ ἐξώρμα δι' ἑνὸς πηδήματος εἰς ὑψηλὸν ράφι. Ἂν δὲ καὶ ἐκεῖ ἠπειλεῖτο διὰ βλημάτων, ἠδύνατο τότε κατ' ἀρέσκειαν εἴτε νὰ κράξῃ εἰς βοήθειαν τοὺς μαθητὰς εἴτε νὰ ζητήσῃ ἄσυλον ἐπὶ τὰ κεραμίδια, δι' ἀφράκτου τινὸς φεγγίτου χρησιμεύοντος εἰς φωτισμὸν τοῦ γείτονος σκοτεινοῦ διαδρόμου.

Τὴν ἀξιομνημόνευτον ἐκείνην ἑσπέραν ὁ ὑποδειχθεὶς διὰ λαχνοῦ συνωμότης, ὠφελούμενος τῆς στιγμῆς, καθ' ἣν ὑπέβαλεν ἡ οικονόμος τὴν συνήθη ἔκθεσίν της εἰς τὸν διευθυντήν, εἰσήρχετο λαθραίως εἰς τὸν κοιτῶνά της, ἔπραττεν ἐκεῖ ὑπὸ τὸ φῶς τῆς κανδήλας τὰ προαποφασισθέντα καὶ κατώρθωνε νὰ ἐξέλθῃ ἀπαρατήρητος. Οἱ ἄλλοι παρέμενον εἰς τὸν διάδρομον καὶ τὸ ἑστιατόριον, διότι ἐπλησίαζεν ἡ ὥρα τοῦ δείπνου. Πρὶν ἢ σημάνῃ τὸν κώδωνα αὐτοῦ ἤνοιξεν ἡ Λάμια κατὰ τὸ

σύνηθες τὴν θύραν τοῦ κοιτῶνός της διὰ νὰ παρατηρήσῃ ἂν ἦσαν ἐν τάξει τὰ πάντα, καὶ ἰδίως τὰ αὐριανά της στολίδια. Ἀλλ᾽ εἰς τὸ μέσον τῆς κλίνης ὑψώνετο θεόρατος καὶ ὁλοστρόγγυλος ὁ λόφος, ὁ σημαίνων ὅτι τὸ τρισκατάρατον ζῶον εὗρε καὶ πάλιν τρόπον νὰ χωθῇ ὑπὸ τὸ σκέπασμα. Ἡ Ἀλβανὴ ἐδάγκασε τὸ χεῖλός της καὶ ἐκοίταξεν ἡμᾶς ἀγρίως. Χωρὶς οὐδὲ λέξιν νὰ εἴπῃ ἀπέβαλε τὰ συρτά της κουντούρια καὶ σφίγγουσα διὰ τῆς μιᾶς χειρὸς τὸ σκουπόξυλον καὶ διὰ τῆς ἄλλης τὴν καρδίαν της, διὰ νὰ κατασιγάσῃ τοὺς παλμοὺς αὐτῆς, ἐπροχώρησεν ἐπὶ τῶν ἄκρων τῶν γυμνῶν της ποδῶν, ἀθόρυβος καὶ τρομερὰ ὡς φάντασμα, πρὸς τὴν κλίνην. Ἤδη εὑρίσκετο πρὸ αὐτῆς, καὶ ὁ λόφος ἔμενεν ἀσάλευτος. Ἡ ταλαίπωρος Σεμίρα ἐκοιμᾶτο, ὡς φαίνεται, τὴν φορὰν ταύτην μὲ τὰ σωστά της. Ἡ βαρεῖα ῥάβδος ὑψώθη καὶ κατέπεσεν ἐπὶ τοῦ μαλακοῦ καὶ ἀναπάλλοντος αὐτῆς σώματος ἅπαξ, δίς, πλειστάκις, ἀπειράκις, ὡς κόπανος πλυντρίας. Μόνον κατὰ τὴν τελευταίαν στιγμὴν ἠκούσθη ἓν ἥσυχον μιάου μιάου. Ἀλλὰ τοῦτο ἐφαίνετο καταβαῖνον ἐξ ὕψους. Πάντων οἱ ὀφθαλμοὶ ἐστράφησαν πρὸς τὸ μέρος ἐκεῖνο καὶ ὀρθὴ ἐπάνω εἰς τὸ ῥάφι, χασμωμένη ὡς ἂν εἶχε διακοπῇ ὁ ὕπνος της καὶ κάμπτουσα ὡς τόξον τὴν ῥάχιν, ἐπεφάνη εἰς τοὺς εκπλήκτους θεατὰς ὑγιὴς καὶ ἀνέπαφος ἡ Σεμίρα.

Τί λοιπὸν ἐκοπάνιζεν ἡ Λάμια ἐπὶ τόσην ὥραν καὶ μὲ τόσην λύσσαν; Ὅτε ὑπὸ ἀπασίου κατεχομένη προαισθήματος ἀπέσυρε μὲ τρέμουσαν χεῖρα τὸ σκέπασμα, ἀπεκαλύφθη ὑπ᾽ αὐτό ἀντὶ τοῦ πτώματος γαλῆς, τὸ ἐλεεινὸν λείψανον γυναικείου πίλου, τοῦ πίλου τῆς ἐπιούσης, τὸν ὁποῖον διὰ τῶν ἰδίων αὐτῆς χειρῶν εἶχε μεταβάλῃ εἰς ἄμορφον πήτταν, βελούδου, χαρτονίου, ἀνθέων καὶ πτερῶν. Οὐδὲ τοῦ Θυέστου, ὅταν ἀνεκάλυψεν ὅτι ἔφαγε τὰ τέκνα του, ὑπῆρξε, πιστεύω, ἡ κατάπληξις μεγαλειτέρα. Ἀλλ᾽ ἡ Λάμια δὲν ἦτο ἐκ τῶν γυναικῶν ἐκείνων αἱ ὁποῖαι λιποθυμοῦν, ἀλλ᾽ ὥρμησεν ὠρυομένη νὰ μᾶς δείρῃ ὅλους, χωρὶς ἐξαίρεσιν οὐδ᾽ αὐτοῦ τοῦ κ. Φαβρικίου.

Εἰς πολλὰς καὶ πρότερον καὶ ἔκτοτε ἔτυχε νὰ παρευρεθῶ ἀγρίας σκηνὰς καὶ νὰ ἴδω ἀποθηριωθείσας ὑπὸ τῆς ὀργῆς φυσιογνωμίας, ἀλλ᾽ οὐδεμίαν ἐνθυμοῦμαι φοβερωτέραν τῆς Ἀλβανῆς ἐκείνης μὲ τὸ λυθὲν τσεμπέρι της, τὰς χυτὰς εἰς τοὺς ὤμους της ψαρὰς τρίχας, μὲ σπίθας εἰς τοὺς ὀφθαλμοὺς καὶ ἀφροὺς εἰς τὸ στόμα. Θέλων νὰ τὴν καθησυχάσῃ ἀνήγγειλεν ὁ ἀγαθὸς διευθυντὴς ὅτι θὰ προβῇ τὴν ἐπιοῦσαν εἰς ἀνακρίσεις πρὸς ἀνακάλυψιν καὶ τιμωρίαν τοῦ ἐνόχου. Αἱ ἀνακρίσεις ἐνηργήθησαν, ἀλλ᾽ ἀδύνατον ὑπῆρξε νὰ εὑρεθῇ ὁ τοποθετήσας ὑπὸ τὸ

σκέπασμα τὸν κοπανηθέντα πῖλον. Τοῦτο δικαιούμεθα νὰ θεωρήσωμεν ὡς μέγα δι' αὐτὸν εὐτύχημα, διότι τρεῖς ἡμέρας ἔπειτα ἀνεσύρετο νεκρὰ ἐκ τοῦ φρέατος ἡ δυστυχὴς Σεμίρα.

A HISTÓRIA DE UM CACHORRO
E A HISTÓRIA DE UMA GATA

"Lembro-me como se tivesse acontecido ontem..."

EMMANOUIL ROÍDIS

A HISTÓRIA DE UM CACHORRO

Lembro-me como se tivesse acontecido ontem da já quarentenária história daquele cachorro. Eu era então aluno da primeira série da escola grega no Liceu greco-americano do falecido Christos Evangelídis. Vindo da Itália, não me senti, tanto quanto temia, emigrado em Siros. De fato, muitos patriotas italianos permaneceram ainda na árida ilha celebrada por Orfanídis[1], daqueles que se tinham lá hospedado após o insucesso da revolução de 1848. Os italianos eram a maioria dos afiadores de navalhas, limpadores de manchas, reparadores de pratos quebrados, reformadores de velhos calçados, decoradores dos ataúdes dos mortos, castradores de galos, vendedores ambulantes de espadilhas fritas, e todos, sem exceção, os pintores, os canteiros, diretores de corais e músicos. As exigências desses artistas restringiam-se a não morrer de fome, sendo que então a vida não era cara como hoje. Em troca de vinte e cinco dracmas por mês, alguém podia encontrar toda uma pequena casa de um andar em Vapória[2], e ainda por menos, se tivesse olfato embotado, ao lado das alcaçarias, e com um só *sfantzikon*[3] fartar-se de almôndegas, *stifado*[4] e guisado de carne nos autodenominados hotéis europeus.

---

1 Theódoros Orfanídis (1817-1886), poeta da chamada Primeira Escola Ateniense. (n.t.)
2 Região portuária da cidade de Ermúpoli. (n.t.)
3 Antiga moeda austríaca (*Zwanziger*) que circulou na Grécia no séc. 19. (n.t.)
4 Cozido de carne condimentado. (n.t.)

Proporcional a tal baixo-custo de vida e à pletora de professores era o preço das aulas de música, e assim melófilos cidadãos de Ermoúpoli de toda classe social beneficiavam-se da oportunidade de serem instruídos, cada um em troca de pequeno sacrifício, no instrumento de sua escolha. Jamais em lugar nenhum ecoaram, como em Siros então, tantos violinos, flautas, trompas, pífaros, bandolins, cornetas e clarinetes. Quem percorresse as ruelas estreitas da cidade, em especial aos domingos, era sufocado por ondas de melodia que se lançavam de todas as janelas. Tampouco podia sentar-se na cadeira de um barbeiro ou no banco de um botequim sem deparar-se com um compatriota de Michelangelo e Coreggio, pedindo permissão para retratar-lhe, em troca de três dracmas, "a nobre e expressiva cabeça" ou ter seu cachorro, gato ou papagaio morto sem receber, no mesmo dia, a visita de algum que se oferecesse para embalsamar os restos mortais "do amável animal". E se algum membro distinto da sociedade de Syros corresse o risco de deslocar-se para as abadias da eternidade, então, não que esfriasse, mas sequer que morresse esperavam aqueles que se ofereciam para eternizar, com molde gípseo, a face "do insigne defunto" ou para celebrar-lhe as inolvidáveis obras nos egrégios fólios da Itália. É-me impossível trazer à memória tais consílios de esfomeados italianos junto à porta de todo moribundo, sem lembrar-me, ao mesmo tempo, do dístico folclórico:

Como dois corvos, sentam-se em torno de seu leito
e esperam, ansiosos, a hora de estrebuchar.

O mal, porém, era que não se limitavam a celebrar apenas os mortos, mas também pervertiam dos vivos o juízo por meio de seus vultosíssimos encômios. Os poetas latinos satirizaram impiedosamente a vil bajulação dos *graeculi*[5], que confluíam na Itália, sob Augusto, vindos de toda parte. Contudo, estes foram superados em muito pelos descendentes dos satiristas refugiados em Siros. Era difícil encontrar, por toda a ilha, algum respeitável grande comerciante, lojista, fabricante de *loukoumades*[6], prestamista, curtumeiro, cambista ou dono de barco de quem "l'acuto ingegno" e "il raro talento" não tivessem sido celebrados em verso e prosa. Mas a veneração italiana por suas nobres senhoras excedia os limites do cômico e do crível. Entre essas donas de casa havia, claro, também algumas de fato de belos rostos. Porém, também elas tinham que se contentar, na falta de outras símiles mais exageradas, com as mesmas comparações com "flor do campo,

[5] Em latim, "greguinhos", termo depreciativo usado pelos romanos na antiguidade. (n.t.)
[6] *Loukoumades*, pl. de *loukoumás*, doce tradicional, feito com massa frita e coberto com mel. (n.t.)

anjo, Hera, Hebe ou Madona", pelas quais se celebrava igualmente das feias a formosura. Essa invasão de bajuladores italianos contribuiu, como cremos, grandemente com o desenvolvimento do principal defeito dos sirenses de então, a soberba, a inchação, a impostação exibida de lugares comuns e tudo mais que é característico dos ridículos novos ricos. Mas, para não parecermos injustos ou maledicentes, apressamo-nos em adicionar que, apenas de certo modo, ridículos eram os notáveis de Siros, mas no resto eram homens nobres e honrados. Sem hesitação, acreditamos que, se fizessem então tudo quanto posteriormente fizeram os conselheiros, síndicos, administradores e supostos credores da falecida companhia de navegação a vapor, seriam impreterivelmente apedrejados. Mas retornemos, ou melhor, tornemo-nos à história do cachorro.

Dentre todos os imigrantes italianos, o mais divertido era, certamente, o ex-general garibaldino Giambatista, que preferira, entre todas as outras, a profissão de saltimbanco e ilusionista, a qual exercia na praça, exatamente em frente ao Liceu, para grande alegria dos internos. A trupe era composta pelo referido Giambatista, seu filho de doze anos Carlos e um robusto cão d'água francês (barbet) que atendia pelo nome Plutão. Os truques do líder da trupe, as escamoteações de peças, os arremessos de peso, as pirâmides e as deglutições de brasa eram os mais habituais, e ainda mais comuns os saltos mortais de seu filho, a dança entre ovos e os contorcionismos. Mas muito mais do que essas coisas, o que atraía a curiosidade e os tostões dos sirenses era o cachorro, dando gritos, ou melhor, latidos de viva por Garibaldi, isto é, uma estaca vestida com manto vermelho, ou lançando-se para dilacerar o Jesuíta ou Radetz, isto é, a mesma estaca trajando hábito negro ou farda branca e dourada e chapéu plumado de marechal austríaco. Ainda mais deleitoso era quando, de pé sobre a mesa e tendo sobre a cabeça um diadema prelacial de papel dourado, imitava o papa Pio Nono, abençoando com suas patas dianteiras as multidões de fiéis, e igualmente se distinguia no chamado "Julgamento de Páris", outorgando infalivelmente a maçã, ou melhor, a laranja, à mais bela dentre as lavadeiras ou amas que se apresentassem.

Assim como seus doutos compatriotas letrados transformavam, em seus versos, as senhoras sirenses em anjos e Hebes, do mesmo modo aquele, pela outorga do prêmio, proclamava as Afrodites populares. Mas sobretudo inesquecível era quando, caminhando sobre as patas traseiras e segurando entre os dentes uma pequena bandeja, percorria, após o término da apresentação, as fileiras de espectadores, curvando-se humildemente diante de cada um, e em seguida fixando nele um olhar pedinte de inefável doçura. Sabendo perfeitamente o quanto era amado pelos alunos, imediatamente após a circulação

da bandeja na plateia lançava-se adentro do Liceu, animado e ruidoso se estivéssemos em recreio no pátio ou nos corredores, mudo, recatado e contido se nos encontrássemos nas salas de aula.

Certo dia, contudo, o professor de Catequese, o então simples sacerdote e posteriormente bispo de Chalkida, o saudoso David Molochádis, não conhecendo o ingresso, alçou sua vara para enxotá-lo. Mas antes que a vara descesse, os olhos do bom sacerdote e do bom cão se encontraram, e o resultado daquele encontro foi a deposição da vara e a adição de um tostão ao peditório dos alunos. Estes se entretinham, por vezes, submetendo a integridade de Plutão a uma provação verdadeiramente terrível. Ao invés de depositarem moeda de bronze na bandeja, ofereciam-lhe, no chão, um pedaço de pão, rosca ou *katiméri*[7]. Mas a quem pertenceria tal oferenda, à trupe, como os tostões, comunitariamente, ou ao caixa pessoalmente? Isso era no mínimo duvidoso. Contudo, o probo quadrúpede, ao invés de solucionar arbitrariamente a questão a seu favor, devorando a oferenda, depositava a bandeja no solo, adicionava às moedas a oferenda em espécie, tomava novamente na boca a bandeja e corria para entregar seu conteúdo intacto aos seus senhores. E tal conduta era tanto mais admirável na medida em que não havia nenhuma certeza de que seria recompensado recebendo os itens comestíveis. Os ilusionistas, claro, amavam muitíssimo seu cachorro, mas eles próprios não comiam, ou ao menos não se fartavam, todo dia.

Havia, entretanto, também alguns dias por ano nos quais os italianos não apenas comiam, mas também bebiam à saciedade, celebrando com simpósio o aniversário de algum êxito revolucionário. Borbotoava então em cópia o vinho de Santorini, o único dentre os gregos que lembrava aos exilados a doce "lágrima de Cristo" ou o pesado "néctar de Marsala" de sua pátria. Retornando, certo dia, de uma dessas pândegas, sobremaneira animado, ocupou-se Giambatista com a habitual apresentação na praça, e, para seu infortúnio, não deixou de fora a pirâmide. Esta consistia, como todos sabem, de uma pilha de sucessivos utensílios de todo tipo, mesas, cadeiras, barris, cântaros e garrafas, e, no topo de tudo, a elevação, como estátua, do ilusionista. A solidez dessas pirâmides não é exatamente como a das egípcias, e são necessários grande segurança na pisada e cuidado por parte do funâmbulo, para a manutenção de seu instável equilíbrio. E os vapores do vinho de Santorini, naquele dia, tornaram-no ainda mais instável. Giambatista conseguiu postar-se imóvel por alguns instantes sobre seu elevado pedestal, mas, subitamente, enquanto cruzava os braços no peito imitando

[7] Espécie de crepe, que pode ser doce ou salgado. (n.t.)

Bonaparte, o construto inteiro abalou-se e desmoronou com um terrível estrondo, em meio ao qual se sobressaía o som mais agudo dos vidros estilhaçando-se. Os espectadores creram, no início, que também este abalo estava incluído no programa do espetáculo. O dano, infelizmente, foi real e muito superior ao que se computara no primeiro momento. Além dos cântaros e das garrafas, quebraram-se, na queda, também ambos os ossos da canela do infeliz funâmbulo, o qual, tendo sido colocado em uma maca pelos contínuos que vieram em seu auxílio, foi assim levado ao hospital, acompanhado por Carlos em pranto e por Plutão, cuja tristeza muda não parecia menor. O então médico-chefe do hospital de Siros não era apenas um bom cirurgião, mas também uma excelente pessoa. Apiedando-se daqueles miseráveis, acolheu no estabelecimento, além do paciente, também seu filho e seu cachorro.

A dupla fratura do ilusionista mostrou-se insuscetível de colagem, e impunha-se, inescapavelmente, a amputação da perna abaixo do joelho. O éter, o clorofórmio e a anestesia local a frio não eram ainda habituais em Siros naquela época, e o paciente devia suportar integralmente a dor da operação. Antes de proceder com ela, o médico ordenou, por medo de comoção, que se afastasse o filho do aleijado, mas, atendendo ao pedido deste, admitiu que permanecesse o cachorro. O funâmbulo, envolvendo com o braço a cabeça peluda de seu fiel companheiro, apoiou-a em sua própria, e logo em seguida teve início o trabalho da faca e da serra.

Os gemidos do aleijado provocados pela agudeza da dor agitavam Plutão, que não podia adivinhar por que razão torturavam seu mestre tão duramente. Quando, ao final da operação, desmaiou pela hemorragia abundante, restando livre o cachorro, lançou-se para vingá-lo, mordendo o braço nu do cirurgião. Mas este era, como dissemos, uma pessoa boníssima. Ao invés de enfurecer-se, apressou-se em refrear os enfermeiros que, em exibição de zelo, maltratavam Plutão, ordenando que fosse deixado imperturbado junto ao leito de seu senhor.

No mesmo quarto do hospital sucedeu de estar alojado, para plena recuperação, outro italiano, arrancador de dentes ambulante e vendedor de poções, que exercia seu comércio nas aldeias onde fosse mais fácil encontrar compradores de panaceias e amavios. Este charlatão, mui bem conhecendo a habilidade de coletar moedas de Plutão, pensou, em meio a toda a sua falta de escrúpulos, em privar seu compatriota mutilado do único consolo que tinha. Aproveitando-se da ausência do jovem Carlos, que fora acomodado, por recomendação do médico, em uma tinturaria suficientemente distante, ocupou-se, por meio de todo tipo de atenções, em atrair a confiança do ca-

chorro, e, no dia de sua partida do hospital, conseguiu ser acompanhado por ele até a esquina da rua. Lá, porém, Plutão insistiu em despedir-se dele, não se deixando persuadir a avançar mais, nem por meio de agrados, nem pela exibição de aperitivo salgado. Fracassada a tentativa de corrupção, o larápio viu-se na necessidade de recorrer ao uso de uma corda, por meio da qual arrastou o pobre animal, que ora protestava ruidosamente, ora corria o risco de sufocar-se pela resistência. No caminho, encontrou por acaso um enfermeiro, ao qual narrou que, tendo comprado o cachorro de seu senhor, tinha o direito de levá-lo consigo, mesmo contra a vontade, até Chrussa[8].

A tristeza da saudade do companheiro e a discrasia que se devia à sua má alimentação acabaram por agravar tanto o estado do infeliz ilusionista que, certa manhã, chegando seu filho para visitá-lo, encontrou o leito vazio e o pai dentro de um caixão, pronto para ser levado rumo à sua última morada.

Oito dias depois de seu sequestro, e duas horas depois do enterro do morto, Plutão, que conseguira escapar de Chrussa, arranhava insistentemente a porta externa do hospital. Ela foi aberta, infelizmente para ele, não pelo porteiro, mas por um graduado da escola de medicina, que fora contratado como auxiliar do cirurgião. Aquela pessoa repulsiva ocupava-se, para tornar seu nome famigerado, com experimentos de vivissecção, o que consiste, como se sabe, em dissecação de vítima viva ao invés de cadáver, para observação do funcionamento de seus órgãos internos, do movimento dos músculos e dos resultados da secção do nervo ou da remoção do lobo cerebral. Essas crueldades podem até ser úteis aos estudantes, mas de princípio provocaram e continuam provocando a revolta e os protestos de todos que têm vísceras.

A visão daquele bom animal, ofegante após o longo trajeto, que agitava sua cauda e lançava um olhar humano, implorando para que se lhe abrisse a porta do quarto onde supunha encontrar-se ainda seu senhor, não bastou para amolecer o coração pétreo do vivisseccionista. Capturando o insuspeito Plutão e amarrando-o sobre a mesa anatômica, começou impiedosamente a cortar-lhe a carne como açougueiro. Enquanto ele se entretinha com essa diversão, Carlos retornava ao hospital para receber sua mísera herança paterna, isto é, uma trouxa com costumes teatrais. A dor provocada pela faca e a sensação da aproximação de seu jovem senhor insuflaram em Plutão forças suficientes para romper seus grilhões e fazer surdir por baixo da porta sua pata peluda e ensanguentada. Ecoou então dilacerante o duo do menino que chorava diante da porta cerrada e do cachorro que, atrás dela, uivava excru-

[8] Povoado na ilha de Siros, a sul de Ermúpoli. (n.t.)

ciantemente. Aquele barulho atraiu o médico, diante de cuja voz trovejante o vivisseccionista foi forçado a ceder, abrindo a porta. Plutão atirou-se aos braços do órfão, e o médico demonstrou novamente a nobreza de sua alma, cuspindo duas vezes no rosto do abominável carrasco e depois atando, com todo o esmero, as chagas escancaradas da vítima, para a qual ordenou que trouxessem um prato de leite e que a deixassem depois acalmar-se.

Mas era impossível para Plutão acalmar-se antes que encontrasse também seu senhor mais velho. Tão logo ficara só, levantou-se sobre suas patas trêmulas e dirigiu-se com pressa à enfermaria, e de lá foi ao pátio coberto, onde se depositavam, até a hora do enterro, os mortos. Tendo como guia seu focinho infalível, e cheirando ora a terra, ora o vento, conseguiu encontrar e seguir o caminho que conduzia ao cemitério. Contudo, o aspecto deplorável e sinistro daquele cachorro enrolado em gazes tingidas de sangue movia a curiosidade dos transeuntes e atiçou a inconsciente crueldade infantil dos moleques da rua, que corriam atrás dele, gritando e atirando pedras. Naquele momento, os alunos do Liceu, saindo para seu costumeiro passeio vespertino, subiam em formação militar as ladeiras de Ano Siros[9]. As fileiras fragmentaram-se imediatamente e todos correram para acudir o amigo que estava em perigo, enquanto surgia, ofegante, Carlos vindo por outra viela. Mas já era tarde. Plutão, cujas últimas forças se esgotaram com o ímpeto da subida, o pavor e os apedrejamentos, despencou próximo ao portão do cemitério, chegando apenas a lamber as mãos do menino antes de emitir seu último suspiro diante dos joelhos dele.

Tendo coletado por peditório três dracmas, convencemos, com elas, o coveiro a depositar os restos mortais de Plutão em um buraco cavado próximo ao cemitério, uma vez que era impossível sepultá-lo em seu interior pelo motivo de que ele tinha quatro patas. Muitas vezes desde então, lendo tudo que se escreve sobre vida após a morte, aconteceu de eu pensar que, se se verifica a opinião daqueles que creem que não sobrevive no corpo toda alma, mas apenas a fé, a dedicação, a abnegação e o amor premiam-se nas moradas eternas, é provável, muito mais do que de muitos defuntos conhecidos amigos meus, que lá se encontre a alma daquele bom cachorro.

---

[9] Vila Alta de Siros. (n.t.)

A HISTÓRIA DE UMA GATA

Se excetuarmos os filósofos neoplatônicos, não acredito haver outras criaturas sobre a terra tão caluniadas quanto os gatos. Assim como por prolepse e tradição são declarados supersticiosos, visionários, fabulistas e devaneadores Porfírio, Jâmblico, Proclo e Plotino, do mesmo modo se maldiz todo gato como doloso, infiel, ingrato e incapaz de amar nada senão a si. E assim como aos alegados devaneios dos neoplatônicos contrapõe-se a segura ciência de Aristóteles, do mesmo modo à maldade do gato opõem-se todas as virtudes do cão. Em uma anterior obra minha, tentei demonstrar o disparate histórico de tal opinião acerca dos alexandrinos e, sobretudo, a injustiça de comparar duas coisas completamente distintas entre si, isto é, o empirismo do Estagirita com o voo transubstancial do intelecto neoplatônico. Isso seria o mesmo que subestimar em uma comparação, em relação à perdiz, por não comestível, o rouxinol. De modo similar acusa-se o gato por não lamber as mãos de seu senhor quando este o golpeia, por não correr ao ser chamado, nem estar disposto a mostrar-se útil caçando para ele, guardando-lhe os rebanhos, girando o espeto sobre o fogo e marchando à dianteira com a lanterna na boca, sequer entretê-lo saltando sobre cajados ou levantando-se nas patas traseiras. Isso é precisíssimo. Ninguém, jamais, fosse por recompensas ou por pauladas, conseguiu impor a um gato que fizesse o que fazem os cães, os escravos e os bufões. Mas quantos lhes demandam tais ações esquecem-se, como parece, de que, dentre nossos animais domésticos, apenas este pertence à estirpe real dos felinos; que é primo em primeiro grau do tigre, da pantera e do leão, e descendente direto do gato selvagem e do lince; que tem, como estes, olhos que brilham no escuro e, como sinal de sua nobreza, agudas unhas retráteis. Sequer parecem compreender, melhor que à fisiologia, a história. Com o estudo desta, aprenderiam que, naqueles tempos antigos, quando se deificavam a beleza corpórea e o vigor da alma, inúmeras vezes foi o gato digno de honras divinas. Os egípcios adoravam-no como a Apolo, sob a forma de um rapaz com cabeça de gato, e à gata como deusa do amor e da beleza.

De fato, a formosura das mulheres era por eles estimada na precisa proporção da semelhança com os felinos, do faiscar dos olhos, da lisura da pele, do tom róseo das narinas, da leveza da passada, da graça e da agilidade. Para a obtenção de tais atributos, de acordo com Diodoro, desde infantes as meninas dedicavam-se à deusa Gata, por meio da afixação à nuca de uma medalha portadora da imagem da Afrodite Egípcia, e, de acordo com Heródoto,

sempre que morresse dentro de um lar egípcio um gato, os moradores, em sinal de luto, cortavam os cabelos. Depois dos egípcios, os árabes, nos mesmos lugares, adoraram o ídolo do "Gato de Ouro", e não cessaram, após a revelação do único Deus, de declará-lo a mais bela criação depois do homem, contrapondo-o como símbolo de limpeza e nobreza aos demais animais, especialmente ao cão. Mas a verdadeira superioridade dele parecem ter compreendido, melhor do que todos os outros povos, os conquistadores do mundo antigo Suevos e Vândalos, os quais exibiam em suas bandeiras de guerra a imagem do gato, como sendo a única criatura que, se pode ser domesticada, não pode, todavia, ser subjugada.

Sendo de tal sorte, apenas em iguais condições com o senhor do lar admite o gato ser hospedado por nós. Mas se não aceita, como os demais animais, trabalhar, decorre disso que tampouco possa amar como amigo? É impossível sustentar essa afirmação com amparo nos ensinamentos da experiência. O ruidoso artigo de Buffon sobre o gato, já ruminado por tantos papagaios, não passa, do início ao fim, de um fluxo de calúnias. Não me lembro de que crítico, querendo censurar Plutarco como impreciso, tenha chegado a dizer acerca dele que seria capaz de narrar que os atenienses venceram Filipe em Queroneia, se isso pudesse tornar seu período mais arredondado. Uma tal reprovação muito mais caberia a Buffon, o qual, preocupado com nada mais além de distinguir-se na retórica, não hesitou em compor um libelo contra o gato pelo único motivo de que tinha necessidade de antítese para distinção do encômio do cão.

Igualmente injusto, porém ao menos mais preciso, mostrou-se o pientíssimo poeta inglês Bunnyan. Este, analisando a questão não no todo, como exigia a justiça, mas teologicamente e apenas sob o aspecto da ética do Evangelho, enaltece o cão, como sendo o perfeito modelo de toda virtude e humildade cristã e obediente incondicional dos mandamentos do discurso sobre o Monte acerca de humildade e esquecimento das ofensas e de amor também por aqueles que nos fazem mal. Quanto a isso, Bunnyan tem plena razão, porém, como cremos, não age de todo mal o gato ao amar somente aos que o amam. A conquista de seu coração, claro, não é tarefa fácil. Quem quer ser amado por ele não pode limitar-se a alimentá-lo bem e a prestar-lhe os cuidados, mas não deve esquecer-se de que corre em suas veias sangue real, dedicando-se a ele com a devida devoção.

Sendo aristocrático por natureza, o gato tem ojeriza à excessiva familiaridade, indistinção e, em especial, a toda exigência que restrinja sua absoluta independência. Deleita-se sobremaneira com os afagos, mas somente quando eles lhe apetecem. Gosta de saltar sobre nossos joelhos, porém, não

de ser apanhado rudemente pela nuca para ser depositado sobre eles como um pacote; ao ser chamado, nunca vem imediatamente ou logo em seguida, mas após alguma delonga e com manobras sinuosas, como desejando mostrar que se aproximou como amigo, espontaneamente, e não como um servo que obedeceu a ordens. Muito mais do que o cão ou qualquer outro animal, regala-se com permanecer longas horas em nossos aposentos, repousando junto à lareira ou espiando os transeuntes através da janela, mas considera traição não se lhe abrir imediatamente a porta, se deseja sair. Sobretudo, porém, abomina quem lhe interrompe a série de silogismos quando devaneia ou seu sono quando dorme. Muito bem sabia disso o profeta Maomé, que, apressando-se certo dia para deslocar-se à sua oração vespertina, preferiu cortar com uma tesoura a ponta de sua veste a abalar o descanso de seu aventurado gato que adormecera sobre ela.

Àqueles que o amam assim, ele retribui igual amor, como podem testemunhar quantas solteironas adotaram gatos, e, junto delas, a distinta falange dos homens insignes de todas as épocas e países. É digno de nota, de fato, que a maior parte destes, e em especial os excelentes diplomatas, escritores, poetas e artistas preferiram ao cão o gato. Sem mencionarmos os antigos, limitamo-nos a nomear o cardinal Richelieu, Colvert, Montaigne, Hoffmann, Fontenelle, Gerrit Dou, Lope de Vega, Chateaubriand, Edgar Poe, Théophile Gautier, Hartmann e Baudelaire, os quais, todos, amaram seus gatos afetuosamente e foram por eles correspondidos de toda a alma. E sequer há necessidade de recorrermos a outros lugares e tempos para a demonstração dessa correspondência, uma vez que temos o exemplo familiar e recente daquele gigantesco gato branco do saudoso Koumoundouros, que, conquanto fosse época dos amores, não se afastou um instante sequer de sua cabeceira durante os muitos dias em que durou sua agonia de morte, e, em seguida, foi morrer também ele de tristeza em um canto, enquanto os cães do falecido continuavam comendo, bebendo e latindo, e seus calorosíssimos amigos deslocavam-se para ir prestar honras ao sr. Trikoupis.

Alguns já tentaram subestimar a simpatia dos escritores e artistas pelos gatos, qualificando-a como perversão, como o apetite por queijos odorosos, frutas verdes ou cortesãs muito amadurecidas. O certo é que, se não houvesse o gato, seria o vigilante escritor condenado à solidão absoluta, pois de nenhuma outra criatura a presença é capaz de conciliar-se com a labuta intelectual inabalável. Os cães ou ocupam brincando ruidosamente, ou dormem como toupeiras, e então é como se não os houvesse. Apenas o gato sabe postar-se imóvel por horas inteiras em um canto da mesa, suportando, como Esfinge egípcia, a cabeça sobre as patas dianteiras e fitando com olhar

fixo o estudioso, como interessado por seu trabalho. Muitas vezes demonstra adivinhar a ideia que descende do encéfalo à ponta da pena do escritor, e estende a pata "como que para capturá-la". Quando, por fim, enfastia-se da imobilidade, ergue-se placidamente, distende seu dorso elástico na forma de um arco bizantino e inicia um calmo passeio por entre os dicionários e os frascos de tinta. É conhecido que o cão de Newton Adam, derrubando a lâmpada sobre uma pilha de manuscritos, foi responsável por perder-se o fruto de um estudo de muitos anos. Mas com a circulação do gato sobre a mesa não há qualquer risco de derramamento, seja de tinta ou querosene. Sua passada lembra a dança das espanholas sobre os ovos e aqueles corredores homéricos que cruzavam campos e prados sem despedaçar nem espigas nem lírios.

E em outras ocasiões, após conferir, por delongados trabalhos, brilho de espelho à sua pelagem sedosa, aproxima-se o gato para oferecer-se assim embelezado às carícias de seu senhor. Os sinais de seu amor nada têm em comum com o atrevimento barulhento dos cães, mas antes uma reserva aristocrática e um recato, que sobremaneira agrada ao artista, o qual, se é de fato tal, odeia e abomina mais que tudo a exibição, a afetação e o sentimentalismo barato. E parece difícil não considerarmos o insistente esforço do gato para lustrar sua pelagem como um valioso lembrete aos escreventes de que do mesmo modo devem, também eles, empregar esforço para o perfeito polimento de seu estilo. Pedindo também desculpas pela lisonja de meu próprio gato, ouso adicionar às coisas sobreditas mais esta sua aptidão particular: sempre que vê minha mão durante muito tempo imobilizada pela incapacidade de coser novo período ao anterior, aproxima-se então e põe-se estirado sobre o manuscrito, como se quisesse avisar-me de que é preferível que me vá dormir a insistir em escrever frases hipnóticas.

É digno de causar espanto que nenhum naturalista ainda tenha observado a óbvia superioridade da fêmea, o que se constata somente na família dos felinos domésticos. A gata é superior ao gato, assim como, ao menos, a polonesa o é com relação ao polonês. Essa superioridade deve, talvez, atribuir-se ao fato de que este animal e esta nação têm, ambos, caráter feminino por natureza, agudo, sensível, excitável, caprichoso, sensual, indolente e sentimental, e assim é esperado que tais atributos femininos sejam exibidos de modo mais manifesto e vívido nos indivíduos do gênero feminino. Pelo mesmo motivo pelo qual o sisudo inglês supera em sisudez a inglesa, haveria o jovial eslavo de ser inferior à sua mulher em jovialidade. Ignoro em que medida verifica-se tudo o que Karamzinos e o maledicente Casanova narram acerca do caráter despótico e dos modos libertinos das grandes damas da

Polônia, todavia, o certo é que a gata como que abusa de sua superioridade. Não se submete a nenhum jugo que não a seu apetite; não quer patrão, mas se apraz em arrastar atrás de sua cauda um enxame subjugado de adoradores. Entretanto, conquanto seja o mais voluptuoso dos animais, é ao mesmo tempo o único dotado pelo criador com o sentimento humano do pudor. Ninguém jamais viu gata entregue a amplexos eróticos sob a luz solar e os olhares de todo transeunte, como fazem as cadelas, as galinhas, as cabras e as demais bestas impudentes, mas busca a escuridão noturna e a solidão de telhados inexplorados. Por isso, provavelmente, foi identificada, no Egito, não apenas com Afrodite, mas também com a recatada Ártemis, a qual furtivamente visitava, sobre os cumes do Lákmon, seu amigo pastor. Todos quantos leram livros de neurologistas mui bem sabem que, em algumas naturezas otimamente sensíveis, a máxima tensão de prazer transforma-se, por vezes, em sentimento de dor. Tal hipersensibilidade cabe supormos que exista na gata, cujos suspiros amorosos amiúde soam aos ouvidos dos vigilantes noturnos como gemidos de moribundo.

Outra prova do excepcional desenvolvimento de seu sistema nervoso é a inclinação para a música. Essa melomania foi cientificamente esclarecida por Gray, Leclerc e outros naturalistas célebres, e, de acordo com Touchenel, a comoção que as melodias tristes provocam em alguns gatos chega, por vezes, ao desmaio. A semelhança em geral da gata com uma dona voluptuosa ou com uma cortesã aristocrática parece, em todos os aspectos, perfeita. Assim como as senhoras com as camélias, também a gata ama trocar a noite pelo dia, deitar-se pela manhã junto à lareira, os tapetes felpudos que lhe protegem os pés rosados da umidade, o embelezamento delongado, os perfumes, a nata, as carícias, os aspargos, as liteiras macias, as cortinas de seda e em particular as rendadas, os pompons e as franjas para exercício de dilaceração de suas reluzentes unhas.

Precisamente assim era a heroína do presente conto, a gata de Siros que dividia comigo a morada no já mencionado Liceu de Evangelidis e que atendia pelo nome Semira. A tonalidade azul de seus olhos e a sua pelagem de três cores permitiam supor que era de estirpe mesclada. Um de seus genitores tinha provavelmente origens em Ancara, o outro era dos telhados. Muitos dentre meus colegas eram os que anelavam a benevolência e a companhia da bela Semira, principalmente no inverno, nos gélidos dormitórios do Liceu. Eu conseguira afastar esses rivais por meio de ofertas superiores de acepipes, coças mais hábeis na cabeça e, sobretudo, pelo uso do arunco gatal, isto é, da 'valeriana' como chamam os francos, ou do '*phou*', como o denominavam os médicos gregos antigos, os quais não se acanhavam abso-

lutamente, como fazem os hodiernos, em empregar palavras estrangeiras indeclináveis. O odor dessa erva agrada sobremaneira não apenas às gatas, mas também a muitas senhoras, e especialmente às atenienses mais idosas, como mui bem sabia o venerando ginecologista Venizelos, que mesclava valeriana em todas as suas receitas, assim como Rigopoulos em todos os seus discursos mesclava Niagara.

Graças a essa erva e à coincidência única de toda outra sorte de circunstância favorável, eu fui, por algumas semanas, o homenzinho mais feliz sob o sol. O diretor do Liceu cruzava, por ordem do falecido rei Oto, o Atlântico, indo pregar aos americanos o evangelho da grande ideia; junto ao imigrante alemão Beck, pai, eu creio, de nosso livreiro, fundara-se havia pouco a primeira locadora de livros franceses da Grécia, com assinatura mensal de três dracmas, e outras tantas eu gastara com a obtenção clandestina de velas. Meus dois companheiros de quarto, tendo contraído sarampo, encontravam-se na enfermaria, de modo que eu era o senhor absoluto de minha câmara. Tal isolamento e independência são o mais doce dos deleites de um aluno de internato, condenado a incessante convívio forçado com todo tipo de companheiro. Naquela câmara, tendo ao lado Semira, atravessei as mais aventuradas noites em vigília de minha vida, lendo pela primeira vez os "Três Mosqueteiros", o "Monte Cristo", o "Uscoc" e as outras inesquecíveis obras daquela época, superiores às obras psicológicas de Bourzet, e os textos naturalistas de Zola, tanto quanto "Norma", "Sonambula" e "Lucia" são superiores aos ensaios de Ambrouaz Thomas e de Samara. Ao excepcional valor daquelas leituras deve-se adicionar a virgindade de minha imaginação de doze anos. Quando eu me cansava da leitura, ou melhor, da tensão da comoção, brincava com Semira e dividia fraternalmente com ela um *kourabiés*[10], um *tsoureki*[11], um pão de cristo ou alguma outra gratificação de minha boa tutora, e a vigília estendia-se amiúde até que ecoasse o cantar dos vendedores de *salepi*[12], dos galos, dos burros que carregavam verduras e dos demais precursores da dedirrósea aurora.

Entretanto, a encantadora Semira tinha, dentro do Liceu, uma inimiga mortal. Esta era a zeladora, que cuidava da escola havia alguns meses. Preferindo guardar silêncio sobre o nome dessa mulher, direi apenas que os alunos a rebatizaram "Lâmia"[13]. Sua terra natal era Hidra e a idade outonal. De origem certamente albanesa, com estatura de dois côvados e ombros de

---

[10] Espécie de biscoito amanteigado. (n.t.)
[11] Espécie de pão doce aromático. (n.t.)
[12] Bebida tradicional à base de ervas. (n.t.)
[13] Lâmia: personagem mitológica, espécie de monstro devorador de crianças. (n.t.)

carregador, parecia-se com Liapis vestido de mulher. Para completar sua descrição, basta adicionar que, dentre as semelhanças da mulher com a gata aneladas pelos antigos, Lâmia não possuía senão uma, que não era, claro, a flexibilidade, a lisura, a graça ou a cor rósea dos lábios, mas apenas um suficientemente denso bigode sobre eles. Sequer era mais amável que o rosto da solteirona a sua personalidade. Para que se possa estimar isso, pode servir o fato de que, não considerando seu bigode e seus quarenta e cinco ou mais anos capazes de inspirar suficiente respeito, julgava decoroso o oferecer-se com demasiada seriedade e recato com aqueles que de modo nenhum "viam desejá-la". A repulsa que ela tinha dos espetáculos indecentes era tal, que, esquecendo-se de que as próprias freiras consideram neutros os padecentes, nem em menino de seis anos aceitava fixar um emplastro, e quanto a um clister, então, sequer menção se podia fazer. Contudo, ao invés de ampliação de respeito, por essa exibição de pudicícia nada mais gozava junto aos alunos que diárias declarações, em verso e prosa, de ardente amor. Essas cartas, nas quais se celebravam mais que qualquer outro dos seus encantos os fios de seu bigode, ela se apressava, com recatada indignação, em denunciar ao diretor temporário, o falecido Fabrício, cultíssimo e nobilíssimo alemão de disposição jovial e nariz vermelho após a refeição. Sendo tal, com dificuldade podia conter o riso ao repreender o culpado, a quem obrigava pedir desculpas à digníssima "senhorita" na presença de todos os seus colegas. Aquelas cenas de pedidos públicos de desculpa eram, de fato, divertidas. Porém, pagavam caro os pobres internos por aquela diversão. Lâmia era então responsável absoluta e incontrolada pelo abastecimento de alimentos do Liceu, e se o alimento era, de acordo com a frase estabelecida, "saudável e bastante", os componentes mais apreciados da refeição eram, como em todas as escolas, as frutas e o pão fresco. As primeiras foram proscritas pelo medo da cólera asiática, ou melhor, anglo-francesa, que já assolava Atenas, ao passo que os pães, para exibição de gravidade econômica, Lâmia inventou de guardá-los trancados em um alto armário ao trazê-los do padeiro, para "se amansarem", como as perdizes e os faisões, observando justamente que se come muito menos pão quando este está seco. Essa invenção, somada à redução das trocas de camisa a duas vezes por semana, converteu em indignação a jovialidade dos alunos, os quais, reunindo-se em congresso secreto, decidiram por unanimidade confiar sua vingança a Semira.

Para que se compreenda esta vingança, devemos dizer que aquela tão pudica virgem, que cobria os olhos com as mãos sempre que cruzava o pátio, para não se escandalizar com as façanhas do galo, invejava, não obstante, as galinhas, no fundo de sua alma. Desde, ao menos, seus vinte e cinco anos,

com nada mais sonhava além de desfrutar o amor legítimo e abençoado pela igreja. Após gastar todo um quarto de século tecendo uma teia para apanhar um marido, continuava ainda aquela incansável aranha a tecer. Além da já celebrada pudicícia, exibia muitos outros atributos para o sucesso do desejado: diligência, temperança, arte culinária, trabalhos manuais e prendas domésticas; julgava, porém, o mais ativo de todos esses meios de sedução a exibição de seu leito.

É verdade que esse leito, conquanto um pouco arcaico, era, de fato, admirável, de ferro, amplo, com um par dourado de triângulos abraçados sobre a cabeceira. Ainda mais ricas eram as cobertas. As extremidades da colcha eram adornadas com um meandro vermelho, e as cortinas com um mais largo; os edredons eram de seda e a coberta das pernas, de pena, era bordada na parte superior, com forro de cetim dourado. Na parede, uma Nossa Senhora dourada e prateada ofuscava a visão, com uma candeia vermelha embaixo; não faltavam tampouco as palmas, os talismãs, os crucifixos e o nicho do Santíssimo Túmulo. Mas o que sobretudo distinguia aquele leito de todos os demais é que ninguém, jamais, nem de noite nem de dia, deitara-se sobre ele. Lâmia dormia em um sofá ao lado, enquanto aquela bela cama servia-lhe para exercitar-se nos bordados, para embelezá-la, para contemplá-la e para exibi-la aos seus visitantes, até que fosse encontrado o apropriado para subirem juntos nela, com a licença do bispo e a bênção do padre. O mais apropriado para isso era por ela considerado, havia algum tempo, o merceeiro do Liceu, viúvo de meia-idade, a quem recebia aos domingos após a liturgia em sua alcova nupcial para acerto da conta da semana, deixando, para evitar o escândalo, escancarada até mesmo no inverno a porta.

Àquele tempo, encontrava-se no auge a remodelação dos cidadãos de Siros em europeus, processo que chamavam, com escusa, de *ksevrákoma*. Os fezes e as *vrakas*[14] desapareciam sucessivamente, como as estrelas matutinas sob os raios da civilização hespéria. Levado pela corrente, certo domingo também o vendeiro apresentou-se, em sua visita matinal, fantasiado de europeu da cabeça aos pés. Como todo outro neofranco, era de se esperar que também ele se mostrasse muito ridículo em seus primeiros dias de *ksevrákoma*; a galhofa dos alunos foi escutada até mesmo na Ilhota. Muito diferente, porém, foi a impressão causada pela reformulação do figurino em Lâmia, a qual, desde aquele dia, com nada mais sonhava além de abnegar, também ela, o pátrio bioco e o Kontogouni. E não tardou em avançar das

[14] *Vraka* (βράκα): calça tradicional, larga nas pernas e que normalmente chega até os joelhos. O termo *ksevrákoma* (ξεβράκωμα) significa “o ato de retirar as *vrakas*”.

palavras às obras, ou melhor, às lojas, para obtenção de matéria-prima para a metamorfose.

A peça de lã e seda do vestido, a então indispensável *pelerine*, ou romeira, o *malakov* ou *pygokosmos*, conforme o professor do ginásio de Siros senhor Fardoulis havia helenizado, os calçados com fivelas e tudo mais foram encontrados com relativa facilidade. A única peça que exigiu grande meditação foi o chapéu. A cobertura da cabeça das senhoras de então não era, como hoje, qualquer coisa que custasse cem francos, mas sim um alto, de abas largas e complexo edifício, de papelão, arame de ferro, veludo, flores e plumas, que envolvia torre, jardim e aviário. Em Siros, de fato, reinavam ainda as gigantescas Pamelai de Ludovico Filipe, conquanto já reinasse há três anos em Paris Ludovico Napoleão. Mas, por fim, cumpriu-se também do chapéu a feitura, de acordo com todas as regras da arte franco-siriana. Era de veludo verde-escuro, e não lhe faltavam nem flores, nem caudas de avestruz. Assim, uma noite de sábado, após muitos esforços e trajetos, o famoso chapéu se encontrava dentro de uma caixa de papelão sobre o guarda-roupa, as vestes apoiadas em ordem e simetria sobre a cama virginal, e próximo delas os reluzentes calçados e as luvas de seda, tudo pronto para a transformação de amanhã de Lâmia em europeia. Mas pronta estava também Semira.

O motivo de tamanha inimizade da zeladora contra essa criatura adorável era o fato de que, como todos os gatos, e até mais do que todos os demais, a nossa gata amava sobremaneira o calor e o deitar-se no macio. E o apogeu disso ela não podia encontrar senão naquela imponente cama. Lá, pois, refugiava-se regularmente à tarde, exatamente entre o edredom e a coberta das pernas, tendo cetim sob o ventre e plumas sobre o dorso. Lâmia apenas uma vez, primeira e última, logrou capturá-la inadvertida e surrá-la impiedosamente. Mas nada conseguiu ensinar-lhe, senão apenas a guardar-se, porém, não a manter-se afastada daquele paraíso forrado de seda. Desde então, seguiam diariamente as deitadas da gata sob a coberta e as vãs perseguições da mulher. O mesmo duelo, travado todo dia e quase na mesma hora, contava-se entre as regulares diversões dos internos. Lâmia, montando guarda junto à porta, tão logo observava elevado sobre a planície da cama o monte que anunciava a presença de Semira sob o Pipoulon, aproximava-se na ponta dos pés com a esperança de surpreendê-la adormecida; mas, no preciso instante em que erguia o cabo da vassoura, o animal astucioso sacudia a coberta e se lançava para fora, em um pulo, sobre uma alta prateleira. E se ali também fosse ameaçada pelos golpes, podia então, a gosto, gritar por socorro aos alunos ou buscar asilo no telhado, através de uma claraboia descoberta que servia para iluminar o corredor escuro ao lado.

Naquela memorável noite, o conspirador indicado por sorteio, aproveitando-se do momento em que a zeladora impunha sua habitual exibição ao diretor, adentrava furtivamente o aposento dela, executava lá, sob a luz da candeia, o que fora predecidido, e conseguia sair sem ser notado. Os demais permaneciam no corredor e no refeitório, porque se aproximava a hora da janta. Antes de soar o sino que a indicava, Lâmia abriu, como por hábito, a porta de seu aposento para averiguar se estava tudo em ordem, e em especial seus adereços de amanhã. Mas no meio da cama assomava, imenso e redondo, o monte indicando que o três vezes maldito animal conseguira, mais uma vez, meter-se sob a coberta. A albanesa mordeu o lábio e lançou-nos um olhar selvagem. Sem pronunciar uma palavra sequer, livrou os pés das chinelas e, segurando firme em uma das mãos o cabo da vassoura, e na outra o coração, para acalmar seus batimentos, avançou na ponta dos pés descalços, silenciosa e horripilante como um fantasma, em direção à cama. Já se encontrava em frente a ela, e o monte permanecia imóvel. A desditosa Semira dormia, como parece, desta vez, profundamente. A pesada vara alçou-se e despencou sobre seu corpo macio e pulsante uma, duas, muitas, infinitas vezes, como pilão de lavadeira. Apenas no último instante ouviu-se um tranquilo miau, miau. Mas ele parecia vir do alto. Os olhos de todos se voltaram para aquele local, e ereta, sobre a prateleira, bocejando como se lhe tivesse sido interrompido o sono, e curvando em arco seu dorso, surgiu de súbito aos surpresos espectadores, sã e intocada, Semira.

O que, então, Lâmia golpeava por tanto tempo e com tanta fúria? Quando, acometida por terrível presságio, puxou com a mão trêmula a coberta, revelaram-se embaixo dela ao invés do corpo de uma gata, os deploráveis restos mortais de um chapéu feminino, do chapéu do dia seguinte, que com suas próprias mãos transformara em um bolo disforme de veludo, papelão, flores e plumas. Nem Tiestes, ao descobrir que comera seus filhos, creio ter sentido tamanho assombro. Mas Lâmia não era daquelas mulheres que desmaiam, e lançou-se enfuriada para nos surrar a todos, sem exceção sequer do próprio senhor Fabrício.

Tive a oportunidade, antes e desde então, de presenciar muitas cenas selvagens e de ver rostos com fisionomias tornadas monstruosas pela fúria, mas nada em minha memória é mais terrível do que aquela albanesa com seu bioco desatado, seus cabelos grisalhos escorridos sobre os ombros, com fagulhas nos olhos e espuma na boca. Querendo acalmá-la, o nobre diretor anunciou que, no dia seguinte, procederia com interrogatórios com o propósito de descobrir e punir o culpado. Os interrogatórios foram executados, mas se mostrou impossível encontrar quem depositara sob a coberta o cha-

péu esmagado. E com justiça podemos considerar isso como uma grande felicidade para ele, pois, três dias depois, era içada morta do poço a pobre Semira.

DUAS CARTAS DE MEU MOINHO

ALPHONSE DAUDET

O TEXTO: Dois contos complementares de Alphonse Daudet, "A lenda do homem com o cérebro de ouro" e "O poeta Mistral", que integram o livro *Lettres de mon moulin* (*Cartas de meu moinho*), de 1869. No primeiro, influenciado pelo suicídio de seu amigo, o poeta Charles Barbara, o autor narra uma história sombria, traçando, ao final, uma breve analogia entre seu personagem e o ofício tortuoso desempenhado pelos poetas e escritores. No segundo, apresenta-nos seu amigo e prêmio Nobel de Literatura, Frédéric Mistral (1830-1914), conhecido pela defesa e preservação da língua provençal, destacando aspectos de sua vida e obra, ao mesmo tempo que mostra algumas curiosas tradições populares da Provença.

Texto traduzido: Daudet, A. "La légende de l'homme à la cervelle d'or" et "Le poète Mistral". In. *Lettres de mon moulin*. Paris: G. Charpentier et E. Fasquelle, Éditeurs, 1895, pp. 185-210.

O AUTOR: Alphonse Daudet (1840-1897), escritor, dramaturgo e poeta francês, nasceu em Nîmes. Iniciou sua carreira literária em Paris, aproximando-se do Naturalismo dos irmãos Goncourt e de Zola, ao retratar finamente a sociedade francesa, e também, do poeta Frédéric Mistral e do movimento Félibrige. Alcançou notoriedade ao publicar *Le Petit Chose* (1868), um romance autobiográfico, *Lettres de mon moulin* (1869), uma coletânea de contos ambientados em sua Provença natal e a trilogia das *Aventures prodigieuses de Tartarin de Tarascon* (1872, 1885 e 1890), cujo personagem se tornaria mítico na literatura francesa.

A TRADUTORA: Vera Lúcia de Azevedo Siqueira é licenciada em Letras Português-Francês pela UFRJ e mestra em Educação pela UnB. Profissional de preparação de textos e revisão, dedica-se à tradução desde 2018. Já publicou resenhas em revistas eletrônicas nas áreas de patrimônio cultural, literatura e educação em museus.

DEUX LETTRES DE MON MOULIN

"Malgré ses airs de conte fantastique,
cette légende est vraie d'un bout à l'autre."

ALPHONSE DAUDET

LA LEGENDE DE L'HOMME A LA CERVELLE D'OR

A la dame qui demande des histoires gaies.

En lisant votre lettre, madame, j'ai eu comme un remords. Je m'en suis voulu de la couleur un peu trop demi-deuil de mes historiettes, et je m'étais promis de vous offrir aujourd'hui quelque chose de joyeux, de follement joyeux.

Pourquoi serais-je triste, après tout ? Je vis à mille lieues des brouillards parisiens, sur une colline lumineuse, dans le pays des tambourins et du vin muscat. Autour de chez moi tout n'est que soleil et musique ; j'ai des orchestres de culs-blancs, des orphéons de mésanges ; le matin, les courlis qui font : « Coureli ! coureli ! » à midi, les cigales, puis les pâtres qui jouent du fifre, et les belles filles brunes qu'on entend rire dans les vignes… En vérité, l'endroit est mal choisi pour broyer du noir ; je devrais plutôt expédier aux dames des poèmes couleur de rose et des pleins paniers de contes galants.

Eh bien, non ! je suis encore trop près de Paris. Tous les jours, jusque dans mes pins, il m'envoie les éclaboussures de ses tristesses… À l'heure même où j'écris ces lignes, je viens d'apprendre la mort misérable du pauvre Charles Barbara ; et mon moulin en est tout en deuil. Adieu les courlis et les cigales ! Je n'ai plus le cœur à rien de gai… Voilà pourquoi, madame, au lieu

du joli conte badin que je m'étais promis de vous faire, vous n'aurez encore aujourd'hui qu'une légende mélancolique.

Il était une fois un homme qui avait une cervelle d'or ; oui, madame, une cervelle toute en or. Lorsqu'il vint au monde, les médecins pensaient que cet enfant ne vivrait pas, tant sa tête était lourde et son crâne démesuré. Il vécut cependant et grandit au soleil comme un beau plant d'olivier ; seulement sa grosse tête l'entraînait toujours, et c'était pitié de le voir se cogner à tous les meubles en marchant… Il tombait souvent. Un jour, il roula du haut d'un perron et vint donner du front contre un degré de marbre, où son crâne sonna comme un lingot. On le crut mort ; mais, en le relevant, on ne lui trouva qu'une légère blessure, avec deux ou trois gouttelettes d'or caillées dans ses cheveux blonds. C'est ainsi que les parents apprirent que l'enfant avait une cervelle en or.

La chose fut tenue secrète ; le pauvre petit lui-même ne se douta de rien. De temps en temps, il demandait pourquoi on ne le laissait plus courir devant la porte avec les garçonnets de la rue.

– On vous volerait, mon beau trésor ! lui répondait sa mère…

Alors le petit avait grand'peur d'être volé ; il retournait jouer tout seul, sans rien dire, et se trimbalait lourdement d'une salle à l'autre…

À dix-huit ans seulement, ses parents lui révélèrent le don monstrueux qu'il tenait du destin ; et, comme ils l'avaient élevé et nourri jusque-là, ils lui demandèrent en retour un peu de son or. L'enfant n'hésita pas ; sur l'heure même, – comment ? par quels moyens ? la légende ne l'a pas dit, – il s'arracha du crâne un morceau d'or massif, un morceau gros comme une noix, qu'il jeta fièrement sur les genoux de sa mère… Puis tout ébloui des richesses qu'il portait dans la tête, fou de désirs, ivre de sa puissance, il quitta la maison paternelle et s'en alla par le monde en gaspillant son trésor.

Du train dont il menait sa vie, royalement, et semant l'or sans compter, on aurait dit que sa cervelle était inépuisable… Elle s'épuisait cependant, et à mesure on pouvait voir les yeux s'éteindre, la joue devenir plus creuse. Un jour enfin, au matin d'une débauche folle, le malheureux, resté seul parmi les débris du festin et les lustres qui pâlissaient, s'épouvanta de l'énorme brèche qu'il avait déjà faite à son lingot ; il était temps de s'arrêter.

Dès lors, ce fut une existence nouvelle. L'homme à la cervelle d'or s'en alla vivre, à l'écart, du travail de ses mains, soupçonneux et craintif comme un avare, fuyant les tentations, tâchant d'oublier lui-même ces fatales richesses auxquelles il ne voulait plus toucher… Par malheur, un ami l'avait suivi dans sa solitude, et cet ami connaissait son secret.

Une nuit, le pauvre homme fut réveillé en sursaut par une douleur à la tête, une effroyable douleur ; il se dressa éperdu, et vit, dans un rayon de lune, l'ami qui fuyait en cachant quelque chose sous son manteau…

Encore un peu de cervelle qu'on lui emportait !…

À quelque temps de là, l'homme à la cervelle d'or devint amoureux, et cette fois tout fut fini… Il aimait du meilleur de son âme une petite femme blonde, qui l'aimait bien aussi, mais qui préférait encore les pompons, les plumes blanches et les jolis glands mordorés battant le long des bottines.

Entre les mains de cette mignonne créature, – moitié oiseau, moitié poupée, – les piécettes d'or fondaient que c'était un plaisir. Elle avait tous les caprices ; et lui ne savait jamais dire non ; même, de peur de la peiner, il lui cacha jusqu'au bout le triste secret de sa fortune.

– Nous sommes donc bien riches ? disait-elle.

Le pauvre homme répondait :

– Oh ! oui… bien riches !

Et il souriait avec amour au petit oiseau bleu qui lui mangeait le crâne innocemment. Quelquefois cependant la peur le prenait, il avait des envies d'être avare ; mais alors la petite femme venait vers lui en sautillant, et lui disait :

– Mon mari, qui êtes si riche ! achetez-moi quelque chose de bien cher…

Et il lui achetait quelque chose de bien cher.

Cela dura ainsi pendant deux ans ; puis, un matin, la petite femme mourut, sans qu'on sût pourquoi, comme un oiseau… Le trésor touchait à sa fin ; avec ce qui lui en restait, le veuf fit faire à sa chère morte un bel enterrement. Cloches à toute volée, lourds carrosses tendus de noir, chevaux empanachés, larmes d'argent dans le velours, rien ne lui parut trop beau. Que lui importait son or maintenant ?… Il en donna pour l'église, pour les porteurs, pour les revendeuses d'immortelles ; il en donna partout, sans marchander… Aussi, en sortant du cimetière, il ne lui restait presque plus rien de cette cervelle merveilleuse, à peine quelques parcelles aux parois du crâne.

Alors on le vit s'en aller dans les rues, l'air égaré, les mains en avant, trébuchant comme un homme ivre. Le soir, à l'heure où les bazars s'illuminent, il s'arrêta devant une large vitrine dans laquelle tout un fouillis d'étoffes et de parures reluisait aux lumières, et resta là longtemps à regarder deux bottines de satin bleu bordées de duvet de cygne. « Je sais quelqu'un à qui ces bottines feraient bien plaisir, » se disait-il en souriant ; et, ne se souvenant déjà plus que la petite femme était morte, il entra pour les acheter.

Du fond de son arrière-boutique, la marchande entendit un grand cri ; elle accourut et recula de peur en voyant un homme debout, qui s'accotait au comptoir et la regardait douloureusement d'un air hébété. Il tenait d'une main les bottines bleues à bordure de cygne, et présentait l'autre main toute sanglante, avec des raclures d'or au bout des ongles.

Telle est, madame, la légende de l'homme à la cervelle d'or.

Malgré ses airs de conte fantastique, cette légende est vraie d'un bout à l'autre… Il y a par le monde de pauvres gens qui sont condamnés à vivre de leur cerveau, et payent en bel or fin, avec leur moelle et leur substance, les moindres choses de la vie. C'est pour eux une douleur de chaque jour ; et puis, quand ils sont las de souffrir…

LE POETE MISTRAL

Dimanche dernier, en me levant, j'ai cru me réveiller rue du Faubourg-Montmartre. Il pleuvait, le ciel était gris, le moulin triste. J'ai eu peur de passer chez moi cette froide journée de pluie, et tout de suite l'envie m'est venue d'aller me réchauffer un brin auprès de Frédéric Mistral, ce grand poète qui vit à trois lieues de mes pins, dans son petit village de Maillane.

Sitôt pensé, sitôt parti : une trique en bois de myrte, mon Montaigne, une couverture, et en route !

Personne aux champs… Notre belle Provence catholique laisse la terre se reposer le dimanche… Les chiens seuls au logis, les fermes closes… De loin en loin, une charrette de roulier avec sa bâche ruisselante, une vieille encapuchonnée dans sa mante feuille morte, des mules en tenue de gala, housse de sparterie bleue et blanche, pompons rouge, grelots d'argent, – emportant au petit trot toute une carriole de gens de *mas* qui vont à la messe ; puis, là-bas, à travers la brume, une barque sur la *roubine* et un pêcheur debout qui lance son épervier…

Pas moyen de lire en route ce jour-là. La pluie tombait par torrents, et la tramontane vous la jetait à pleins seaux dans la figure… Je fis le chemin tout d'une haleine, et enfin, après trois heures de marche, j'aperçus devant moi les petits bois de cyprès au milieu desquels le pays de Maillane s'abrite de peur du vent.

Pas un chat dans les rues du village ; tout le monde était à la grand'messe. Quand je passai devant l'église, le serpent ronflait, et je vis les cierges reluire à travers les vitres de couleur.

Le logis du poète est à l'extrémité du pays ; c'est la dernière maison à main gauche, sur la route de Saint-Remy, – une maisonnette à un étage avec un jardin devant… J'entre doucement… Personne ! La porte du salon est fermée, mais j'entends derrière quelqu'un qui marche et qui parle à haute voix… Ce pas et cette voix me sont bien connus… Je m'arrête un moment dans le petit couloir peint à la chaux, la main sur le bouton de la porte, très ému. Le cœur me bat. – Il est là. Il travaille… Faut-il attendre que la strophe soit finie ?… Ma foi ! tant pis, entrons.

Ah ! Parisiens, lorsque le poète de Maillane est venu chez vous montrer Paris à sa Mireille, et que vous l'avez vu dans vos salons, ce Chactas en habit de ville, avec un col droit et un grand chapeau qui le gênait autant que sa gloire, vous avez cru que c'était là Mistral… Non, ce n'était pas lui. Il n'y a qu'un Mistral au monde, celui que j'ai surpris dimanche dernier dans son village, le chaperon de feutre sur l'oreille, sans gilet, en jaquette, sa rouge taillole catalane autour des reins, l'œil allumé, le feu de l'inspiration aux pommettes, superbe avec un bon sourire, élégant comme un pâtre grec, et marchant à grands pas, les mains dans ses poches, en faisant des vers…

– Comment ! c'est toi ? cria Mistral en me sautant au cou ; la bonne idée que tu as eue de venir !… Tout juste aujourd'hui, c'est la fête de Maillane. Nous avons la musique d'Avignon, les taureaux, la procession, la farandole, ce sera magnifique… La mère va rentrer de la messe ; nous déjeunons, et puis, zou ! nous allons voir danser les jolies filles…

Pendant qu'il me parlait, je regardais avec émotion ce petit salon à tapisserie claire, que je n'avais pas vu depuis si longtemps, et où j'ai passé déjà de si belles heures. Rien n'était changé. Toujours le canapé à carreaux jaunes, les deux fauteuils de paille, la Vénus sans bras et la Vénus d'Arles sur la cheminée, le portrait du poète par Hébert, sa photographie par Etienne Carjat, et, dans un coin, près de la fenêtre, le bureau, – un pauvre petit bureau de receveur d'enregistrement, – tout chargé de vieux bouquins et de dictionnaires. Au milieu de ce bureau, j'aperçus un gros cahier ouvert… C'était *Calendal*, le nouveau poème de Frédéric Mistral, qui doit paraître à la fin de cette année le jour de Noël. Ce poème, Mistral y travaille depuis sept ans, et voilà près de six mois qu'il en a écrit le dernier vers ; pourtant, il n'ose s'en séparer encore. Vous comprenez, on a toujours une strophe à polir, une rime plus sonore à trouver… Mistral a beau écrire en provençal, il travaille ses vers comme si tout le monde devait les lire dans la langue et lui tenir compte de ses efforts de bon ouvrier… Oh ! le brave poète, et que c'est bien Mistral dont Montaigne aurait pu dire : *Souvienne-vous de celuy à qui, comme on demandoit à quoy faire il se peinoit si fort en un art qui ne pouvoit venir à la cognoissance de guère des gens, « J'en ay assez de peu, répondit-il. J'en ay assez d'un. J'en ay assez de pas un.* »

Je tenais le cahier de *Calendal* entre mes mains, et je le feuilletais, plein d'émotion… Tout à coup une musique de fifres et de tambourins éclate dans la rue, devant la fenêtre, et voilà mon Mistral qui court à l'armoire, en tire des

verres, des bouteilles, traîne la table au milieu du salon, et ouvre la porte aux musiciens en me disant :

– Ne ris pas… Ils viennent me donner l'aubade… je suis conseiller municipal.

La petite pièce se remplit de monde. On pose les tambourins sur les chaises, la vieille bannière dans un coin ; et le vin cuit circule. Puis quand on a vidé quelques bouteilles à la santé de M. Frédéric, qu'on a causé gravement de la fête, si la farandole sera aussi belle que l'an dernier, si les taureaux se comporteront bien, les musiciens se retirent et vont donner l'aubade chez les autres conseillers. À ce moment, la mère de Mistral arrive.

En un tour de main la table est dressée : un beau linge blanc et deux couverts. Je connais les usages de la maison ; je sais que lorsque Mistral a du monde, sa mère ne se met pas à table… La pauvre vieille femme ne connaît que son provençal et se sentirait mal à l'aise pour causer avec des Français… D'ailleurs, on a besoin d'elle à la cuisine.

Dieu ! le joli repas que j'ai fait ce matin-là : – un morceau de chevreau rôti, du fromage de montagne, de la confiture de moût, des figues, des raisins muscats. Le tout arrosé de ce bon châteauneuf des papes qui a une si belle couleur rose dans les verres…

Au dessert, je vais chercher le cahier de poème, et je l'apporte sur la table devant Mistral.

– Nous avions dit que nous sortirions, fait le poète en souriant.

– Non ! non !… *Calendal ! Calendal !*

Mistral se résigne, et de sa voix musicale et douce, en battant la mesure de ses vers avec la main, il entame le premier chant : – *D'une fille folle d'amour, – à présent que j'ai dit la triste aventure, – je chanterai, si Dieu veut, un enfant de Cassis, – un pauvre petit pêcheur d'anchois…*

Au dehors, les cloches sonnaient les vêpres, les pétards éclataient sur la place, les fifres passaient et repassaient dans les rues avec les tambourins. Les taureaux de Camargue, qu'on menait courir, mugissaient.

Moi, les coudes sur la nappe, des larmes dans les yeux, j'écoutais l'histoire du petit pêcheur provençal.

Calendal n’était qu’un pêcheur ; l’amour en fait un héros… Pour gagner le cœur de sa mie, – la belle Estérelle, – il entreprend des choses miraculeuses, et les douze travaux d’Hercule ne sont rien à côté des siens.

Une fois, s’étant mis en tête d’être riche, il a inventé de formidables engins de pêche, et ramène au port tout le poisson de la mer. Une autre fois, c’est un terrible bandit des gorges d’Ollioules, le comte Sévéran, qu’il va relancer jusque dans son aire, parmi ses coupe-jarrets et ses concubines… Quel rude gars que ce petit Calendal ! Un jour, à la Sainte-Baume, il rencontre deux partis de compagnons venus là pour vider leur querelle à grands coups de compas sur la tombe de maître Jacques, un Provençal qui a fait la charpente du temple de Salomon, s’il vous plaît. Calendal se jette au milieu de la tuerie, et apaise les compagnons en leur parlant…

Des entreprises surhumaines !… Il y avait là-haut, dans les rochers de Lure, une forêt de cèdres inaccessibles, où jamais bûcheron n’osa monter. Calendal y va, lui. Il s’y installe tout seul pendant trente jours. Pendant trente jours, on entend le bruit de sa hache qui sonne en s’enfonçant dans les troncs. La forêt crie ; l’un après l’autre, les vieux arbres géants tombent et roulent au fond des abîmes et quand Calendal redescend, il ne reste plus un cèdre sur la montagne…

Enfin en récompense de tant d’exploits, le pêcheur d’anchois obtient l’amour d’Estérelle, et il est nommé consul par les habitants de Cassis. Voilà l’histoire de Calendal… Mais qu’importe Calendal ? Ce qu’il y a avant tout dans le poème, c’est la Provence, – la Provence de la mer, la Provence de la montagne, – avec son histoire, ses mœurs, ses légendes, ses paysages, tout un peuple naïf et libre qui a trouvé son grand poète avant de mourir… Et maintenant, tracez des chemins de fer, plantez des poteaux à télégraphes, chassez la langue provençale des écoles ! La Provence vivra éternellement dans *Mireille* et dans *Calendal*.

– Assez de poésie ! dit Mistral en fermant son cahier. Il faut aller voir la fête.

Nous sortîmes ; tout le village était dans les rues ; un grand coup de bise avait balayé le ciel, et le ciel reluisait joyeusement sur les toits rouges mouillés de pluie. Nous arrivâmes à temps pour voir rentrer la procession. Ce fut pendant une heure un interminable défilé de pénitents en cagoule, pénitents blancs, pénitents bleus, pénitents gris, confréries de filles voilées,

bannières roses à fleurs d'or, grands saints de bois dédorés portés à quatre épaules, saintes de faïence coloriées comme des idoles avec de gros bouquets à la main, chapes, ostensoirs, dais de velours vert, crucifix encadrés de soie blanche, tout cela ondulant au vent dans la lumière des cierges et du soleil, au milieu des psaumes, des litanies, et des cloches qui sonnaient à toute volée.

La procession finie, les saints remisés dans leurs chapelles, nous allâmes voir les taureaux, puis les jeux sur l'aire, les luttes d'hommes, les trois sauts, l'étrangle-chat, le jeu de l'outre, et tout le joli train des fêtes de Provence… La nuit tombait quand nous rentrâmes à Maillane. Sur la place, devant le petit café où Mistral va faire, le soir, sa partie avec son ami Zidore, on avait allumé un grand feu de joie… La farandole s'organisait. Des lanternes de papier découpé s'allumaient partout dans l'ombre ; la jeunesse prenait place ; et bientôt, sur un appel des tambourins, commença autour de la flamme une ronde folle, bruyante, qui devait durer toute la nuit.

Après souper, trop las pour courir encore, nous montâmes dans la chambre de Mistral. C'est une modeste chambre de paysan, avec deux grands lits. Les murs n'ont pas de papier ; les solives du plafond se voient… Il y a quatre ans, lorsque l'Académie donna à l'auteur de *Mireille* le prix de trois mille francs, M[me] Mistral eut une idée.

– Si nous faisions tapisser et plafonner ta chambre ? dit-elle à son fils.

– Non ! non ! répondit Mistral… Ça, c'est l'argent des poètes, on n'y touche pas.

Et la chambre est restée toute nue ; mais tant que l'argent des poètes a duré, ceux qui ont frappé chez Mistral ont toujours trouvé sa bourse ouverte…

J'avais emporté le cahier de *Calendal* dans la chambre, et je voulus m'en faire lire encore un passage avant de m'endormir. Mistral choisit l'épisode des faïences. Le voici en quelques mots :

C'est dans un grand repas je ne sais où. On apporte sur la table un magnifique service en faïence de Moustiers. Au fond de chaque assiette, dessiné en bleu dans l'émail, il y a un sujet provençal ; toute l'histoire du pays tient là dedans. Aussi il faut voir avec quel amour sont décrites ces belles faïences ; une strophe pour chaque assiette, autant de petits poèmes d'un travail naïf et savant, achevés comme un tableautin de Théocrite.

Tandis que Mistral me disait ses vers dans cette belle langue provençale, plus qu'aux trois quarts latine, que les reines ont parlée autrefois et que maintenant nos pâtres seuls comprennent, j'admirais cet homme au dedans de moi, et, songeant à l'état de ruine où il a trouvé sa langue maternelle et ce qu'il en a fait, je me figurais un de ces vieux palais des princes des Baux comme on en voit dans les Alpilles : plus de toits, plus de balustres aux perrons, plus de vitraux aux fenêtres, le trèfle des ogives cassé, le blason des portes mangé de mousse, des poules picorant dans la cour d'honneur, des porcs vautrés sous les fines colonnettes des galeries, l'âne broutant dans la chapelle où l'herbe pousse, des pigeons venant boire aux grands bénitiers remplis d'eau de pluie, et enfin, parmi ces décombres, deux ou trois familles de paysans qui se sont bâti des huttes dans les flancs du vieux palais.

Puis, voilà qu'un beau jour le fils d'un de ces paysans s'éprend de ces grandes ruines et s'indigne de les voir ainsi profanées ; vite, vite, il chasse le bétail hors de la cour d'honneur ; et, les fées lui venant en aide, à lui tout seul il reconstruit le grand escalier, remet des boiseries aux murs, des vitraux aux fenêtres, relève les tours, redore la salle du trône, et met sur pied le vaste palais d'autre temps, où logèrent des papes et des impératrices.

Ce palais restauré, c'est la langue provençale.

Ce fils de paysan, c'est Mistral.

DUAS CARTAS DE MEU MOINHO

"Apesar de parecer um conto fantástico,
essa lenda é verdadeira do princípio ao fim."

ALPHONSE DAUDET

A LENDA DO HOMEM COM O CÉREBRO DE OURO

À senhora que me pede histórias alegres.

Ao ler sua carta, senhora, senti uma espécie de remorso. Eu me culpei pela cor um tanto outonal de minhas historietas e prometi a mim mesmo oferecer-lhe hoje algo alegre, loucamente alegre.

Por que, afinal, eu estaria triste? Vivo a mil léguas do nevoeiro parisiense, em uma colina luminosa, na região dos tamborins e do vinho moscatel. Tudo ao meu redor é apenas sol e música; tenho orquestras de trigueiros, orfeões de chapins; de manhã, os maçaricos que fazem: "curliii! curliii!"; ao meio-dia, as cigarras; depois, os pastores que tocam pífanos e as belas jovens morenas cujo riso se ouve nos vinhedos... Na verdade, o local não é uma boa escolha para se deprimir; talvez eu devesse enviar às damas poemas cor-de-rosa e cestos repletos de contos galantes.

Mas não! Ainda estou muito perto de Paris. Todos os dias, até em meus pinheiros, ele me envia os respingos de sua tristeza. Agora mesmo, quando escrevo estas linhas, acabo de saber da morte miserável do pobre Charles Barbara, e por isso, meu moinho está de luto. Adeus, maçaricos e cigarras! Não tenho mais alegria no coração... É por isso que, em vez do conto bonito e divertido que prometi lhe enviar, a senhora terá hoje apenas uma lenda melancólica.

Era uma vez um homem que tinha um cérebro de ouro; sim, minha senhora, um cérebro todo de ouro. Quando veio ao mundo, os médicos pensaram que essa criança não sobreviveria, tal o peso de sua cabeça e o tamanho de seu crânio. No entanto, sobreviveu e cresceu ao sol, como uma bela muda de oliveira; mas sua pesada cabeça sempre o desequilibrava e dava pena vê-lo esbarrar em todos os móveis ao caminhar... Ele caía com frequência. Certa vez, rolou do alto de uma escadaria e acabou batendo com a testa em um degrau de mármore, onde seu crânio ressoou como um lingote. Parecia ter morrido, mas quando o levantaram, encontraram apenas uma leve ferida, com duas ou três gotinhas de ouro coalhadas em seus cabelos louros. Foi assim que os pais souberam que a criança tinha um cérebro de ouro.

A coisa ficou em segredo; o pobre pequeno, por si mesmo, não desconfiava de nada. De vez em quando, perguntava por que não mais o deixavam correr na frente de casa com os garotos da rua.

– Vão te roubar, meu lindo tesouro! – respondia a mãe.

Por isso, o pequeno tinha um medo enorme de ser roubado; então, voltava a brincar sozinho, sem falar nada, se arrastando pesadamente de uma sala à outra...

Somente aos dezoito anos os pais lhe revelaram o dom monstruoso que o destino lhe concedera; e como o haviam criado e alimentado até então, pediram em troca um pouco de seu ouro. O jovem não hesitou; na hora – como? de que jeito? a lenda não diz –, arrancou do crânio um pedaço de ouro maciço, grande como uma noz, e jogou orgulhosamente no colo da mãe... Depois, deslumbrado com a riqueza que levava na cabeça, louco de desejos, ébrio de poder, deixou a casa paterna e saiu pelo mundo arruinando seu tesouro.

Do jeito que levava a vida, majestosamente, semeando ouro sem contar, pode-se dizer que seu cérebro era inesgotável... No entanto, se esgotava e com o tempo era possível ver os olhos perderem o brilho, a face ficar mais encovada. Um dia, finalmente, ao amanhecer de uma louca devassidão, sozinho entre os restos do festim e os lustres que se apagavam, o infeliz se espantou com a enorme brecha que já havia feito em seu lingote; era hora de parar.

A partir de então, teve início uma nova existência. O homem do cérebro de ouro foi viver do trabalho de suas mãos, isolado, desconfiado e temeroso como um avarento, fugindo das tentações, tentando esquecer aquelas riquezas fatais em que não podia mais tocar... Por infelicidade, um amigo que o havia seguido em sua solidão conhecia seu segredo.

Certa noite, o pobre homem acordou com dor de cabeça, uma dor terrível; levantou-se desesperado e, em um raio de luar, viu o amigo fugir escondendo algo sob o casaco...

Um pouco mais de cérebro lhe havia sido roubado...

Algum tempo depois, o homem do cérebro de ouro ficou apaixonado, e dessa vez, tudo acabou... Ele amava do fundo do coração uma jovem loura, que também o amava, mas que preferia os pompons, as plumas brancas e as bonitas borlas douradas que se balançavam ao longo das botas.

Nas mãos dessa encantadora criatura – meio boneca, meio pássaro – as pecinhas de ouro derretiam que era uma delícia. Ela tinha todos os caprichos; e ele não sabia dizer não; assim, com medo de afligi-la, escondeu dela até o fim o triste segredo de sua riqueza.

– Então somos muito ricos? – perguntava ela.

O pobre homem respondia:

– Sim! Sim... muito ricos!

E sorria amoroso para o pequeno pássaro azul que, inocentemente, lhe comia o crânio. Algumas vezes, no entanto, tomado pelo medo, tinha vontade de ser sovina, mas então a jovem vinha saltitante até ele e dizia:

– Meu marido, que é tão rico, me compre algo bem caro...

E ele lhe comprava algo bem caro.

Isso durou dois anos; depois, certa manhã, a jovem morreu como um pássaro, sem que se soubesse a razão... O tesouro chegava a seu fim; com o que dele restou, o viúvo fez um belo enterro para sua morta querida. Sinos a todo som, pesadas carruagens revestidas de negro, cavalos adornados com penachos, lágrimas prateadas no veludo, nada lhe pareceu belo o suficiente. Agora, que lhe importava o seu ouro? Ele o doou para a igreja, para os carregadores, para as floristas; ele o doou por toda parte, sem regatear... Ao sair do cemitério, também quase nada lhe restava daquele cérebro maravilhoso, a não ser alguns fragmentos nas paredes do crânio.

Foi então que o viram pelas ruas, ar absorto, braços caídos, tropeçando como um ébrio. No fim da tarde, na hora que as lojas se iluminavam, parou diante de uma grande vitrine, na qual reluzia uma mistura de tecidos e de

acessórios, e lá ficou muito tempo olhando um par de botas de seda azul guarnecidas com plumas de cisne. "Sei muito bem a quem essas botas agradariam", disse ele sorrindo, e esquecendo que a jovem estava morta, entrou para comprá-las.

Do fundo da loja, a proprietária ouviu um grito; ela correu e recuou de medo ao ver um homem de pé, encostado no balcão, olhando-a dolorosamente com um ar estúpido. Ele segurava em uma das mãos as botas azuis guarnecidas de cisne, e na outra, sangrando, mostrava raspas de ouro na ponta das unhas.

Senhora, essa é a lenda do homem com o cérebro de ouro.

Apesar de parecer um conto fantástico, essa lenda é verdadeira do princípio ao fim... Há pelo mundo uma pobre gente condenada a viver do próprio cérebro, que paga em ouro fino, com seu miolo e substância, as coisas mais insignificantes da vida. Para essa gente é uma dor diária; e depois, quando se cansam de sofrer...

O POETA MISTRAL

Domingo passado, ao me levantar, pensei estar acordando na rua do Faubourg-Montmartre. Chovia, o céu estava cinzento e o moinho triste. Tive medo de ficar em casa naquele dia frio e chuvoso e logo me deu vontade de ir me aquecer um pouco junto a Frédéric Mistral, o grande poeta que vive a três léguas de meus pinheiros, em sua aldeia de Maillane.

Dito e feito: um cajado de murta, meu Montaigne, um cobertor e a caminho!

Ninguém nos campos... Nossa bela Provença católica deixa a terra descansar aos domingos... Os cães solitários em casa, as fazendas fechadas... De vez em quando, uma carroça com um condutor e sua lona úmida, uma velha encapuzada em seu manto cor de folha seca, mulas em traje de gala – cobertura artesanal azul e branca, pompom vermelho, guizos de prata – puxando a trote curto uma carroça de camponeses indo à missa; depois ao longe, através do nevoeiro, um pescador de pé em um barco no canal lançando sua tarrafa...

Impossível ler na estrada naquele dia. A chuva era torrencial e a tramontana a jogava a cântaros no meu rosto. Fiz o trajeto de um fôlego só; finalmente, depois de três horas de caminhada, avistei à minha frente os pequenos bosques de ciprestes no meio dos quais, com medo do vento, se abriga a região de Maillane.

Nenhum gato nas ruas da aldeia; todo mundo na missa cantada. Quando passei em frente à igreja, a serpente ressonava e os círios reluziam através dos vitrais coloridos.

A casa do poeta fica na extremidade da região. É a última à esquerda, na estrada de Saint-Rémy – pequena, térrea, com um jardim na frente... Entro lentamente... Ninguém! A porta da sala de visitas está fechada, mas ouço por trás dela alguém que anda e fala em voz alta... Esse passo e essa voz me são bem familiares... Muito comovido, paro um momento no pequeno corredor caiado, com a mão na maçaneta. Meu coração dispara – ele está ali, ele trabalha... É preciso esperar que a estrofe fique pronta? Por Deus! Tanto pior, entremos.

Ah, parisienses, quando o poeta de Maillane veio mostrar Paris à sua Mireille, e vocês o viram em seus salões, esse Chactas[1] em traje social, de colarinho alto e com um grande chapéu que o incomodava tanto quanto sua glória, vocês acreditaram que aquele fosse Mistral... Não, não era ele. No mundo só existe um Mistral, o que surpreendi no domingo passado em sua aldeia, capuz de feltro cobrindo a orelha, sem colete, de jaquetão, com seu cinturão vermelho em volta dos rins, olhar brilhante, face afogueada pela inspiração, esplêndido, com um sorriso franco, elegante tal qual um pastor grego, andando a passos largos, mãos nos bolsos, fazendo versos...

– O quê! É você! – gritou Mistral me saltando ao pescoço – que bom aparecer por aqui!... Justo hoje que tem festa em Maillane. Temos a música de Avignon, os touros, a procissão, a farândola, vai ser incrível... Minha mãe volta logo da missa; almoçamos e, depois, rua! Vamos ver as belas garotas dançar...

Enquanto ele falava, eu olhava emocionado aquela pequena sala de visitas com revestimento claro, que eu não via há muito tempo e onde havia passado tão belos momentos. Nada havia mudado. O mesmo canapé de quadrados amarelos, as duas cadeiras de palha, a Vênus sem braço e a Vênus de Arles sobre a lareira, o retrato do poeta por Hébert, a fotografia dele por Etienne Carjat e, em um canto, perto da janela, a escrivaninha – uma simples escrivaninha de notário – entulhada de livros antigos e de dicionários. No centro do móvel, percebi um grande caderno aberto... Era *Calendal*, o novo poema de Frédéric Mistral que deve ser lançado no fim do ano, no dia de Natal. Ele trabalha nesse poema há sete anos e há quase seis meses escreveu o último verso. No entanto, ainda não ousa se separar dele. Sabem como é, há sempre uma estrofe a polir, uma rima um pouco mais sonora para encontrar... Por mais que escreva em provençal, ele trabalha seus versos como se todos devessem lê-los nessa língua e considerar seus esforços de bom operário. Ah, o corajoso poeta Mistral do qual Montaigne poderia ter dito: *Lembrem-se daquele a quem se perguntava por que se esforçava tanto em uma arte que só podia chegar ao conhecimento de poucas pessoas: basta-me pouco, respondia ele. Basta-me um. Basta-me nenhum*[2].

---

[1] Personagem do romance indigenista *Atala* (1801), no qual Chateaubriand narra a história de Chactas, índio da tribo dos Natchez, que "era mais do que metade civilizado". (n.t.)
[2] In. *Essais* I, XXXVIII, De la solitude. (n.t.)

Eu estava com o caderno de *Calendal* nas mãos e o folheava emocionado... De repente, uma melodia de pífaros e de tamborins explodiu na rua, em frente à janela, e meu Mistral correu até o armário, pegou copos, garrafas, empurrou a mesa para o meio do salão e abriu as portas para os músicos, me dizendo:

– Não ria... eles estão vindo cantar para mim... sou o conselheiro municipal.

O pequeno recinto se encheu de gente. Os tamborins foram colocados nas cadeiras, o velho estandarte em um canto; e o vinho cozido circulou. Mais tarde, quando garrafas se esvaziaram brindando à saúde do sr. Frédéric, e que se falou da festa – se a farândola seria tão bela quanto no ano passado, se os touros iriam se comportar bem –, os músicos se retiraram e foram cantar nas casas de outros conselheiros. Nesse momento, chegou a mãe de Mistral.

Rapidamente a mesa foi posta: uma bela toalha branca e serviço para dois. Eu conheço os hábitos da casa: quando Mistral tem convidados, sua mãe não se senta à mesa... A pobre senhora conhece apenas o provençal e não se sentiria à vontade para conversar com franceses... Além disso, ela é indispensável na cozinha...

Meu Deus! Que delícia de refeição fiz naquela manhã: um pedaço de cabrito assado, queijo de montanha, geleia de mosto, figos, uvas moscatel. Tudo regado a esse bom *château-neuf-du-pape* com sua linda cor rosada nos copos...

Na hora da sobremesa, fui buscar o caderno do poema e o coloquei na mesa, diante de Mistral.

– Dissemos que íamos sair – disse o poeta sorrindo.

– Não! Não!... *Calendal*! *Calendal*!

Mistral se conformou e com sua voz suave e musical, marcando o ritmo dos versos com a mão, entoou o primeiro deles:

– *De uma jovem louca de amor – agora que cantei a triste aventura – cantarei, se Deus quiser, um rapaz de Cassis – um pobre pequeno pescador de anchovas...*

Lá fora, os sinos soavam as vésperas, os fogos explodiam na praça, os pífaros iam e voltavam pelas ruas com os tamborins. Levados a correr, os touros da Camargue mugiam...

E eu, cotovelos na toalha e lágrimas nos olhos, escutei a história do pequeno pescador provençal.

Calendal era apenas um pescador; o amor fez dele um herói... Para ganhar o coração de sua amada – a bela Estérelle – faz coisas milagrosas, e os doze trabalhos de Hércules não são nada perto do que ele fez.

Certa vez, inventou de ser rico e criou extraordinários equipamentos de pesca, levando ao porto todos os peixes do mar. Outra vez, perseguiu um terrível bandido, o conde Sévéran, das gargantas de Ollioules até os domínios dele, em meio aos seus assassinos e às suas amantes... Que figura esse pequeno Calendal! Um dia, na Sainte-Baume, encontrou dois grupos de companheiros, que foram até ali para um acerto de contas a golpes de compasso no túmulo do mestre Jacques[3], um provençal que, façam-me o favor, construiu os alicerces do templo de Salomão. Calendal se lançou no meio da matança e, só de falar, apaziguou os companheiros...

Trabalhos sobre-humanos!... Havia lá no alto, nos rochedos de Lure, uma floresta de cedros inacessíveis, onde nenhum lenhador ousara subir. Calendal foi. E lá ficou, sozinho, durante um mês. Durante um mês, ouviu-se o barulho de seu machado que soava ao penetrar nos troncos. A floresta gritou; uma após outra, as velhas árvores gigantes caíam e rolavam no fundo do abismo e, quando Calendal regressou, não restava um só cedro na montanha...

Enfim, como recompensa por tantas proezas, o pescador de anchovas ganhou o coração de Estérelle e foi nomeado cônsul pelos habitantes de Cassis. Eis a história de Calendal... Mas que importa Calendal? O que há acima de tudo nesse poema é a Provença – a Provença do mar, a Provença da montanha – com sua história, seus costumes, suas lendas, suas paisagens, todo um povo ingênuo e livre que encontrou seu poeta antes de morrer... E agora, tracem as vias férreas, finquem os postes de telégrafos, expulsem a língua provençal das escolas! A Provença viverá eternamente em *Mireille* e em *Calendal*...

– Chega de poesia – disse Mistral fechando seu caderno. Precisamos ver a festa!

[3] Alusão à Maçonaria. (n.t.)

Saímos. Todo o povoado estava nas ruas; uma forte rajada de vento havia varrido o céu, que cintilava alegremente acima dos tetos vermelhos molhados pela chuva. Chegamos a tempo de ver o retorno da procissão. Durante uma hora, aconteceu um interminável desfile de penitentes encapuzados, penitentes brancos, penitentes azuis, penitentes cinza, confrarias de moças com véus, estandartes rosa com flores de ouro, enormes santos de madeira sem douramento carregados em quatro ombros, santas de faiança coloridas como ídolos, com grandes buquês nas mãos, mantos litúrgicos, ostensórios, dosséis de veludo verde, crucifixos emoldurados em seda branca, tudo isso ondulando ao vento, sob a luz dos círios e do sol, em meio aos salmos, às litanias e aos sinos tocando a pleno som.

Procissão concluída, santos recolocados em suas capelas, fomos ver os touros, depois os jogos ao ar livre, as lutas de homens, os três saltos, o esgana-gato, o jogo do odre e toda aquela série de festas da Provença... A noite caía quando voltamos a Maillane. Na praça, em frente ao pequeno café onde Mistral joga à noite uma partida com seu amigo Zidore, estava acesa uma grande fogueira... A farândola se organizava. Lanternas de papel recortado se iluminavam por toda parte na sombra; os jovens se instalaram; em seguida, a um toque dos tamborins, teve início ao redor do fogaréu uma ciranda louca, barulhenta, que durou toda a noite.

Depois do jantar, cansados demais para correr, subimos até o quarto de Mistral. É um quarto modesto de camponês, com dois grandes leitos. As paredes não têm papel, as vigas do teto ficam à mostra... Há quatro anos, quando a Academia concedeu ao autor de *Mireille* o prêmio de três mil francos, a sra. Mistral teve uma ideia.

– E se a gente forrasse o quarto e o teto? – ela perguntou ao filho.

– Não! Não!... – respondeu Mistral. Esse dinheiro é dos poetas, não se toca nele.

E o quarto continuou todo nu. Mas enquanto durou o dinheiro dos poetas, os que bateram na porta de Mistral sempre encontraram sua bolsa aberta...

Eu havia levado o caderno do Calendal para o quarto e quis ler ainda uma passagem antes de dormir. Mistral escolheu o episódio das faianças. Aqui está ele em poucas palavras:

Foi durante uma refeição, não sei onde. Leva-se à mesa um serviço magnífico de faiança de Moustiers. No fundo de cada prato, desenhado em azul sobre o esmalte, há um tema provençal; toda a história da região está ali. Vale a pena ver com quanto amor são descritas essas belas faianças; uma estrofe para cada prato, tantos pequenos poemas em um trabalho ingênuo e erudito, finalizados à semelhança de Teócrito.

Enquanto Mistral me dizia seus versos nessa bela língua provençal, mais de três quartos latina, que as rainhas falavam antigamente e que só os nossos pastores falam hoje, eu admirava esse homem no fundo do meu ser e, pensando no estado de ruína em que ele encontrou a língua materna e o que fez dela, imaginei um daqueles antigos palácios dos príncipes de Baux, como se vê nos Alpilles: não mais telhados, não mais balaústres nas escadarias, não mais vitrais nas janelas, o trevo das ogivas quebrado, o brasão das portas comido pelo musgo, galinhas ciscando no pátio principal, porcos chafurdando sob as finas colunetas das galerias, o asno pastando na capela onde o mato cresce, pombos bebendo nas grandes pias de água benta cheias de água da chuva e, enfim, entre esses escombros, duas ou três famílias de camponeses que construíram choupanas nas laterais do velho palácio.

Depois, um belo dia, o filho de um desses camponeses se apaixona por essas grandes ruínas e se indigna ao vê-las profanadas; rapidamente, ele expulsa o gado do pátio principal e, com a ajuda das fadas, reconstrói sozinho a grande escadaria, repõe o revestimento de madeira nas paredes, os vitrais nas janelas, reergue as torres, doura outra vez a sala do trono e põe de pé o grande palácio de outrora, onde habitaram papas e imperatrizes.

Esse palácio restaurado é a língua provençal.

Esse filho de pastores é Mistral.

Europa

Gustav Schwab

O texto: "Europa" é a sexta lenda da coletânea *Die schönsten Sagen des klassischen Altertums* (*As mais belas lendas da antiguidade clássica*), de Gustav Schwab, publicada pela primeira vez em 1838. É um dos diversos textos que o autor procurou traduzir para o alemão em linguagem acessível, de maneira a atrair os jovens de sua época para a mitologia greco-romana.

Texto traduzido: Schwab, Gustav. "Europa". In. *Sagen des klassischen Altertums*. Frankfurt: Insel Verlag, 1975, 13-16 S.

O autor: Gustav Schwab (1792-1850), escritor e editor alemão, nasceu em Stuttgart. Estudou teologia e filosofia em Tübingen antes de se tornar professor e pastor. Integrou o movimento romântico suábio e escrevia romances, baladas e poemas em estilo de canção folclórica. Seu maior mérito foi a compilação e a publicação de textos clássicos de diferentes fontes, que até então só eram acessíveis a acadêmicos. Em 1837, publicou uma seleção de contos populares alemães, *Buch der schönsten Geschichten und Sagen* (*O livro das mais belas histórias e lendas*), seguido de *Die schönsten Sagen des klassischen Altertums* (*As mais belas lendas da antiguidade clássica*), de 1838.

A tradutora: Sofia Froehlich Kohl é bacharela em Letras, português-alemão, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Entre seus trabalhos de tradução estão poemas de Anna Wickham, contos de Guy Helminger e ensaios de Leif Randt.

EUROPA

"Tröste dich, Europa! Zeus ist es, der dich geraubt hat;
du bist die irdische Gattin des unbesiegten Gotte."

GUSTAV SCHWAB

Im Lande Tyrus und Sidon erwuchs die Jungfrau Europa, die Tochter des Königs Agenor, in der tiefen Abgeschiedenheit des väterlichen Palastes. Zu dieser ward nachmitternächtlicherweile, wo untrügliche Träume die Sterblichen besuchen, ein seltsames Traumbild vom Himmel gesendet. Es kam ihr vor, als erschienen zwei Weltteile in Frauengestalt, Asien und der gegenüberliegende, und stritten um ihren Besitz. Die eine der Frauen hatte die Gestalt einer Fremden; die andere – und dies war Asien – glich an Aussehen und Gebärde einer Einheimischen. Diese wehrte sich mit zärtlichem Eifer für ihr Kind Europa, sprechend, daß sie es sei, welche die geliebte Tochter geboren und gesäugt hätte. Das fremde Weib aber umfaßte sie wie einen Raub mit gewaltigen Armen und zog sie mit sich fort, ohne daß Europa im Innern zu widerstreben vermochte. »Komm nur mit mir, Liebchen«, sprach die Fremde, »ich trage dich als Beute dem Ägiserschütterer Zeus entgegen; so ist dir's vom Geschicke beschieden.« Mit klopfendem Herzen erwachte Europa und richtete sich vom Lager auf, denn das Nachtgesicht war hell wie ein Anblick des Tages gewesen. Lange Zeit saß sie unbeweglich aufrecht im Bette, vor sich hinstarrend, und vor ihren weit aufgetanen Augensternen standen noch die beiden Weiber. Erst spät öffneten sich ihre Lippen zum bangen Selbstgespräche: »Welcher Himmlische«, sprach sie, »hat mir diese Bilder zugeschickt? Was für wunderbare Träume haben mich aufgeschreckt, die ich im Vaterhause süß und sicher schlummerte? Wer war doch die Fremde, die ich im Traume gesehen? Welch eine wunderbare Sehnsucht nach ihr regt sich in meinem Herzen? Und wie ist sie selbst mir so liebreich entgegengekommen, und

auch als sie mich gewaltsam entführte, mit welchem Mutterblicke hat sie mich angelächelt! Mögen die seligen Götter mir den Traum zum besten kehren!«

Der Morgen war herangekommen; der helle Tagesschein vermischte den nächtlichen Schimmer des Traumes aus der Seele der Jungfrau, und Europa erhub sich zu den Beschäftigungen und Freuden ihres jungfräulichen Lebens. Bald sammelten sich um sie ihre Altergenossinnen und Gespielinnen, Töchter der ersten Häuser, welche sie zu Chortänzen, Opfern und Lustgesängen zu begleiten pflegten. Auch jetzt kamen sie, ihre Herrin zu einem Gange nach den blumenreichen Wiesen des Meeres einzuladen, wo sich die Mädchen der Gegend scharenweise zu versammeln und am üppigen Wuchse der Blumen und am rauschenden Halle des Meeres zu erfreuen pflegten. Alle Mädchen führten einen Korb zum Blumensammeln in den Händen. Europa selbst trug einen goldenen Korb, geschmückt mit glänzenden Bildern aus der Göttersage; er war ein Werk des Hephaistos, ein uraltes Göttergeschenk des Erderschütterers Poseidon, das dieser der Libya geschenkt hatte, als er um sie warb. Aus ihrem Besitze war es von Hand zu Hand als Erbstück in das Haus des Agenor gekommen. Mit diesem Brautschmuck angetan, eilte die holdselige Europa an der Spitze ihrer Gespielinnen den Meereswiesen zu, die voll der buntesten Blumen standen. Jubelnd zerstreute sich die Schar der Mädchen da- und dorthin, jede suchte sich eine Blume auf, die nach ihrem Sinne war. Die eine pflückte die glänzende Narzisse, die andere wandte sich der Balsam ausströmenden Hyazinthe zu, eine dritte erwählte sich das sanfter duftende Veilchen, andern gefiel der gewürzige Quendel, wieder andere brachen den gelben, lockenden Krokus. So flogen die Gespielinnen hin und her; Europa aber hatte bald ihr Ziel gefunden, sie stand, wie unter den Grazien die schaumgeborne Liebesgöttin, alle ihre Genossinnen überragend, und hielt hoch in der Hand einen vollen Strauß von glühenden Rosen.

Als sie genug Blumen gesammelt, lagerten sich die Jungfrauen, ihre Fürstin in der Mitte, harmlos auf dem Rasen und fingen an, Kränze zu flechten, die sie, den Nymphen der Wiese zum Dank, an grünenden Bäumen aufhängen wollten. Aber nicht lange sollten sie ihren Sinn an den Blumen ergötzen, denn in das sorglose Jugendleben Europas griff unversehens das Schicksal ein, das ihr der Traum der verschwundenen Nacht geweissagt hatte. Zeus, der Kronide, war von den Geschossen der Liebesgöttin, die allein auch den unbezwungenen Göttervater zu besiegen vermochten, getroffen und von der Schönheit der jungen Europa ergriffen worden. Weil er aber den Zorn der eifersüchtigen Hera fürchtete, auch

nicht hoffen durfte, den unschuldigen Sinn der Jungfrau zu betören, so sann der verschlagene Gott auf eine neue List. Er verwandelte seine Gestalt und wurde ein Stier. Aber welch ein Stier! Nicht, wie er auf gemeiner Wiese geht oder unters Joch gebeugt den schwerbeladenen Wagen zieht; nein, groß, herrlich von Gestalt, mit schwellenden Muskeln am Halse und vollen Wampen am Bug; seine Hörner waren zierlich und klein, wie von Händen gedrechselt, und durchsichtiger als reine Juwelen; goldgelb war die Farbe seines Leibes, nur mitten auf der Stirne schimmerte ein silberweißes Mal, dem gekrümmten Horne des wachsenden Mondes ähnlich; bläulichte, von Verlangen funkelnde Augen rollten ihm im Kopfe.

Ehe Zeus diese Verwandlung mit sich vornahm, rief er zu sich auf den Olymp den Hermes und sprach, ohne ihm etwas von seinen Absichten zu enthüllen: »Spute dich, lieber Sohn, getreuer Vollbringer meiner Befehle! Siehst du dort unten das Land, das links zu uns emporblickt? Es ist Phönizien; dieses betritt und treibe mir das Vieh des Königes Agenor, das du auf den Bergtriften weidend finden wirst, gegen das Meeresufer hinab.« In wenigen Augenblicken war der geflügelte Gott, dem Winke seines Vaters gehorsam, auf der sidonischen Bergweide angekommen und trieb die Herde des Königes, unter die sich auch, ohne daß Hermes es geahnt hätte, der verwandelte Zeus als Stier gemischt hatte, vom Berge herab nach dem angewiesenen Strande, eben auf jene Wiesen, wo die Tochter Agenors, von lyrischen Jungfrauen umringt, sorglos mit Blumen tändelte. Die übrige Herde nun zerstreute sich über die Wiesen ferne von den Mädchen; nur der schöne Stier, in welchem der Gott verborgen war, näherte sich dem Rasenhügel, auf welchem Europa mit ihren Gespielinnen saß. Schmuck wandelte er im üppigen Grase einher, über seiner Stirne schwebte kein Drohen, sein funkelndes Auge flößte keine Furcht ein, sein ganzes Aussehen war voll Sanftmut. Europa und ihre Jungfrauen bewunderten die edle Gestalt des Tieres und seine friedlichen Gebärden, ja sie bekamen Lust, ihn recht in der Nähe zu besehen und ihm den schimmernden Rücken zu streicheln. Der Stier schien dies zu merken, denn er kam immer näher und stellte sich endlich dicht vor Europa hin. Diese sprang auf und wich anfangs einige Schritte zurück; als aber das Tier sogar zahm stehenblieb, faßte sie sich ein Herz, näherte sich wieder und hielt ihm ihren Blumenstrauß vor das schäumende Maul, aus dem sie ein ambrosisches Atem anwehte. Der Stier leckte schmeichelnd die dargebotenen Blumen und die zarte Jungfrauenhand, die ihm den Schaum abwischte und ihn liebreich zu streicheln begann. Immer reizender kam der herrliche Stier der Jungfrau vor, ja sie wagte es und drückte einen Kuß auf seine glänzende

Stirne. Da ließ das Tier ein freudiges Brüllen hören, nicht wie andere gemeine Stiere brüllen, sondern es tönte wie der Klang einer lydischen Flöte, die ein Bergtal durchhallt. Dann kauerte es sich zu den Füßen der schönen Fürstin nieder, blickte sie sehnsüchtig an, wandte ihr den Nacken zu und zeigte ihr den breiten Rücken. Da sprach Europa zu ihren Freundinnen, den Jungfrauen: »Kommt doch auch näher, liebe Gespielinnen, daß wir uns auf den Rücken dieses schönen Stieres setzen und unsere Lust haben; ich glaube, er könnte unserer viere aufnehmen und beherbergen. Er ist so zahm und sanftmütig anzuschauen, so holdselig; er gleicht gar nicht anderen Stieren; wahrhaftig, er hat Verstand wie ein Mensch, und es fehlt ihm gar nichts als die Rede!« Mit diesen Worten nahm sie ihren Gespielinnen die Kränze, einen nach dem andern, aus den Händen und behängte damit die gesenkten Hörner des Stieres, dann schwang sie sich lächelnd auf seinen Rücken, während ihre Freundinnen zaudernd und unschlüssig zusahen.

Der Stier aber, als er die geraubt, die er gewollt hatte, sprang vom Boden auf. Anfangs ging er ganz sachte mit der Jungfrau davon, doch so, daß ihre Genossinnen nicht gleichen Schritt mit seinem Gange halten konnten. Als er die Wiesen im Rücken und den kahlen Strand vor sich hatte, verdoppelte er seinen Lauf und glich nun nicht mehr einem trabenden Stiere, sondern einem fliegenden Roß. Und ehe sich Europa besinnen konnte, war er mit einem Satz ins Meer gesprungen und schwamm mit seiner Beute dahin. Die Jungfrau hielt mit der Rechten eins seiner Hörner umklammert, mit der Linken stützte sie sich auf den Rücken; in ihre Gewänder blies der Wind wie ein Segel; ängstlich blickte sie nach dem verlassenen Lande zurück und rief umsonst den Gespielinnen; das Wasser umwallte den segelnden Stier, und seine hüpfenden Wellen scheuend, zog sie furchtsam die Fersen hinauf Aber das Tier schwamm dahin wie ein Schiff; bald war das Ufer verschwunden, die Sonne untergegangen, und im Helldunkel der Nacht sah die unglückliche Jungfrau nichts um sich her als Wogen und Gestirne. So ging es fort, auch als der Morgen kam; den ganzen Tag schwamm sie auf dem Tiere durch die unendliche Flut dahin; doch wußte dieses so geschickt die Wellen zu durchschneiden, daß kein Tropfen seine geliebte Beute benetzte. Endlich gegen Abend erreichten sie ein fernes Ufer. Der Stier schwang sich ans Land, ließ die Jungfrau unter einem gewölbten Baume sanft vom Rücken gleiten und verschwand vor ihren Blicken. An seine Stelle trat ein herrlicher, göttergleicher Mann, der ihr erklärte, daß er der Beherrscher der Insel Kreta sei und sie schützen werde, wenn er durch ihren Besitz beglückt würde. Europa in ihrer trostlosen

Verlassenheit reichte ihm ihre Hand als Zeichen der Einwilligung; und Zeus hatte das Ziel seiner Wünsche erreicht.

Aus langer Betäubung erwachte Europa, als schon die Morgensonne am Himmel stand. Sie fand sich einsam, sah mit verirrten Blicken um sich her, als wollte sie die Heimat suchen. »Vater, Vater!« rief sie mit durchdringendem Wehelaut, besann sich eine Weile und rief wieder: »Ich verworfene Tochter, wie darf ich den Vaternamen nur aussprechen? Welcher Wahnsinn hat mich die Kindesliebe vergessen lassen!« Dann sah sie wieder, wie sich besinnend, umher und fragte sich selbst: »Woher, wohin bin ich gekommen? – Zu leicht ist ein Tod für die Schuld der Jungfrau! Aber wache ich denn auch und beweine einen wirklichen Schimpf? Nein, ich bin gewiß unschuldig an allem, und es neckt meinen Geist nur ein nichtiges Traumbild, das der Morgenschlaf wieder entführen wird! Wie wäre es auch möglich, daß ich mich hätte entschließen können, lieber auf dem Rücken eines Untieres durch unendliche Fluten zu schwimmen, als in holder Sicherheit frische Blumen zu pflücken!« – So sprach sie und fuhr mit der flachen Hand über die Augenlider, als wollte sie den verhaßten Traum verwischen. Als sie aber um sich blickte, blieben die fremden Gegenstände unverrückt vor ihren Augen; unbekannte Bäume und Felsen umgaben sie, und eine unheimliche Meeresflut schäumte, an starren Klippen sich brechend, empor am niegeschauten Gestade. »Ach, wer mir jetzt den Stier auslieferte«, rief sie verzweifelnd, »wie wollte ich ihn zerfleischen; nicht ruhen wollte ich, bis ich die Hörner des Ungeheuers zerbrochen, das mir jüngst noch so liebenswürdig erschien! Eitler Wunsch! Nachdem ich schamlos die Heimat verlassen, was bleibt mir übrig als zu sterben? Wenn mich nicht alle Götter verlassen haben, so sendet mir, ihr Himmlischen, einen Löwen, einen Tiger! Vielleicht reizt sie die Fülle meiner Schönheit, und ich muß nicht warten, bis der entsetzliche Hunger an diesen blühenden Wangen zehrt!« Aber kein wildes Tier erschien; lächelnd und friedlich lag die fremde Gegend vor ihr, und vom unumwölkten Himmel leuchtete die Sonne. Wie von Furien bestürmt, sprang die verlassene Jungfrau auf »Elende Europa«, rief sie, »hörst du nicht die Stimme deines abwesenden Vaters, der dich verflucht, wenn du deinem schimpflichen Leben nicht ein Ende machst! Zeigt er dir nicht jene Esche, an welche du dich mit deinem Gürtel aufhängen kannst? Deutet er nicht hin auf jenes spitze Felsgestein, von welchem herab dich ein Sprung in den Sturm der Meeresflut begraben wird? Oder willst du lieber einem Barbarenfürsten als Nebenweib dienen und als Sklavin von Tag zu Tag die zugeteilte Wolle abspannen, du, eines hohen Königes Tochter?« So quälte

sich das unglückliche verlassene Mädchen mit Todesgedanken und fühlte doch nicht den Mut in sich, zu sterben. Da vernahm sie plötzlich ein heimliches spottendes Flüstern hinter sich, glaubte sich belauscht und blickte erschrocken rückwärts. In überirdischem Glanze sah sie da die Göttin Aphrodite vor sich stehen, ihren kleinen Sohn, den Liebesgott, mit gesenktem Bogen zur Seite. Noch schwebte ein Lächeln auf den Lippen der Göttin, dann sprach sie: »Laß deinen Zorn und Hader, schönes Mädchen! Der verhaßte Stier wird kommen und dir die Hörner zum Zerreißen darreichen; ich bin es, die dir im väterlichen Hause jenen Traum gesendet. Tröste dich, Europa! Zeus ist es, der dich geraubt hat; du bist die irdische Gattin des unbesiegten Gottes; unsterblich wird dein Name werden, denn der fremde Weltteil, der dich aufgenommen hat, heißt hinfort Europa!«

EUROPA

"Consola-te, Europa! Foi Zeus quem te raptou;
tu és a esposa mundana do deus invencível."

GUSTAV SCHWAB

Europa, filha do rei Agenor, cresceu na terra de Tiro e Sídon, no profundo isolamento do palácio de seu pai. A ela foi enviada do céu, ao passar da meia noite, quando os sonhos inevitavelmente visitam os mortais, uma estranha visão. Ela viu o que pareciam ser os dois continentes do mundo, a Ásia e o outro do lado oposto, em forma de mulheres, que brigavam pela posse de Europa. Uma delas se assemelhava a uma estrangeira; a outra – e esta era Ásia –, parecia uma nativa em aparência e comportamento. Com tenro afeto por sua filha Europa, Ásia se defendia, argumentando ter sido ela a dar à luz e a amamentar a amada filha. A mulher forasteira, porém, envolvia Europa com seus braços fortes e a puxava para si, sem que Europa relutasse consigo mesma. "Vem comigo, minha adorável, dizia a estrangeira, "eu te levarei como prêmio até Zeus, o agitador da Égide; assim como o destino pediu". Europa acordou e se levantou de seu leito com o coração sobressaltado, uma vez que a visão que tivera havia sido clara como a luz do dia. Por muito tempo, permaneceu sentada em sua cama; diante de seus olhos, há muito abertos, ainda estavam as duas mulheres, que a olhavam fixamente. Apenas mais tarde seus lábios se abriram para falar, receosa, consigo mesma: "qual divindade", disse ela, "teria me enviado essa visão? Quais deslumbrantes sonhos me assustaram enquanto cochilava docemente sob a segurança da casa de meu pai? Quem será essa desconhecida que vi em meu sonho? Qual admirável saudade provinda dela invade meu coração? E como veio tão amorosamente a meu encontro, e, mesmo que tenha se apossado de mim à força, como me sorriu com um olhar tão maternal? Queiram os deuses dar-me um melhor entendimento a esse sonho".

A manhã havia chegado; a clara luz do dia misturava o que restara do sonho da alma da moça, e Europa se levantou para as ocupações e alegrias de sua vida de moça. Logo suas aias se juntaram à sua volta, filhas das casas nobres, que cultivam danças e cantos alegres. Agora sua senhora vem também a ela, convidando-a para um passeio pelos prados floridos junto ao mar, onde todas as meninas da região se reúnem e se deleitam na exuberância das flores, no buliçoso átrio do mar. Todas as meninas levam consigo um cesto para apanhar flores. Europa também leva consigo um cesto, dourado, ornado com belas pinturas dos mitos divinos; obra de Hefesto, havia sido um antiquíssimo presente de Poseidon, o agitador da terra, para Líbia, como uma de suas tentativas de conquistá-la. De sua posse, o cesto foi passado como herança até chegar à casa de Agenor. Enfeitada com esse adorno de noiva, pelos prados abundantes das mais coloridas flores, corria a graciosa Europa à frente de suas aias. Alegres se dispersavam para cá e para lá, cada qual procurando pela flor que melhor falasse a seu espírito. Uma colhia o narciso louro, outra se voltava à esquiva fragrância do jacinto; uma terceira escolhia para si a violeta mais suavemente perfumada; à outra lhe agradou uma rama de tomilho e outra ainda escolheu um fascinante açafrão amarelo. Assim voavam as aias para cá e para lá; Europa, porém, tão logo encontrou o que cobiçava, pois, sob a graça da deusa do amor, nascida da espuma, superior a todas as suas aias, tinha em suas mãos um buquê inteiro de rosas deslumbrantes.

Quando reuniram flores suficientes, as moças se deitaram inocentemente no gramado, com sua princesa ao meio, e começaram a tecer coroas, que pretendiam pendurar nas árvores mais viçosas, em agradecimento às ninfas da pradaria. Mas o deleite com as flores não foi longo, porque, na despreocupada juventude de Europa, intrometeu-se inesperadamente o destino, que seu sonho da noite passada havia profetizado. Zeus, filho de Cronos, atingido pelo disparo da deusa do amor, que sozinha pretendia derrotar o seu pai invicto, foi arrebatado pela beleza da jovem Europa. Mas por recear a ira de sua esposa, Hera, e por tampouco estar certo de que encantaria o inocente espírito da jovem, o astuto deus traçou uma nova estratégia. Transfigurou-se, então, em um touro. E que touro formidável! Não como aqueles que andam pelos grosseiros campos ou puxam submissamente carretas sobrecarregadas; não!, grandioso, deslumbrante por sua forma, com músculos volumosos no pescoço; seus chifres pequenos e delicados, como se torneados com as mãos, e mais translúcidos do que joias puras; seu corpo era de cor dourada, apenas no meio da fronte resplandecia um detalhe prateado, semelhante à curva da lua crescente; olhos azulados de cintilante volúpia ornavam sua cabeça.

Antes que Zeus acatasse essa transmutação, chamou Hermes do Olimpo e disse, sem revelar seus desígnios: "Apressa-te, filho amado, fiel cumpridor de minhas ordens! Vês lá embaixo aquela terra que se estende à nossa esquerda? É a Fenícia; adentra e traz o rebanho do rei Agenor, que tu encontrarás pastando nas encostas dos morros em direção ao mar". Poucos instantes depois, o deus alado, obedecendo às ordens do pai, havia chegado às pastagens sidônias e conduzido o rebanho do rei do monte até a costa – e no meio estava também, sem que Hermes pudesse imaginar, Zeus transfigurado em touro –, e depois, até o gramado onde a filha de Agenor, cercada por moças sonhadoras, brincava despreocupadamente com as flores. O resto do rebanho dispersou-se pelo prado, para longe da menina; somente o belo touro, no qual o deus havia se transformado, aproximou-se do gramado onde Europa estava sentada, junto de suas aias. Enfeitado, passeava pela grama verdejante, não pairava qualquer ameaça sobre sua cabeça, não escoava qualquer medo por seus olhos luzidios, seu semblante era plenamente mansidão. Europa e suas aias admiravam o corpo majestoso do animal e seus movimentos tranquilos, e certamente tiveram ânsia de contemplá-lo de perto e de acariciar seu lombo lustroso. O touro parecia perceber as intenções das moças e se aproximava mais a cada instante, até finalmente se colocar à frente de Europa. Ela saltou e recuou alguns passos; mas, permanecendo o animal docilmente imóvel, encorajou-se, aproximou-se novamente e estendeu seu buquê de rosas diante do focinho espumoso, de onde sentia fluir uma respiração deleitosa. O touro, de modo lisonjeiro, lambia as flores oferecidas e também as delicadas mãos da moça, que o limpavam da espuma e começavam a acariciá-lo com carinho. O touro magnífico lhe parecia cada vez mais atraente, tanto que até ousou beijar sua fronte brilhosa. O animal, em êxtase, mugiu de felicidade; não como outros touros comuns mugem, mas como o soar de uma flauta lírica, que ecoa por um vale. Então, se colocou aos pés da linda princesa, olhou-a com desejo, virou seu pescoço de modo a apontar para o lombo amplo. Europa, então, disse às suas amigas, às moças: "Aproximem-se, queridas aias, para que possamos nos sentar no lombo deste touro formoso e contentarmos nossa vontade; acredito que ele possa levar todas nós, as quatro, acomodadas em suas costas. Ele parece bastante manso e dócil, tão encantador; não é semelhante a nenhum outro touro; realmente, tem o discernimento de uma pessoa e não lhe falta nada a não ser falar!" Ao dizer isso, Europa tomou das mãos de suas aias as coroas trançadas por elas, uma a uma, pendurou-as nos diminutos chifres do touro, e, então, se balançou risonhamente sobre o lombo, enquanto suas amigas indecisas a observavam com hesitação.

O touro, porém, tendo em posse aquela que desejava, saltou logo do chão. No início, andou cuidadosamente com a moça nele montada, para evitar que as aias logo viessem interromper o passeio. Porém, tão logo os prados estavam às suas costas e a praia fria à sua frente, apressou sua corrida e já não parecia mais um touro trotador, mas um corcel volante. E antes que Europa pudesse refletir, o animal pulou no mar e nadou com sua presa ao fundo. Com a mão direita, a moça agarrou um dos chifres, e com a esquerda, apoiou-se sobre o lombo; em suas vestes soprava o vento como em um barco à vela; olhou temerosamente para a terra da qual se afastavam e chamou em vão pelas aias; a água rodeava o touro marítimo e as ondas agitadas eram assustadoras; aterrorizada, Europa erguia seus calcanhares, mas o animal navegava pelo mar como um barco; logo a costa havia desaparecido, o sol havia se posto e, no crepúsculo, a desafortunada donzela não via nada a seu redor além de ondas e corpos celestes. Assim se seguiu até que a manhã chegasse; o dia inteiro ela nadara sobre o animal através da inacabável torrente; ele sabia disso, então, mandava que as ondas se apartassem para que nenhuma gota molhasse sua prisioneira. Finalmente, perto da noite, alcançaram uma costa distante. O touro se sacudiu na terra, largou suavemente a moça debaixo de uma árvore frondosa e desapareceu diante de seus olhos. Em seu lugar, apareceu um homem deslumbrante, semelhante a um deus, que se apresentou como o soberano da Ilha de Creta, dizendo que a protegeria se pertencesse a ele de bom grado. Europa, em seu abandono desolador, estendeu-lhe a mão em sinal de consentimento; e Zeus tinha conseguido o que queria.

Após a longa narcose, Europa acordou quando o sol da manhã já pairava no céu. Ela percebeu que estava sozinha, olhava ao redor perdida, como se estivesse à procura de sua casa: “Pai, pai!”, chamava com gritos de dor, pensava um instante e voltava a gritar: “Eu, filha ingrata, como devo simplesmente pronunciar o nome do meu pai? Qual loucura me permitiu esquecer o amor de uma filha!” Então, olhou em volta novamente, como se houvesse se recordado, e perguntou a si mesma: “De onde, para onde vim? – Uma morte é muito pouco para a culpa da donzela! Mas me magoo e choro por uma ofensa verdadeira? Não, sou sabidamente inocente em todos os sentidos, e zomba da minha mente apenas uma imagem sem efeito daquele sonho, que o sono de amanhã irá apagar! Como também seria possível que eu mesma tivesse preferido nadar sobre o lombo de um monstro através de ondas infinitas em vez de apanhar flores em conveniente segurança!” – Assim ela dizia e esfregava com as mãos as pálpebras para baixo, como se quisesse apagar o sonho. Mas quando olhou ao redor, a mesma paisagem,

inalterada, estava diante de si; árvores e pedras desconhecidas a cercavam, e uma onda assustadora se formava, quebrando-se contra as sólidas falésias, em costas nunca vistas. “Ah, agora quem me entregaria o touro?”, gritava desesperada, “como me satisfaria carneá-lo; não cessaria até estraçalhar os chifres do monstro, que apareceu para mim tão jovem e amável! Desejo vão! Depois de abandonar minha casa sem resistir, o que me resta a não ser morrer? Se não foram todos os deuses que me abandonaram, enviem-me, ó divindades, um leão, um tigre! Talvez minha exuberância lhes irrite e eu não devo esperar até que a fome terrível consuma minhas faces viçosas!” Mas nenhum animal selvagem apareceu; tudo se conservava alegre e tranquilo à sua volta, e no céu sem nuvens resplandecia o sol. Quase tomada de fúria, a moça abandonada se levantou do chão e disse: “Miserável Europa, não escutas a voz do teu pai ausente, que te amaldiçoará se não puseres fim à tua humilhante vida? Ele não mostra o freixo onde podes te pendurar com o cinto? Ele não te sugere a ponta dessa rocha, de onde um pulo em direção à tormenta das ondas te sepultaria? Ou preferes servir como amante a um príncipe bárbaro e, como uma escrava, desenrolar a lã, dia após dia, tu, a filha de um rei ilustre?” Assim, a donzela desventurada se atormentava com pensamentos de morte, mas não sentia coragem para morrer. Então, de repente, percebeu atrás de si um sussurro discreto e espantoso, sentiu-se espionada e olhou aterrorizada para trás. Na claridade celeste, viu diante de si a deusa Afrodite e seu pequeno filho, o deus do amor, com o arco inclinado. Um sorriso ainda pairava nos lábios da deusa, então ela disse: “esqueça tua ira e essa desavença, bela menina! O abominável touro virá e te oferecerá os chifres para serem quebrados; fui eu quem te enviou aquele sonho enquanto dormias na casa do teu pai. Consola-te, Europa! Foi Zeus quem te raptou; tu és a esposa mundana do deus invencível; teu nome será eterno, porque o continente desconhecido que se apossou de ti se chama, de agora em diante, Europa!”

O aborto de Dom Quixote

Kathy Acker

O texto: O romance experimental *Dom Quixote*, de Kathy Acker, parte de uma releitura paródica da clássica obra de Miguel de Cervantes: ao passar pela experiência de um aborto, uma mulher decide tornar-se uma "cavaleira errante" para atravessar o mundo corrigindo todos os tipos de males. Ao longo de três partes do livro, e mediante um estilo que mescla o punk e o surrealismo, a autora "reconstrói" o texto clássico em um mundo pós-moderno, tratando de temas como a busca pela identidade e a individualidade, o feminino e a misoginia, o amor e a violência. Apresenta-se o texto de abertura do livro, intitulado "O aborto de Dom Quixote" ("Don Quixote's Abortion"), que integra a seção "The Beginning of Night".

Texto traduzido: Acker, K. "Don Quixote's Abortion". In. *Don Quixote: which was a dream*. New York: Grove Press, 1986, pp. 9-13.

A autora: Kathy Acker (1947-1997), escritora estadunidense, nasceu em Nova York. Autora de romances, contos, ensaios e peças teatrais, sua obra, de caráter experimental, feminista e transgressor, está marcada pela estética punk das décadas de 1970 e 1980, além de possuir uma forte influência de William S. Burroughs, de quem adotou a técnica literária do *cut-up*. É conhecida também por entrelaçar, de forma polêmica, o clássico e o pornográfico em seus livros, dos quais se destacam *Great Expectations* (1983), *Blood and guts in the High School* (1984), *Don Quixote* (1986), *Empire of the senseless* (1988) e *Hannibal Lecter, my father* (1991).

O tradutor: Bruno Brito é bacharel em Letras (Crítica Literária) e Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco. É professor de literaturas em língua estrangeira e Teoria da Literatura, além de Língua Latina. É autor de contos e crônicas.

Contato: brunopiffardini@hotmail.com

Don Quixote's Abortion

"This's why I'm having an abortion.
So I can love."

KATHY ACKER

When she was finally crazy because she was about to have an abortion, she conceived of the most insane idea that any woman can think of. Which is to love. How can a woman love? By loving someone other than herself. She would love another person. By loving another person, she would right every manner of political, social, and individual wrong: she would put herself in those situations so perilous the glory of her name would resound. The abortion was about to take place:

From her neck to her knees she wore pale or puke green paper. This was her armor. She had chosen it specially, for she knew that this world's conditions are so rough for any single person, even a rich person, that person has to make do with what she can find: this's no world for idealism. Example: the green paper would tear as soon as the abortion began.

They told her they were going to take her from the operating chair to her own bed in a wheeling chair. The wheeling chair would be her transportation. She went out to look at it. It was dying. It had once been a hack, the same as all the hacks on grub street; now, as all the hacks, was a full-time drunk, mumbled all the time about sex but now no longer not even never did it but didn't have the wherewithal or equipment to do it, and hung around with the other bums. That is, women who're having abortions.

She decided that since she was setting out on the greatest adventure any person can take, that of the Holy Grail, she ought to have a name (identity). She had to name herself. When a doctor sticks a steel catheter into you while you're lying on your back and you do exactly what he and the nurses tell you

to; finally, blessedly, you let go of your mind. Letting go of your mind is dying. She needed a new life. She had to be named.

As we've said, her wheeling bed's name was 'Hack-kneed' or 'Hack-neyed', meaning 'once a hack' or 'always a hack' or 'a writer' or 'an attempt to have an identity that always fails.' Just as 'Hackneyed' is the glorification or change from non-existence into existence of 'Hack-kneed', so, she decided, 'catheter' is the glorification of 'Kathy'. By taking on such a name which, being long, is male, she would be able to become a female-male or a night-knight.

Catharsis is the way to deal with evil. She polished up her green paper.

In order to love, she had to find someone to love. 'Why,' she reasoned to herself, 'do I have to love someone in order to love? Hasn't loving a man brought me to this abortion or state of death?

'Why can't I just love?

'Because every verb to be realized needs its object. Otherwise, having nothing to see, it can't see itself or be. Since love is sympathy or communication, I need an object which is both subject and object: to love, I must love a soul. Can a soul exist without a body? Is physical separate from mental? Just as love's object is the appearance of love; so the physical realm is the appearance of the godly: the mind is the body. This,' she thought, 'is why I've got a body. This's why I'm having an abortion. So I can love.' This's how Don Quixote decided to save the world.

What did this knight-to-be look like? All of the women except for two were middle-aged and dumpy. One of the young women was an English rose. The other young woman, wearing a long virginal white dress, was about 19 years old and Irish. She had packed her best clothes and jewels and told her family she was going to a wedding. She was innocent: during her first internal, she had learned she was pregnant. When she reached London airport, the taxi-drivers, according to their duty, by giving her the run-around, made a lot of money. Confused, she either left her bag in a taxi or someone stole it. Her main problem, according to her, wasn't the abortion or the lost luggage, but how to ensure neither her family nor any of her friends ever found out she had had an abortion, for in Ireland an abortion is a major crime.

Why didn't Don Quixote resemble these women? Because to Don Quixote, having an abortion is a method of becoming a knight and saving the world. This is a vision. In English and most European societies, when a

woman becomes a knight, being no longer anonymous she receives a name. She's able to have adventures and save the world.

'Which of you was here first?' the receptionist asked. Nobody answered. The women were shy. The receptionist turned to the night-to-be. 'Well, you're nearest to me. Give me your papers.'

'I can't give you any papers because I don't have an identity yet. I didn't go to Oxford or Cambridge and I'm not English. This's why your law says I have to stay in this inn overnight. As soon as you dub me a knight - by tomorrow morning - and I have a name, I'll be able to give you my papers.'

The receptionist, knowing that all women who're about to have abortions're crazy, assured the woman her abortion'ld be over by nighttime. 'I, myself,' the receptionist confided, 'used to be mad. I refused to be a woman the way I was supposed to he. I travelled all over the world, looking for trouble. I prostituted myself, ran a few drugs – nothing hard –, exposed my genitalia to strange men while picking their pockets, broke-and-entered, lied to the only men I loved, told the men I didn't love the truth that I could never love them, fucked one man after another while telling each man I was being faithful to him alone, fucked men over, for, by fucking me over, they had taught me how to fuck them over. Generally, I was a bitch.

'Then I learned the error of my ways. I retired… from myself. Here… this little job… I'm living off the income and property of others. Rather dead income and property. Like any good bourgeois,' ending her introduction. 'This place,' throwing open her hands, 'our sanctus sanitarium, is all of your place of safety. Here, we will save you. All of you who want to share your money with us.' The receptionist extended her arms. 'All night our nurses'll watch over you, and in the morning,' to Don Quixote, 'you'll be a night.' The receptionist asked the knight-to-be for her cash.

'I'm broke.'

'Why?'

'Why should I pay for an abortion? An abortion is nothing.'

'You must know that nothing's free.'

Since her whole heart was wanting to be a knight, she handed over the money and prayed to the Moon, 'Suck her, Oh Lady mine, this vassal heart in this my first encounter; let not Your favor and protection fail me in the peril in which for the first time I now find myself.'

Then she lay down on the hospital bed in the puke green paper they had given her. Having done this, she gathered up her armor, the puke green

paper, again started pacing nervously up and down in the same calm manner as before.

She paced for three hours until they told her to piss again. This was the manner in which she pissed: 'For women, Oh Woman who is all women who is my beauty, give me strength and vigor. Turn the eyes of the strength and wonderfulness of all women upon this one female, this female who's trying, at least you can say that for her, this female who's locked up in the hospital and thus must pass through so formidable an adventure.'

One hour later they told her to climb up pale green-carpeted stairs. But she spoke so vigorously and was so undaunted in her bearing that she struck terror in those who were assailing her. For this reason they ceased attacking the knight-to-be: they told her to lie down on a narrow black-leather padded slab. A clean white sheet covered the slab. Her ass, especially, should lie in a crack.

'What's going to happen now?' Don Quixote asked.

The doctor, being none too pleased with the mad pranks on the part of his guest, (being determined to confer that accursed order of knighthood or nighthood upon her before something else happened), showed her a curved needle. It was the wrong needle. They took away the needle. Before she turned her face away to the left side because she was scared of needles, she glimpsed a straight needle. According to what she had read about the ceremonial of the order, there was nothing to this business of being dubbed a night except a pinprick, and that can be performed anywhere. To become a knight, one must be completely hole-ly.

As she had read – which proves the truth of all writing – the needle when it went into her arm hardly hurt her. As the cold liquid seeped into her arm which didn't want it, she said that her name was Tolosa and she was the daughter of a shoemaker. When she woke up, she thanked them for her pain and for what they had done for her. They thought her totally mad; they had never aborted a woman like this one. But now that she had achieved knighthood, and thought and acted as she wanted and decided, for one has to act in this way in order to save this world, she neither noticed nor cared that all the people around her thought she was insane.

O ABORTO DE DOM QUIXOTE

"É por isso que estou abortando.
Para que eu possa amar."

KATHY ACKER

Quando finalmente enlouqueceu porque estava prestes a fazer um aborto, ela teve a mais insana ideia que mulher alguma pode imaginar. Que é amar. Como pode uma mulher amar? Simplesmente amando alguém que não a si mesma. Ela amaria outra pessoa. Ao amar outra pessoa, ela poderia corrigir todo tipo de mazela política, social e individual: ela se colocaria em situações tão perigosas que a glória de seu nome ressoaria. O aborto estava prestes a acontecer:

Do pescoço aos joelhos, ela vestia um papel verde pálido ou cor de vômito. Esta era sua armadura. Ela a escolheu especialmente, pois sabia que as condições deste mundo são tão duras para uma pessoa solteira, mesmo rica, que essa pessoa tem que se virar com o que puder achar: este não é um mundo para idealismos. Um exemplo: o papel verde vai se rasgar assim que o aborto começar.

Disseram a ela que iriam levá-la da cadeira de operação para sua própria cama em uma cadeira de rodas. A cadeira de rodas seria seu meio de transporte. Ela resolveu conferi-la. A cadeira estava quase morta. Ela tinha sido um pangaré[1], igual a todos os da Grub Street[2]; agora, como todos os pangarés, estava bêbada em tempo integral, resmungando sem parar sobre sexo, mas agora nem isso fazia mais, já que lhe faltavam os meios ou o

[1] No original, *hack,* termo pejorativo que designa um escritor ou jornalista que é pago para escrever artigos ou livros de baixa qualidade e em curto prazo. (n.t.)

[2] *Grub Street:* até o início do século XIX, rua próxima do empobrecido distrito de Moorfields, famosa pela concentração de *hacks*, que reunia desde escritores pobres, aspirantes a poetas, além de editores e livreiros de baixa renda. (n.t.)

equipamento para tanto, e ficava vadiando com outros vagabundos. No caso, vadias abortistas.

Ela decidiu que, já que estava partindo para a mais formidável das aventuras que qualquer pessoa pode fazer, a do Cálice Sagrado, ela deveria ter um nome (identidade). Ela precisava se nomear. Quando um médico enfia em você um cateter de aço enquanto está deitada de costas e faz exatamente o que ele e as enfermeiras mandam, finalmente, prazerosamente, você deixa sua mente divagar. Deixar sua mente divagar é morrer. Ela precisava de uma vida nova. Ela precisava de um nome.

Como já dissemos, sua cama de rodas se chamava "Resmungante" ou "Relinchante", que significa "uma vez pangaré" ou "sempre pangaré" ou "um escritor" ou "uma tentativa de ter uma identidade que sempre falha". Assim como "Relinchante" é a glorificação, ou transição da inexistência para a existência de um "Resmungante", ela então decidiu que "cateter" é a glorificação de "Kathy". Ao adotar um nome que, por ser longo, é masculino, ela estaria apta a tornar-se uma fêmea-macho, uma cavalga-cavaleira.

A catarse é o meio de lidar com o mal. Ela poliu seu papel verde.

Para amar, ela precisava encontrar alguém para amar. – Por que – pensava consigo – eu tenho que amar alguém para poder amar? Não foi por amar um homem que eu acabei parando neste aborto ou estado de morte?

– Por que eu não posso simplesmente amar?

– Porque todo verbo para se realizar necessita de um objeto. Do contrário, se não houver nada para olhar, não é possível ver a si mesmo ou ser. Visto que o amor é simpatia ou comunicação, preciso de um objeto que seja ao mesmo tempo sujeito e objeto: para amar, devo amar uma alma. Pode uma alma existir sem um corpo? O físico é separado do mental? Assim como o objeto do amor é a aparência do amor, o reino do físico é a aparência do divino: a mente é o corpo. É por isso – ela pensou – que eu tenho um corpo. É por isso que estou abortando. Para que eu possa amar.

E foi assim que Dom Quixote decidiu salvar o mundo.

Qual a aparência desta cavaleira-a-ser? À exceção de duas, todas as mulheres ali eram de meia-idade e rechonchudas. Uma das jovens era uma beldade inglesa. A outra jovem, vestida em um longo vestido branco e virginal, tinha cerca de 19 anos e era irlandesa. Ela pôs na mala suas melhores roupas e joias e disse à família que ia a um casamento. Ela era inocente: em seu primeiro exame ginecológico, descobriu que estava grávida. Ao chegar ao aeroporto de Londres, os taxistas, dando voltas e voltas como de praxe, fizeram uma boa grana com ela. Confusa, esqueceu sua mala em um táxi ou

alguém a roubou. Seu maior problema, segundo ela, não era o aborto ou a bagagem perdida, mas como garantir que nem sua família nem seus amigos descobrissem sobre o aborto, já que na Irlanda um aborto é um crime grave.

Por que Dom Quixote não parecia em nada com essas mulheres? Porque, para Dom Quixote, abortar é uma forma de sagrar-se cavaleira e salvar o mundo. É uma visão. Na sociedade inglesa, e na maioria das europeias, quando uma mulher se torna cavaleira, ao deixar de ser anônima, ela recebe um nome. Ela está apta a se aventurar e salvar o mundo.

– Qual de vocês chegou primeiro? – perguntou a recepcionista. Ninguém respondeu. As mulheres estavam tímidas. A recepcionista voltou-se à sangrada-a-ser:

– Bem, você está mais perto de mim. Dê-me seus documentos.

– Não posso lhe dar meus documentos porque ainda não tenho uma identidade. Não fui a Oxford ou Cambridge e nem sou inglesa. É por isso que sua lei afirma que devo passar a noite nesta estalagem. Assim que me sagrarem cavaleira – amanhã de manhã –, e eu tiver um nome, poderei entregar meus documentos.

A recepcionista, sabendo que todas as mulheres que estão prestes a abortar são loucas, garantiu à mulher que seu aborto acabaria logo à noite.

– Eu mesma – a recepcionista confidenciou – já fui louca. Recusava-me a ser a mulher que esperavam que eu fosse. Viajei pelo mundo todo, procurando encrenca. Eu me prostituí, trafiquei drogas – nada pesado –, exibi minha genitália a estranhos enquanto batia suas carteiras, arrombei-e-entrei, menti para os únicos homens que amei, disse aos homens que não amava a verdade de que nunca poderia amá-los, fodia com um homem atrás do outro enquanto dizia a cada um que era totalmente fiel, fodia com homens para que, me fodendo, me ensinassem como fodê-los. Em geral, fui uma puta.

– E então, aprendi com meus erros. Eu me aposentei... de mim mesma. Aqui... nesse meu servicinho... estou vivendo com os ganhos e as propriedades dos outros. No caso, ganhos e propriedades mortas. Como todo bom burguês – e encerrou sua apresentação.

– Este lugar – gesticulando de mãos abertas –, nosso *sanctus sanitarium*, é um porto seguro para todas vocês. Aqui, nós as salvamos. Salvamos a todas que queiram compartilhar conosco seu dinheiro.

A recepcionista estendeu os braços.

– Durante a noite toda, nossas enfermeiras cuidarão de vocês, e pela manhã – dirigindo-se a Dom Quixote – você já estará sangrada.

A recepcionista pediu o pagamento à cavaleira-a-ser.

– Estou dura.

– Por quê?

– Por que eu deveria pagar por um aborto? Um aborto não é nada.

– Você sabe que nada é de graça.

Como ela queria ser de todo coração uma cavaleira, entregou seu dinheiro e orou à Lua:

– Suga, ó minha Senhora, este coração vassalo neste meu primeiro encontro; não permita que Tua graça e proteção me falhem frente ao perigo que pela primeira vez a mim se apresenta.

Então, ela se deitou na cama do hospital, sobre o papel verde-vômito que lhe deram. Tendo feito isso, vestiu sua armadura, o papel verde-vômito, e novamente começou a perambular com nervosismo, para cima e para baixo, da mesma forma calma de antes.

Perambulou por três horas até que a mandaram mijar novamente. Eis a forma como mijou:

– Em nome das mulheres, ó Mulher que é todas as mulheres, que é minha beleza, dá-me força e vigor. Volta os olhos da força e da maravilha de todas as mulheres para esta única mulher, esta mulher que está tentando, ao menos é o mínimo que se pode dizer dela, esta mulher que está trancada no hospital e que assim deve passar por tão formidável aventura.

Uma hora depois, disseram a ela para subir umas escadas com carpete verde-pálido. Mas ela falou com tanto vigor, e do alto de uma postura tão destemida, que despertou o terror naqueles que a desafiavam. Por esse motivo, cessaram o ataque à cavaleira-a-ser: pediram que ela se deitasse sobre uma mesa de cirurgia estreita, acolchoada com couro preto. Um lençol branco e limpo cobria a mesa. Seu traseiro, especificamente, deveria posicionar-se sobre uma fenda.

– O que vai acontecer agora? – perguntou Dom Quixote.

O médico, nada satisfeito com as maluquices de sua hóspede (determinado como estava a conferir-lhe aquela maldita ordem de cavalaria ou cavalga-cavalaria antes que algo mais acontecesse), mostrou-lhe uma agulha recurvada. Era a agulha errada. Eles a descartaram. Antes que ela pudesse virar o rosto para a esquerda, pois tinha medo de agulhas, viu de relance uma agulha reta. Conforme já havia lido a respeito da cerimônia de ordenação, não havia nada nesse lance de se sangrar uma cavaleira além de uma agulhada,

e dá para fazer isso em qualquer lugar. Para se tornar uma cavaleira, era preciso perfurar-se por inteira.

Assim como ela havia lido – o que prova a veracidade de todo o escrito – a agulha mal a feriu quando entrou em seu braço. Enquanto o líquido gelado fluía para dentro de seu braço, que não o queria, ela disse que seu nome era Tolosa e que era filha de um sapateiro. Quando acordou, agradeceu a todos por sua dor e pelo que fizeram por ela. Eles a achavam completamente doida; nunca antes haviam feito um aborto em uma mulher como aquela. Mas agora que ela havia se tornado cavaleira, e pensava e agia como bem quisesse e desejasse, pois é assim que a pessoa deve fazer quando se propõe a salvar este mundo, ela nem notava, nem se importava, que todos ao seu redor achassem que era insana.

O POÇO DA SOLIDÃO

RADCLYFFE HALL

O TEXTO: Publicado em 1928, *The Well of Loneliness* (*O poço da solidão*), de Radclyffe Hall, tornou-se alvo de críticas e censura na Inglaterra por "obscenidade", justamente por ter como protagonista uma personagem lésbica e por falar abertamente sobre seus afetos, sem condená-los. O romance toca na solidão e no isolamento que pessoas fora do eixo cisnormativo vivem, mas também fala de afeto e momentos de acolhimento. É um retrato atemporal do amor lésbico e um texto de referência da literatura lgbt+. Apresenta-se a tradução integral do 2º capítulo da obra.

Texto traduzido: Hall, R. *The Well of Loneliness*. London: Jonathan Cape, 1928.

A AUTORA: Marguerite Radclyffe Hall (1880-1943), poeta e escritora inglesa, nasceu em Bournemouth. Começou sua carreira literária escrevendo poesia, com a publicação de *Twixt Earth and Stars* (1906). Em 1924, lançou seus primeiros romances, *The Forge* e *The Unlit Lamp*, e depois, *Adam's Breed* (1926), laureado com o Prix Fémina e o James Tait Black Memorial Prize de ficção. Tornou-se conhecida com a publicação de *The Well of Loneliness* (1928), cujo livro suscitou um escândalo e foi banido por anos da Inglaterra por tratar o lesbianismo. Escreveu também *Songs of Three Counties and Other Poems* (1913), *The Master of the House* (1932) e *The Sixth Beatitude* (1936).

A TRADUTORA: Morgana Feijão é advogada e graduanda em Letras – Português, pela Universidade de Brasília. Em literatura de língua inglesa, já traduziu cartas de James Joyce e Bram Stoker e poesias de Anne Carson.

THE WELL OF LONELINESS
Chapter Two

"She was utterly confounded, while her love grew the stronger for so much hard pruning."

RADCLYFFE HALL

1.

At about this time Stephen first became conscious of an urgent necessity to love. She adored her father, but that was quite different; he was part of herself, he had always been there, she could not envisage the world without him – it was other with Collins, the housemaid. Collins was what was called 'second of three'; she might one day hope for promotion. Meanwhile she was florid, full-lipped and full-bosomed, rather ample indeed for a young girl of twenty, but her eyes were unusually blue and arresting, very pretty inquisitive eyes. Stephen had seen Collins sweeping the stairs for two years, and had passed her by quite unnoticed; but one morning, when Stephen was just over seven, Collins looked up and suddenly smiled, then all in a moment Stephen knew that she loved her – a staggering revelation!

Collins said politely: 'Good morning, Miss Stephen.'

She had always said: 'Good morning, Miss Stephen,' but on this occasion it sounded alluring – so alluring that Stephen wanted to touch her, and extending a rather uncertain hand she started to stroke her sleeve.

Collins picked up the hand and stared at it. 'Oh, my!' she exclaimed, 'what very dirty nails!' Whereupon their owner flushed painfully crimson and dashed upstairs to repair them.

'Put them scissors down this minute, Miss Stephen!' came the nurse's peremptory voice, while her charge was still busily engaged on her toilet.

But Stephen said firmly: 'I'm cleaning my nails 'cause Collins doesn't like them – she says they're dirty!'

'What impudence!' snapped the nurse, thoroughly annoyed. 'I'll thank her to mind her own business!'

Having finally secured the large cutting-out scissors, Mrs. Bingham went forth in search of the offender; she was not one to tolerate any interference with the dignity of her status. She found Collins still on the top flight of stairs, and forthwith she started to upbraid her: 'putting her back in her place,' the nurse called it; and she did it so thoroughly that in less than five minutes 'the second-of-three' had been told of every fault that was likely to preclude promotion.

Stephen stood still in the nursery doorway. She could feel her heart thumping against her side, thumping with anger and pity for Collins who was answering never a word. There she knelt mute, with her brush suspended, with her mouth slightly open and her eyes rather scared; and when at long last she did manage to speak, her voice sounded humble and frighttened. She was timid by nature, and the nurse's sharp tongue was a byword throughout the household.

Collins was saying: 'Interfere with your child? Oh, no, Mrs. Bingham, never! I hope I knows my place better than that – Miss Stephen herself showed me them dirty nails; she said: "Collins, just look, aren't my nails awful dirty!" And I said: "You must ask Nanny about that, Miss Stephen." Is it likely that I'd interfere with your work? I'm not that sort, Mrs. Bingham.'

Oh, Collins, Collins, with those pretty blue eyes and that funny alluring smile! Stephen's own eyes grew wide with amazement, then they clouded with sudden and disillusioned tears, for far worse than Collins' poorness of spirit was the dreadful injustice of those lies – yet this very injustice seemed to draw her to Collins, since despising, she could still love her.

For the rest of that day Stephen brooded darkly over Collins' unworthiness; and yet all through that day she still wanted Collins, and whenever she saw her she caught herself smiling, quite unable, in her turn, to muster the courage to frown her innate disapproval. And Collins smiled too, if the nurse was not looking, and she held up her plump red fingers, pointing to her nails and making a grimace at the nurse's retreating figure. Watching her, Stephen felt unhappy and embarrassed, not so much for herself as for Collins; and this feeling increased, so that thinking about her made Stephen go hot down her spine.

In the evening, when Collins was laying the tea, Stephen managed to get her alone. 'Collins,' she whispered, 'you told an untruth – I never showed you my dirty nails!'

'Course not!' murmured Collins, 'but I had to say something – you didn't mind, Miss Stephen, did you?' And as Stephen looked doubtfully up into her face, Collins suddenly stooped and kissed her.

Stephen stood speechless from a sheer sense of joy, all her doubts swept completely away. At that moment she knew nothing but beauty and Collins, and the two were as one, and the one was Stephen – and yet not Stephen either, but something more vast, that the mind of seven years found no name for.

The nurse came in grumbling: 'Now then, hurry up, Miss Stephen! Don't stand there as though you were daft! Go and wash your face and hands before tea – how many times must I tell you the same thing?'

'I don't know –' muttered Stephen. And indeed she did not; she knew nothing of such trifles at that moment.

2.

From now on Stephen entered a completely new world, that turned on an axis of Collins. A world full of constant exciting adventures; of elation, of joy, of incredible sadness, but withal a fine place to be dashing about in like a moth who is courting a candle. Up and down went the days; they resembled a swing that soared high above the tree-tops, then dropped to the depths, but seldom if ever hung midway. And with them went Stephen, clinging to the swing, waking up in the mornings with a thrill of vague excitement – the sort of excitement that belonged by rights to birthdays, and Christmas, and a visit to the pantomime at Malvern. She would open her eyes and jump out of bed quickly, still too sleepy to remember why she felt so elated; but then would come memory – she would know that this day she was actually going to see Collins. The thought would set her splashing in her sitz-bath, and tearing the buttons off her clothes in her haste, and cleaning her nails with such ruthlessness and vigour that she made them quite sore in the process.

She began to be very inattentive at her lessons, sucking her pencil, staring out of the window, or what was far worse, not listening at all, except for Collins' footsteps. The nurse slapped her hands, and stood her in the corner, and deprived her of jam, but all to no purpose; for Stephen would smile, hugging closer her secret – it was worth being punished for Collins.

She grew restless and could not be induced to sit still even when her nurse read aloud. At one time she had very much liked being read to, especially from books that were all about heroes, but now such stories so stirred her ambition that she longed intensely to live them. She, Stephen, now longed to be William Tell, or Nelson, or the whole Charge of Balaclava; and this led to much foraging in the nursery ragbag, much hunting up of garments once used for charades, much swagger and noise, much strutting and posing, and much staring into the mirror. There ensued a period of general confusion when the nursery looked as though smitten by an earthquake; when the chairs and the floor would be littered with oddments that Stephen had dug out but discarded. Once dressed, she would walk away grandly, waving the nurse peremptorily aside, going, as always, in search of Collins, who might have to be stalked to the basement.

Sometimes Collins would play up, especially to Nelson. 'My, but you do look fine!' she would exclaim. And then to the cook: 'Do come here, Mrs. Wilson! Doesn't Miss Stephen look exactly like a boy? I believe she must be a boy with them shoulders, and them funny gawky legs she's got on her!'

And Stephen would say gravely: 'Yes, of course I'm a boy. I'm young Nelson, and I'm saying: "What is fear?" you know, Collins – I must be a boy, 'cause I feel exactly like one, I feel like young Nelson in the picture upstairs.'

Collins would laugh and so would Mrs. Wilson, and after Stephen had gone they would get talking, and Collins might say: 'She is a queer kid, always dressing herself up and play-acting – it's funny.'

But Mrs. Wilson might show disapproval: 'I don't hold with such nonsense, not for a young lady. Miss Stephen's quite different from other young ladies – she's got none of their pretty little ways – it's a pity!'

There were times, however, when Collins seemed sulky, when Stephen could dress up as Nelson in vain. 'Now, don't bother me, Miss, I've got my work to see to!' or: 'You go and show Nurse – yes, I know you're a boy, but I've got my work to get on with. Run away.'

And Stephen must slink upstairs thoroughly deflated, strangely unhappy and exceedingly humble, and must tear off the clothes she so dearly loved donning, to replace them by the garments she hated. How she hated soft dresses and sashes, and ribbons, and small coral beads, and openwork stockings! Her legs felt so free and comfortable in breeches; she adored pockets, too, and these were forbidden – at least really adequate pock-

ets. She would gloom about the nursery because Collins had snubbed her, because she was conscious of feeling all wrong, because she so longed to be someone quite real, instead of just Stephen pretending to be Nelson. In a quick fit of anger she would go to the cupboard, and getting out her dolls would begin to torment them. She had always despised the idiotic creatures which, however, arrived with each Christmas and birthday.

'I hate you! I hate you! I hate you!' she would mutter, thumping their innocuous faces.

But one day, when Collins had been crosser than usual, she seemed to be filled with a sudden contrition. 'It's me housemaid's knee,' she confided to Stephen. 'It's not you, it's me, housemaid's knee, dearie.'

'Is that dangerous?' demanded the child, looking frightened.

Then Collins, true to her class, said: 'It may be – it may mean an 'orrible operation, and I don't want no operation.'

'What's that?' inquired Stephen.

'Why, they'd cut me,' moaned Collins; 'they'd 'ave to cut me to let out the water.'

'Oh, Collins! What water?'

'The water in me kneecap – you can see if you press it, Miss Stephen.'

They were standing alone in the spacious night-nursery, where Collins was limply making the bed. It was one of those rare and delicious occasions when Stephen could converse with her goddess undisturbed, for the nurse had gone out to post a letter. Collins rolled down a coarse woollen stocking and displayed the afflicted member; it was blotchy and swollen and far from attractive, but Stephen's eyes filled with quick, anxious tears as she touched the knee with her finger.

'There now!' exclaimed Collins. 'See that dent? That's the water!' And she added: 'It's so painful it fair makes me sick. It all comes from polishing them floors, Miss Stephen; I didn't ought to polish them floors.'

Stephen said gravely: 'I do wish I'd got it – I wish I'd got your housemaid's knee, Collins, 'cause that way I could bear it instead of you. I'd like to be awfully hurt for you, Collins, the way Jesus was hurt for sinners. Suppose I pray hard, don't you think I might catch it? Or supposing I rub my knee against yours?'

'Lord bless you!' laughed Collins, 'it's not like the measles; no, Miss Stephen, it's caught from them floors.'

That evening Stephen became rather pensive, and she turned to the Child's Book of Scripture Stories and she studied the picture of the Lord on His Cross, and she felt that she understood Him. She had often been rather puzzled about Him, since she herself was fearful of pain – when she barked her shins on the gravel in the garden, it was not always easy to keep back her tears – and yet Jesus had chosen to bear pain for sinners, when He might have called up all those angels! Oh, yes, she had wondered a great deal about Him, but now she no longer wondered.

At bedtime, when her mother came to hear her say her prayers – as custom demanded – Stephen's prayers lacked conviction. But when Anna kissed her and had turned out the light, then it was that Stephen prayed in good earnest – with such fervour, indeed, that she dripped perspiration in a veritable orgy of prayer.

'Please, Jesus, give me a housemaid's knee instead of Collins – do, do, Lord Jesus. Please Jesus, I would like to bear all Collins' pain the way You did, and I don't want any angels! I would like to wash Collins in my blood, Lord Jesus – I would like very much to be a Saviour to Collins – I love her, and I want to be hurt like You were; please, dear Lord Jesus, do let me. Please give me a knee that's all full of water, so that I can have Collins' operation. I want to have it instead of her, 'cause she's frightened – I'm not a bit frightened!'

This petition she repeated until she fell asleep, to dream that in some queer way she was Jesus, and that Collins was kneeling and kissing her hand, because she, Stephen, had managed to cure her by cutting off her knee with a bone paper-knife and grafting it on to her own. The dream was a mixture of rapture and discomfort, and it stayed quite a long time with Stephen.

The next morning she awoke with the feeling of elation that comes only in moments of perfect faith. But a close examination of her knees in the bath revealed them to be flawless except for old scars and a crisp, brown scab from a recent tumble – this, of course, was very disappointing. She picked off the scab, and that hurt her a little, but not, she felt sure, like a real housemaid's knee. However, she decided to continue in prayer, and not to be too easily downhearted.

For more than three weeks she sweated and prayed, and pestered poor Collins with endless daily questions: 'Is your knee better yet?' 'Don't you think my knee's swollen?' 'Have you faith? 'Cause I have –' 'Does it hurt you less, Collins?'

But Collins would always reply in the same way: 'It's no better, thank you, Miss Stephen.'

At the end of the fourth week, Stephen suddenly stopped praying, and she said to Our Lord: 'You don't love Collins, Jesus, but I do, and I'm going to get housemaid's knee. You see if I don't!' Then she felt rather frightened, and added more humbly: 'I mean, I do want to – You don't mind, do You, Lord Jesus?'

The nursery floor was covered with carpet, which was obviously rather unfortunate for Stephen; had it only been parquet like the drawing-room and study, she felt it would better have served her purpose. All the same it was hard if she knelt long enough – it was so hard, indeed, that she had to grit her teeth if she stayed on her knees for more than twenty minutes. This was much worse than barking one's shins in the garden; it was much worse even than picking off a scab! Nelson helped her a little. She would think: 'Now I'm Nelson. I'm in the middle of thee Battle of Trafalgar – I've got shots in my knees.' But then she would remember that Nelson had been spared such torment. However, it was really rather fine to be suffering – it certainly seemed to bring Collins much nearer; it seemed to make Stephen feel that she owned her by right of this diligent pain.

There were endless spots on the old nursery carpet, and these spots Stephen could pretend to be cleaning; always careful to copy Collins' movements, rubbing backwards and forwards while groaning a little. When she got up at last, she must hold her left leg and limp, still groaning a little. Enormous new holes appeared in her stockings, through which she could examine her aching knees, and this led to rebuke: 'Stop your nonsense, Miss Stephen! It's scandalous the way you're tearing your stockings!' But Stephen smiled grimly and went on with the nonsense, spurred by love to an open defiance. On the eighth day, however, it dawned upon Stephen that Collins should be shown the proof of her devotion. Her knees were particularly scarified that morning, so she limped off in search of the unsuspecting housemaid.

Collins stared: 'Good gracious, whatever's the matter? Whatever have you been doing, Miss Stephen?'

Then Stephen said, not without pardonable pride: 'I've been getting a housemaid's knee, like you, Collins!' And as Collins looked stupid and rather bewildered – 'You see, I wanted to share your suffering. I've prayed quite a lot, but Jesus won't listen, so I've got to get housemaid's knee my own way – I can't wait any longer for Jesus!'

‘Oh, hush!’ murmured Collins, thoroughly shocked. ‘You mustn’t say such things: it’s wicked, Miss Stephen.’ But she smiled a little in spite of herself, then she suddenly hugged the child warmly.

All the same, Collins plucked up her courage that evening and spoke to the nurse about Stephen. ‘Her knees was all red and swollen, Mrs. Bingham. Did you ever know such a queer fish as she is? Praying about my knee, too. She’s a caution! And now if she isn’t trying to get one! Well, if that’s not real loving then I don’t know nothing.’ And Collins began to laugh weakly.

After this Mrs. Bingham rose in her might, and the self-imposed torture was forcibly stopped. Collins, on her part, was ordered to lie, if Stephen continued to question. So Collins lied nobly: ‘It’s better, Miss Stephen, it must be your praying – you see Jesus heard you. I expect He was sorry to see your poor knees – I know as I was when I saw them!’

‘Are you telling me the truth?’ Stephen asked her, still doubting, still mindful of that first day of Love’s young dream.

‘Why, of course I’m telling you the truth, Miss Stephen.’ And with this Stephen had to be content.

3.

Collins became more affectionate after the incident of the housemaid’s knee; she could not but feel a new interest in the child whom she and the cook had now labelled as ‘queer’, and Stephen basked in much surreptitious petting, and her love for Collins grew daily.

It was spring, the season of gentle emotions, and Stephen, for the first time, became aware of spring. In a dumb, childish way she was conscious of its fragrance, and the house irked her sorely, and she longed for the meadows, and the hills that were white with thorn-trees. Her active young body was for ever on the fidget, but her mind was bathed in a kind of soft haze, and this she could never quite put into words, though she tried to tell Collins about it. It was all part of Collins, yet somehow quite different – it had nothing to do with Collins’ wide smile, nor her hands which were red, nor even her eyes which were blue, and very arresting. Yet all that was Collins, Stephen’s Collins, was also a part of these long, warm days, apart of the twilights that came in and lingered for hours after Stephen had been put to bed; a part too, could Stephen have only known it, of her own quickening childish perceptions. This spring, for the first time, she thrilled

to the cuckoo, standing quite still to listen, with her head on one side; and the lure of that far-away call was destined to remain with her all her life.

There were times when she wanted to get away from Collins, yet at others she longed intensely to be near her, longed to force the response that her loving craved for, but quite wisely was very seldom granted.

She would say: 'I do love you awfully, Collins. I love you so much that it makes me want to cry.'

And Collins would answer: 'Don't be silly, Miss Stephen,' which was not satisfactory – not at all satisfactory.

Then Stephen might suddenly push her, in anger: 'You're a beast! How I hate you, Collins!'

And now Stephen had taken to keeping awake every night, in order to build up pictures: pictures of herself companioned by Collins in all sorts of happy situations. Perhaps they would be walking in the garden, hand in hand, or pausing on a hillside to listen to the cuckoo; or perhaps they would be skimming over miles of blue ocean in a queer little ship with a leg-of-mutton sail, like the one in the fairy story. Sometimes Stephen pictured them living alone in a low thatched cottage by the side of a mill stream – she had seen such a cottage not very far from Upton – and the water flowed quickly and made talking noises; there were sometimes dead leaves on the water. This last was a very intimate picture, full of detail, even to the red china dogs that stood one at each end of the high mantelpiece, and the grandfather clock that ticked loudly. Collins would sit by the fire with her shoes off. 'Me feet's that swollen and painful,' she would say. Then Stephen would go and cut rich bread and butter – the drawing-room kind, little bread and much butter – and would put on the kettle and brew tea for Collins, who liked it very strong and practically boiling, so that she could sip it from her saucer. In this picture it was Collins who talked about loving, and Stephen who gently but firmly rebuked her: 'There, there, Collins, don't be silly, you are a queer fish!' And yet all the while she would be longing to tell her how wonderful it was, like honeysuckle blossom – something very sweet like that – or like fields smelling strongly of new-mown hay, in the sunshine. And perhaps she would tell her, just at the very end – just before the last picture faded.

4.

In these days Stephen clung more closely to her father, and this in a way was because of Collins. She could not have told you why it was so, she only

felt that it was. Sir Philip and his daughter would walk on the hill-sides, in and out of the black-thorn and young green bracken; they would walk hand in hand with a deep sense of friendship, with a deep sense of mutual understanding.

Sir Philip, knew all about wild flowers and berries, and the ways of young foxes and rabbits and such people. There were many rare birds, too, on the hills near Malvern, and these he would point out to Stephen. He taught her the simpler laws of nature, which, though simple, had always filled him with wonder: the law of the sap as it flowed through the branches, the law of the wind that came stirring the sap, the law of bird life and the building of nests, the law of the cuckoo's varying call, which in June changed to Cuckoo-kook!' He taught out of love for both subject and pupil, and while he thus taught he watched Stephen.

Sometimes, when the child's heart would feel full past bearing, she must tell him her problems in small, stumbling phrases. Tell him how much she longed to be different, longed to be someone like Nelson.

She would say: 'Do you think that I could be a man, supposing I thought very hard – or prayed, Father?'

Then Sir Philip would smile and tease her a little, and would tell her that one day she would want pretty frocks, and his teasing was always excessively gentle, so that it hurt not at all.

But at times he would study his daughter gravely, with his strong, cleft chin tightly cupped in his hand. He would watch her at play with the dogs in the garden, watch the curious suggestion of strength in her movements, the long line of her limbs – she was tall for her age – and the poise of her head on her over-broad shoulders. Then perhaps he would frown and become lost in thought, or perhaps he might suddenly call her:

'Stephen, come here!'

She would go to him gladly, waiting expectant for what he should say; but as likely as not he would just hold her to him for a moment, and then let go of her abruptly. Getting up he would turn to the house and his study, to spend all the rest of that day with his books.

A queer mixture, Sir Philip, part sportsman, part student. He had one of the finest libraries in England, and just lately he had taken to reading half the night, which had not hitherto been his custom. Alone in that grave-looking, quiet study, he would unlock a drawer in his ample desk, and would get out a slim volume recently acquired, and would read and re-read it in the silence. The author was a German, Karl Heinrich Ulrichs, and read-

ing, Sir Philip's eyes would grow puzzled; then groping for a pencil he would make little notes all along the immaculate margins. Sometimes he would jump up and pace the room quickly, pausing now and again to stare at a picture – the portrait of Stephen painted with her mother, by Millais, the previous year. He would notice the gracious beauty of Anna, so perfect a thing, so completely reassuring; and then that indefinable quality in Stephen that made her look wrong in the clothes she was wearing, as though she and they had no right to each other, but above all no right to Anna. After a while he would steal up to bed, being painfully careful to tread very softly, fearful of waking his wife who might question: 'Philip, darling, it's so late – what have you been reading?' He would not want to answer, he would not want to tell her; that was why he must tread very softly.

The next morning, he would be very tender to Anna – but even more tender to Stephen.

5.

As the spring waxed more lusty and strode into summer, Stephen grew conscious that Collins was changing. The change was almost intangible at first, but the instinct of children is not mocked. Came a day when Collins turned on her quite sharply, nor did she explain it by a reference to her knee.

'Don't always be under my feet now, Miss Stephen. Don't follow me about and don't be always staring. I 'ates being watched – you run up to the nursery, the basement's no place for young ladies.' After which such rebuffs were of frequent occurrence, if Stephen went anywhere near her.

Miserable enigma! Stephen's mind groped about it like a little blind mole that is always in darkness. She was utterly confounded, while her love grew the stronger for so much hard pruning, and she tried to woo Collins by offerings of bull's-eyes and chocolate drops, which the maid took because she liked them. Nor was Collins so blameworthy as she appeared, for she, in her turn, was the puppet of emotion. The new footman was tall and exceedingly handsome. He had looked upon Collins with eyes of approval. He had said: Stop that damned kid hanging around you; if you don't she'll go blabbing about us.'

And now Stephen knew very deep desolation because there was no one in whom to confide. She shrank from telling even her father – he might not understand, he might smile, he might tease her – if he teased her, however

gently, she knew that she could not keep back her tears. Even Nelson had suddenly become quite remote. What was the good of trying to be Nelson? What was the good of dressing up any more – what was the good of pretending? She turned from her food, growing pasty and languid; until, thoroughly alarmed, Anna sent for the doctor. He arrived, and prescribed a dose of Gregory powder, finding nothing much wrong with the patient. Stephen tossed off the foul brew without a murmur – it was almost as though she liked it!

The end came abruptly as is often the way, and it came when the child was alone in the garden, still miserably puzzling over Collins, who had been avoiding her for days. Stephen had wandered to an old potting-shed, and there, whom should she see but Collins and the footman; they appeared to be talking very earnestly together, so earnestly that they failed to hear her. Then a really catastrophic thing happened, for Henry caught Collins roughly by the wrists, and dragged her towards him, still handling her roughly, and he kissed her full on the lips. Stephen's head suddenly felt hot and dizzy, she was filled with a blind, uncomprehending rage; she wanted to cry out, but her voice failed completely, so that all she could do was to splutter. But the very next moment she had seized a broken flower-pot and had hurled it hard and straight at the footman. It struck him in the face, cutting open his cheek, down which the blood trickled slowly. He stood as though stunned, gently mopping the cut, while Collins stared dumbly at Stephen. Neither of them spoke, they were feeling too guilty – they were also too much astonished.

Then Stephen turned and fled from them wildly. Away and away, anyhow, anywhere, so long as she need not see them! She sobbed as she ran and covered her eyes, tearing her clothes on the shrubs in passing, tearing her stockings and the skin of her legs as she lunged against intercepting branches. But suddenly the child was caught in strong arms, and her face was pressing against her father, and Sir Philip was carrying her back to the house, and along the wide passage to his study. He held her on his knee, forbearing to question, and at first she crouched there like a little dumb creature that had somehow got itself wounded. But her heart was too young to contain this new trouble – too heavy it felt, too much overburdened, so the trouble came bubbling up from her heart and was told on Sir Philip's shoulder.

He listened very gravely, just stroking her hair. 'Yes – yes –' he said softly; and then: go on, Stephen.' And when she had finished he was silent for some moments, while he went on stroking her hair. Then he said: 'I

think I understand, Stephen – this thing seems more dreadful than anything else that has ever happened, more utterly dreadful – but you'll find that it will pass and be completely forgotten – you must try to believe me, Stephen. And now I'm going to treat you like a boy, and a boy must always be brave, remember. I'm not going to pretend as though you were a coward; why should I when I know that you're brave? I'm going to send Collins away to-morrow; do you understand, Stephen? I shall send her away. I shan't be unkind, but she'll go away to-morrow, and meanwhile I don't want you to see her again. You'll miss her at first, that will only be natural, but in time you'll find that you'll forget all about her; this trouble will just seem like nothing at all. I am telling you the truth, dear, I swear it. If you need me, remember that I'm always near you – you can come to my study whenever you like. You can talk to me about it whenever you're unhappy, and you want a companion to talk to.' He paused, then finished rather abruptly: 'Don't worry your mother, just come to, me, Stephen.'

And Stephen, still catching her breath, looked straight at him. She nodded, and Sir Philip saw his own mournful eyes gazing back from his daughter's tear-stained face. But her lips set more firmly, and the cleft in her chin grew more marked with a new, childish will to courage.

Bending down, he kissed her in absolute silence – it was like the sealing of a sorrowful pact.

6.

Anna, who had been out at the time of the disaster, returned to find her husband waiting for her in the hall.

'Stephen's been naughty, she's up in the nursery; she's had one of her fits of temper,' he remarked.

In spite of the fact that he had obviously been waiting to intercept Anna, he now spoke quite lightly. Collins and the footman must go, he told her. As for Stephen, he had had a long talk with her already – Anna had better just let the thing drop, it had only been childish temper.

Anna hurried upstairs to her daughter. She, herself, had not been a turbulent child, and Stephen's outbursts always made her feel helpless; however, she was fully prepared for the worst. But she found Stephen sitting with her chin on her hand, and calmly staring out of the window; her eyes were still swollen and her face very pale, otherwise she showed no great signs of emotion; indeed she actually smiled up at Anna – it was rather a stiff little smile. Anna talked kindly and Stephen listened, nodding

her head from time to time in acquiescence. But Anna felt awkward, and as though for some reason the child was anxious to reassure her; that smile had meant to be reassuring – it had been such a very unchildish smile. The mother was doing all the talking she found. Stephen would not discuss her affection for Collins; on this point she was firmly, obdurately silent. She neither excused nor upheld her action in throwing a broken flower-pot at the footman.

'She's trying to keep something back,' thought Anna, feeling more nonplussed every moment.

In the end Stephen took her mother's hand gravely and proceeded to stroke it, as though she were consoling. She said: 'Don't feel worried, 'cause that worries Father – I promise I'll try not to get into tempers, but you promise that you won't go on feeling worried.'

And absurd though it seemed, Anna heard herself saying: 'Very well then – I do promise, Stephen.'

O POÇO DA SOLIDÃO

Capítulo dois

"Ela estava totalmente confusa, enquanto seu amor crescia basto apesar de poda tão vigorosa."

RADCLYFFE HALL

1.

Por essa época, a consciência de Stephen foi pela primeira vez tomada por uma necessidade urgente de amar. Adorava o pai, mas isso era bem diferente: ele era parte de si, sempre estivera ali, não podia imaginar o mundo sem ele – era outra coisa com Collins, a criada. Collins era o que chamavam de "segunda de três": podia sonhar com ser promovida um dia. Enquanto isso, Collins era como uma flor, com lábios carnudos e seios fartos, de fato, um tanto cheinha para uma jovem garota de vinte anos, mas seus olhos incomuns eram azuis e atraentes, olhos lindos e inquiridores. Stephen havia visto Collins limpar as escadas por dois anos, passando por ela sem notá-la; mas certa manhã, quando Stephen tinha pouco mais de sete anos, Collins olhou para cima e subitamente sorriu, e ali, naquele momento, Stephen soube que a amava – uma revelação chocante!

– Bom dia, Srta. Stephen – disse Collins educadamente.

Ela sempre dizia "Bom dia, Srta. Stephen", mas dessa vez soara encantador – tão encantador que Stephen queria tocá-la e, estendendo uma mão hesitante, passou a acariciar a manga da roupa de Collins.

Collins tomou sua mão e deu uma boa olhada.

– Minha Nossa! – exclamou. – Que unhas imundas! – ao que a dona das unhas ruborizou dolorosamente, correndo escada acima para ajeitá-las.

– Abaixe essa tesoura, Srta. Stephen! – veio a voz determinada da tutora, enquanto Stephen ainda estava concentrada em seu asseio.

– Eu estou limpando minhas unhas porque Collins não gosta delas: disse que estão sujas! – disse Stephen com firmeza.

– Que imprudência! – esbravejou a tutora, irritada. – Falarei a ela para cuidar da própria vida!

Tendo enfim tomado a grande tesoura de corte, a Sra. Bingham saiu em busca da ofensora: ela não tolerava qualquer interferência à dignidade de seu *status*. Encontrou Collins ainda no topo das escadas, e imediatamente passou a repreendê-la; "colocando-a em seu devido lugar", como dizia, e o fez com tanto gosto que em menos de cinco minutos a "segunda-de-três" foi informada de cada falta que poderia impedir sua promoção.

Stephen permaneceu quieta na porta do quarto do bebê. Conseguia sentir o coração batendo contra as costelas, batendo com raiva e com pena de Collins, que não dizia palavra alguma. Lá estava ela, ajoelhada e muda, com o espanador suspenso, a boca ligeiramente aberta e os olhos apavorados. Quando enfim foi capaz de falar, sua voz soava submissa e assustada. Sua natureza era tímida, e as palavras cortantes da tutora foram como uma sentença por toda a casa.

Collins dizia:

– Me meter com sua criança? Ah, não, não, Sra. Bingham, nunca! Espero conhecer meu lugar melhor que isso. A própria Srta. Stephen me mostrou as unhas sujas, dizendo: "Collins, olhe só, minhas unhas não estão imundas?" E eu disse: "Você tem que perguntar isso à sua ama, Srta. Stephen". Acha que eu me meteria em seu trabalho? Eu não sou desse tipo, Sra. Bingham.

Ah, Collins, Collins, com seus lindos olhos azuis e seu sorriso faceiramente arrebatador! Os olhos de Stephen se arregalaram de deslumbre, antes de ficarem borrados com lágrimas repentinas e desapontadas. Pior do que a pobreza de espírito de Collins era a injustiça daquelas mentiras – e ainda assim, aquela mesma injustiça parecia atraí-la para Collins, pois se deu conta de que, mesmo a desprezando, ainda podia amá-la.

Pelo resto do dia, Stephen cismou amuada sobre a indignidade de Collins, e mesmo assim, por todo o dia, ainda queria Collins, e toda vez que punha seus olhos nela, pegava-se sorrindo, incapaz de franzir a testa em desaprovação. E Collins sorria de volta, se a tutora não estivesse olhando, erguendo seus roliços dedos avermelhados, apontando para as unhas e fazendo uma careta para as costas da tutora que se retirava. Ao observá-la, Stephen sentia-se infeliz, embaraçada, não por si mesma, mas por Collins; sentimento que cresceu, fazendo com que um arrepio percorresse suas costas sempre que pensava em Collins.

Durante a tarde, quando Collins estava pondo o chá, Stephen conseguiu um momento a sós com ela.

– Collins – sussurrou. – Você falou uma inverdade. Eu nunca lhe mostrei minhas unhas sujas!

– Claro que não! – murmurou Collins. – Mas eu tinha que dizer alguma coisa. Não ligou, não foi, Srta. Stephen?

E enquanto Stephen olhava desconfiada para o rosto da outra, Collins se curvou e a beijou. Stephen congelou emudecida de pura alegria, com todas as suas dúvidas desaparecendo. Naquele momento, não sabia nada que não fosse beleza e Collins, e essas duas coisas eram uma só, e essa coisa era Stephen – mas também não era, pois era algo grandioso demais para a mente de alguém de sete anos nomear.

A tutora voltou, resmungando.

– Agora, mexa-se, Srta. Stephen! Não fique aí parada feito uma boba. Vá lavar o rosto e as mãos antes do chá. Quantas vezes terei que repetir a mesma coisa?

– Não sei... – murmurou Stephen. E, de fato, não sabia – não sabia nada dessas ninharias naquele momento.

2.

A partir dali, Stephen entrou em um mundo completamente novo, que girava na órbita de Collins. Um mundo cheio de constantes aventuras emocionantes; de euforia, de alegria, de inimaginável tristeza, mas, além disso, um ótimo lugar para se adentrar como uma mariposa que corteja uma vela. Os dias passavam ondulantes; pareciam um balanço que voava alto acima das árvores e que depois caía nas profundezas, mas que raramente ou nunca se pendurava a meio-caminho. E com eles ia Stephen, agarrando-se ao balanço, acordando nas manhãs com um tremor de vaga excitação – o tipo de excitação que pertencia por direito a aniversários, a Natais, e a uma visita à pantomima em Malvern. Ela abria seus olhos e pulava da cama rapidamente, ainda muito sonolenta para se lembrar por que se sentia tão animada; mas logo se lembraria – sabia que nesse dia veria Collins. A lembrança a agitava tanto que respingava toda a água do seu asseio, rasgava os botões de sua roupa na pressa e limpava suas unhas com tal afinco e vigor que as machucava no processo.

Ela passou a ficar muito desatenta nas aulas, mordendo o lápis, olhando pela janela ou, pior ainda, não ouvindo nada, salvo os passos de Collins. A

tutora batia em suas mãos, colocava-a de castigo e a privava de geleia, mas tudo em vão; porque Stephen sorria, trazendo mais para junto de si seu segredo – valia a pena ser punida em nome de Collins.

Tornou-se inquieta e não podia ser convencida a ficar parada mesmo quando a tutora lia em voz alta. Houve um tempo em que Stephen gostava muito de ouvir leituras, especialmente de livros que falavam de heróis, mas agora tais histórias atiçavam tanto sua ambição que ela ansiava intensamente por vivê-las. Stephen queria ser William Tell ou Nelson ou toda a Carga da Brigada Ligeira; e isso levou a muitos assaltos à bolsa de pano em seus aposentos, muitas caçadas a roupas antes usadas para charadas, muita presunção e barulho, muita ostentação e pose, e muito tempo diante do espelho. Houve um tempo de confusão generalizada quando o quarto parecia ter sido remexido por um terremoto; quando as cadeiras e o chão tinham sido preenchidos pelos restos das coisas que Stephen tinha pegado, mas descartado. Uma vez vestida, passava a caminhar majestosa, descartando definitivamente a tutora, indo, como sempre, em busca de Collins, que talvez tivesse que ser seguida até o porão.

Às vezes, Collins entrava no jogo, especialmente com Nelson.

– Nossa, você está ótima! – ela exclamava.

E então, para a cozinheira:

– Venha aqui, Sra. Wilson! A Srta. Stephen não está igualzinha a um rapaz? Acredito que seja um rapaz, com esses ombros e essas pernocas desajeitadas que tem!

E Stephen dizia, gravemente.

– Sim, é claro que sou um rapaz. Eu sou o jovem Nelson, e estou dizendo “O que é medo?”. Você sabe, Collins, devo ser um rapaz, porque me sinto exatamente como um, exatamente como o jovem Nelson nas fotos lá em cima.

Collins ria, assim como a Sra. Wilson, e depois que Stephen partia, as duas passavam a conversar, e Collins dizia:

– Ela é uma criança esquisita, sempre se fantasiando e atuando... é engraçado.

Mas a Sra. Wilson desaprovava.

– Não concordo com tamanha besteira, não para uma jovem. A Srta. Stephen é bem diferente das outras meninas – não tem o jeitinho adorável delas – é uma pena!

Havia épocas, no entanto, em que Collins parecia amuada, quando Stephen se vestia de Nelson em vão.

– Ah, não me perturbe agora, senhorita, eu tenho trabalho a fazer! – ou: – Vá lá mostrar para a tutora; sim, sei que você é um rapaz, mas tenho meu trabalho pra fazer. Mete o pé.

E Stephen tinha que se arrastar escada acima, derrotada, estranhamente infeliz e extremamente lacônica, tirando as roupas que ela amava tanto usar e trocando-as pelas que odiava. Como odiava vestidos macios e faixas, laços, pequenas contas de coral e meias decoradas! Suas pernas se sentiam tão livres e confortáveis em calções; ela também amava bolsos, que eram proibidos – ao menos, bolsos realmente adequados. Ela ficava chateada em seus aposentos porque Collins a esnobava, porque ficava consciente de se sentir toda errada, porque ansiava tanto por se sentir alguém real, em vez de apenas Stephen fingindo ser Nelson. Em um assomo de raiva, ela se dirigia ao armário e, tirando de lá suas bonecas, passava a atormentá-las. Sempre havia desprezado essas criaturas idiotas que, entretanto, chegavam a cada Natal e aniversário.

– Eu odeio você! Eu odeio você! Eu odeio você! – ela murmurava, batendo em seus rostos inofensivos.

Mas um dia, quando Collins estava mais irritada do que o normal, pareceu se sentir tomada por um súbito peso na consciência.

– É meu joelho de empregada – confidenciou a Stephen. – Não é você, é o joelho, querida.

– É perigoso? – indagou a criança, parecendo assustada.

E então Collins, fiel à sua classe, disse: – Pode ser... pode significar uma operação horrível, e eu num quero operação nenhuma.

– O que é isso? – Stephen perguntou.

– Ora, eles me cortariam – gemeu Collins. – Teriam que me cortar pra deixar a água sair.

– Oh, Collins! Que água?

– A água na rótula. Você enxerga se apertar, Srta. Stephen.

Elas estavam sozinhas no espaçoso aposento de dormir, onde Collins mancava ao fazer a cama. Era uma daquelas raras e deliciosas vezes em que Stephen conseguia conversar com sua deusa sem nenhuma interrupção, porque a tutora havia saído para postar uma carta. Collins abaixou um pouco sua grossa meia de lã e mostrou o membro afetado, cheio de manchas e inchado, longe de ser atraente, mas Stephen sentiu seus olhos imediatamente cheios de lágrimas ansiosas enquanto tocava o joelho de Collins com os dedos.

– Agora! – Collins exclamou. – Tá vendo esse afundado? É a água! – e adicionou: – Dói tanto que me deixa enjoada. É isso que dá esfregar o chão, Srta. Stephen; eu não devia esfregar o chão.

A voz de Stephen foi grave:

– Queria que fosse comigo. Queria ter seu joelho de empregada, Collins, porque assim eu poderia suportá-lo em vez de você. Queria sofrer terrivelmente por você, Collins, como Jesus sofreu pelos pecadores. Se eu rezar muito, você acha que eu poderia pegar? Ou se eu esfregar meu joelho contra o seu?

– Deus a abençoe! – riu Collins. – Não é como sarampo, não, Srta. Stephen. A gente pega do chão.

Naquela tarde, Stephen ficou pensativa e pegou o livro *Histórias Bíblicas Para Crianças*, estudando a imagem do Senhor na Sua Cruz, e sentiu que O entendia. Muitas vezes, ficava bastante intrigada com Ele, já que tinha medo da dor – quando suas canelas esbarravam na pá no jardim, não era fácil conter as lágrimas –, e mesmo assim, Jesus escolheu suportar a dor em nome dos pecadores, quando Ele poderia ter simplesmente conclamado todos aqueles anjos! Ah, sim, ela havia já se perguntado muito sobre Ele, mas agora não se questionava mais.

Na hora de dormir, quando sua mãe apareceu para ouvir suas orações – como exigia o costume –, faltavam a elas convicção. Mas quando Anna a beijou e apagou a luz, Stephen orou com todo fervor – tanto que chegou a suar, uma verdadeira orgia de preces.

– Por favor, Jesus, dê-me um joelho de empregada no lugar de Collins. Faça isso, faça isso, Senhor Jesus. Por favor, Jesus, eu quero suportar todas as dores de Collins da mesma forma que Você fez, e eu não quero nenhum anjo! Eu quero banhar Collins em meu sangue, Senhor Jesus. Eu quero ser uma Salvadora para Collins. Eu a amo e quero sofrer como Você sofreu, por favor, querido Senhor Jesus, deixe-me sofrer. Por favor, dê-me esse joelho cheio de água, para que eu seja operada no lugar de Collins. Quero sofrer no lugar dela, porque ela tem medo, e eu não tenho nem um pouco!

Repetiu esse pedido até dormir, quando sonhou que era, de uma maneira estranha, Jesus, e que Collins se ajoelhava e beijava sua mão porque ela, Stephen, havia conseguido curá-la cortando fora seu joelho com uma faca-de-papel feita de osso e enxertando-o em si mesma. O sonho foi uma mistura de arrebatamento e desconforto e Stephen o carregou consigo por muito tempo.

Na manhã seguinte, acordou com aquela exaltação que só surge em momentos de profunda fé. Mas um exame minucioso de seus joelhos no banho revelou que permaneciam perfeitos, a não ser por algumas cicatrizes e uma casca de ferida amarronzada de um tropeço recente. Isso, claro, foi decepcionante. Arrancou a casca, o que doeu um pouco, mas não – disso ela sabia – como o joelho de uma empregada. De toda forma, decidiu permanecer orando e não desanimar tão fácil.

Por mais de três semanas, ela suou e orou, perturbando Collins com intermináveis perguntas diárias: "Seu joelho melhorou?", "Acha que meu joelho está inchado?", "Você tem fé? Porque eu tenho...", "Está doendo menos, Collins?"

Mas Collins sempre respondia da mesma forma: – Não está melhor, obrigada, Srta. Stephen.

No final da quarta semana, Stephen repentinamente parou de rezar, e disse para o Nosso Senhor:

– Você não ama Collins, Jesus, mas eu amo, e vou ter joelho de empregada. Vai ver se não vou! – e sentiu-se um tanto assustada, adicionando humildemente: – Quer dizer, eu não quero... Você não se importa, não é, Senhor Jesus?

O chão dos aposentos estava coberto com carpete, o que era obviamente um problema para Stephen: se fosse apenas taco, como na sala de desenho, talvez servisse melhor aos seus propósitos. De toda forma, ficava duro se ela se ajoelhasse por tempo suficiente – de fato, tão duro que ela precisava travar a mandíbula se se ajoelhasse por mais de vinte minutos. Era muito pior do que esbarrar com a canela no jardim, era muito pior do que puxar a casca de uma ferida! Nelson a ajudou um pouco.

Ela pensava: "Agora sou Nelson. Estou no meio da Batalha de Trafalgar. Recebi tiros nos joelhos". Mas então se lembrava de que Nelson havia sido poupado de tais tormentos. No entanto, era realmente bom estar sofrendo – parecia trazer Collins para mais perto de si, fazia com que Stephen se sentisse dona dela, pelos direitos conquistados por tão diligente dor.

Havia inúmeros buracos no velho carpete dos aposentos, e nesses buracos Stephen fingia estar limpando, sempre atenta a imitar os movimentos de Collins, esfregando para frente e para trás, grunhindo um pouco. Quando enfim tornava a levantar, precisava segurar a perna esquerda e mancar, anda gemendo. Novos buracos enormes apareceram em suas meias, pelos quais ela podia examinar os joelhos doloridos, o que a levou a ser repreendida:

– Pare de besteira, Srta. Stephen! O que você está fazendo com as suas meias é absurdo!

Mas Stephen apenas sorria sombriamente e prosseguia com suas besteiras, o amor a incitando a ser desafiadora. No oitavo dia, no entanto, ocorreu a Stephen que Collins deveria ver a prova de sua devoção. Seus joelhos estavam particularmente esfolados naquela manhã, então, ela saiu mancando em busca da criada, que nada suspeitava.

Collins a encarou.

– Bom Deus, qual o problema? O que andou fazendo, Srta. Stephen?

Então Stephen respondeu, não sem um orgulho perdoável:

– Estou conseguindo para mim um joelho de empregada, como o seu, Collins! – e, como Collins tinha uma expressão estúpida e um tanto atormentada, prosseguiu. – Veja bem, eu queria compartilhar do seu sofrimento. Eu rezei um monte, mas Jesus não me ouviu, então eu tenho que pegar joelho de empregada do meu jeito! Não posso esperar mais por Jesus!

– Ah, cale-se! – balbuciou Collins em choque. – Você não deve dizer coisas assim: é de uma maldade, Srta. Stephen – mas ela sorriu um pouco, a despeito das palavras, e abraçou a criança calorosamente.

Todavia, Collins juntou sua coragem naquela tarde e falou com a tutora sobre Stephen.

– Seus joelhos estavam vermelhos e inchados, Sra. Bingham. Você sabia que ela era uma criatura tão estranha? Rezando pelo meu joelho, também. Ela é uma caixinha de surpresas! E agora está tentando ter um! Bom, se isso não é amor verdadeiro, então não sei de nada – e Collins começou a rir fracamente.

Depois disso, a Sra. Bingham usou de seu poder e o autoflagelo foi forçosamente interrompido. De sua parte, Collins foi ordenada a mentir se Stephen continuasse perguntando. Então Collins mentiu nobremente:

– Está melhor, Srta. Stephen, devem ser suas preces: Jesus a ouviu. Imagino que Ele se entristeceu ao ver seus pobres joelhos – sei que eu me entristeci!

– Você diz a verdade? – Stephen questionou, ainda duvidando, ainda atenta àquele primeiro dia de sonhos do jovem Amor.

– Ora, é claro que eu digo a verdade, Srta. Stephen.

E com isso Stephen tinha que se contentar.

3.

Collins tornou-se mais afetuosa depois do incidente do joelho de empregada, ela não podia deixar de sentir um novo interesse pela criança que ela e a cozinheira agora tachavam de "esquisita", e Stephen se deleitava em muitos carinhos furtivos e seu amor por Collins crescia a cada dia.

Era primavera, a estação das emoções gentis, e Stephen, pela primeira vez, tomou ciência da primavera. De uma forma boba e infantil, ela estava ciente de sua fragrância – a casa a irritava profundamente, e ela ansiava pelos campos e colinas brancas de espinheiros. Seu jovem corpo ativo estava sempre agitado, mas sua mente estava banhada por uma suave neblina, e isso ela nunca conseguia pôr em palavras, embora tenha tentado explicar a Collins. Tudo tinha a ver com Collins, mas também não: não tinha a ver com seu sorriso largo, nem com suas mãos que eram avermelhadas, nem mesmo com seus olhos, que eram azuis e muito cativantes. Ao mesmo tempo, tudo isso era Collins, a Collins de Stephen, que também era parte desses dias longos e quentes, à parte dos crepúsculos que vinham e duravam por horas depois de Stephen ter sido colocada para dormir; que eram parte também, se ao menos Stephen pudesse saber, de suas rápidas percepções infantis. Nessa primavera, pela primeira vez, ela ansiou pelo cuco, esperando paradinha para ouvir, com a cabeça virada de lado; e a atração daquele chamado distante estava destinada a permanecer com ela pelo resto de sua vida.

Houve vezes em que queria se afastar de Collins, e outras em que ansiava intensamente por estar perto dela, assim como seu amor esfomeado ansiava também por uma resposta, que muito sabiamente quase nunca era concedida.

Ela dizia:

– Eu amo você terrivelmente, Collins. Eu amo tanto que sinto vontade de chorar.

E Collins respondia:

– Não seja boba, Srta. Stephen – o que não era satisfatório, nem um pouco satisfatório.

Então Stephen a empurrava repentinamente, com raiva:

– Você é um monstro! Eu a odeio demais, Collins!

E agora Stephen havia decidido passar as noites acordada, criando imagens em sua mente: imagens dela acompanhada por Collins em todo tipo de situação feliz. Talvez ambas andariam pelo jardim, de mãos dadas, ou parariam ao lado de uma encosta para ouvir o cuco; ou talvez navegariam por quilômetros no oceano azul, em um navio esquisitinho com uma única vela

triangular, como aquele dos contos de fadas. Às vezes, Stephen as imaginava vivendo sozinhas em uma pequena cabana de palha ao lado de um moinho – havia visto uma cabana assim não muito longe de Upton –, em que a água corria rapidamente, murmurante; e às vezes haveria folhas mortas nessa água. Essa última era uma imagem muito íntima, cheia de detalhes, até mesmo para os dois cães vermelhos da China prostrados de cada lado da lareira e para o relógio de pêndulo que batia forte. Collins se sentaria ao lado do fogo, descalça e diria: "Meus pés estão inchados e doloridos". Então Stephen iria cortar um farto pedaço de pão com manteiga – do tipo da sala de desenho, pouco pão e muita manteiga – e colocar a chaleira para preparar um chá para Collins, que gostava de seu chá forte e praticamente fervendo, e assim ela poderia tomar um gole de seu pires. Nessa imagem, Collins era quem falava sobre o amor e Stephen quem, gentil, mas firme, a censurava: "Calma, Collins, não seja tola, você é uma criatura esquisita!" E ainda assim, o tempo inteiro, Stephen ansiaria por lhe contar o quão maravilhoso era, como flor de madressilva – algo tão doce quanto – ou como campos cheirando a trigo recém-colhido, ao sol.

E talvez um dia contasse, no último instante – um pouco antes de a imagem se apagar.

4.

Ultimamente, Stephen havia ficado mais próxima de seu pai, e isso, de certa forma, era por culpa de Collins. Ela não era capaz de dizer por que era, apenas que era. Sir Philip e sua filha andavam pelas encostas, entrando e saindo por caminhos de espinheiros-negros e jovens samambaias verdes; andavam de mãos dadas com um profundo senso de amizade, com um profundo senso de compreensão mútua.

Sir Philip sabia tudo sobre flores e frutos selvagens e sobre os caminhos de raposas, coelhos e pessoas assim. Havia muitos pássaros raros também, nas colinas perto de Malvern, e ele os apontava para Stephen. Ensinou a ela as leis mais simples da natureza que, mesmo simples, sempre o deixaram maravilhado: a lei da seiva que fluía pelos galhos, a lei do vento que balançava a seiva, a lei da vida dos pássaros e da construção de seus ninhos, a lei do canto variável do cuco, que em junho mudava para "Cuco-cooo"! Ele ensinava por amor à matéria e ao aprendiz, e enquanto o fazia, observava Stephen.

Às vezes, quando o coração da criança parecia pesado demais para aguentar, confiava-lhe seus problemas em frases pequenas e hesitantes. Falava-lhe o quanto queria ser diferente, o quanto queria ser alguém como Nelson.

Ela dizia:

– Você acha que eu poderia ser um homem, supondo que eu pensasse ou rezasse muito, pai?

E Sir Philip sorria e a provocava um pouco, dizendo que um dia ela iria querer belos vestidos, mas que suas provocações eram sempre excessivamente gentis, de modo que não doíam nem um pouco.

Mas às vezes ele estudava a filha seriamente, com seu queixo forte e fendido apoiado firmemente na mão. Ele a observava brincar com os cachorros no jardim, assistia a curiosa sugestão de força em seus movimentos, a linha comprida de seus membros – ela era alta para sua idade – e a postura de sua cabeça sobre os ombros largos. Daí, talvez ele franzisse a testa e se perdesse em pensamentos, ou talvez a chamasse subitamente, dizendo "Stephen, venha aqui!".

Ela iria até ele de bom grado, esperando ansiosa pelo que tinha a dizer, mas na maioria das vezes ele apenas a segurava perto por alguns instantes, para depois soltá-la abruptamente. Ao se levantar, voltava para casa e para seus estudos, para passar o resto do dia com os livros.

Uma mistura estranha, o Sir Philip, parte esportista, parte estudante. Era dono de uma das melhores bibliotecas da Inglaterra, e ultimamente tinha passado a ler por metade da noite, o que não era seu costume. Sozinho naquele estúdio silencioso e sério, costumava abrir uma gaveta na grande mesa e retirar de lá um volume fino recentemente adquirido, passando a lê-lo e relê-lo em silêncio. O autor era um alemão, Karl Heinrich Ulrichs, e lendo-o, os olhos de Sir Philip se mostravam intrigados; depois, pegando um lápis, fazia pequenas anotações ao longo das margens imaculadas. Às vezes, erguia-se rapidamente e começava a caminhar de um lado a outro do aposento, parando de vez em quando para encarar uma pintura – o retrato de Stephen pintada com a mãe dela, por Millais, no ano anterior. Ele notava a beleza graciosa de Anna, uma coisinha tão perfeita, tão tranquilizadora; e então, aquela qualidade indefinível de Stephen, que a fazia parecer um tanto errada nas roupas que usava, como se não pertencessem umas às outras, mas, principalmente, como se não pertencessem a Anna.

Depois de algum tempo, ele voltava sorrateiro para a cama, tendo o cuidado de pisar muito suavemente, com medo de acordar a esposa que poderia perguntar "Philip, querido, está tão tarde... o que você estava lendo?" Ele não

gostaria de responder a isso, não gostaria de dizer a ela, e era por isso que deveria pisar muito suavemente.

Na manhã seguinte, ele seria muito carinhoso com Anna – mas ainda mais com Stephen.

5.

À medida que a primavera ficava mais robusta e caminhava para o verão, Stephen se tornava mais consciente de que Collins estava mudando. A mudança era quase intangível a princípio, mas os instintos de uma criança não devem ser subestimados. Chegou um dia em que Collins se voltou contra ela bruscamente, e nem mesmo referenciou o joelho como explicação ao comportamento.

– Não fique o tempo todo no meu pé, Srta. Stephen. Não me siga e não fique me encarando. Eu odeio ser vigiada. Volte para seu quarto, o porão não é lugar para mocinhas. Depois disso, as rejeições se tornaram mais frequentes, caso Stephen se aproximasse dela.

Enigma miserável! A mente de Stephen tateava a situação como uma toupeira cega que sempre está na escuridão. Ela estava totalmente confusa, enquanto seu amor crescia basto apesar de poda tão vigorosa, e tentava cortejar Collins oferecendo-lhe caramelos e gotas de chocolate, que a ama aceitava porque gostava deles. Collins nem era tão merecedora de culpa quanto parecia, pois ela, por sua vez, era marionete da emoção. O novo lacaio era alto e extremamente bonito. Ele havia olhado para Collins com aprovação. Ele havia dito: "Faça essa criança maldita parar de ciscar em seus pés; se você não fizer isso, ela vai fofocar sobre a gente".

E agora Stephen conhecia uma desolação profunda, porque não havia ninguém em quem pudesse confiar. Ela evitou contar até mesmo ao pai – ele poderia não entender, poderia sorrir, poderia provocá-la –, e se ele a provocasse, por mais gentil que fosse, ela sabia que não iria conseguir conter as lágrimas. Até Nelson tornou-se repentinamente distante. O que ela ganharia tentando ser Nelson? O que ela ganharia se fantasiando – o que ela ganharia fingindo? Ela parou de comer, tornando-se pálida e lânguida; até que, alarmada, Anna chamou um médico. Ele chegou e prescreveu uma dose de laxante, não achando nada muito errado com a paciente. Stephen tomou de uma vez a infusão desagradável – era quase como se gostasse dela!

O fim veio abruptamente, como geralmente vem, e veio quando a criança estava sozinha no jardim, ainda miseravelmente confusa sobre Collins, que a evitava há dias. Stephen havia vagado até um velho galpão de vasos, e lá,

quem foi que ela viu senão Collins e o lacaio, que aparentavam conversar abertamente um com o outro, tão abertamente que nem mesmo ouviram Stephen. Então uma catástrofe aconteceu: Henry agarrou Collins pelos pulsos e a puxou para si, ainda agindo com aspereza, e a beijou profundamente na boca. A cabeça de Stephen ficou repentinamente quente e tonta, ela foi tomada por uma raiva cega e incompreensível; ela queria gritar, mas não tinha voz, então tudo o que conseguiu fazer foi balbuciar. Mas no instante seguinte, ela agarrou um vaso de flores quebrado e o arremessou com força na direção certa do lacaio. Atingiu o rosto dele, cortando sua bochecha, da qual o sangue passou a descer lentamente. Ele ficou parado lá, atordoado, limpando gentilmente o corte, enquanto Collins encarava Stephen tolamente. Não disseram uma palavra, sentindo-se culpadas demais – e também, cheias de espanto.

Então, Stephen se virou e fugiu deles desesperadamente. Correu para longe, longe de qualquer jeito, rumando para qualquer lugar, desde que ela não precisasse vê-los! Ela soluçava enquanto corria e cobria os olhos, rasgando as roupas quando passava por galhos, assim como suas meias e a pele de suas pernas quando se atirava contra aqueles que a interceptavam. Mas, de repente, a criança foi tomada por braços fortes, e seu rosto pressionado contra o de seu pai. Sir Philip começou a carregá-la de volta para casa, pelo largo corredor para seu escritório. Ele a colocou no colo, esperando paciente para indagá-la, e a princípio ela apenas ficou encolhida lá, como uma criaturinha tola que de alguma forma havia se machucado. Porém, o coração de Stephen era jovem demais para conter esse novo problema – muito pesado para senti-lo, muito sobrecarregado, então seu coração transbordou e o problema foi contado nos ombros de Sir Philip.

Ele a ouviu gravemente, apenas afagando seu cabelo.

– Sim, sim... – murmurou suavemente, e então: – Prossiga, Stephen.

E quando ela terminou, ele ficou em silêncio por alguns instantes, ainda acarinhando o cabelo da filha. Logo, disse:

– Acho que entendo, Stephen... essa coisa parece mais terrível do que qualquer outra que já ocorreu, a mais pavorosa. Mas você verá que vai passar e ser totalmente esquecida. Tente acreditar em mim, Stephen. E agora, eu irei tratar você como um garoto, e um garoto deve ser sempre corajoso, lembre-se disso. Não irei fingir que você foi covarde, por que deveria quando sei que você tem coragem? Irei mandar Collins embora amanhã, certo, Stephen? Eu devo mandá-la embora amanhã. Não serei maldoso, mas ela irá embora amanhã, e enquanto isso eu não quero que você a veja de novo. Você sentirá

falta dela a princípio, e isso é natural, mas com o tempo você vai ver que esqueceu tudo sobre ela; esse problema não vai ser nada. E eu estou dizendo a verdade, querida, eu juro. Se você precisar de mim, lembre-se que estou sempre perto de você: pode vir ao meu escritório sempre que quiser. Você também pode falar comigo sobre isso sempre que estiver triste e quiser uma companhia para conversar – ele pausou, antes de terminar abruptamente: – Não preocupe sua mãe, só venha falar comigo, Stephen.

E Stephen, ainda recuperando o fôlego, encarou seu pai. Assentiu com a cabeça, e Sir Philip viu seus próprios olhos sofridos refletidos no rosto manchado de lágrimas da filha. Mas os lábios dela estavam mais firmes e a marquinha em seu queixo pareceu se agravar com uma nova e infantil vontade de coragem.

Curvando-se, ele a beijou em profundo silêncio – era o firmamento de um pacto doloroso.

6.

Anna, que estava fora no momento do desastre, voltou para encontrar seu marido, que a esperava no *hall*.

– Stephen se danou, está no quarto: teve um de seus acessos de raiva – ele observou.

Apesar do fato de que ele estava evidentemente esperando Anna para interceptá-la, ele falava de maneira leve. Disse a ela que Collins e o lacaio seriam mandados embora. E quanto a Stephen, já havia tido uma longa conversa com ela – Anna poderia deixar o assunto de lado, pois tinha sido apenas um momento de infantilidade.

Anna correu escada acima para sua filha. Ela mesma não havia sido uma criança trabalhosa, e as explosões de Stephen sempre a faziam se sentir sem ação; ainda assim, ela estava totalmente preparada para o pior. Mas se deparou com Stephen sentada com o queixo na mão, olhando serena pela janela, os olhos ainda inchados e o rosto pálido, porém, sem outros grandes sinais de emoção. Na realidade, ela até mesmo sorriu para Anna – um sorrisinho um pouco duro. Anna falou com doçura e Stephen a ouviu, concordando de vez em quando. Mas Anna se sentia estranha, como se a criança estivesse ansiosa por acalmá-la, com aquele sorriso que deveria ter sido tranquilizante – um sorriso tão distante do sorriso de uma criança. A mãe falava tudo o que lhe vinha à mente. E Stephen não falaria de sua afeição por Collins: nesse ponto, seu silêncio era firme e obstinado. Ela também não

se desculpou nem sustentou sua ação de jogar o vaso de flores quebrado na cara do lacaio.

“Ela está tentando esconder algo”, pensou Anna, sentindo-se mais confusa a cada momento.

Por fim, Stephen segurou gravemente a mão da mãe e passou a acariciá-la, como se a consolasse. E disse:

– Não se preocupe, porque isso preocupa o pai. Eu prometo que vou tentar ser mais calma, mas você tem que prometer que não vai ficar preocupada.

E por mais absurdo que parecesse, Anna se ouviu dizer: – Muito bem, então. Eu prometo, Stephen.

ensaios

(n.t.) | Diepkloof

O princípio da alquimia

Josep Palau i Fabre

O texto: O ensaio "El principi d'alquimia", texto que abre os *Quaderns de l'Alquimista*, de 1997, de Josep Palau i Fabre, é fundamental para compreender sua poética, uma vez que ele buscou, ao longo de toda a sua vida, produzir uma poesia "alquímica", segundo suas próprias definições. No texto, o poeta elabora um projeto literário que busca firmar raízes em uma tradição poética que recuse certas estéticas modernas, como a informática, por exemplo, em favor do saber alquímico medieval.

Texto traduzido: Palau i Fabre, Josep. *Obra Literària Completa II: assaigs, articles i memòries*. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2005.

O autor: Josep Palau i Fabre (1917-2008), poeta, prosador e ensaísta catalão, nasceu em Barcelona. Viveu exilado em Paris entre as décadas de 1940 e 1960, quando entrou em contato com a literatura francesa, principalmente com as obras de Rimbaud, Balzac e Artaud, autores que ele traduziu à língua catalã. Foi um dos mais importantes poetas de sua geração, tendo escrito inúmeras obras sobre Picasso e sido laureado com o Premi d'Honor de les Lletres Catalanes e nomeado Officier de l'Ordre des Arts et des Lettres do governo francês. Reuniu sua obra poética em *Poemes de l'Alquimista* e sua ensaística em *Quaderns de l'Alquimista*. Em 2005 foi publicada sua *Obra Literària Completa*, em dois volumes.

O tradutor: Lucas Figueiredo Silveira é graduando em Letras Português-Francês pela USP, com período na Université Lumière Lyon II. É colaborador da *Revista Rosa* e tradutor de francês e catalão.

El principi d'alquímia

"L'alquímia és encara una afirmació, potser desesperada, de la llibertat humana."

JOSEP PALAU I FABRE

1. La idea d'uns *Poemes de l'Alquimista*, d'uns *Quaderns de l'Alquimista* i, fins i tot, d'un *Teatre de l'Alquimista* o *Teatre alquímic* data de la meva primera joventut, dels dies incerts de la Guerra Civil, o sia dels meus dinou o vint anys, quan, a desgrat de les adversitats de tota mena que m'assetjaven, jo traçava quimèrics projectes de futur, com si cregués més en mi que en totes les malvestats plegades, abeurant-me en la lectura de Ramon Llull (trilingüe, divers, alquimista) i de Rimbaud, que abonaven la meva idea.

2. La imatge de l'alquimista medieval i de la seva fal·lera, abocat a l'obrador, és una imatge que em fascinà des de l'adolescència. Parlo dels meus quinze o setze anys, quan, a través d'un llibre que no sabria retrobar, vaig tenir esment de l'existència d'aquest personatge i de la seva dèria.

3. L'alquimista medieval por ser vist de dues maneres molt distintes: com l'home entregat a la recerca de l'or i a la transmutació dels metalls per tal de penetrar en els arcans de la naturalesa i obtenir-ne el secret, o bé com l'home adelerat per l'ambició d'obtenir l'or i, amb ell, el poder i la riquesa.

Encara cal dir que tant l'un com l'altre poden procedir a través d'un llenguatge xifrat per tal de preservar els seus secrets. Aquest llenguatge críptic podia esdevenir simbòlic i tenir un contingut místic, com podia ser la disfressa de certes receptes innòcues per a envoltar-se de misteri i amagar una patent vacuïtat.

4. Veig l'alquímia medieval com una tendència o escola a través de la qual intenta obrir-se pas, per una via subterrània impensada, la branca última del

pensament presocràtic – la de Demòcrit i la recerca atòmica –, que quedà desfasada pel cristianisme i pel món de la fe.

5. El pensament, a Grècia, sembla haver-se avançat de molts segles a la tècnica (la *techné*) i a la pràctica de la ciència. No és fins als temps moderns que serà represa la via de l'experimentació.

Aquesta experimentació, els alquimistes, per un camí intuïtiu, la practicaren, és la veritat que se'ls fa patent sense gosar renunciar gairebé mai a l'altra veritat, a la veritat revelada.

6. Per a mi, dir *Poemes de l'Alquimista*, *Quaderns de l'Alquimista* o *Teatre alquímic* vol dir adoptar una actitud equivalent, enfront d'aquestes activitats – la poesia, el pensament, el teatre –, a la dels alquimistes medievals, una actitud d'experimentació, per tal de fer emergir l'or del poema, l'or del pensament, l'or de la representació.

Si l'alquimista medieval disposava, per una banda, del matràs, el flascó, la proveta i el foc i, per l'altra, del carbó, del mercuri, del sofre i de molts altres ingredients per dur endavant les seves experimentacions, ¿quins són els materials dels quals jo disposava – o dels quals jo pretenia disposar – en emprendre la meva alquímia? N'hi havia uns d'aparentment objectius, que eren els mots i llur diversa manera de cristal·litzar o d'agrupar-se, des de la frase més banal al poema més rigorós. N'hi havia uns altres de molt subjectius, començant per les sensacions, els sentiments (amb els quals durant l'adolescència és fàcil de creure que s'hi por jugar, que s'hi pot experimentar, que poden ser objecte d'alquímia), hi havia el pensament – o els pensaments –, les imatges, les passions, la música... No és sinó en el transcurs de l'experimentació que la par aparentment objectiva, els mots, no esdevé servible fins que s'ha convertir en subjectiva, fins que s'ha transmutat en substància pròpia, intransferible. I no és sinó en el transcurs de l'experimentació que un s'adona que d'experimentador esdevé experiment i que aquest experiment no és mai gratuït sinó que, d'una manera o d'una altra, es paga. Acceptar o refusar de pagar-lo és, sovint, l'alot que s'amaga darrere aquest alquímia.

7. Però l'alquímia no té sols per a mi aquesta connotació que l'enllaça amb el passat. Alquímia vol dir, encara avui, desbaratament o no-submissió a la tirania de la informàtica, a la pretensió de fer de l'home un robot o reductible als càlculs i als cànons d'una computadora. L'alquímia, pel que té, doncs, de no estrictament científic – de no químic, de no matemàtic –, de no reductible a fórmula, és encara, en aquest sentit, una afirmació, potser desesperada, de la llibertat humana.

Barcelona, novembre del 1987.

O PRINCÍPIO DA ALQUIMIA

"A alquimia é ainda uma afirmação, talvez desesperada, da liberdade humana."

JOSEP PALAU I FABRE

1. A ideia dos *Poemas do Alquimista*, dos *Cadernos do Alquimista* e, por fim, do *Teatro do Alquimista* ou *Teatro alquímico* data da minha primeira juventude, dos dias incertos da Guerra Civil, ou seja, dos meus dezenove ou vinte anos, quando, apesar de todas as adversidades que me rodeavam, eu traçava projetos quiméricos para o futuro, como se acreditasse mais em mim do que em todos os infortúnios juntos, bebendo-me da leitura de Ramon Llul (poliglota, intelectual múltiplo e alquimista) e de Rimbaud, que faziam minha cabeça.

2. A imagem do alquimista medieval e de sua obstinação, decantada em laboratório, é uma imagem que me fascina desde a adolescência. Falo dos meus quinze ou dezesseis anos, quando, através de um livro que não me recordo, tomei conhecimento da existência desse personagem e de sua obsessão.

3. O alquimista medieval pode ser visto de duas maneiras muito distintas: como o homem dedicado na busca do ouro e na transmutação dos metais para penetrar nos arcanos da natureza e descobrir seus segredos, ou como o homem determinado pela ambição de obter ouro e, com ele, poder e riqueza.

É preciso dizer ainda que tanto um quanto outro podem proceder através de uma linguagem cifrada para preservar seus segredos. Essa linguagem enigmática poderia ser simbólica e ter um conteúdo místico, como também ser a máscara de certas receitas inócuas para disfarçar com mistérios e esconder uma evidente vacuidade.

4. Vejo a alquimia medieval como uma tendência ou escola através da qual se tenta romper, por uma via subterrânea e impensada, o último ramo do pensamento pré-socrático – o de Demócrito e do estudo atômico –, que permaneceu defasado pelo cristianismo e pelo mundo da fé.

5. O pensamento, na Grécia, parece ter avançado muitos séculos na técnica (*techné*) e na prática da ciência. Só nos tempos modernos é que a via da experimentação seria retomada.

Essa experimentação, os alquimistas, por um caminho intuitivo, a praticaram, é a verdade que para eles se torna evidente sem ousar renunciar quase nunca à outra verdade, a verdade revelada.

6. Para mim, dizer *Poemas do Alquimista*, *Cadernos do Alquimista* ou *Teatro alquímico* quer dizer adotar uma atitude equivalente, diante dessas atividades – a poesia, o pensamento, o teatro –, à dos alquimistas medievais, uma atitude de experimentação, para fazer emergir o ouro do poema, o ouro do pensamento, o ouro da representação.

Se o alquimista medieval dispunha, por um lado, do tubo, do frasco, da proveta e do fogo e, por outro, do carbono, do mercúrio, do enxofre e de muitos outros ingredientes para dar continuidade às suas experimentações, quais eram os materiais que eu dispunha – ou quais pretendia dispor – para empreender minha alquimia? Havia alguns objetivos aparentes, que eram as palavras e suas múltiplas maneiras de se cristalizar ou agrupar, desde a frase mais banal até o poema mais sofisticado. Havia outros muito subjetivos, a começar pelas sensações, os sentimentos (com os quais, na adolescência, é fácil de acreditar que se pode brincar, que se pode experimentar com eles, que podem ser objeto de alquimia), havia o pensamento – ou os pensamentos –, as imagens, as paixões, a música... É somente no percurso da experimentação que a parte supostamente objetiva, as palavras, não se torna útil até que se converta em subjetiva, até que se transmute em substância própria, intransferível. E é somente no percurso da experimentação que se percebe que o experimentador se torna um experimento e que esse experimento nunca é gratuito, mas, de uma maneira ou de outra, é pago. Aceitar ou recusar a pagá-lo é, com frequência, o trunfo que se esconde por trás dessa alquimia.

7. Mas não é só para mim que a alquimia tem essa conotação que a conecta ao passado. Alquimia quer dizer, ainda hoje, desprendimento ou não submissão à tirania da informática, à pretensão de fazer do homem um robô ou redutível aos cálculos e aos critérios de um computador. A alquimia, portanto, pelo que representa, do não estritamente científico – do não químico,

do não matemático –, do não redutível à fórmula, é ainda, nesse sentido, uma afirmação, talvez desesperada, da liberdade humana.

Barcelona, novembro de 1987.

GUSTAVE FLAUBERT

GUY DE MAUPASSANT

O TEXTO: Na crônica "Gustave Flaubert", publicada no jornal *L'Écho de Paris*, em 1890, Guy de Maupassant apresenta seu mestre literário e amigo, Gustave Flaubert, revelando as origens dessa amizade e alguns aspectos da personalidade do autor de *Madame Bovary*, além de sua paixão pelos livros. Por meio de uma escritura envolvente e intimista, compartilha com o leitor uma cena solene e emocionante ocorrida um ano antes da morte de Flaubert e, ao fazê-lo, presta uma homenagem àquele que foi um dos baluartes do romance moderno.

Texto traduzido: Maupassant, G. de. "Gustave Flaubert". *L'Écho de Paris*, Paris, 24 nov. 1890, p. 1.

O AUTOR: Guy de Maupassant (1850-1893), escritor e jornalista francês, nasceu em Tourville-sur-Arques. Escreveu romances, crônicas, peças de teatro, sendo conhecido por seus contos e novelas, incluindo *Boule de Suif* (1880) e *Le Horle* (1887). Discípulo de Zola e Flaubert, apresenta elementos próprios da literatura produzida ao final do século XIX, inclinando-se entre os estilos realista e naturalista. Abordou temas como a Normandia, região onde nasceu, o jornalismo, a figura feminina e o artista. Irônico e marcado pelo pessimismo, critica a sociedade da época, revelando a ilusão e as contradições do mundo e a fratura existente entre o indivíduo e a sociedade.

A TRADUTORA: Kedrini Domingos dos Santos é graduada em Letras, com habilitação em Português, Francês e Espanhol, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), mestre e doutora em Estudos Literários pela mesma instituição. Atualmente é pós-doutoranda na Université de Genève (UNIGE).

GUSTAVE FLAUBERT

“Flaubert fut dominé durant son existence entière par une passion unique : celle de la Prose française.”

GUY DE MAUPASSANT

J’ai publié déjà tout ce que je voulais dire de Gustave Flaubert comme écrivain. Je parlerai un peu de l’homme, mais comme il n’aimait les révélations d’aucune nature, je n’en ferai point sur lui d’indiscrètes. Je veux seulement, à l’heure où ses amis offrent à Rouen, qui fut sa patrie, l’œuvre remarquable de M. Chapu, montrer quelques côtés caractéristiques de sa nature. J’ai connu Flaubert très tard, bien que sa mère et ma grand-mère eussent été des amies d’enfance. Mais les circonstances éloignent les amis et séparent les familles. Je l’ai donc vu deux ou trois fois seulement pendant ma première jeunesse.

C’est après la guerre, quand je vins à Paris, devenu homme, que j’allai lui faire une visite définitive dans nos relations et dont le souvenir est resté en moi inoubliable.

Il a dit et il a écrit lui-même que son amour immodéré des lettres lui a été en partie insufflé, au commencement de sa vie, par son plus intime et plus cher ami, mort tout jeune, mon oncle, Alfred Le Poittevin, qui fut son premier guide dans cette route artiste, et pour ainsi dire le révélateur du mystère enivrant des Lettres. Je trouve dans sa correspondance avec moi, cette phrase :

« Ah ! Le Poittevin, quelles envolées dans le rêve il m’a fait faire ! J’ai connu tous les hommes remarquables de ce temps, ils m’ont semblé petits auprès de lui. »

Il avait gardé le culte, la religion de cette amitié.

Quand il me reçut il me dit, en m'examinant avec attention : « Tiens, comme vous ressemblez à mon pauvre Alfred. » Puis il reprit : « Au fait, ce n'est pas étonnant puisqu'il était le frère de votre mère. »

Il me fit asseoir et m'interrogea. Ma voix aussi, paraît-il, avait des intonations toutes semblables à celles de la voix de mon oncle ; et tout à coup je vis les yeux de Flaubert pleins de larmes. Il se dressa, enveloppé des pieds à la tête dans cette grande robe brune à larges manches qui ressemblait à un froc de moine, et levant ses bras, il me dit d'une voix vibrante de l'émotion du passé :

« Embrassez-moi, mon garçon, ça me remue le cœur de vous voir. J'ai cru tout à l'heure que j'entendais parler Alfred. »

Et ce fut là certainement la cause vraie, profonde, de sa grande amitié pour moi.

Certes je lui ai rapporté toute sa jeunesse disparue, car élevé dans une famille qui fut presque la sienne, je lui rappelais toute une manière de penser, de sentir, même d'exprimer, des tics de langage dont quinze ans de sa vie première avaient été bercés.

J'étais pour lui une sorte d'apparition de l'Autrefois.

Il m'attira, m'aima. Ce fut parmi les êtres rencontrés un peu tard dans l'existence le seul dont je sentis l'affection profonde, dont l'attachement devint pour moi une sorte de tutelle intellectuelle, et qui eut sans cesse le souci de m'être bon, utile, de me donner tout ce qu'il me pouvait donner de son expérience, de son savoir, de ses trente-cinq ans de labeurs, d'études, et d'ivresse artiste.

Je le répète : ayant parlé ailleurs de l'écrivain, je n'en veux plus rien dire. Il faut lire ces hommes-là, et ne pas bavarder sur eux.

Je signalerai seulement deux traits de sa nature intime : une vivacité naïve d'impressions et d'émotions que la vie n'émoussa jamais ; et une fidélité d'amour pour les siens, de dévouement pour ses amis, dont je n'ai jamais vu d'autre exemple.

Comme il avait l'horreur du bourgeois (et il le définissait ainsi : quiconque pense bassement) il passa parmi la plupart de ses contemporains pour une espèce de misanthrope féroce qui eût volontiers mangé du rentier à ses trois repas.

C'était au contraire un homme doux, mais de parole violente, et très tendre, bien que son cœur, je crois, n'eût jamais été ému profondément par une femme. On a beaucoup parlé, beaucoup écrit sur sa correspondance

publiée depuis sa mort, et les lecteurs des dernières lettres parues l'ont cru atteint d'une grande passion parce qu'elles sont pleines de littérature amoureuse. Il aima comme beaucoup de poètes, en se trompant sur celle qu'il aimait. Musset n'en fit-il pas autant ? Celui-là au moins fuyait avec Elle en Italie ou dans les Îles Espagnoles, ajoutant à sa passion insuffisante le décor du voyage, et le légendaire attrait de la solitude au loin. Flaubert préféra aimer tout seul, loin d'elle, et lui écrire, entouré de ses livres, entre deux pages de prose.

Comme elle lui reprochait vivement, dans chacune de ses réponses, de ne venir jamais la voir, et de se passer de sa présence avec une obstination humiliante, il lui donna un rendez-vous à Nantes, et le lui annonça ainsi avec la satisfaction triomphante d'un utile devoir accompli : « Songe donc que nous passerons ensemble tout un grand après-midi, la semaine prochaine. »

Ne semble-t-il pas que si on aime une femme d'un sentiment vrai, on doit désirer éperdument passer près d'elle tous les instants de sa vie ?

Gustave Flaubert fut dominé durant son existence entière par une passion unique et deux amours : cette passion fut celle de la Prose française ; un des amours pour sa mère, l'autre pour les livres.

*
**

Son être entier, depuis le jour où il pensa en homme jusqu'à celui où je le vis étendu, le cou gonflé, tué par l'effort effroyable de son cerveau, fut la proie de la Littérature, ou, pour être plus exact, de la Prose. Ses nuits étaient hantées par des rythmes de phrases. Pendant ses longues veilles dans son cabinet de Croisset où sa lampe allumée jusqu'au matin servait de signal aux pêcheurs de la Seine, il déclamait des périodes des maîtres qu'il aimait ; et les mots sonores, en passant par ses lèvres, sous ses grosses moustaches, semblaient y recevoir des baisers. Ils y prenaient des intonations tendres ou véhémentes, pleines des caresses et des exaltations de son âme. Rien, assurément, ne le remuait autant que de réciter aux quelques amis préférés de longs passages de Rabelais, de Saint-Simon, de Chateaubriand ou des vers de Victor Hugo qui sortaient de sa bouche comme des chevaux emportés.

De son admiration illimitée pour les maîtres de toutes les langues, de tous les temps et de tous les pays, naquit peut-être, en partie, son affreuse peine à écrire et l'impossibilité où il vivait d'être pleinement satisfait de l'accord mystérieux de sa forme et de sa pensée. Son idéal irréalisable lui venait d'une

masse de souvenirs de choses très belles et très différentes. Il était épique, lyrique et en même temps observateur incomparable des vulgarités courantes de la vie. Et il dut, avec un effort surhumain, asservir et humilier son goût de la beauté plastique jusqu'à exprimer scrupuleusement tous les détails banals et quotidiens du monde.

Son érudition par conséquent fut peut-être aussi un peu une gêne pour sa production. Héritier de la vieille tradition des anciens lettrés qui étaient d'abord des savants, il possédait une érudition prodigieuse. Outre son immense bibliothèque de livres qu'il connaissait comme s'il venait d'achever de les lire, il conservait une bibliothèque de notes prises par lui sur tous les ouvrages imaginables consultés dans les établissements publics et partout où il avait découvert des œuvres intéressantes. Il semblait savoir par cœur cette bibliothèque de notes, citait de souvenir les pages et les paragraphes où on trouverait le renseignement cherché, inscrit par lui dix ans auparavant, car sa mémoire semblait invraisemblable.

Il apportait aussi dans l'exécution de ses livres un tel scrupule d'exactitude qu'il faisait des recherches de huit jours pour justifier à ses propres yeux un petit fait, un mot seulement. Alexandre Dumas nous dit, parlant de lui en déjeunant : « Quel étonnant ouvrier, ce Flaubert, il varlopait une forêt pour faire chaque tiroir de ses meubles. »

Il eut besoin, en écrivant *Bouvard et Pécuchet*, d'une exception à une loi botanique, car, affirmait-il, il n'y a pas de règle sans exception, ce serait contraire au sens de productions de la nature. Tous les botanistes de France furent interrogés et demeurèrent muets. Je fis cinquante courses pour cela. Enfin, le professeur du Muséum d'histoire naturelle découvrit la plante qu'il cherchait, et le délire de joie de Flaubert à cette nouvelle fut invraisemblable.

Il vivait donc presque toujours à Croisset, au milieu de ses livres, et près de sa mère. Ce fut un admirable fils, et plus tard un oncle admirable pour sa nièce, fille de sa sœur morte après ses couches.

Il montra dans toutes les circonstances de la vie un cœur d'enfant et des allures de croquemitaine. Il fut même un peu toujours sous la tutelle de cette mère, car la Prose française, à qui il appartenait complètement, n'est ni une femme de tête ni une directrice d'existence.

Ils passaient, tous deux, des années presque entières à Croisset, entre la Seine et la côte couverte d'arbres. Lui, enfermé dans son cabinet, regardait comme repos le pays par les fenêtres. Quand il collait à celles de la façade sa grande figure de Gaulois, il voyait monter vers Rouen les gros vapeurs noirs de charbon et les beaux trois-mâts d'Amérique ou de Norvège qui sem-

blaient glisser dans son jardin, traînés par un petit remorqueur, mouche haletante, empanachée de fumée. Quand il regardait au contraire vers son petit parc, il apercevait à la hauteur du premier étage une longue allée de tilleuls, et tout près, ombrageant les vitres, un tulipier géant, qui était pour lui presque un ami.

Il vivait avec Mme Flaubert, comme deux vieux. Il montrait pour elle une déférence absolue, presque une obéissance de petit garçon, et un respect affectueux dont il était impossible de ne pas s'émouvoir.

*
**

Il avait horreur du mouvement, bien qu'il eût un peu voyagé autrefois et nagé avec joie. Toute son existence, tous ses plaisirs, presque toutes ses aventures furent de tête. Jeune il eut de grands succès de femmes et les dédaigna vite. Et pourtant son cœur semblait plein d'appel ; et sans avoir éprouvé peut-être aucune de ces grandes émotions qui brûlent un homme, il avait des souvenirs qui grandissaient avec le temps et devenaient poignants ainsi que tout ce qu'on laisse derrière soi.

Voici ce qui m'arriva juste un an avant sa mort.

Je reçus de lui une lettre où il me priait de venir passer deux jours et une nuit à Croisset afin de n'être pas seul en accomplissant une corvée pénible.

Quand il me vit entrer il me dits :

– Bonjour mon bonhomme, merci d'être venu. Ça ne sera pas gai. Je veux brûler toutes mes vieilles lettres non classées. Je ne veux pas qu'on les lise après ma mort ; et je ne veux pas faire ça tout seul. Tu passeras la nuit sur un fauteuil, tu liras ; et quand j'en aurai trop nous causerons un peu.

Puis il m'emmena faire quelques tours dans l'allée de tilleuls qui dominait la vallée de la Seine.

Depuis trois ans, il me tutoyait, m'appelant tantôt : « Mon bonhomme » et plus souvent : « Mon disciple ».

Je me rappelle que le jour où j'allai le voir ainsi à Croisset, nous causâmes, pendant toute la promenade sous les tilleuls, de M. Renan et de M. Taine, qu'il aimait et qu'il admirait beaucoup.

Puis nous dînâmes tous les deux dans la salle à manger du rez-de-chaussée. Ce fut un bon dîner copieux et fin. Il but quelques verres de vieux

vin bordelais en répétant : « Allons, il faut que je me monte le bourrichon. Je ne veux pas m'attendrir. »

Revenus ensuite dans le grand cabinet tapissé de livres, il bourra et fuma quatre ou cinq des toutes petites pipes de faïence blanche vernie qu'il aimait tant, dont sa cheminée était couverte, et dont les tuyaux brunis par le tabac me faisaient regarder par moments sur sa table, dans un plat d'Orient, ses innombrables plumes d'oie au bec noirci d'encre.

Puis il se leva : « Aide-moi », dit-il. Nous passâmes dans sa chambre, longue pièce étroite donnant sur son cabinet. Sous un rideau tiré qui cachait des planches chargées d'objets, je vis une grande malle dont nous prîmes chacun une poignée pour la porter dans l'appartement voisin.

Nous la déposâmes devant la cheminée dont le feu flambait. Il l'ouvrit. Elle était pleine de papiers. « Voilà de ma vie, dit-il. Je veux en garder une partie, et brûler l'autre. Assieds-toi, mon bonhomme, et prends un livre. Je vais me mettre à détruire ça. »

Je m'assis, j'ouvris un livre, je ne sais pas lequel. Il avait dit : « Voilà de ma vie. » Un large morceau de l'histoire intime de ce grand homme simple était dans cette grande caisse de bois. Il allait la reprendre par les derniers jours, pour la finir par les premiers, en cette nuit où j'étais seul près de lui, sentant mon cœur crispé comme le sien.

Les premières lettres qu'il trouva étaient insignifiantes, lettres de vivants, connus ou non, intelligents ou médiocres. Puis il en déplia de longues qui le tinrent songeur. « C'est de madame Sand, dit-il, écoute. » Il me lut de beaux passages de philosophie et d'art, et il répétait, ravi : « Ah ! quel bon grand homme de femme. » Il en trouva d'autres, de gens célèbres, d'autres de gens consacrés dont il soulignait les sottises avec forts éclats de voix. Il en classait beaucoup pour les garder. Un coup d'œil sur les suivantes lui suffisait pour les lancer au feu d'un mouvement brusque. Elles s'enflammaient, illuminant le vaste cabinet jusque dans ses coins les plus sombres.

Les heures passaient. Il ne parlait plus et lisait toujours. Il était dans la foule de ses disparus et de longs soupirs lui gonflaient la poitrine. De temps en temps il murmurait un nom, faisait un geste de chagrin, le geste vrai et désolé qu'on ne fait pas sur les tombes.

« En voilà de maman », dit-il. Il m'en lut aussi des fragments. Je voyais dans ses yeux des larmes briller puis couler sur ses joues.

Puis il s'égara de nouveau dans le cimetière des anciennes connaissances et des anciens amis. Il lisait peu ces papiers intimes et oubliés comme s'il eût

voulu en avoir fini lui-même, et il se mit à en brûler, à en brûler des tas. On eût dit qu'à son tour il tuait ces déjà morts.

Quatre heures avaient sonné ; il trouva tout à coup, au milieu des lettres, un mince paquet, noué avec un étroit ruban ; et l'ayant développé lentement il découvrit un petit soulier de bal en soie, et dedans une rose fanée roulée dans un mouchoir de femme, tout jaune en son cadre de dentelles.

Cela avait l'air du souvenir d'un soir, d'un même soir. Et il baisa ces trois reliques avec des gémissements de peine. Puis il les brûla, et s'essuya les yeux.

Le jour vint sans qu'il eût fini. Les dernières lettres étaient celles reçues dans sa jeunesse, quand il n'était plus enfant, quand il n'était pas homme encore.

Puis il se leva : « C'était, dit-il, le tas de ce que je n'avais voulu ni classer ni détruire. C'est fait. Va te coucher, merci. »

Je rentrai dans ma chambre, mais je ne dormis pas. Le soleil se levait éclairant la Seine. Et je pensais : « Voilà une vie, une grande vie, c'est-à-dire : beaucoup de choses inutiles qu'on brûle, l'indifférent passe-temps de chaque jour, quelques souvenirs marquant de faits sentis, d'hommes rencontrés, des tendresses intimes de famille, et une rose flétrie, un mouchoir et un soulier de femme. » Voilà tout ce qu'il a eu, tout ce qu'il a éprouvé, goûté lui-même.

Mais dans sa tête, dans cette forte tête aux yeux bleus, l'univers entier passa depuis le commencement du monde jusqu'à nos jours. Il a tout vu, cet homme, il a tout compris, il a tout senti, il a tout souffert, d'une façon exagérée, déchirante et délicieuse. Il a été l'être rêveur de la Bible, le poète grec, le soldat barbare, l'artiste de la Renaissance, le manant et le prince, le mercenaire Matho et le médecin Bovary. Il a été même aussi la petite bourgeoise coquette des temps modernes, comme il fut la fille d'Hamilcar. Il a été tout cela non pas en songe, mais en réalité, car l'écrivain qui pense comme lui devient tout ce qu'il sent, si bien que la nuit où Flaubert écrivit l'empoisonnement de madame Bovary, il fallut aller chercher un médecin, car il défaillait, empoisonné lui-même par le rêve de cette mort, avec des symptômes d'arsenic.

Heureux ceux qui ont reçu du « je-ne-sais-quoi » dont nous sommes en même temps les produits et les victimes, cette faculté de se multiplier ainsi par la puissance évocatrice et génératrice de l'Idée. Ils échappent, pendant les heures exaltées du travail, à l'obsession de la vraie vie banale, médiocre et monotone ; mais, après, quand ils s'y réveillent, comment pourraient-ils se

défendre du mépris et de la haine artistes dont débordait le cœur de Flaubert pour la réelle humanité ?

GUSTAVE FLAUBERT

"Flaubert foi dominado durante toda a sua existência por uma única paixão: a da Prosa francesa."

GUY DE MAUPASSANT

Já publiquei tudo o que queria dizer sobre Gustave Flaubert[1] como escritor. Falarei um pouco sobre o homem, mas como ele não gostava de revelações de nenhuma natureza, não farei nenhuma que seja indiscreta. Desejo somente, no momento em que seus amigos oferecem em Rouen, que foi sua terra natal, a notável obra do Sr. Chapu[2], mostrar alguns aspectos característicos de sua natureza. Conheci Flaubert muito tarde, embora sua mãe e minha avó tivessem sido amigas de infância. Mas as circunstâncias afastam os amigos e separam as famílias. Então, eu o vi apenas duas ou três vezes durante meus primeiros anos de juventude.

Foi depois da guerra[3], quando vim a Paris, já adulto, que lhe fiz uma visita definitiva em nossas relações, cuja lembrança permaneceu inesquecível em mim.

Ele mesmo disse e escreveu que seu amor imoderado pelas letras lhe foi incutido, em parte, no começo de sua vida, por seu mais íntimo e mais querido amigo, que morreu muito jovem, meu tio, Alfred Le Poittevin, que foi o seu primeiro guia nesta jornada artística e, por assim dizer, o revelador do mistério inebriante das Letras. Encontro em sua correspondência comigo esta frase:

[1] Gustave Flaubert (1821-1880), escritor francês e um dos fundadores do romance moderno, autor de *Madame Bovary* (1857), *A Educação Sentimental* (1869), *Salammbô* (1862), entre outras obras. (n.t.)
[2] Henri Chapu (1833-1891), escultor francês, fez um monumento dedicado a Flaubert, em 1890, instalado originalmente na fachada do Museu de Belas Artes de Rouen. (n.t.)
[3] Maupassant faz referência à Guerra Franco-Prussiana, que se desenrolou entre 1870 e 1871. (n.t.)

“Ah! Le Poittevin, que voos oníricos ele me fez realizar! Conheci todos os homens notáveis desse tempo, pareceram-me pequenos perto dele.”

Ele conservara o culto, a religião dessa amizade.

Quando me recebeu, disse-me, ao examinar-me com atenção: “Veja, como o senhor se parece com o meu pobre Alfred!” Em seguida, continuou: “Aliás, não é de se admirar, visto que ele era irmão da sua mãe.”

Fez-me sentar e interrogou-me. Minha voz também, ao que parece, tinha entonações muito semelhantes às da voz de meu tio; e de repente, vi os olhos de Flaubert cheios de lágrimas. Levantou-se, enrolado da cabeça aos pés naquele grande roupão marrom com mangas largas, que parecia um hábito de monge, e, erguendo seus braços, disse-me com uma voz vibrante pela emoção do passado:

“Abrace-me, meu rapaz, comove-me o coração vê-lo. Acreditei neste instante ter ouvido Alfred falar.”

E essa foi certamente a causa verdadeira, profunda, de sua grande amizade por mim.

Decerto, lembrei-lhe toda a sua juventude desaparecida, pois, criado em uma família que foi quase a sua, recordava-lhe toda uma maneira de pensar, de sentir, até mesmo de expressar, tiques de linguagem pelos quais foram embalados os primeiros quinze anos de sua vida.

Eu era, para ele, uma espécie de aparição de Outrora.

Ele me atraiu, me amou. Foi, entre os seres encontrados um pouco tarde na vida, o único cuja afeição profunda senti, cujo apego se tornou para mim uma espécie de tutela intelectual, e que teve incessantemente a preocupação de ser-me bom, útil, de me dar tudo o que poderia me contar de sua experiência, de seu saber, de seus trinta e cinco anos de labores, de estudos e de entusiasmo artístico.

Repito: tendo falado do escritor antes[4], não quero dizer mais nada sobre isso. É preciso ler esses homens, e não tagarelar sobre eles.

Assinalarei somente dois traços de sua natureza íntima: uma vivacidade ingênua de impressões e de emoções que a vida nunca atenuou; e uma fidelidade de amor pelos seus, de devotamento por seus amigos, dos quais nunca vi outro exemplo.

---

[4] Maupassant fala sobre Flaubert em várias de suas crônicas e realiza um estudo sobre o autor no prefácio de *Lettres de Gustave Flaubert à George Sand*, de 1884. (n.t.)

Como tinha horror ao burguês (e definia-o assim: aquele que pensa de maneira vil), foi para a maior parte de seus contemporâneos uma espécie de misantropo feroz que teria comido com prazer um rentista em suas três refeições.

Era, pelo contrário, um homem gentil, mas de palavra violenta e muito terno, embora seu coração, creio, nunca tivesse sido profundamente tocado por uma mulher. Muito se falou e escreveu sobre sua correspondência publicada após sua morte, e os leitores de suas últimas cartas acreditaram que ele havia sido tocado por uma grande paixão, por estarem repletas de literatura amorosa. Ele amou como muitos poetas, enganando-se sobre aquela que amava. Musset[5] não fez o mesmo? Ele pelo menos fugiu com Ela para a Itália ou as ilhas espanholas, acrescentando à sua insuficiente paixão o cenário da viagem e a lendária atração pela solidão a distância. Flaubert preferiu amar sozinho, longe dela, e escrever-lhe, rodeado por seus livros, entre duas páginas de prosa.

Como ela o reprovava vivamente, em cada uma de suas respostas, por nunca ir vê-la, e por passar sem sua presença com uma obstinação humilhante, ele marcou um encontro com ela em Nantes, e, com a triunfante satisfação de uma tarefa cumprida, anunciou-lhe assim: "Pense que passaremos uma tarde inteira juntos na próxima semana."

Não parece que, quando se ama uma mulher com um sentimento verdadeiro, se deva desejar perdidamente passar todos os momentos de sua vida perto dela?

Gustave Flaubert foi dominado durante toda a sua existência por uma única paixão e dois amores: essa paixão era a da Prosa francesa; um dos amores foi sua mãe, o outro, os livros.

*
**

Todo o seu ser, desde o dia em que pensou como homem até o dia em que o vi estendido, o pescoço inchado, morto pelo terrível esforço de seu cérebro, foi presa da Literatura, ou, para ser mais exato, da Prosa. Suas noites eram assombradas pelos ritmos de frases. Durante as longas vigílias em seu

[5] Alfred de Musset (1810-1857), escritor romântico, fez parte do grupo de escritores próximos a Victor Hugo, sendo conhecido por seu relacionamento tumultuoso com George Sand. Na crônica, Maupassant faz referência ao primeiro livro de Musset, publicado em 1829, *Contos de Espanha e da Itália*, no qual constam vários elementos do romantismo, como a imaginação fantasista, a desilusão amorosa, o exotismo e a solidão. (n.t.)

gabinete em Croisset[6], onde a lamparina, acesa até de manhã, servia de sinal aos pescadores do Sena, ele declamava frases dos mestres que amava; e as palavras sonoras, ao passar por seus lábios, sob seu espesso bigode, pareciam receber ali beijos. Elas ganhavam entonações ternas ou veementes, repletas das carícias e exaltações de sua alma. Nada, certamente, o comovia tanto quanto recitar, aos poucos amigos preferidos, longas passagens de Rabelais, de Saint-Simon, de Chateaubriand ou versos de Victor Hugo[7], que saíam de sua boca como cavalos furiosos.

De sua admiração ilimitada pelos mestres de todas as línguas, de todos os tempos e de todos os países, nasceu, talvez, em parte, sua terrível dificuldade em escrever e a impossibilidade em que vivia de estar plenamente satisfeito com o acordo misterioso entre sua forma e seu pensamento. Seu ideal irrealizável provinha-lhe de um punhado de lembranças de coisas muito belas e muito diferentes. Ele era épico, lírico e, ao mesmo tempo, observador incomparável das vulgaridades correntes da vida. E, com um esforço sobre-humano, teve que subjugar e humilhar seu gosto pela beleza plástica até expressar escrupulosamente todos os detalhes banais e cotidianos do mundo.

Sua erudição, por conseguinte, talvez tenha sido, um pouco, um obstáculo à sua produção. Herdeiro da velha tradição dos antigos letrados que eram antes de tudo eruditos, possuía uma erudição prodigiosa. Além de sua imensa biblioteca de livros, que conhecia como se tivesse acabado de lê-los, conservava uma biblioteca de notas, tomadas por ele sobre todas as obras imagináveis, consultadas nos estabelecimentos públicos e em toda parte onde quer que tivesse descoberto obras interessantes. Parecia saber de cor essa biblioteca de notas, citando de memória as páginas e os parágrafos onde se encontrava a informação buscada, registrada por ele dez anos antes, pois sua memória parecia inverossímil.

Ele também aplicava na execução de seus livros tal escrúpulo de precisão, que fazia pesquisas durante oito dias para justificar aos seus próprios olhos um pequeno fato, uma palavra somente. Diz-nos Alexandre Dumas[8], ao falar sobre ele enquanto almoçava: “Que admirável operário, esse Flaubert, aplainava uma floresta para fazer cada gaveta de seus móveis.”

---

[6] Trata-se de um vilarejo, próximo a Rouen, onde Flaubert viveu durante 35 anos e escreveu a maior parte de suas obras, em uma casa às margens do rio Sena. (n.t.)

[7] François Rabelais (1494-1553), François René de Chateaubriand (1768-1848), Saint Simon (1760-1825) e Victor Hugo (1802-1885). (n.t.)

[8] Trata-se de Alexandre Dumas filho (1824-1895), romancista e dramaturgo francês, autor de *A Dama das Camélias*. (n.t.)

Ao escrever *Bouvard e Pécuchet*[9], precisou de uma exceção a uma lei botânica, pois, afirmava, não existem regras sem exceção, isso seria contrário ao sentido de produção da natureza. Todos os botânicos da França foram interrogados e permaneceram mudos. Recebi cinquenta incumbências para isso. Finalmente, o professor do Museu de História Natural[10] descobriu a planta que ele procurava, e o delírio de alegria de Flaubert com essa notícia foi inacreditável.

Ele vivia então quase sempre em Croisset, entre seus livros e perto de sua mãe. Foi um admirável filho, e mais tarde um tio admirável para sua sobrinha, filha de sua irmã que morreu após o parto.

Mostrou em todas as circunstâncias da vida um coração de criança e ar de bicho-papão. Esteve sempre um pouco sob a tutela dessa mãe, pois a Prosa francesa, a quem pertencia completamente, não era nem uma mulher autoritária nem alguém que dirigia sua existência.

Ambos passavam anos quase inteiros em Croisset, entre o Sena e a costa arborizada. Ele, fechado em seu gabinete, observava a região descansar pelas janelas. Quando colocava sua grande figura de gaulês nas fachadas, via subir, em direção a Rouen, os grandes vapores pretos de carvão e os belos navios de três mastros da América ou da Noruega que pareciam deslizar em seu jardim, arrastados por um pequeno rebocador, mosca ofegante, emplumada de fumaça. Quando olhava, na outra direção, para o seu pequeno parque, via, na altura do primeiro andar, uma longa alameda de tílias e, nas proximidades, sombreando as vidraças, um tulipeiro gigante, que era, para ele, quase um amigo.

Vivia com a Sra. Flaubert, como dois velhos. Ele demonstrava, para com ela, uma deferência absoluta, quase uma obediência de menino e um respeito afetuoso com o qual era impossível não se comover.

*
**

Tinha horror ao movimento, embora tivesse viajado um pouco no passado e nadado com alegria. Toda a sua existência, todos os seus prazeres, quase todas as suas aventuras foram sensatas. Jovem, teve grande sucesso com as mulheres e rapidamente as desdenhou. E, no entanto, seu coração

---

[9] *Bouvard e Pécuchet*, romance inacabado de Flaubert publicado postumamente em 1881. (n.t.)
[10] Charles Pouchet (1833-1894), naturalista e anatomista francês, professor de anatomia comparada no Museu Nacional de História Natural de Paris. (n.t.)

parecia cheio de apelo; e talvez sem ter experimentado nenhuma daquelas grandes emoções que queimam um homem, ele tivesse lembranças que aumentavam com o tempo e se tornavam pungentes, assim como tudo o que se deixa atrás de si.

Eis o que aconteceu comigo apenas um ano antes de sua morte.

Recebi uma carta dele pedindo-me que passasse dois dias e uma noite em Croisset, pois não queria estar sozinho ao realizar uma tarefa penosa.

Quando me viu entrar, disse-me:

– Bom dia, meu jovem, obrigado por ter vindo. Isso não será divertido. Quero queimar todas as minhas velhas cartas não classificadas. Não quero que sejam lidas após minha morte; e não quero fazer isso sozinho. Você passará a noite em uma poltrona, lerá; e quando eu me cansar, conversaremos um pouco.

Depois disso, levou-me para dar umas voltas na alameda de tílias que dominava o vale do Sena.

Há três anos ele me tuteava, chamando-me ora por "Meu jovem", e com mais frequência, "Meu discípulo".

Assim, lembro-me que, no dia em que fui vê-lo, em Croisset, conversamos, durante todo o passeio sob as tílias, sobre o Sr. Renan e o Sr. Taine[11], a quem ele amava e admirava muito.

Em seguida, jantamos na sala de jantar do andar térreo. Foi um belo jantar copioso e refinado. Ele bebeu algumas taças de vinho maduro de Bordeaux, repetindo: "Vamos, preciso ficar cheio de ideias. Não quero me enternecer."

Depois, ao voltar ao grande gabinete forrado de livros, embriagou-se e fumou quatro ou cinco dos pequeninos cachimbos de faiança branca envernizada que tanto gostava, dos quais sua lareira estava coberta, e cujas boquilhas escurecidas pelo tabaco às vezes me faziam olhar sobre sua mesa, em um prato oriental, as inumeráveis penas de ganso com os bicos enegrecidos de tinta.

Então, se levantou: "Ajude-me", disse ele. Entramos em seu quarto, um cômodo longo e estreito que dava para seu gabinete. Sob uma cortina esti-

[11] Ernest Renan (1823-1892) e Hippolyte Taine (1828-1893), filósofos e historiadores franceses, foram amigos de Flaubert. Renan estudou a história das religiões e suas origens, enquanto Taine, marcado pela filosofia positiva, via nas ciências naturais um modelo para pensar as causas históricas a partir de três categorias que determinariam os eventos: o meio, a raça e o momento. (n.t.)

cada, que escondia prateleiras carregadas com objetos, vi um grande baú que pegamos pelas alças para levá-lo ao aposento vizinho.

Colocamo-lo diante da lareira, cujo fogo flamejava. Ele o abriu. Estava repleto de papéis. "Eis minha vida", disse ele. "Quero guardar uma parte, e queimar a outra. Sente-se, meu jovem, e pegue um livro. Vou começar a destruir isso."

Sentei-me, abri um livro, não sei qual. Ele dissera: "Eis minha vida". Uma grande parte da história íntima desse grande homem simples estava naquela grande caixa de madeira. Ele ia começar pelos últimos dias, para terminá-la nos primeiros, naquela noite em que eu estava sozinho com ele, sentindo meu coração inquieto como o seu.

As primeiras cartas que encontrou eram insignificantes, cartas de pessoas vivas, conhecidas ou não, inteligentes ou medíocres. Em seguida, desdobrou longas cartas que o mantiveram pensativo. "É da Sra. Sand"[12], disse ele, "ouça". Leu-me belas passagens de filosofia e arte e repetia, encantado: "Ah! que belo grande homem de mulher". Encontrou outras de pessoas célebres, outras de pessoas consagradas, cujas tolices apontava com fortes explosões de voz. Arquivava muitas delas para guardá-las. E bastava um olhar sobre as próximas para lançá-las ao fogo com um movimento brusco. Elas se inflamavam, iluminando o vasto gabinete até os cantos mais sombrios.

As horas passavam. Ele não falava mais e lia continuamente. Estava na pilha de seus desaparecidos e longos suspiros inflavam seu peito. De vez em quando, murmurava um nome, fazia um gesto de tristeza, o gesto verdadeiro e triste que não se faz sobre as sepulturas.

"Eis cartas de mamãe", disse ele. Leu-me também fragmentos dessas. Eu via as lágrimas brilharem em seus olhos e então correrem por seu rosto.

Então, se perdeu novamente no cemitério dos velhos conhecidos e dos velhos amigos. Lia pouco esses papéis íntimos e esquecidos, como se quisesse ter acabado ele mesmo com eles, e pôs-se a queimá-los, a queimá-los aos montes. Dir-se-ia que, por sua vez, matava os que já estavam mortos.

Quatro horas soaram; ele encontrou, de repente, no meio das cartas, um pacote fino amarrado com uma fita estreita; e, ao desenrolá-la lentamente, descobriu um sapatinho de baile, de seda, e dentro uma rosa murcha enrolada em um lenço de mulher, todo amarelado em sua moldura de renda.

---

[12] George Sand (1804-1876), pseudônimo de Amantine Aurore Lucile Dupin de Francueil, Baronesa Dudevant, escritora e jornalista francesa. Foi amiga de Flaubert, com quem trocou cartas. (n.t.)

Parecia a lembrança de uma noite, de uma mesma noite. E beijou essas três relíquias com gemidos de dor. Então, as queimou e enxugou os olhos.

O dia chegou sem que ele tivesse terminado. As últimas cartas eram aquelas recebidas em sua juventude, quando não era mais criança, quando ainda não era um homem.

Então, levantou-se e disse: “Era a pilha do que eu não queria classificar ou destruir. Está feito. Vá dormir, obrigado.”

Entrei em meu quarto, mas não dormi. O sol raiava, iluminando o Sena. E eu pensava: “Eis uma vida, uma grande vida, quer dizer: muitas coisas inúteis que se queimam, o indiferente passatempo de cada dia, algumas lembranças memoráveis de fatos sentidos, de homens encontrados, de ternuras íntimas familiares, e uma rosa murcha, um lenço e um calçado de mulher”. Eis tudo o que ele teve, tudo o que experimentou, provou por si mesmo.

Mas em sua cabeça, naquela poderosa cabeça de olhos azuis, o universo inteiro passou desde o começo do mundo até os dias atuais. Viu tudo, esse homem, tudo compreendeu, tudo sentiu, tudo sofreu, de uma forma exagerada, dilacerante e deliciosa. Ele foi o ser sonhador da Bíblia, o poeta grego, o soldado bárbaro, o artista renascentista, o camponês e o príncipe, o mercenário Matho e o médico Bovary. Foi até mesmo a pequena burguesa vaidosa dos tempos modernos, como foi a filha de Amílcar. Foi tudo isso não em sonho, mas na realidade, pois o escritor que pensa como ele torna-se tudo o que sente, de modo que na noite em que Flaubert escreveu sobre o envenenamento de Madame Bovary, foi necessário buscar um médico, pois desfalecia, ele próprio envenenado pelo sonho dessa morte, com sintomas de arsênico.

Felizes os que receberam o “não sei quê” do qual somos, ao mesmo tempo, produtos e vítimas, essa faculdade de multiplicar-se pelo poder evocador e gerador da Ideia. Escapam, durante as horas exaltadas do trabalho, à obsessão pela vida real banal, medíocre e monótona; mas, depois, quando despertam, como poderiam se defender do desprezo e do ódio artísticos de que o coração de Flaubert transbordava pela real humanidade?

folhetim

(n.t.) | Diepkloof

Aranka, o espírito das águas

Cezar Petrescu

O texto: Escrito por Cezar Petrescu, "Aranca, o espírito das águas" é um conto fantástico, publicado em forma de folhetim da revista *Viața Romînească*, nos volumes LXXV e LXXVI de 1928. Foi depois publicado no volume *Aranca, știma lacurilor*, em 1929, incluído no ciclo „Fantasticul interior", no qual o autor descreve um mundo alucinatório, investigando as obsessões mais profundas do subconsciente humano. O conto apresenta uma aventura paranormal vivida por um bibliófilo no castelo dos condes Kemény na Transilvânia, que tinha a reputação de ser um lugar assombrado por fantasmas, tendo sido posto a leilão após o falecimento de seus donos sem descendentes. O último membro da família, a condessa Aranka, havia desaparecido misteriosamente há vários anos, e em torno dela se desenvolve a trama. Para esta edição, o original e a tradução seguem também em formato folhetinesco, publicado em duas partes, sendo esta a segunda.

Texto traduzido: Petrescu, Cezar. „Aranca, știma lacurilor". In. *Proză fantastică*. Iași: Editura Junimea, 1986, pp. 93-146.

O autor: Cezar Petrescu (1892-1961), romancista e jornalista romeno, nasceu em Cotnari, Iași. Prolífico escritor, sua obra inclui romances, contos, peças, memórias, prosa fantástica e literatura infantil. Inspirado nas obras de Balzac, idealizou uma série de romances que espelhasse *A Comédia Humana*, a *Cronică românească a veacului XX* (*Crônica romena do século XX*). Ao lado de Lucian Blaga, fundou a revista *Gândirea*, em 1921, e também os jornais *Cuvântul* e *Curentul*. Entre suas obras, estão *Întunecare* (1928), *Calea Victoriei* (1930) e *Noi vrem pământ* (1938). Foi laureado com o Prêmio Nacional de Literatura em 1931 e eleito membro da Academia Romena em 1955.

O tradutor: Fernando Klabin, paulistano, morou em Bucareste, onde se formou em Ciência Política e desenvolveu, entre outras, atividades no campo turístico. Tem procurado difundir no Brasil a literatura romena, tendo já traduzido *As Seis Doenças do Espírito Contemporâneo*, de Constantin Noica, *Senhorita Christina*, de Mircea Eliade, *Nos cumes do desespero*, de Emil Cioran, entre outros. Para a (n.t.) traduziu Max Blecher, Eugen Ionescu, George Bacovia, Urmuz, Ciprian Vălcan, Oscar Lemnaru e Paul Celan.

Nota: "Traducerea a fost inițiată în cadrul programului Rezidențele FILIT pentru traducători 2018, la Ipotești."

ARANCA, ŞTIMA LACURILOR

“Privirea domniţei Aranka, răspunse nepăsătoare,
cu sclipirea gheţos-arzătoare a ochilor negri.”

CEZAR PETRESCU

(Urmare și sfîrşit)

„În sfîrşit, singur!” am răsuflat bucuros ca un erou de vodevil, clătinînd veriga pe care se aflau înşirate cheile uriaşe şi pornind să cutreier încăperile.

Pînze prăfuite de păianjen atîrnau în lumina uşilor, grele ca draperiile. Cu repulsie, trebuia să le sfîşii, ca să trec dincolo.

O vietate cenuşie – şoarec sau altceva? – se mistui sperios, dintr-un ungher în alt ungher. Umbra rece şi umedă coclise luciul metalelor. Praful se aşternuse pretutindeni verzui.

Am încercat să deschid o fereastră – atît de înecăcios şi mucegăit era aerul! Dar fereastra înaltă, prinsă în zăvoare îngroşate de rugină, se împotrivi, sîngerîndu-mi degetele.

Lumina filtra vînătă, bolnavă şi tristă.

Şi tăcerea fu, într-adevăr, intolerabilă.

Îndată toată voioşia-mi pieri.

Din jilţurile seculare exala miros de mort. Tablourile pereţilor priveau cu o fixitate inumană. Perdelele se clătinau la trecere; încuietorile scrîşneau strident; o uşă de dulap se deschise singură şi atît de brusc cînd am ajuns în faţă, încît am tresărit.

Cu luare-aminte încordată, ţineam socoteală de fiecare coridor, ca şi cum s-ar fi putut să mă rătăcesc în cine ştie ce vast labirint. Şi m-am surprins trăgînd cu ochiul îndărăt, ca şi cum s-ar fi putut să-mi păşească pe urme cine ştie ce duşman perfid.

Umezeala de hrubă, desigur, şi nimic altceva mi-a strecurat de-a lungul spinării un fior.

Dar în clipa aceea m-am dispreţuit.

Ca să mă birui, am păşit îndată mai apăsat, fluierînd cu o falsă nepăsare, cum fac toţi fricoşii, şi aplecîndu-mă cu o silită atenţie, să cercetez de aproape ornamentele sculptate ale sipetelor şi scrinelor, vasele fine de faianţă, panopliile de vînătoare, stofele vechi.

Nici o culoare vie. Totul, opac şi mat.

Totul atît de străvechi şi de minat de jilăveală, încît s-ar fi spus că un singur pumn izbit într-o masă, ar preface-o într-o movilă de fărîmituri roşcate, cum se macină inima putredă a butucilor mucezi în pădure.

Dar mai ales mirosul acesta, care sufocă, şi tăcerea aceasta intolerabilă.

Abia în biblioteca dreptunghiulară, între zidurile răftuite de cărţi, m-am simţit într-un adăpost prietenos. Nu m-am temut de prezenţa duhului nevăzut: bătrînul maniac care zăvora uşa să vorbească în inofensiva lui nebunie cu spiritul contesei Ana şi să îmbrace costumul reincarnatului cavaler Ştefan Koloman Andrei Kemény. Aici îmi era pasiunea mai tare! Lacom am deschis dulapurile m-am căţărat pe scaune să citesc titlurile cu aurul verde, am răscolit rafturile. Mă aştepta dintru-ntîi o dezamăgire. Nu se afla ce căutasem. Cărţi indice şi cărţi oculte. Reincarnaţii, revelaţii, magie, magnetism: William Crookes, Leon Denis, Maxwel, Rousel Wallace.

Numai în fundul rafturilor, şi numai după ce-am dat la o parte evangheliile spiritiste, am descoperit, înăbuşite de această invazie mai recentă, tomurile vechi care făcuseră faima odinioară a bibliotecii Kemény. Infoliile bătrîne de două şi trei şi patru veacuri: ediţiile după care alergi o viaţă de om. Mi se curmă respiraţia de emoţie, ca vînătorului care-a descoperit, unicul în lume, magica floare de feregă.

Înfrigurat, coboram cu un vraf în braţe, şi fără să-mi mai scutur colbul înecăcios de pe haine, deşertam cărţile pe masa imensă din mijlocul sălii, răsfoiam filele, căutam gravurile despre care se ştiuse pînă acum că există într-un singur exemplar şi cărora le găseam perechea încă necunoscută. Ce lăcomie de avar! Încă şi încă... Un *Plutarh* din 1509 cu semnătura lui Rabelais. *Introducere în viaţa smerită* cu o scrisoare autografă şi ignorată, a Sfîntului Francisc din Sales. Cărţi cu armele principilor Ungariei. *Principele* lui Machiavel, cu adnotaţii de mîna autorului. O comoară preţuind tot atît, măcar cît întregacest castel cu cele patru mii de jugăre de bălţi, smîrcuri şi ţînţari.

Mă bucuram că în nevinovata sa ignoranţă, avocat dr. juridic Silvestru Hotăran va trăda fără voie interesele clienţilor, risipindu-le pe un preţ de nimic. Îmi pregăteam figura nepăsătoare cu care să cîntăresc fiecare tom, prefăcîndu-mă că

îl voi cumpăra în silă. Şi cu aceste gînduri infame, întorceam cu pioasă luare-aminte foile late ale unei *Biblii* din veacul al şaptesprezecelea în legătura lui Nicolas Eve şi cu gravurile fin tăiate de un maestru necunoscut, cînd paşi m-au făcut să ridic ochii cu o tresărire, încît îmi lunecă tomul greu din mîini.

— Stupid! m-am mustrat singur, înciudat pe această tresărire de spaimă. Cine altcineva ar fi putut să fie?

Căci nu era decît Micloş, moşneagul, şi o băbuşcă tot atît de gîrbovă şi scundă ca el.

Înaintaseră amîndoi, şi se opriseră ca două mizerabile cioturi omeneşti, supravieţuind din alt veac, ca tot ce ne înconjura aici, în hainele lor largi, uzate şi fără culoare; cu braţele lor lungi, spînzurînd pînă aproape de duşumele; cu obrazurile lor zbîrcite, uscate şi pergamentate care semănau leit, cum sfîrşesc prin a se asemăna între dînşii toţi bătrînii după ce-au trăit o jumătate de veac împreună.

Înaintaseră şi se ploconeau. Întrebau ceva şi n-am înţeles.

Moşneagul rosti o duzină de cuvinte, din care n-am prins decît un lanţ de sunete enigmatice, cam ca acestea:

– *Ouszolgákböröndjeiketlefogjákrakniklserjeelazuratist?*

Femeia îl întrerupse, ca să spună cu glasul ei fonf, ceva care s-ar apropia de:

– *Podgyászukrolgondoskodnifolok!*

– Ce dracu vreţi, stimabililor, de la mine? am întrebat cu aerul cel mai amabil din lume.

– *Kérem!* rostiră amîndoi într-un glas.

– *Kérem – nekérem*, sînteţi tîmpiţi de nu mă lăsaţi în pace? Nu vedeţi că nu înţeleg nimic?

Moşneagul se ploconi cu foarte mare bunăvoinţă, începînd iarăşi, cu *gakboroc* şi *krakuik* şi *zolgoborok*.

Baba nu se lăsa mai prejos şi fonfăi repede, un fel de:

– *Mivelszolgálhatokönnek?*

– Sînteţi nebuni! am strigat, scos din sărite. Duceţi-vă dracului!

– *Orömest!* îmi părură că au căzut amîndoi deacord. Dar nu se mişcă nici unul.

Dimpotrivă. Începură să discute ceva foarte aprins între dînşii, vîrîndu-şi degetele prelungi în ochi, privind din cînd în cînd la mine ca la un obiect neînsufleţit, încrucindu-şi palmele pe piept, cu ochii ridicaţi în plafon, cum s-ar descărca de orice răspundere şi din nou întărîtîndu-se în controversa fără sfîrşit.

Era, se vede, la mijloc, ceva foarte grav, dar care mă lăsa cu desăvîrşire indiferent, de vreme ce nu înţelegeam despre ce e vorba. Nu-mi puteam desprinde

ochii în schimb de la figurile lor în care orice umanitate era uscată. Fără buze, cu pielea vînătă cenuşie, cu gingiile violete, dezgustătoare, boţiţi de atîtea creţuri cîte n-aş fi crezut vreodată că pot să încapă pe-o atît de redusă suprafaţă de piele, cu ochi sticloşi de huhurez şi cu tot scheletul împuţinat, păreau doi vrăjitori din cei care fierb băuturi blestemate din labe de mort, piele de broască şi inimă de motan negru, dezbrăcîndu-se la piele în miezul nopţii, ca să joace dansurile lor deşănţate, atunci cînd lumina cretoasă a lunii face cîinii să urle de groază.

Femeia îşi trăgea din cînd în cînd tulpanul negru pe ochii uzaţi; bărbatul îşi scărmăna favoriţii alb-gălbui, aşa cum se văd pe portretele cunoscute ale lui Frantz Josef. De lămurit era, că împotriva înfăţişării lor de prepuşi vrăjitori, nu-mi purtau nici un gînd duşmănos; ci veniseră numai pentru a mă convinge să fac ori să nu fac un lucru care le sta pe inimă. Ce? Numai Dumnezeu îi putea înţelege.

În mijlocul unei fraze am auzit un *„nem”* – şi mi-am adus aminte că e singurul cuvînt din graiul lui Petöfi, al cărui înţeles îl cunoşteam cu precizie.

– *Nem!* Nu! *Nem!* am strigat energic, foarte satisfăcut că-mi pot afirma o voinţă pe înţelesul lor.

Amîndoi tăcură brusc şi întinseră braţele în lături. Semn că întrucît îi priveşte, şi-au făcut datoria şi că de acum, totul rămîne în voia mea şi pe răspunderea mea.

Micloş îmi făcu semn să-i urmez.

Am trecut dintr-o sală în alta, pînă într-o încăpere luminoasă şi tinerească, adevărată oază neaşteptată şi surîzătoare, în acest sumbru castel. Totul, fu deodată viu, colorat şi fragil.

Nedefinit, în orînduiala lucrurilor, sau mai degrabă în încîntătoarea neorînduială, se desprindea nu ştiu ce capricioasă mînă şi ce vivace prezenţă, străină cu totul de muceda atmosferă a celorlalte odăi, vaste cît catedralele şi întunecoase ca temniţele.

Pereţii erau spoiţi alb; albă blana de urs de sub picioare; albe perdelele; totul alb şi printr-un miracol, nemucegăit, necoclit, neînverzit de invazia umezelii.

Moşneagul strîmb, cu picioarele scurte şi arcuite, călcă respectuos în vîrful cizmelor. Îmi arătă un pat alb – pat de pension – şi cu semne de mut, întrebă dacă acolo într-adevăr doream să-mi facă aşternutul, cum desigur poruncise avocat dr. juridic Silvestru Hotăran. Am dat din cap afirmativ. Conversaţia noastră, după neizbutitele tentative, se afla astfel redusă la pantomimă.

Am dat din cap, şi Micloş mă privi cu dezaprobare. Îşi mormăi nemulţumirea şi, luînd o plapomă şi o pernă imaginară, se îndreptă cu acest bagaj invizibil spre uşă, vrînd să-mi arate prin aceste semne că-mi poate găsi aiurea un culcuş măcar tot atît de mulţumitor.

— *Nem!* am poruncit energic, arătînd patul. *Nem!*

Aici vrut dormit eu! am strigat cu acea inevitabilă imbecilitate a omului care se crede mai uşor înţeles de un străin, dacă răcneşte din răsputeri cuvintele ca pentru surzi şi dacă-şi scîlciază graiul matern. *Nem!* Aici vreau dormit!

Moşneagul înclină supus fruntea pleaşă.

Vorbisem cu faţa întoarsă spre cele două ferestre, fiindcă patul cu pricina îşi avea căpătîiul chiar întreperdele.

Şi m-am întors brusc, simţindu-mă privit de la spate, cum în cea mai compactă şi lărmuitoare mulţime, ştii deodată că te-a fixat insistent o privire. Am ridicat capul.

Dintr-un portret alb, mă priveau doi ochi verzi. Iar în aceeaşi clipă cînd îi văzusem verzi, mi-am şi spus că nu sînt într-adevăr verzi, ci aurii şi negri şi viorii în acelaşi timp, schimbători, profunzi, şi hipnotici cum sînt ochii de leopard.

Portretul era recent după factură şi după puritatea culorii; veşmîntul alb era al surorilor de caritate. Amînţeles îndată.

– Aranka? am întrebat.

– Aranka! vorbi încet femeia bătrînă.

Şi cu mîna uscată la gura ei de vrăjitoare, îşi clătină capul, cu sughiţ de tînguire puerilă.

M-am uitat surprins la obrazul tăbăcit de mumie, la ochii uzaţi, atît de uzaţi încît de mult îşi vor fi secătuit izvorul uşurător al plînsului; bieţi ochi decoloraţi şi înfundaţi în văgăunele orbitelor, ca drojdia palidă de lumină pe fundul sleit de fîntîni.

Era atîta jale concentrată şi neputincioasă, atîta adoraţie înduioşătoare în această gîrbovă şi dezgustătoare făptură, din care crezusem orice simţire omenească uscată, încît odată cu mila, mi s-a strecurat şi o mare mustrare pentru nevrednica-mi nesimţire cu care mai înainte mă răstisem şi le batjocorisem statornica lor fidelitate de slugi. Baba nu-şi desprindea ochii de la portretul din perete, clătinînd capul ca o grosolană păpuşă deşurubată din jocul vasilachilor şi îşi ridică poalele şorţului negru spre colţul pleoapelor creţe de gutapercă: gest femeiesc de plîns, rămas din vremea cînd va fi avut încă lacrimi.

Moşneagul căută în altă parte.

Spuse ceva în limba lor necunoscută. Vorbiră ceva, în limba lor necunoscută.

Nu-i mai găseam odioşi şi dezgustători. Nu mai aflam nimic în ei, din brutele atît de sumar şi aspru judecate, de avocat dr. juridic Silvestru Hotăran.

Erau nişte slugi bătrîne şi credincioase, peste care trecuseră toate întîmplările şi care mîine vor fi alungate de stăpînii cei noi. Ei numai ştiau, ei numai simţiseră şi trăiseră viaţa ciudată a solemnilor seniori de aici, cu toate nebuniile şi inexplicabilele lor capricii.

Eu eram un simplu intrus. Un cumpărător. Un complice al devastării.

Eram duşmanul.

M-am apropiat de o fereastră, ca să nu le înfrunt privirea. Fereastra răspundea în cealaltă faţadă, spre parcul inundat de ape. Încă nu-l văzusem. Era doar prelungirea smîrcurilor nemărginite pe unde-am venit, cu aceleaşi ochiuri de apă stătută, cu acelaşi humus negru şi veninos, umflat de toată fecunditatea putreziciunilor. Copaci de cîteva ori seculari înălţau cioturi scrofuloase, braţe ciunge, crăci aşchiate. Iar cei căzuţi de-a curmezişul potecilor năvălite de apă, arcuind punţi scorburoase şi diforme, măreau dezordinea şi desăvîrşita paragină. Unii erau surpaţi numai pe jumătate. Se rezemaseră în prăbuşire de crengile celorlalţi. Era în plin august şi aproape toţi nu mai purtau frunze: negri şi morţi, devastau peisajul.

Soarele, oblic în asfinţit, turna găleţi de sînge purulent peste bălţile ruginite. Un stol de corbi descinse în roată de funingine, cum îi ştiam năpustindu-se pe cîmpurile de cadavre.

Irezistibil, chemarea smîrcurilor înmiasmate mă îndeamnă să cobor.

Slugile dispăruseră din încăpere, fără să-i aud plecînd. Portretul mă fixa cu ochii impasibili: verzi şi negri şi viorii. Pe buze, pictorul izbutise fericit să surprindă un început de zîmbet care încă nu se hotărîse să fie zîmbet, şi lucea făgăduindu-se numai în adîncul privirii. În orice caz, un mare maestru, un subtil şi mare maestru! – îmi spuneam, coborînd scările sonore şi late, din sala cu armuri. Am trîntit uşa grea, am înconjurat zidul din faţă, pe patul moale de muşchi şi de ierburi tîrîtoare.

Guşatul în zdrenţe cafenii, răsări de după o scorbură, rîse tîmp, gîlgîindu-şi traista lucioasă de la gît, fugi după alt copac. De acolo, se ivi să vadă încotro apuc. Am vrut să-l chem, biruindu-mi scîrbă. I-am întins palma, cum încerci să îmblînzeşti un cîine... Guşatul prinse curaj, părăsi ascunzătoarea, se apropie ocolit cu rîsul oribil care-i dezvelea dinţii galbeni şi tociţi, cu pieptul dezgolit care-i arăta smocurile de păr, roşcate şi greţoase. Venea şi se hlizea fricos, trăgînd din cînd în cînd cu coada ochilor îndărăt.

Apoi, deodată, fără motiv, din cine ştie ce năzărire, începu să se vaiete cu un fel de schelălăială animalică şi o rupse la fugă printre tufişuri.

L-am lăsat ascuns, pîndindu-mă.

Păşind din piatră în piatră, pe potecile dospite de apă, am fost de la început izbit în faţă, de duhoarea germinaţiilor, ca de-un răsuflet înveninat.

Glodul cleios fermenta cu bulbuci. Am trecut pe punţile putrede de trunchiuri răsturnate, am sărit peste gropile pline pînă la gură, speriind broscoi rîioşi care zvîcneau neaşteptat ca pietroaie aruncate de o mînă nevăzută, am păşit peste scînduri muiate de umezeală, care se sfărîmau sub greutate, fără nici un sunet.

Nu aveam ce vedea mai departe: aceeaşi apă băloasă, aceleaşi plante grase şi apoase, aceleaşi liane fleşcăite de putrezeală, aceeaşi hidoasă palpitaţie de animale moi, de păianjeni fugind spasmodic pe luciul imobil, de rîme, de viermi, de larve, aceleaşi ciuperci obscene care se sfărîmau fragile la cea mai mică atingere, aceleaşi movile de ţărînă neagră, ieşite din mătreaţa buboasă ca abcesele şi în care piciorul înşelat, nu găsea rezistenţă şi se scufunda pînă la glezne, lăsîndu-te să simţi sub talpă zvîrcolirea scîrboasă a unei vietăţi pe care ai strivit-o şi se smulge; toate le-am cunoscut îndată şi totuşi ceva mai puternic mă atrăgea mai departe, să văd, încă. Încă, ce?

Am ocolit un bazin negru şi neclintit, din care se prelungea canalul cu apă tot atît de mocnită şi neagră pe sub o boltă a împrejmuirii, pînă în miezul lacurilor adînci, de departe.

O barcă îşi scufundase botul surpat, pe jumătate. Stîlpi de fier, cu verigi ruginite şi noduri de funie putredă, arătau că aici se aflase popasul bărcilor, de unde mai demult contele Armin, mai încoace Aranka, porneau spre iazurile fără capăt.

Acum nu mai rămăseseră decît scînduri curbe, îngropate în nămol. Şi lopeţile frînte.

Am pus mîna pe-o asemenea vîslă. Lemnul muced se îndoi moale ca aluatul. Iar în palmă, fugiră gîngănii roşcate şi negre, cu o sută de deşănţate picioare. Le-am scuturat, cutremurat de scîrbă.

Pe muchia canalului, cu pietrele parapetelor prăbuşite, am trecut pe sub bolta împrejmuirii, afară, de unde se desfăcea nemărginirea smîrcurilor.

În asfinţitul deodată stins, nesfîrşitul movilelor spongioase, brăzdate de canaluri stătute şi presărate cu ochiurile păcurii, mă împresură într-o vastitate sinistră. Cît cuprindeau ochii, aceeaşi chifteală de apă, aceleaşi ierburi încîlcite, aceeaşi răsuflare pestilenţială. Zburau fluturi grei cu aripile de vată neagră, cu trupurile groase cît omizile. Şi bîzîiau mărunt ţînţarii – „anofelii avocatului dr. Silvestru Hotăran!" – am gîndit, vrînd să-mi aduc o înveselire care nu veni.

Pe luciul de smoală al petelor de apă mai adînci, nuferi albi şi galbeni pluteau pe micile lor bărci ovale de frunze; dar nu aveau nimic din gingaşa candoare cîntată în stihuri.

Cărnoşi şi putrezi; păreau tot atîtea răni ulcerate.

Am să înnoptez aici! – m-a cuprins deodată îngrijorarea şi m-am întors să privesc îndărăt. Zidul împrejmuirii rămăsese departe de tot: vîrful întunecat al castelului, în negura bruscă a înnoptării, îmi păru că se cufundă în mlaştini, inaccesibil, la capătul lumii.

Şi am văzut că nu eram singur. Cineva mă urmărise tăcut şi gesticula acum, nătîng, de cealaltă parte a şanţului cu apă, hohotind cu rîsul lui de nebun.

M-am răstit la el.

Guşatul gîrîi din cimpoiul lucios de carne. Se strîmbă bezmetic, rîzîndu-şi de neputinţa mea. M-am plecat, prefăcîndu-mă că ridic o piatră de jos, cum sperii cîinii cînd n-ai altă apărare.

Guşatul chelălăi:

— Uuuu-uu! Ulululu! Uuu-Ululu!

Chelălăi, fugi mai departe, bălăngănindu-şi braţele lungi de gorilă cu care s-ar fi spus că se ajuta la mers: pe urmă se opri şi mă aşteptă rînjind.

Hidoasa făptură mărea sinistrul acestui crepuscul livid care se întindea repede, ca o altfel de zi, murdară şi veştedă, peste smîrcurile pustii. Ceaţa creştea groasă ca vata din ape. M-am trezit deodată mergînd repede, încă mai repede, fugind. Strîngîndu-mi haina la piept şi fugind, cu un singur gînd înfipt în creier: numai să nu mă apuce noaptea aici!

Călcam peste bălţi, îmi smulgeam piciorul scufundat în nămolul vîscos, mă împiedicam în cioatele putrede, în movilele moi care mă sugeau, mă împleticeam o clipă cu un început de deznădejde şi iar porneam. De cealaltă parte a şanţului cu apa de smoală, guşatul fugea şi el, întovărăşindu-mă cu chelălăiala animalică:

— Uuuu-uu! Ulululu! Uuu-Ululu!

Eram scîrbit de mine însumi că fug, şi fugeam. Într-o dedublare ciudată, mă vedeam gonind, măsurăm ridicolul, îmi dădeam socoteală cu ce hohot ar asista cunoscuţii care mă ştiau plimbîndu-mă întotdeauna paşnic şi corect pe trotuarele oraşului, şi mă bucuram că nu se poate afla aici nici un martor să povestească vreodată.

Guşatul mă însoţea, ajutîndu-se la fugă cu braţele lungi de paing.

– Uuuu-uu! Ulululu! Uuu-Ululu!

Gîfîind, am urcat treptele. Am trîntit uşa grea care detună toate încăperile, cu un ecou de catastrofă. Am tras zăvorul după mine, în sala cu cele douăsprezece armuri ale celor doisprezece Kemény, solemni, tăcuţi şi ameninţători în întuneric.

Am aprins un chibrit, altul, altele, pînă ce am ajuns din încăpere în încăpere, bîjbîind şi rătăcindu-mă de-a lungul coridoarelor nesfîrşite, în odaia albă.

– De mi-ar fi pus o lampă ori o lumînare! — gîndeam şi nu îndrăzneam să-mi închipui ce s-ar întîmpla, dacă slugile ar fi uitat să-mi lase o lampă ori o lumînare.

Lumînarea era înfiptă într-un sfeşnic coclit, ca o gheară de pasăre. Am aprins-o arzîndu-mi degetele, stricînd alte chibrituri şi abia nimerind fitilul neînceput, care refuza flacăra.

Cînd lumina fu în sfîrşit caldă, prietenoasă şi sigură, mi-am dat drumul pe marginea patului, privindu-mi cu dezgust de mine însumi hainele mînjite de glod şi încălţămintele grele de pămînt gras şi vîscos. Mi-am şters fruntea brobonită de sudoare, cu palma murdară. Bravo! Admirabil debut! – mă felicitam singur, scîrbit de laşitatea pe care mi-o ignorasem pînă acum.

De sus, portretul mă privea curios în lumina jucăuşă a flăcării, cu ochii negri şi verzi şi viorii, în începutul de surîs care nu se hotărîse încă să fie surîs.

Valiza de drum se afla aşezată la îndemînă, pe braţele unui jilţ. Prezenţa aceasta familiară, îmi ajută să mă regăsesc întru totul.

Am deschis încuietorile şi am răscolit cu adevărată voluptate, nimicurile care mă reintegrau în viaţa veacului meu de confort şi de pacte de neagresiune. Eram din nou contemporanul lui Ford, al radiofoniei şi al Ligii Naţiunilor. Cu delicată luare-aminte de îndrăgostit, mînuiam dosul de fildeş al periilor, flacoanele de cristal, pilele de unghii, oglinda ovală în care m-am văzut zburlit şi glodos, cu dîrele degetelor murdare pe obraz, cu şuviţele asudate de păr, încolăcite viermi pe fruntea brobonită. Tot aşa, convalescenţii, după ce au scăpat dintr-o criză de moarte, se bucură copilăreşte, de tot ce înainte le păruse neînsemnat şi banal, ca să devină deodată nepreţuit ca însăşi viaţa.

Mă întorceam de departe, cu înfăţişarea sălbatică şi cutremurată încă, aşa cum arăta oglinda, revenit din hrubele altor vîrste ale umanităţii: omul lacustru înfricoşat de superstiţii şi de vedeniile smîrcurilor înmiasmate.

– Ha-ha! – am rîs tare, iar rîsul răsună bizar, în tăcerea care ţiuia în urechi.

De afară, de sub fereastră, ca un prompt ecou, răspunse gîrîitul nevolnic al guşatului:

– Uuu! Ululu! Uuu-Ulululu!...

Dar nu-mi mai răscolea nici o nelinişte. Un biet idiot, fără nici o mijire de conştiinţă – şi alt nimic!

Pe urmă, am căutat să-mi pregătesc noaptea, cu toate tabieturile unui călător deprins să-şi organizeze singur confortul în adăposturi de întîmplare, la orice hotel *Terminus* de lîngă gară. Mi-am înşirat prosoapele pe spătarul jilţului, pi-

jamaua, plasa de păr, săpunul, apa de dinţi. Mi-am spălat obrazul de stigmatele umilitoare ale înfricoşării, care mă gonise de-a curmezişul mlaştinilor.

Mă supravegheam în toate aceste îndeletniciri minuţioase, de maniac, cu o vanitoasă mulţumire de sine, fiindcă atît de repede ştiusem să-mi regăsesc calmul.

Instalat la biroul mic, de trandafir – desigur biroul domniţei Aranka – cu picioarele răşchirate şi cu ceafa sprijinită în rezemătoarea scaunului de piele, îmi surîdeam cu dispreţ şi compătimire, recapitulînd ruşinoasa cursă de viteză şi de obstacole, din norocire, rămasă fără spectatori.

Nu cunoscusem pînă acum frica. Şi toată întîmplarea făcuse irupţie neaşteptat, răscolind nevrednice slăbiciuni ignorate în cel mai întunecat adînc al fiinţei mele, aşa cum cutremurele din fundul oceanului azvîrle la suprafaţă peşti necunoscuţi şi monstruoşi, orbiţi de lumină şi îndată plesnind cu burta în sus, cînd nu-i mai comprimă apăsarea abisurilor de apă.

„Dar acum nu mai merge!” – am vorbit tare, iar în aceeaşi clipă, mi-am spus că vorbesc tare numai ca să-mi dau curaj.

Nemulţumit de această descoperire, am mutat lumînarea cu flacăra jucăuşă, dintr-o parte a biroului, în cealaltă.

Cum de nu observasem? Brav servitor bătrîn, dresat să prevină toate poftele stăpînilor, chiar cînd sînt numai trecători de-o zi! Micloş pregătise din bunul lui gînd, fără nici o poruncă, o sticlă de vin cu paharul alături. Şi am înţeles îndată, după nisipul nescuturat şi după păienjeniş, că nu era o butelie din cele cărate de avocat dr. Silvestru Hotăran, marfă de rînd şi de prăvălie, ci o băutură străveche, din hrubele subpămîntene ale castelului. Minunată tovarăşă de singurătate şi încă mai minunat elixir pentru curajele şovăielnice!

Abia acum m-am simţit destul de viteaz într-adevăr, să înfrunt noaptea.

Am desfundat sticla cu băgare de seamă, ca să nu turbur licoarea de chihlimbar. Cînd am turnat în pahar, încăperea s-a parfumat cu aroma frunzei de nuc. Tokay! Frate mai mare şi încă de o străveche nobleţe al Cotnarului nostru de pe Dealul lui Vodă, Dealul Cătălinului şi Paraclis...

Prinzînd piciorul înalt şi subţire al cupei, am ridicat să închin pentru gazda primitoare şi absentă, cu faţa întoarsă spre portretul domniţei Aranka. Cerîndu-i fireşte, iertare, pentru plebeele mele apucături.

Portretul îmi răspunse, viu, cu începutul îngăduitor de surîs care nu se hotărîse încă să fie surîs.

Am spus: *viu!* Era într-adevăr viu.

Pictorul care concentrase tot fluidul vieţii în ochii verzi şi negri şi aurii şi viorii, ca ochii schimbători de leopard, dezlegase toate dificultăţile modelului plin de

neastîmpăr, aruncînd o plasă transparentă, abia văzută de umbra verde-albăstrie, deasupra obrazului şi veşmîntului alb. Ghiceai că lumina a fost căutată înadins, să cadă prin desenul unui vitraliu ori să se răsfrîngă din frunzele late şi lucioase ale unei exotice plante de seră. Iar vicleşugul acesta de neîntrecut meşter, dădea o halucinantă viaţă imaginii de pe pînză. S-ar fi spus că dacă din cadră chipul s-ar mişca, vor începe îndată să joace toate umbrele străvezii, ca pe-o făptură care se mişcă aievea.

Numai ochii mă urmăreau neclintiţi, cu luare-aminte ironică şi cu începutul acela de surîs, mai neliniştitor şi viu, ca un surîs deplin.

Am deşertat a doua cupă, a treia... Sorbind pe îndelete aroma, filtrată de cine ştie cîte decenii. Şi la fiecare pocal, am închinat cu domniţa Aranka. Apropiindu-mă chiar şi ridicîndu-i paharul sub nări, cu o cutezanţă de care nu era străină licoarea celebrelor podgorii de Tokay.

Surîsul indecis, îmi părea provocator ca o ofensă. Vulgar, în închinările cu glas tare, am somat-o să-mi destăinuie secretul plecării fără întoarcere şi al stafiei, în care numai proştii mai pot crede.

Ochii mă ţinteau enigmatici, reci şi dispreţuitori. Cu o răceală arzătoare, cum sînt acele picături de lichide gheţoase care topesc placa de plumb mai lată ca latul de palmă.

Ca să-mi desprind privirea, i-am întors spatele şi m-am aşezat din nou, la biroul de trandafir, strămutîndu-mi sticla golită pe jumătate, mai aproape.

Am împins mapa de marochin, cu aurite inscripţii englezeşti – desigur mapa domniţei Aranka, adusă printre nimicurile ei de pension. Degetele au jucat între filele poroase de sugativă... O scrisoare! O scrisoare neisprăvită, numai cîteva rînduri întrerupte. Şi încă o scrisoare românească! La flacăra tremurătoare a lumînării, am citit:

Dragă Mioara,

„Îţi scriu prin ordonanţă. Peste cinci zile regimentul pleacă spre Budapesta, cu toată divizia. Fii fără grijă. Sînt sănătos, voios şi mă pregătesc mai mult pentru o plimbare plăcută decît pentru război. Acum mă aflu încartiruit cu batalionul, într-un castel faimos de grof. Un castel cu stafii. Cînd mi-a spus ieri tălmaciul această poveste, am rîs şi am strîns din umeri. Dar astă-noapte, în camera de unde-ţi scriu, o întîmplare ciudată m-a silit să rîd mai puţin. Imaginează-ţi...”

Scrisoarea se întrerupea aici. Desigur era epistola ofiţerului care după prima noapte a renunţat să mai doarmă în castel şi s-a dus să se culce cu soldaţii în cort.

Turnînd alt pahar, mă întrebam ce întîmplare ciudată l-a silit să-şi curme rîsul, pe acest brav necunoscut care se pregătea atît de voios pentru război, ca pentru o plimbare plăcută? Ce l-a înfricoşat să fugă din această încăpere alături cu soldaţii de rînd? Şi ce l-a întrerupt din scris?

Cu ultimul pahar plin, m-am ridicat clătinîndu-mă, să închin încă o dată pentru stăpîna acestor locuri şi să-i izbucnesc impertinent în nas, asigurînd-o că pe mine nu mă mai puteau atinge aceste înfricoşări copilăreşti.

I-am hohotit, şi am ridicat cupa într-un lung monolog.

Cuprins de subit patriotism, am gratulat-o, că atît de simplu şi fără prejudecăţi, şi-a ascultat glasul sîngelui — ea, nepoata ţăranului Gheorghe Porumbacu şi fiica Anei Porumbacu, din Racoviţa, de lîngă Sibiu. Complice, m-am bucurat că împotriva blazonului şi împotriva aristocraticelor mofturi, de la pensionul din Cambridge, n-a rămas odrasla degenerată a unui maniac cu statură de pitic şi frunte exagerată de gnom, ci a ştiut să fie numai nepoata şi strănepoata unui neam, simplu şi brav, de ţărani. De la dînşii moştenise dragostea de hoinăreală, în vînturi aspre şi încropeala arşiţei. Pentru dînşii răspunsese la nebiruita chemare a apelor... Ea singură, cu de la sine îndemn, înţelese că tot ce-o înconjura şi toate strictele orînduieli la care o constrîngeau tradiţia acestui solemn şi funerar castel, fuseseră deşarte minciuni.

Era predestinată să fie copilă a munţilor în satul ei lîngă Sibiu; devenise copilă a apelor; atît şi nimic mai mult!

Ce bine îi presimţeam romanul ei; cum participam la toate peripeţiile, lămurite deodată din uscatele date de dosar, ale avocatului dr. Silvestru Hotăran! O sufocase mocnita viaţă, lîngă moşneagul stăpînit de sminteala reîncorporărilor. O dezgustase viaţa sclivisită şi muieratică a capitalei binecuvîntate de crucea Sfîntului Gellert! Ea, care nu-şi trăia viaţa adevărată, decît atunci cînd pescuia şi vîna haiduceşte, ca o autentică şi rustică fiică a naturii!...

Şi iarăşi, o înţelegeam prea bine, dezrădăcinată şi născută dintr-un amestec de sînge încă nereconciliat, că ostenită de acest strîmt şi monoton decor, evadase din existenţa încarcerată aici, să plece oriunde în lume, unde soarele e mai luminos şi văzduhul mai puţin înmiasmat...

N-aveam de ce mă teme. Ce rău mi-ar putea dori, mie, care o presimt abia acum, aşa cum nimeni n-a priceput-o desigur vreodată, şi pentru care atît de senin, închin?

Clătinîndu-mă, cu mîna rezemată de spătarul scaunului, am gîlgîit paharul peste cap. Amintindu-mi tradiţia magnaţilor la asemenea toasturi, am aruncat viteaz cupa deşertată, să se sfarme în ţăndări. La izbucnirea cristalului spart în

sute de aşchii, mi s-a părut că privirea domniţei Ankara tresare ofensată şi că se încruntă.

Ceea ce îndată m-a indignat.

Cu o mobilitate, de la care nici de astă dată nu era străină butelia de Tokay, am trecut brusc, de la înduioşarea şi admiraţia de adineaori, la cel mai amar rînjet.

– Vă dezgustă purtările mele plebee, nobilă domniţă? – am întrebat cu obrăznicie. S-a deşteptat în vinele voastre corcite sîngele grofilor cruciaţi? Surîdeţi, cu scîrbă şi cu milă?... Haha! Poate credeţi că vinul numai a vorbit şi vorbeşte?... Cum vă înşelaţi, prea nobilă contesă, de pînză şi de vopsea. Sînt lucid!... Nu mă impresionează nici castelul acesta populat cu armuri ruginite şi cu stafii! Nici surîsul vostru, care vrea să fie enigmatic şi de care nu-mi pasă! Şi ca să dovedesc că nu-mi pasă, uite, voi alege o carte din biblioteca maniacului vostru părinte şi voi citi calm, pînă la adormire, ca în orice hotel banal, de oriunde!... Surîzi?... Poţi surîde cît vrei, cromolitografie care vei fi vîndută mîine la darabană...

Acestea spunînd, gesticulam cu ochii împăienjeniţi de aburii vinului, în faţa portretului alb şi neclintit. Privirea domniţei Aranka, răspunse nepăsătoare, cu sclipirea gheţos-arzătoare a ochilor verzi şi negri şi aurii şi viorii — şi cu acelaşi început de surîs care tot nu se hotărîse, încă, să fie surîs deplin.

Am luat sfeşnicul şi silindu-mă să-mi păstrez verticala, am păşit din încăpere în încăpere, pînă în bibliotecă, să-mi ţin cuvîntul. Am ales o carte, două, trei... Tăcerea neagră şi mucedă din cavoul acesta al cărţilor unde-şi slujea liturghiile ocultiste groful cuprins de sminteală, mă lăsa indiferent cu desăvîrşire, acum. Ca să-mi probez mai vîrtos sîngele rece, am început să fluier cu o voluptate rea şi sacrilejă, un refren de cabaret.

Cu teancul subsuoară m-am întors, izbindu-mă în uşi şi împiedicîndu-mă în praguri. Uaha! Să poftească toate stafiile din lume, să horească în jurul meu cel mai dezmăţat al lor sabat şi să le rîd în nas la toate; da, la toate...

Am aruncat hainele răvăşite pe spătarul scaunelor şi pe covoare: am aşezat lumînarea la căpătîi şi cele trei cărţi cu scoarţele tari. În urechi îmi hăuia tăcerea, tîmplele îmi erau încinse de fierbinţeală. Am deschis fereastra să dau drumul răcorii nocturne şi numai după aceea, tacticos, m-am vîrît în aşternut. Cu o fluturare de degete, ironică şi arogantă, mi-am luat noapte bună de la portretul domniţei Aranka.

Ochii m-au privit cu mila lor rece şi dispreţuitoare.

Şi de la primele file, am vrut să mă ştiu prins numai de carte, în lumea ei veche de veacuri şi veacuri, căci cartea era al treilea tom, din spovedaniile Sfîntului Augustin: *„Je tombai donc, chez des hommes orgueilleusement délirants, et charnels excessivement et grands parleurs, dans la bouche de qui étaient les lacs du diable et une*

glu composée d'un mélange des sillabes de ton nom et du Seigneur Jésus-Crist et du Paraclet notre consolateur l'Espirit saint. Ces mots ne quittaient pas leur bouche, mais seulement le son et le bruit de la langue: et d'ailleurs un coeur vide du vrai. Et ils disaient: Vérite, et Vérite!"...

Întorcînd foaia, fără voie ridicam ochii la ochii domniţei Aranka, fiindcă îi simţeam urmărindu-mă neclintit.

Rîndurile jucau, deşirîndu-se şi împletindu-se; înţelesul cuvintelor se risipea, lunecîndu-mi din minte. Stăruitoarea prezenţă îmi atrăgea ochii hipnotic.

Iar începutul acela de surîs, se lămurea din ce în ce mai usturător; demonică provocare.

– Ce vrei? m-am răstit, întorcîndu-mă într-un cot, să nu-i mai văd faţa şi ochii, plecat numai pe foile cărţii. Nu sînt nici Tivadar Vágo, ofiţerul dezertor şi revoluţionar, nici locotenentul român, laş, care a fugit ca să nu te înfrunte, nici rîndaşul imbecil, care s-a înecat. Nu mă tem de stafii, cum nu mă ademeneşte surîsul acesta infam, de fecioară bezmetică...

Spuneam – dar nu-mi ridicam ochii, s-o văd dacă a tresărit sub insultă.

I-am ridicat mai tîrziu, cînd o ceaţă s-a pus între privire şi carte. Toată încăperea era năvălită de negură.

Miasma lăptoasă a mlaştinilor, intrată pe nesimţite prin fereastra deschisă. Flacăra lumînării se împuţinase aburită. Lucrurile se estompau vag, îndepărtate, imaterial – numai ochii portretului scînteiau fosforic, ca ochii de topaz ai felinelor, în tufişuri, noaptea.

– Aşadar, toată miza în scenă! am hotărît tare, toate vicleşugurile unui film misterios! Ce proşti ai putut amăgi pînă acum, ca să crezi că tot aşa...?...

Ochii luceau fosforic, sfredelind ceaţa opacă, batjocoritori şi nepămînteni.

– Ce vrei? am repetat nestăpînindu-mă, ridicat în capul oaselor şi ridicînd cartea cu scoarţele tari.

Am ridicat-o şi am lovit, aruncînd-o din toate puterile. Flacăra luminării sfîrîi şi se stinse.

Întunericul mă înghiţi; un întuneric murdar şi lăptos, aderent, de ceaţă. Dar lovisem bine; ochii fosforici nu mai sclipeau sus, erau acum la înălţimea, mea, aprinzîndu-se şi stingîndu-se în întuneric, cum într-adevăr lucesc intermitent privirile sălbăticiunilor de noapte.

Era la înălţimea mea: portretul, aşadar, căzuse.

Calmat, am pipăit cutia de chibrituri, la căpătîi, lîngă sfeşnic, unde o ştiam aşezată. Am frecat un chibrit, mai multe. Hîrtia umedă şi vîrful umed al chibri-

turilor nu dădeau nici o scînteie. Le-am tras pînă la cel din urmă, şi am zvîrlit cutia deşartă, blestemînd.

Cînd am ridicat privirea, ochii fosforici nu mai erau acolo; scînteiau lîngă uşă.

M-am repezit în întunericul vînăt să pipăi tabloul pe care îl ştiam căzut: rama era intactă şi neclintită în perete, dar mîna n-a dat peste pînză – înlăuntrul ramei a pipăit numai peretele gol şi aspru.

– Ce înseamnă nebuniile acestea? am răcnit, întorcîndu-mă.

Fosforicele pupile, verzui şi aurii, clipeau acum în altă parte; în faţa ferestrei cu lumina lăptoasă. Am sărit să prind drăceştile lumini, şi luminile au săltat alături. Ochii, deprinşi acum cu întunericul, desluşeau şi-un veşmînt alb, lipindu-se de zid, făcîndu-mi faţă. Încă o dată m-am repezit, şi încă o dată mi-a scăpat.

– Cu mine nu merg nebuniile acestea! am gîfîit cu încăpăţînare, izbindu-mă prin întuneric de scaune şi de alte mobile, împiedicîndu-mă în haine şi întinzînd braţele, ca într-un joc de-a baba-oarba, să încleşt arătarea jucăuşă.

Şi cea mai nebunească goană începu.

Ochii scînteiau pretutindeni, iar mîinile întinse nu-i puteau captura nicăieri.

Lîngă uşă, de cealaltă parte a biroului, între pat şi mine, aproape de tot şi scăpîndu-mi, cînd strîngeam braţele să cuprind fantasma albă şi nu încleştam decît vidul.

Gîfîiam în întuneric, mă opream să calculez o săritură; fantasma cu ochi de fosfor se oprea şi ea cu lucirile neclintite, şi cînd mă aruncam, îmi zdreleam degetele în zid, palmele în colţuri de fier, tîmplele în uşori.

O dată am prins mîna şi mîna s-a topit în strînsoare, fără nici o smucitură, ca ochii să-mi rîdă în faţă, cu arzătoarea lor lumină, rece şi nepămînteană.

Poate a durat numai cinci minute, bezmeticul joc; poate un ceas.

Toată îndărătnicia îmi era să dovedesc – să dovedesc cui? – că n-am nici o frică şi că nu voi conteni, pînă ce nu voi avea aici, în mîini capturată, dezlegarea absurdei arătări. M-am oprit să-mi şterg cu dosul palmei, fruntea udă şi înfierbîntată; ochii cu recea dogoare s-au oprit şi ei, în dreptul uşii. M-am aruncat, zvîcnind cu mîinile de taur orbit de năvala sîngelui în creier; arătarea albă s-a strecurat în coridor, deşirîndu-se, şi oprindu-se să mă aştepte la capătul cel mai întunecos. Am căzut, m-am ridicat, am înaintat bîjbîind în umbra de beznă, condus numai de scînteierea ochilor.

Pe urmă, în altă încăpere şi în alta şi încă în alta, jos pe scări, în sala cu armuri.

Se oprea, cînd întîrziam. O rupea înainte, cînd eram aproape.

Tălpile goale se contractau pe lespezile reci ca gheaţa: o clipă am avut nălucirea deşănţatei mele înfăţişări, dezbrăcat, cutreierînd coridoarele negre, după o arătare, după stafia de care-mi rîdeam cu atîta siguranţă, ieri, şi aseară, şi adineaori şi care acum îşi rîdea dînsa de mine... Dar nimic pe lume nu m-ar fi oprit. Voiam să văd, să ştiu cum are să sfîrşească, să-mi dovedesc... Să-mi dovedesc, ce?

S-a rezemat de-o armură. M-am aruncat să o cuprind în braţe, la un loc cu armura. Omul de fier s-a prăbuşit pe lespezi, cu o detunare care a răscolit ecoul în toate sălile castelului pustiu şi sonor; dar arătarea, neatinsă, mă aştepta în uşă. Încă o dată m-am năpustit, dupăea.

Ce lună putredă, între nori bolnavi şi ce lumină lăptoasă!

Dintr-o singură aruncare a ochilor am întrevăzut-o, sus pe cer, şi îndată, privirea a coborît să regăsească fantasma cu ochi de fosfor, ca să nu-mi scape cumva. Mă aştepta la colţul zidului; a ocolit spre cealaltă faţă, în parcul cu mlaştini.

Luna îşi trase un nor vînăt peste faţă; întunericul de sus, fu deodată dens şi opac.

Dar numai întunericul de sus. Căci jos, toată întinderea parcului, cu scheletele strîmbe şi prăbuşite ale copacilor, era luminată straniu de mucedă irizaţie a miasmelor.

O pîclă verzuie, în care dănţuiau sîmburi de flăcări, înfăşurate în vată.

Numai o clipă am avut răgaz să mă opresc, vrăjit de fantastica iluminaţie. Fiindcă îndată, arătarea mi-a jucat în faţă, aproape de tot, ca şi cum ar fi vrut să mă cheme la hotărîrea mea şi să mă sustragă de la vreo şovăială. Nu mă aflam doar aici, ca să admir un spectacol! Aveam altă datorie... Şi am alergat după sprintena arătare, albă şi jucăuşă, printre luminiţele care se aprindeau şi se stingeau suflate de vînt, alergau alături de noi, ne întreceau şi-şi transmiteau lumina de la una la alta, o mie de mii de candele gălbui, albastre, verzi şi roşii şi de toate culorile curcubeului.

Fantasma poposea, se răsucea să mă aştepte. Atunci, cele două lumini fosforice şi neclintite, păreau luceferii suverani ai constelaţiilor dănţuitoare de jos.

Numai ochii aceştia rămîneau reci, în neclintire; iar toată puzderia luminilor nestatornice din smîrcuri alergau din flacără în flacără să se apropie şi să-i facă un covor de licurici împrejur.

Smuceam picioarele goale, scufundate în glodul chiftit şi mă repezeam. Arătarea se deşira imaterial înainte, trecea prin trunchiurile răsturnate, gonea întovărăşită de toate flăcările miasmelor fugind laolaltă cu noi.

Am ajuns la zid; înainte de a trece dincolo, am privit o dată îndărăt.

Toate luminile din urmă erau stinse.

Numai castelul Kemény, în întunericul aspru ca un postav, se vedea îmbăiat într-o lucire gălbuie şi sulfuroasă; lumina care nu venea de nicăieri şi s-ar fi spus că e o sudoare satanică a zidurilor dospite de umezeală şi de mucegai.

Umbra albă îmi juca înainte, ochii cu arzătoarea răceală, mă îndemnau impacient:

– „Haide! Ce aştepţi? Unde te uiţi?"... Iar şerpuit, se strecură dincolo de zid, unde nemărginirea smîrcurilor se întinse iluminată de zvîrcolirea clipirilor gazoase.

Sub tălpi, în golul dezgustător, simţeam vietăţile băloase încovrigîndu-se în jurul degetelor, îmi scuturam scîrbit piciorul din fugă şi goneam încă, încă, sărind peste ochiuri păcurii de apă, călcînd în flăcări care se stingeau brusc, împleticindu-mă în rădăcini înnodate, care mă atrăgeau îndărăt.

Şi deodată, răsuflarea mi s-a gîtuit de spaimă. În urmă, mai alerga cineva.

– Uuuu! Ululu! Uuuu! Ululu!

Guşatul, cu mîinile lungi, cu paşi răşchiraţi, venea şuierîndu-şi răsuflarea din cimpoiul de carne, urlînd...

– Uuu! Ululu! Uuuu-Ululu!

Cu toate puterile adunate, am început să gonesc mai deznădăjduit; înainte, fugărind arătarea albă, în urmă, fugărit de jivina omenească, pe care nu o ştiam ce vrea şi de ce aleargă.

– Uuu! Ululu! Uuuu-Ululu!

Este contagioasă sălbăticirea? Ceva din strămoşii lacustri s-a deşteptat în mine? Nu ştiu; dar m-am trezit în goana nebunească, urlînd şi eu pe întrecutele, cu guşatul tîmp şi nevolnic.

– Uuu! Ululu! Uuuu-Ululu!

Ne îngînam şi ne întreceam: din fugă întorceam capul pe jumătate fiindcă îi simţeam răsuflarea gîfîită în spate: zvîcneam mai încordat şi urlam mai bestial:

– Uuuuu! Ulululu! Uuu-Ululu!

Nici un obstacol nu mă oprea. Nici un dezgust. Uneori piciorul intra pînă la gleznă, stropi de abces mă împroşcau în obraz şi în ochi, simţeam în gură gustul leşiatic şi spurcat al putreziciunilor fermentate, pielea mă ustura de tăieturile săbiilor de papură şi poate de muşcăturile animalelor băloase; dar nimic nu mă oprea, ca o fiară slobozită din mijeala veacurilor. Eram doi care goneam după arătarea lacurilor, şi dintre amîndoi, nu guşatul era cel mai aproape de animalitate.

– Uuu! Ulu-lu! urlă, la spate, rotind labele uriaşe de gorilă.

– Uuuuu! Ululu! Uuuu-Ululu-urlu! răspundeam mai îndîrjit, cu glas pe care nu mi-l cunoşteam şi tot nu mi se părea destul de fioros.

Cînd deodată alba fantomă s-a oprit. A fost atît de neaşteptat, încît nu mi-am putut curma goana şi am trecut prin imaterialul veşmînt.

Am vrut să mă întorc, să văd unde s-a topit, s-o caut îndărăt jucînd în altă parte, chemîndu-mă, cum făcuse pînă atunci. Ceva s-a prăbuşit în creştet, trosnindu-mi ţeasta; toate luminile dănţuind pe lacuri s-au stins brusc şi am căzut cu faţa în glodul vîscos.

Într-atît mi-am adunat ultimele puteri: să-mi întorc obrazul, nările şi gura din mîlul acru şi dospit, ca să-mi feresc răsuflarea liberă. Şi să văd, păşind peste mine şi fugind mai departe, cu mîinile vînturate roată, guşatul, cu răcnetul lui triumfal şi acum rămas singur, stăpîn:

– Uuuu! Ululu! Uuuu-Ululu-uuu!

Fundul oceanului era abia luminat de un crepuscul livid. Madrepori, cu braţe de sfeşnic înflorite întindeau o feerică pădure în adîncul înăbuşitor al apelor. Săgetau peşti lungi ca suliţele, se opreau peşti laţi cît tăvile cu ochii bulbucaţi şi ficşi. Stelele mării, gigante, îşi roteau cele cinci braţe ca roza vînturilor. Vietăţi străvezii coborau încet, balansînd clopotele fără de sunet. Şi raci uriaşi şi mustăcioşi, necunoscute animale de toate culorile, peşti torpilă descărcînd baterii care cutremurau apa, caracatiţe cu braţe înnodîndu-se dezgustător, înaintînd zvîcnind din pomparea cu bulbuci a lichidului, viermi, crabi, moluşte şi toate jivinele monstruoase şi fantastice ale profunzimilor; unele mai divine ca păsările şi florile paradisului, altele mai scîrboase şi hîde ca arătările de vis rău, treceau în nesfîrşită procesiune pe dinaintea ochilor, vînîndu-se, ascunzîndu-se, gonindu-se şi îmbrăţişîndu-se în oribile spasmuri.

Aerul ţevii din îmbrăcămintea de scafandru se împuţina înăbuşindu-mi răsuflarea.

Numai aceasta m-a făcut să clatin semnalul care avea să mă tragă în sus, despărţindu-mă cu părere de rău de magica lume a adîncurilor. Reflectorul puternic al lămpii electrice tăia brazde luminoase scormonind unghere de stînci, unde se ascundeau sub alge alte vietăţi necunoscute - îmi făgăduiam mîine să mă întorc, odihnit, pentru altă explorare.

Acum funia mă ridica legănat, cu greutăţile de plumb atîrnate de picioare, lăsînd dedesubt mişuneala multicoloră din pădurea vrăjită de madrepori.

Apa era mai subţire şi mai luminoasă.

Sprinten jucau numai suveicile peştilor.

Mai repede!

Am scuturat semnalul de sonerie, să mă smucească mai repede, fiindcă îmi vîjîiau tîmplele şi în îmbrăcămintea de oţel deschideam gura sufocat, ca puii de şoarec sub clopotul aparatelor de făcut vidul în laborator.

Ce-a fost aceasta?

Ascensiunea s-a oprit. Toată lumina s-a înceţoşat acoperită de o caracatiţă enormă, care-şi întinde multiplele braţe cu ventuze în capăt, să mă cuprindă; mă strînge încolăcit de-mi trosneşte îmbrăcămintea articulată de metal; mă priveşte cu ochii holbaţi din capul fără frunte şi cu o smucitură mi-a smuls ţeava, prin care aerul a fugit, lăsînd să gîlgîie apa ucigaşă: Uuuu-Ululu, Uuuu-Ululu!

Mă zvîrcolesc fără putere, cu vinele plesnind şi cu răsuflarea retezată; ochii imenşi şi neclintiţi, aproape de tot deasupra ochilor mei, mă privesc atent, cu o crudă şi satisfăcută curiozitate – şi caracatiţa rîde, rîde cu glas omenesc.

Cu o ultimă deznădejde încerc să resping vîscoasa îmbrăţişare. Tentaculele se desprind; au rămas numai ochii plecaţi pe fruntea mea, bulbucaţi şi sticloşi. Le implor îndurare. N-am venit cu nici un gînd rău. Nu voi mai tulbura niciodată împărăţia apelor. O nevinovată şi omenească curiozitate... Dar niciodată nu mai revin; jur!

Ochii se îmbunează aplecaţi cu aceeaşi atenţie să-mi sondeze privirea, de astă dată fără cruda răutate. Tot mai aproape, mai atent şi mai îndelung, pînă ce se prefac în ochii gălbui, de după ochelarii cu lentilă bombată şi cu ramă de bagă, ai avocat-doctorului juridic Silvestru Hotăran.

– Uff! Bine că dădu Sfîntul şi te-am văzut întors la viaţă! suspină uşurat avocat dr. juridic Silvestru Hotăran, îndreptîndu-se greoi de şale şi strîngîndu-mi mîna întinsă neînsufleţit pe cearceaful alb.

Încerc să surîd încă nedumerit unde mă aflu.

Rotesc ochii: pereţi albi ripolinaţi, fereastră înaltă fără perdele, patul de fier, şi peste cap, la căpătîi, foaia de observaţie.

Aşadar, o cameră de sanatoriu!

Ce blîndă şi bună e lumina caldă, năvălind val, prin fereastra deschisă! Şi garoafele de pe măsuţa de metal, cu miros dumnezeiesc!

Vreau să mă mişc între pernele mari. Nici braţele, nici trupul nu se supun.

Avocat dr. juridic Silvestru Hotăran mă contemplă cu o maternă încîntare, frecîndu-şi mîinile bunduce şi păroase.

– O! Bată-te că mi-ai şi făcut o istorie, cum ai rămas singur! mă mustră cu bunătate, clătinînd a ameninţare inofensivă, arătătorul scurt şi gros, ca un francfurter.

– Cine şi-ar fi imaginat?... Prostii... Nici eu nu ştiu!... am îngăimat, dezvinovăţindu-mă şi încă o dată, încercînd să mă întorc pe o coastă.

– Acum stai liniştit! îmi porunceşte, aşezîndu-se alături, pe marginea patului. Totul e bine dacă sfîrşeşte cu bine... Şi totul s-a sfîrşit mai bine decît îmi închipuiam. Singurul necaz, l-ai tras dumneata... Dar acum, că te văd trecut de criză, pot spune că mi-ai fost un noroc. L-ai plătit scump, erai să-l plăteşti cu viaţa; dar, dragă domnule, ai dezlegat o taină... Ai limpezit o controversă juridică, de la care puteam să mai aştept încurcături...

– Nu înţeleg! am spus.

Avocat dr. juridic Silvestru Hotăran îmi puse pe umăr palma lată ca o broască ţestoasă, în chip de prietenească solicitudine:

– Ai să mai ai răbdare şi am să-ţi povestesc. Acum nu trebuie să te osteneşti... Medicul ţi-arecomandat linişte...

– Şi dumneata crezi că o să am linişte dacă nu-mi spui acum?... Tot timpul am să mă gîndesc... Am să fac tot soiul de supoziţii! m-am îndărătnicit, abia întors la viaţă şi din nou stăpînit de demonul curiozităţii. În loc să dorm sau să nu cuget la nimic, am să-mi frămînt mintea să aflu... Dumneata numeşti aceasta linişte? am stăruit, înţelegînd că fermitatea doctorului juridic Silvestru Hotăran începe să se clatine.

Se ridică în picioare, măsurînd cu paşi apăsaţi de cîteva ori camera în lung şi în lat, cu mîinile la spate; privi pe fereastră, se întoarse.

– Dealtfel, poate e mai bine! spuse, oprindu-se şi trăgîndu-şi un scaun în faţa mea. Toată istoria e scurtă... Acum două săptămîni cînd te-am găsit...

– Acum două săptămîni?... am întrebat, şi îndată am căutat cu ochii la calendarul din perete.

Într-adevăr: 29 august... Sînt două săptămîni de cînd zac fără cunoştinţă...

– Acum două săptămîni, reluă avocat dr. juridic Silvestru Hotăran, cînd te-am găsit căzut în mlaştina aia ticăloasă, după ce te-am adus aci, la Cluj, să te predau în seama medicilor, ne-am întors să procedăm la o anchetă mai amănunţită... Cu autorităţile, bineînţeles. Şi n-am greşit. Am descoperit la cîţiva paşi de unde căzuseşi, în nămol îngropat şi în descompunere, trupul contesei Aranka Kemény... Ne-a fost uşor să stabilim identitatea... După inelul din deget, după carabina de alături, după ce s-a mai putut cunoaşte din îmbrăcămintea putredă... Mai greu este de stabilit cum de a ajuns acolo. Părerea judelui e că s-a înecat şi că trupul s-a

scufundat singur cu timpul, în mlaştină. S-a înecat din accident, sinucidere, asasinat?... Aceasta, dragă domnule, n-are s-o ştie niciodată, nimeni. Ca măsură de precauţie a fost arestat Gyula guşatul... Dar e nevolnic; nu-i poţi scoate un cuvînt, e mai dobitoc decît dobitoacele din curte... L-am arestat, fiindcă e frate cu fostul locotenent Tivadar Vágo şi fiindcă după spusele slugilor, îşi adora cu simţirea lui de guşat stăpîna... Mi-am spus că, poate gelos de cele cîteva plimbări nevinovate ale contesei Aranka în tovărăşia lui Tivadar Vágo, în cugetul lui de nerod şi de nebun va fi mijit ideea crimei... Dar acestea sînt numai presupuneri. Fapt este că descoperirea a înlăturat cea din urmă complicaţie. Înţeleg bine, că în materie de succesiune, data morţii e de cea mai mare însemnătate. Dacă se dovedea că Aranka a murit după contele Andor, atunci asupra averii puteau să ridice pretenţii succesorii ei ascendenţi, adică neamurile Anei Porumbacu, Gheorghe Porumbacu şi aşa mai departe. Cu alte cuvinte tot felul de complicaţii. Acum lucrul e simplificat: ultimul decedat în ordinea cronologică, e contele Andor, şi cum a murit fără testament, averea merge după lege succesorilor de drept, în speţă clienţilor mei... După cum vezi, datorită peripeţiilor dumitale au fost înlăturate şi cele din urmă dificultăţi juridice. Pot spune că îţi datorăm recunoştinţă.

– Mersi! am întrerupt sec, fără entuziasm, aflînd prozaicul deznodămînt al peripeţiilor pe care nu le va şti niciodată, nimeni.

Şi am tăcut un timp, cu ochii închişi, revăzînd fantasma albă şi sprintenă a domniţei Aranka, despre care acum înţelegeam că-şi căuta odihna unui mormînt creştinesc şi de-aceea chema trecătorii s-o izbăvească din putreziciunea smîrcurilor.

Pe urmă, într-un tîrziu, mai mult de politeţe, decît de curiozitate, am întrebat:

– Dar castelul? Biblioteca? Licitaţia a fost?

– O! da! răspunse, frecîndu-şi mîinile cu stăpînită satisfacţie avocat dr. juridic Silvestru Hotăran. Au mers lucrurile mai fain decît mă aşteptam.

Plecîndu-se să-mi destăinuie cu glas mai scăzut:

– Am pus să liciteze pentru două mii de jugăre de bălţi, un om al meu... Le-am luat pe nimic. Nici nu se prezenta să le liciteze nimeni. Cine, ce să facă, cu două mii de jugăre de bălţi, papură şi smîrcuri?... Cuibar de ţînţari şi de friguri palustre. Eu, o iau sistematic. Irigaţii, canalizări... În cinci ani de muncă, scot aur... Şi sînt şi cu conştiinţa curată: m-am ofertat, decît fiindcă nu se prezenta nimeni. Nu-i drept, dragă domnule?

În loc de răspuns, ochii mei s-au oprit stăruitor la paharul deşert de la căpătîi, cu urme grase şi opace de degete. „Exact, limpede ca acest cristal!" – am gîndit, amintindu-mi episodul de acum două săptămîni, cînd avocat dr. juridic Silvestru Hotăran, urmărindu-mi privirea, înţelese cu toate acestea la ce-am cugetat, fiindcă

roşi, dovedind o subtilitate în citirea gîndurilor ascunse, la care nu m-aş fi aşteptat, nicicînd.

– Şi cărţile? Biblioteca? am întrebat, numai ca să risipesc jena acestei osînde fără cuvinte.

– A! cărţile! vorbi cu însufleţire, avocatul dr. juridic. Închipuieşte-ţi, dragă domnule, că am avut cea mai mare surpriză!... Mă temeam că n-are să se prezinte nimeni. Şi a venit un ovrei tocmai de la Pesta, un anticar, care cunoştea dinainte biblioteca. A oferit, cît nu mă aşteptam: zece mii de pengö... Dar am avut grijă şi de dumneata, dragă domnule, m-am înţeles cu el să aleg întîi măcar o sută de volume pentru dumneata...

Şi m-a ajutat el, foarte de treabă şi serviabil. Uite! îmi spuse, arătîndu-mi înşirate pe duşumea, lîngă perete, un şir de cărţi, cu fericirea unui om care a pregătit o mare şi plăcută surpriză.

Am vrut să mă ridic într-un cot, să privesc lacom.

– Te rog, stai liniştit! mă îndesă la locul meu avocat dr. juridic Silvestru Hotăran, cu palma lată cît broasca ţestoasă. Ţi le aduc, eu, să le vezi, pe rînd...

Şi îmi cără pe rînd, cărţile, ştergîndu-le praful de pe legăturile de piele, cu batista despăturită şi aşteptînd exclamaţiile mele de surpriză şi de recunoştinţă, cu seninătatea bună a unui bunic care a pus la cale cel mai neaşteptat dar nepotului.

Erau numai cărţi ocultiste, de magie, de spiritism şi de reîncarnaţii, toate noi, de trei şi de patru decenii alese după cît se înfăţişau mai arătoase, legăturile proaspete şi aurite. Toate preţuind, pentru mine, mai puţin decît greutatea lor la cîntar. Nici una din celelalte rare şi preţioase, rătăcite măcar din întîmplare. Anticarul „serviabil” de la Pesta nu se oferise degeaba, să adauge priceperea lui la nepriceperea avocatului procurist! Dr. juridic Silvestru Hotăran aştepta încîntat şi oarecum mirat, de prea searbădul meu entuziasm.

– Zici că pentru toată biblioteca a oferit zece mii de pengö?... Cît fac zece mii de pengö în monedă românească? am întrebat, privind în tavan, unde se topea tot furgonul meu himeric de cărţi: o avere.

– Aproape trei sute de mii de lei! răspunse prompt şi triumfal, dr. juridic Silvestru Hotăran. Aş fi fost încîntat, după evaluarea mea să luăm cincizeci de mii de lei; şi a dat trei sute de mii... Un nebun!... Nu m-aş mira să aflu că a ajuns la faliment în scurtă vreme...

– Doctore, doctore! am rostit amar... Biblioteca contelui Kemény preţuia cu ochii închişi, cinci-şase milioane... Erau cărţi acolo care au să fie plătite, una singură, cu zece mii de pengö şi mai mult.

Avocat dr. juridic Silvestru Hotăran mă privi cu neîncredere prin ochelarii lui bombaţi. Pe urmă dădu din cap, şi se apropie să-mi aşeze mai bine, sub bărbie, cearceaful alb:

– Nu trebuia să te ostenesc... A spus bine medicul. Ai încă febră! Să-ţi pun termometrul...

Aranka, o espírito das águas

"O olhar da senhorita Aranka respondia indiferente,
com o brilho gélido e ardente de seus olhos negros."

CEZAR PETRESCU

(Continua e finaliza)

"Enfim, só!" – suspirei contente como um herói de vaudevile, balançando a argola em que estavam inseridas as enormes chaves, rumo aos meus aposentos.

Teias de aranha empoeiradas pendiam dos vãos das portas, pesadas como cortinas. Com repugnância, tinha que rompê-las para poder passar de um lado a outro.

Uma criatura cinzenta – camundongo ou outra coisa – moveu-se assustada em um canto. A sombra fria e úmida oxidara o brilho dos metais. A poeira, esverdeada, cobria tudo.

Tentei abrir uma janela – tão sufocante e embolorado era aquele ar! Mas a janela comprida, presa em ferrolhos dilatados pela ferrugem, se negou, ensanguentando-me os dedos.

A luz pairava roxa, doente e triste.

E o silêncio era realmente intolerável.

De repente, todo o meu entusiasmo se extinguiu.

As poltronas seculares exalavam cheiro de morto. Os retratos pintados, pendurados nas paredes, miravam com uma fixidez desumana. As cortinas balançavam à minha passagem; as fechaduras rangiam estridentes; uma porta de armário abriu sozinha à minha frente, assustando-me.

Com atenção redobrada, procurava memorizar cada corredor, como se fosse possível eu me perder em sabe-se lá que enorme labirinto. E me surpreendi

olhando para trás com o rabo do olho, como se um pérfido inimigo pudesse estar me perseguindo.

Foi certamente apenas a umidade da galeria subterrânea, e nada mais, que produziu um calafrio ao longo da minha espinha dorsal.

Naquele momento, porém, desapontei-me comigo mesmo.

Para superar-me, pus-me a dar passos mais firmes, assobiando com falsa indiferença como fazem todos os covardes, inclinando-me com interesse dissimulado para verificar de perto os ornamentos esculpidos dos baús e das cômodas, os delicados vasos de faiança, as panóplias de caça, as tapeçarias antigas.

Nenhuma única cor viva. Tudo opaco e turvo.

Tudo tão vetusto e carcomido pela umidade, que se poderia dizer que um simples soco na mesa a transformaria em uma miríade de pedacinhos avermelhados, assim como se mói o miolo podre dos troncos embolorados na floresta.

Mas, acima de tudo, o odor sufocante e o silêncio intolerável!

Foi só na biblioteca retangular, entre paredes cobertas de livros, que me senti em um refúgio amistoso. Não temi ali a presença do espírito invisível: que coubesse ao velho maníaco que trancara a porta conversar, em sua inofensiva loucura, com o espírito da condessa Ana e vestir a roupa do reencarnado cavaleiro Ştefan-Koloman-Andrei Kemény. Era ali que minha paixão ardia! Ávido, abri os armários, trepei nas cadeiras para ler as lombadas escritas em *electrum*, remexi as prateleiras. Em um primeiro momento, decepção. Não estava ali o que eu procurava. Livros sobre hinduísmo e sobre ocultismo. Reencarnações, revelações, magia, magnetismo: William Crookes, Leon Denis, Maxwel, Roussel Wallace.

Só no fundo das prateleiras e só depois de ter empurrado os evangelhos espiritualistas é que consegui descobrir, sufocados por aquela invasão mais recente, os velhos tomos que haviam criado a fama de outrora da biblioteca Kemény. In-fólios de dois, de três, de quatro séculos: edições que muita gente passa a vida inteira procurando. Cortava-se-me a respiração de tanta emoção, como o único caçador do mundo que descobre a mágica flor de fentanha[1].

Sôfrego, descia das prateleiras com uma pilha de livros nos braços e, abstendo-me de sacudir a poeira asfixiante de cima da roupa, descarregava os volumes em cima da imensa mesa no meio da sala, folheava as páginas,

---

[1] A flor de fentanha floresce em uma das datas mais carregadas de misticismo do calendário folclórico romeno: a noite de Sânziene. (n.t.)

procurava gravuras das quais sabidamente existia um único exemplar, encontrando seus pares ainda desconhecidos. Que avidez de avarento! Outro, e mais outro… Um Plutarco de 1509 com a assinatura de Rabelais. *Introdução à Vida Devota* com uma carta autografada e ignorada de São Francisco de Sales. Livros com o brasão dos príncipes da Hungria. *O Príncipe* de Maquiavel, com anotações feitas pelo próprio autor. Um tesouro que valia pelo menos tanto quanto todo aquele castelo com suas quatro mil jeiras de charco, pântano e mosquitos.

Alegrava-me com o fato de que, em sua inocente ignorância, o advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran viria a trair involuntariamente o interesse de seus clientes, dissipando a coleção a um preço irrisório. Já ensaiava minha expressão de indiferença com a qual pesaria cada tomo, fingindo comprar por obrigação. Era com essas ideias infames que eu virava as páginas largas, com piedosa atenção, de uma Bíblia do século dezesseis, em uma encadernação de Nicolas Eve e ilustrada com gravuras executadas com esmero por um mestre anônimo, quando passos me fizeram erguer o olhar em tal sobressalto, que o volume pesado escorregou das minhas mãos.

– Estúpido! – admoestei a mim mesmo, irritado por ter-me permitido sobressaltar de susto. Que outra pessoa poderia ser?

Pois não era ninguém mais que Micloş, o velho, acompanhado de uma velhinha tão corcunda e baixinha quanto ele.

Os dois se aproximaram e pararam como dois miseráveis tocos humanos sobreviventes de um outro século, assim como tudo o que ali nos rodeava, dentro de roupas largas, puídas e desbotadas, com braços que pendiam compridos quase tocando o assoalho, e com rostos enrugados, ressequidos e apergaminhados, assemelhando-se um ao outro, assim como acabam por se parecer todos os velhos que vivem juntos por meio século.

Aproximaram-se e puseram-se a fazer mesuras. Perguntaram alguma coisa que não entendi.

O velho pronunciou uma dúzia de palavras, das quais não compreendi senão um encadeamento de sons enigmáticos, mais ou menos assim:

– *Ouszolgákböröndjeiketlefogjákrakniklserjeelazuratist?*

A mulher o interrompeu, para dizer, em seu tom nasalizado, algo parecido com:

– *Podgyászukrolgondoskodnifogok*!

– Que diabo vocês querem de mim, estimados senhores? – perguntei, com o semblante mais cordial do mundo.

– *Kérem*? – proferiram os dois em uma só voz.

– *Kérem* ou não *kerem*, vocês dois são uns idiotas que não me deixam em paz! Não percebem que não entendo nada?

O velho fez uma mesura com enorme boa-vontade, retomando com *gakborok* e *krakuik* e *zolgoborok*.

A velha não deixou por menos e logo anasalou uma espécie de:

– *Mivelszolgálhatoknnek*?

– Vocês são uns loucos! – gritei, alterado. Vão para o diabo!

– *Orömest*! – pareceu-me que ambos concordaram.

Mas nenhum deles se movia.

Pelo contrário, puseram-se a discutir vivazmente entre si, um enfiando os dedos compridos nos olhos do outro, fitando-me de vez em quando como se eu fosse um objeto inanimado, cruzando as mãos sobre o peito, erguendo o olhar para o teto como se se isentassem de qualquer responsabilidade, e voltando a se inflamar em uma controvérsia sem fim.

Óbvio que o assunto era muito sério, porém, me deixava de todo indiferente na medida em que não compreendia do que se tratava. Por outro lado, não conseguia desgrudar os olhos de suas figuras, cuja humanidade se encontrava toda ressequida. Sem lábios, com pele de um roxo acinzentado, gengivas cor de violeta, repugnantes, amarrotados por uma quantidade de pregas impossível de caber em uma superfície tão limitada de pele, com olhos vítreos de mocho e o esqueleto todo mirrado, os dois pareciam aqueles bruxos que fervem poções malditas de calcanhar de defunto, couro de sapo e coração de gato preto, ficando nus em pelo para executar suas danças depravadas à meia-noite, enquanto o luar calcário faz os cães uivarem de terror.

A mulher de vez em quando puxava o turbante preto por sobre os olhos puídos; o homem cofiava as suíças de uma brancura amarelada, parecidas com as dos célebres retratos de Francisco José[2]. Estava claro, porém, que, malgrado sua suposta aparência de feiticeiros, eles não só não nutriam nenhum sentimento hostil para comigo, como tinham vindo apenas para me convencer a fazer ou a não fazer algo que os preocupava. O quê? Só Deus seria capaz de os compreender.

No meio de uma frase consegui identificar um "*nem*"– e me lembrei de que era a única palavra do vernáculo de Petöfi cujo significado eu conhecia com precisão.

---

[2] Francisco José I (1830-1916), imperador da Áustria e rei da Hungria. (n.t.)

– *Nem*! Não! *Nem*! – gritei com energia, bastante contente por poder afirmar minha vontade na língua deles.

Ambos de súbito se calaram e esticaram os braços para os lados, sinalizando terem feito, daquilo que lhes cabia, todo o possível, e que doravante tudo ficava sob minha responsabilidade.

Micloş fez sinal para que o seguisse.

Atravessamos várias salas até chegarmos a um cômodo luminoso e juvenil, verdadeiro oásis inesperado e sorridente no interior daquele castelo sombrio. Tudo se tornou de repente vivo, colorido e gracioso. Daquela ordem das coisas, ou melhor, daquela encantadora desordem vagamente emanavam não sei que mão caprichosa e vivaz presença, de todo alheias ao ambiente embolorado das outras salas, vastas quanto catedrais e escuras como masmorras.

As paredes eram caiadas, o tapete de pele de urso sob nossos pés era branco, as cortinas brancas, tudo branco e, miraculosamente, sem mofo, sem oxidação, sem o esverdeado da umidade.

O velho retorcido, de pernas curtas e arqueadas, executou passos respeitosos, caminhando na ponta das botas. Mostrou-me um leito branco – leito de pensão – e, com sinais de mudo, perguntou se eu realmente queria que ali fosse a minha cama, como decerto havia ordenado o advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran. Fiz um sinal afirmativo com a cabeça. Nossa conversa, depois daquelas tentativas fracassadas, reduziu-se assim à mímica.

Meneei a cabeça, e Micloş me fitou com censura no olhar. Murmurou seu descontentamento e, pegando um cobertor e um travesseiro imaginários, dirigiu-se com o fardo invisível para a porta, querendo me mostrar, com aqueles sinais, que poderia encontrar outro lugar para eu dormir, no mínimo tão confortável quanto aquele.

– *Nem*! – ordenei, enérgico, apontando para a cama. *Nem*!

Aqui querer dorme eu! – gritei com aquela inevitável imbecilidade de quem acha que um estrangeiro vai melhor compreendê-lo caso berre as palavras a plenos pulmões, como se falasse com surdos, retorcendo o idioma materno. *Nem*! Aqui quero dormido!

O velho inclinou a testa calva, resignado.

Falara com o rosto voltado para as duas janelas, pois a cabeceira da tal cama ficava justamente entre as cortinas.

E me virei de repente, sentindo-me observado por trás, como se um único olhar insistente me fixasse, em meio a mais compacta e barulhenta multidão. Ergui a cabeça.

Em um retrato branco, dois olhos verdes me fitavam, e pensei comigo mesmo não serem realmente verdes, mas dourados e negros e lilás ao mesmo tempo, mutáveis e profundos, assim como os olhos do leopardo, hipnóticos como os olhos do leopardo.

O retrato era recente, a julgar pelo estilo e pelo brilho da tinta; a roupa branca era o uniforme das irmãs de caridade. Compreendi na hora.

– Aranka? – perguntei.

– Aranka!, disse baixinho a velha.

E, com a mão ressequida sobre a boca de feiticeira, ela balançou a cabeça, soltando soluços de um lamento pueril.

Olhei admirado para seu rosto curtido de múmia, para seus olhos decrépitos, tão decrépitos que a fonte aliviadora do pranto já há muito deveria ter secado; pobres olhos desbotados, submersos no despenhadeiro das órbitas, como sedimentos pálidos de luz no fundo esvaziado dos chafarizes.

Tanta era a amargura concentrada e impotente, tanta era a enternecedora adoração daquela criatura repugnante e corcovada que eu, antes, considerara incapaz de qualquer sentimento humano, que, juntamente com a piedade, fui permeado também por um grande remorso pela indigna grosseria com a qual eu os tratara pouco antes, levantando a voz e ridicularizando sua inquebrantável fidelidade servil. A velha não desgrudava os olhos do retrato na parede, balançando a cabeça como o fantoche tosco de um teatro de bonecos, erguendo a ponta do avental negro até o canto das pálpebras enrugadas de guta-percha: gesto feminino de choro, herdado do tempo em que ainda vertesse lágrimas.

O velho olhava em outra direção.

Pronunciou algo naquela sua língua desconhecida. Disseram algo naquela sua língua desconhecida.

Não os considerava mais detestáveis e repugnantes. Não encontrava mais nada neles daqueles bárbaros tão sumária e rigorosamente julgados pelo advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran.

Eram simples criados velhos e fiéis, que haviam vivenciado tudo o que acontecera ali e que amanhã haveriam de ser dispensados pelos novos proprietários. Eles apenas conheceram, sentiram e testemunharam a extravagante vida dos solenes senhores daquele lugar, com todas as suas loucuras e inexplicáveis caprichos.

E eu era um mero intruso. Um comprador. Um cúmplice da devastação.

Eu era o inimigo.

Aproximei-me de uma das janelas, a fim de evitar seus olhares. A janela dava para a outra fachada, para o parque inundado pela água. Ainda não o vira. Era apenas a continuação do pântano infindável por onde tínhamos vindo, com as mesmas poças d'água estagnada, com o mesmo húmus negro e tóxico, intumescido por todo o borbulhar da podridão. Árvores multisseculares esticavam seus troncos escrofulosos, braços mutilados, galhos lascados. E outras, caídas de través sobre as veredas invadidas pela água, arqueando pontes esburacadas e disformes, aumentavam a desordem e a absoluta desolação. Algumas estavam tombadas só pela metade. Haviam se apoiado, na queda, sobre os galhos de outras. Estávamos em pleno mês de agosto, e quase todas não tinham mais folhas: negras e mortas, devastavam a paisagem.

O sol oblíquo do crepúsculo atirava baldes de sangue purulento sobre os charcos enferrujados. Uma revoada de corvos surgiu em um círculo de fuligem, evocando o hábito de se arremessar sobre um campo coberto de cadáveres.

Irresistível, o chamado do lodaçal miasmático me impeliu a descer.

Os criados desapareceram do quarto, sem que os tivesse ouvido sair. O retrato me fitava com olhos impassíveis: verdes e negros e lilás. Nos lábios, o pintor lograra surpreender uma intenção de sorriso que ainda não decidira se tornar sorriso, e que luzia em uma promessa que existia só na profundeza do olhar. De qualquer modo, grande mestre, grande e sutil mestre! – pensava comigo mesmo, descendo os degraus sonoros e largos do salão de armaduras. Bati a porta pesada e contornei a fachada, pisando sobre o leito mole de musgo e ervas daninhas.

O papudo em trapos cor de café apareceu detrás de um tronco oco de árvore, deu uma risada idiota e, gorgolejando o bócio brilhante do pescoço, correu para outra árvore. De lá, ficou observando que caminho eu tomaria. Quis chamá-lo, vencendo a repulsa. Estendi-lhe a mão aberta, como se tentasse domesticar um cachorro. O papudo criou coragem, deixou o esconderijo, aproximou-se hesitante, com o riso horrendo que revelava dentes amarelos e gastos, com o peito descoberto que exibia tufos de pelo ruivos e asquerosos. Vinha e sorria sem jeito, medroso, espiando volta e meia para trás com o rabo do olho.

Em seguida, de repente, sem motivo, por sabe-se lá que alucinação, começou a uivar com uma espécie de ganido animal, e saiu correndo por entre as moitas.

Deixei-o escondido, à minha espreita.

Caminhando de pedra em pedra, pelas trilhas maceradas pela água, fui desde o início golpeado pelo fedor daquela germinação, tal qual um bafo envenenado.

O lodo grudento fermentava borbulhante. Passei pelas pontes apodrecidas formadas por troncos caídos, saltei por sobre fossas transbordantes, assustando sapos que palpitavam inesperados como pedras arremessadas por uma mão invisível, pisei em tábuas amolecidas de umidade, que se desmanchavam debaixo do meu peso sem o menor ruído.

Não havia mais nada adiante: a mesma água visguenta, as mesmas plantas inchadas e adiposas, os mesmos cipós encharcados de podridão, o mesmo horrendo pulsar de animais gelatinosos, de aranhas correndo espasmódicas pelo espelho d'água imóvel, de minhocas, de vermes, de larvas, sempre os mesmos cogumelos obscenos que se desfaziam frágeis ao mínimo toque, os mesmos montículos de terra preta, que brotavam daquela caspa bexiguenta como abscessos nos quais o pé, iludido, sem encontrar resistência, afundava até os tornozelos, permitindo sentir debaixo da sola uma criatura esmagada se debatendo sebosa e tentando escapar; descobri logo tudo aquilo, mas algo mais poderoso continuava me atraindo até ver, ver mais. Mais o quê?

Circundei uma lagoa negra e inerte, a partir da qual se prolongava, por debaixo de um arco de pedra, um canal contendo uma água igualmente estagnada e escura, conectando-a até o meio dos lagos profundos, ao longe.

Havia um barco naufragado pela metade, com a proa arruinada. Pilares de ferro, de argolas enferrujadas e nós de corda apodrecida, indicavam o lugar em que os barcos ficavam acostados, e a partir de onde, tempos atrás, o conde Armin, e, mais recentemente, Aranka, remavam na direção dos lagos sem fim.

Deles, agora, nada restava além de tábuas recurvadas, fincadas na lama. E remos partidos.

Pus a mão em uma daquelas hastes. A madeira mofada dobrou mole como uma massa de pão. E, pela palma da minha mão, corriam insetos purpúreos e pretos, com uma centena de patas bizarras. Sacudi-os, sobressaltado de nojo.

Pela margem de pedra do canal, com o parapeito semidesmoronado, passei por debaixo do arco, que dava para fora do jardim, onde se descerrava a imensidão do pântano.

Uma vez extintas as últimas luzes do crepúsculo, os montículos esponjosos infindos, flanqueados por canais estagnados e pontilhados por manchas de piche, me engoliram em uma sinistra vastidão. Até onde a vista alcançava, o mesmo marulho d'água, as mesmas ervas trançadas, o mesmo bafo pestilento. Mariposas pesadas esvoaçavam com asas de algodão negro, ostentando corpos da grossura de lagartas. E zumbiam baixinho os mosquitos – "os anófeles do advogado doutor Silvestru Hotăran"– pensei comigo mesmo, tentando em vão me distrair.

Na superfície de piche das poças d'água mais profundas, nenúfares brancos e amarelos flutuavam em seus barquinhos ovais feitos de folhas; não exibiam, porém, nada daquele gracioso candor cantado em versos.

Carnudos e podres, pareciam feridas ulceradas.

É aqui que vou pernoitar! – fui tomado de súbito pela aflição, e me virei para olhar para trás. O muro circundante ficara bem longe; a ponta escurecida do castelo, no breu repentino do anoitecer, pareceu-me submergir, inacessível, em um charco de fim de mundo.

E vi que não estava sozinho. Alguém me seguira em silêncio e, agora, gesticulava, apalermado, do outro lado do canal, dando gargalhadas insanas.

Gritei na direção dele.

O papudo lançou um grunhido do seu fole luzidio de carne. Fazia caretas na maior perturbação, dando risada da minha impotência. Inclinei-me, fingindo erguer uma pedra do chão, como quem assusta um cachorro quando se vê sem defesa.

O papudo urrou:

– Uuuu-uu! Ulululu! Uuu-Ululu!

Urrou e saiu correndo, balançando os braços compridos de gorila que pareciam ajudá-lo a se mover: estacou em seguida, e me esperou, arreganhando os dentes.

A hedionda criatura inteirava o caráter sinistro daquele lívido crepúsculo que se estendia rapidamente, como uma outra espécie de dia, sujo e fenecido, por sobre o brejo desolado. A névoa espessa se erguia das águas como chumaços de algodão. Vi-me de repente caminhando com velocidade, com mais velocidade, até começar a correr. Apertando o paletó ao peito e correndo, com uma única ideia fixa na cabeça: estar bem longe dali ao cair da noite!

Pisava em poças, arrancava o pé mergulhado na lama viscosa, tropeçava em tocos apodrecidos, em montículos moles que me sugavam, breves acessos de desespero me desorientavam por um instante, para depois continuar. Do outro lado do canal de água com piche, o papudo também corria, acompanhando-me com um bramido animalesco:

– Uuuuu-uu! Ulululu! Uuu-Ululu!

Sentia asco de mim mesmo por correr, mas continuava correndo. Em um estranho desdobramento, disparei e tentava avaliar o ridículo, imaginando com quanta pândega assistiria a tudo aquilo quem me conhece sempre passeando sossegado e cortês pelas calçadas da cidade, e me alegrava por não poder se encontrar ali nenhuma testemunha capaz de relatar o que acontecia.

O papudo me acompanhava, os longos braços de aranha impulsionando-o na corrida.

– Uuuu-uu! Ulululu! Uuu-Ululu!

Arquejante, subi os degraus. Bati a porta pesada que ressoou em todos os cômodos com um eco de catástrofe. Passei a tranca atrás de mim, no salão das doze armaduras dos doze Kemény, solenes, calados e ameaçadores, em plena escuridão.

Acendi um fósforo, outro, e mais outro, até chegar, de cômodo em cômodo, tateando e me embaralhando pelos infindáveis corredores, ao quarto branco.

– Que tenham ao menos deixado uma lamparina ou uma vela! – pensei comigo mesmo, sem me atrever a imaginar o que seria se os criados houvessem se esquecido de deixar uma lamparina ou uma vela ao lado de minha cama.

Havia uma vela. Enfiada em um castiçal oxidado, com garra de pássaro. Queimei os dedos ao acendê-la, desperdiçando fósforos e mal acertando o pavio intacto, que recusava a chama. Assim que a luz começou a emanar calor, conforto e segurança, desabei sentado na beirada da cama, fitando, com desgosto de mim mesmo, as roupas sujas de lodo e os sapatos cobertos por uma camada de terra oleosa e grudenta. Sequei o suor da testa com a palma da mão suja. Bravo! Estreia admirável! – parabenizei-me sozinho, humilhado por uma covardia que até então desconhecia.

De cima, o retrato me olhava com curiosidade à luz zombeteira da chama, com seus olhos negros e verdes e lilás, com aquele início de sorriso que ainda não decidira ser sorriso.

A mala de viagem, à mão, pousava sobre os braços de uma poltrona. Essa presença familiar ajudou a me recompor por completo.

Abri seus fechos e remexi, com volúpia genuína, as ninharias que me reintegravam ao meu século de conforto e de pactos de não-agressão. Tornava-me de novo contemporâneo de Ford, da radiofonia e da Liga das Nações. Com o delicado afã de um apaixonado, toquei o dorso de marfim das escovas, os frascos de cristal, as lixas de unha, o espelhinho oval em que me vi despenteado e enlameado, com as marcas dos dedos sujos no rosto, com cachos de cabelo transpirado, vermes enrolados, aderidos à testa suada. Como um convalescente que, após escapar de uma crise mortal, se alegra pueril com tudo o que antes lhe parecera banal e insignificante e que, de repente, se torna inestimável como a própria vida.

Estava voltando de muito longe, exibindo ainda uma aparência asselvajada e assustada, assim como refletida no espelhinho, retornando do subterrâneo de

outras eras da humanidade: homem lacustre, apavorado com superstições e visões de pântanos envenenados por miasmas.

– Ha-ha! – ri em voz alta, e o riso ressoou estranho naquele silêncio que apitava nos ouvidos.

Do lado de fora, sob a janela, como um eco diligente, o débil grunhido do papudo redarguiu:

– Uuu! Ululu! Uuu-Ulululu!…

Mas em mim ele não despertava mais nenhuma inquietação. Um pobre imbecil, desprovido da mínima faísca de consciência – e nada mais!

Em seguida, me prepararei para dormir, com toda a rotina de um viajante acostumado a organizar sozinho seu próprio conforto em refúgios casuais, em qualquer hotel *Terminus* ao lado de qualquer estação ferroviária. Enfileirei as toalhas no espaldar da poltrona, o pijama, a redinha de cabelo, o sabonete, o enxaguante bucal. Lavei o rosto para me livrar do estigma humilhante do pavor, que me havia feito atravessar de viés a charneca.

Supervisionei todas essas minuciosas atividades, dignas de um verdadeiro maníaco, com uma vaidosa autossatisfação por ter conseguido tão rapidamente restabelecer a calma.

Instalado à pequena escrivaninha em roseira – decerto a escrivaninha da senhorita Aranka – de pernas esticadas e a nuca encostada no apoio da cadeira de couro, sorri para mim mesmo com desprezo e comiseração, recapitulando a vergonhosa corrida de obstáculos que, por sorte, privara-se de espectadores.

Até então eu não sabia o que era medo. E tudo aquilo acontecera em uma erupção inesperada, agitando, na mais escura profundeza do meu ser, ignotas fraquezas desonrantes, assim como um terremoto no fundo do oceano traz à tona peixes desconhecidos e monstruosos, ofuscados pela luz e estourando de imediato de barriga para cima, uma vez longe da pressão das águas abissais.

"Mas agora não dá mais!" – proferi em voz alta e, ao mesmo tempo, pensei comigo mesmo que falava em voz alta para me encorajar.

Descontente com tal descoberta, peguei a vela de chama brincalhona, tirei-a de um lado da escrivaninha e a coloquei no outro.

Mas como é que eu não tinha percebido? Excelente velho criado, domesticado para prever todos os desejos de seus senhores, mesmo que estivessem de passagem por um único dia! Micloş havia deixado, por iniciativa própria, sem que ninguém houvesse exigido, uma garrafa de vinho com um copo ao lado. E na mesma hora compreendi, pela camada intacta de poeira e pela teia de aranha, que não se tratava de um daqueles vasilhames trazidos pelo advogado doutor

Silvestru Hotăran, mercadoria popular de mercearia, mas de uma bebida antiquíssima, das catacumbas subterrâneas do castelo. Maravilhosa companhia de solidão e elixir ainda mais maravilhoso para valentias hesitantes.

Só então me senti suficiente e verdadeiramente corajoso para enfrentar a noite.

Abri a garrafa com prudência para não perturbar o licor de âmbar. Ao verter a bebida no copo, todo o quarto foi invadido pelo aroma da folha de nogueira. Tokay! Irmão mais velho do nosso Cotnari de Dealul lui Vodă, Dealul Cătălinului e Paraclis, de nobreza ainda mais antiga que a dele…

Segurando a haste longa e delgada, ergui a taça em brinde à anfitriã hospitaleira e ausente, com o rosto voltado para o retrato da senhorita Aranka. Suplicando-lhe, claro, perdão por minhas maneiras plebeias.

O retrato, vivo, me respondeu com um começo de sorriso indulgente, sorriso que não decidia ser sorriso.

Eu disse: *vivo!* Estava realmente *vivo*.

O pintor, que concentrara todo o fluido vital nos olhos verdes e negros e dourados e lilás, como se fossem olhos mutantes de leopardo, resolvera todas as dificuldades do modelo extremamente inquieto, atirando o véu transparente, quase imperceptível, de uma sombra verde azulada, por cima do rosto e do vestido branco. Era possível adivinhar que aquela luz havia sido escolhida de propósito, filtrada pelo desenho de um vitral ou refletida pelas folhas largas e luzidias de uma planta exótica de estufa. E esse recurso do insuperável mestre dava uma vida alucinante à imagem da tela. Dir-se-ia que, se o rosto do quadro se movesse, em seguida todas aquelas sombras translúcidas começariam a dançar, como uma criatura se movendo de verdade.

Só os olhos me perseguiam imóveis, dotados de uma recordação irônica e daquele começo de sorriso, mais inquietante e mais vivo que um sorriso pleno.

Consumi duas taças, três… Sorvendo aos poucos o aroma, formado ao longo de sabe-se lá quantas décadas. E com cada uma delas dediquei um brinde à senhorita Aranka. Aproximando-me mesmo, erguendo o copo sob suas narinas, com um atrevimento ao qual não era alheio aquele licor das célebres adegas de Tokay.

O sorriso indeciso me parecia tão desafiador quanto uma ofensa. Vulgar, nos meus brindes em voz alta, exigi que me revelasse o segredo da partida sem retorno e do fantasma em que só idiotas podiam acreditar.

Os olhos me fitavam enigmáticos, frios e desdenhosos. Com uma frieza ardente, como aquelas gotas de líquidos gelados que derretem uma placa de chumbo mais grossa que a palma de uma mão.

No intuito de me livrar daquele olhar, virei-lhe as costas e me sentei de novo à escrivaninha em roseira, trazendo para mais perto a garrafa já esvaziada pela metade.

Empurrei a pasta de couro, com inscrições douradas em inglês – terá decerto pertencido à senhorita Aranka, e sido trazida na sua mudança do internato. Meus dedos brincaram em meio às páginas porosas de mata-borrão… Uma carta! Uma carta inacabada, apenas algumas linhas interrompidas. E ainda por cima em romeno! À luz trêmula da vela, pude ler:

Querida Mioara,

Escrevo-lhe por intermédio de um mensageiro. Em cinco dias o regimento seguirá para Budapeste, junto com toda a divisão. Não se preocupe. Estou bem de saúde, vigoroso, me preparando mais para um agradável passeio do que para uma guerra. Encontro-me agora aquartelado, junto com o batalhão, no castelo de um conde famoso. Um castelo mal-assombrado. Quando o intérprete me contou ontem essa história, ri muito e dei de ombros. Essa noite, porém, no quarto de onde lhe escrevo, um estranho acontecimento me obrigou a dar menos risadas. Imagine…

Aqui a carta se interrompia. Certamente era a epístola do oficial que, depois da primeira noite, havia desistido de continuar no castelo e ido dormir na barraca com os soldados.

Enquanto enchia mais um copo, perguntei-me que tipo de estranho acontecimento poderia ter inibido o riso do valente desconhecido que se preparava com tanto ardor para a guerra, como se saísse para um agradável passeio. O que o teria amedrontado, a ponto de fazê-lo deixar aquele quarto para se juntar aos soldados rasos? E o que o terá feito interromper a carta?

Com o último copo cheio na mão, ergui-me cambaleante para dedicar mais um brinde à dona daquelas glebas e rebentar na sua frente com impertinência, garantindo-lhe que pavores pueris não seriam capazes de me atingir.

Dei-lhe gargalhadas e ergui a taça em um longo monólogo.

Tomado por súbito patriotismo, parabenizei-a por ter, de maneira tão simples e despreconceituosa, escutado a voz do sangue – ela, neta do camponês Gheorghe Porumbacu e filha de Ana Porumbacu, de Racoviţa, perto de Sibiu. Com sentimento de cumplicidade, alegrei-me pelo fato de, contra a fidalguia e contra as extravagâncias aristocráticas, vinda do internato de Cambridge, ela não ter se tornado fruto degenerado de um maníaco da altura de um anão e de uma testa exagerada de gnomo, mas de saber ter sido simplesmente a neta e bisneta de uma estirpe humilde e digna de camponeses. Deles ela herdara o gosto de perambular, por ventos ásperos ou no calor do sol. Por eles respondera ao in-

vencível chamado das águas… Ela mesma, por impulso próprio, compreendera que tudo o que a rodeava e todos os rigorosos regulamentos que a tradição daquele solene e funéreo castelo a constrangia eram mentiras vãs.

Havia sido predestinada a ser filha das montanhas, em seu vilarejo, perto de Sibiu; tornara-se filha das águas; nada mais e nada menos!

Era capaz de reviver toda a sua história, participando de todas as peripécias apresentadas em detalhe pelos áridos elementos da papelada do advogado doutor Silvestru Hotăran! Fora sufocada pela vida monótona ao lado do velho dominado pela loucura da reencarnação. Ficara aborrecida com a vida pomposa e promíscua da capital abençoada pela cruz de São Gerardo Sagredo! Ela, que não vivia verdadeiramente a própria vida, a não ser quando pescava e caçava compenetrada, como uma genuína e rústica herdeira da Natureza!…

Verdade seja dita, eu compreendia muitíssimo bem como ela, desenraizada e nascida como era de um amálgama de sangue ainda irreconciliado, exausta daquele ambiente limitado e entediante, procurara fugir de uma existência encarcerada para chegar a qualquer outro lugar do mundo, onde o sol luzisse mais forte e o céu tivesse menos miasmas…

Eu não tinha o que temer. Que mal ela poderia me desejar, justo eu que só agora a compreendia com certeza como mais ninguém, eu que com tanta tranquilidade a homenageava brinde após brinde?

Cambaleante, com a mão apoiada no encosto da cadeira, virei o copo garganta abaixo. Recordando a tradição dos magnatas ao brindar, atirei com atrevimento a taça vazia, estilhaçando-a em cacos. À eclosão do cristal quebrado em centenas de lascas, tive a impressão de notar um sobressalto ofendido no olhar de senhorita Aranka, que se tornou severo.

Coisa que, de imediato, me indignou.

Com uma volubilidade que nem daquela vez era alheia à garrafa de Tokay, passei subitamente do enternecimento e admiração de poucos instantes atrás para o mais amargo escárnio.

– Molestam-na minhas maneiras plebeias, nobre senhorita? – perguntei com insolência. Terá despertado em suas veias mestiças o sangue dos condes cruzados? Estará sorrindo de nojo e de compaixão?… Haha! Talvez esteja pensando que só o vinho é quem está falando?… Como se engana, nobilíssima condessa de tela e tinta. Estou lúcido. Nem este castelo consegue me impressionar, habitado por fantasmas e armaduras enferrujadas! Nem o seu sorriso, pretensamente enigmático e que pouco me importa! E para provar que pouco me importa, veja bem, vou escolher um livro da biblioteca do seu maníaco pai e vou ler sossegado,

até adormecer, como em qualquer hotel de qualquer lugar! Está sorrindo? Pode sorrir quanto quiser, cromolitografia a ser vendida amanhã no leilão!…

Gesticulava enquanto falava, com os olhos embaciados pelos vapores do vinho, diante do retrato alvo e imóvel. O olhar da senhorita Aranka respondia indiferente, com o brilho gélido e ardente de seus olhos verdes e negros e dourados e lilás – e com o mesmo início de sorriso que continuava indeciso em se tornar um sorriso completo.

Peguei o castiçal e, obrigando-me a manter a verticalidade, entrei de cômodo em cômodo, até chegar à biblioteca, para manter minha palavra. Escolhi um livro, dois, três… Aquele silêncio negro e embolorado da cripta de livros em que o conde dominado pela insânia celebrava suas liturgias ocultistas deixava-me, agora, perfeitamente indiferente. A fim de melhor pôr o meu sangue frio à prova, pus-me a assobiar, com volúpia maldosa e sacrílega, um refrão de cabaré.

Retornei com os livros debaixo do braço, chocando-me contras todas as portas e tropeçando nas soleiras. Haha! Bem-vindas fossem todas as assombrações do mundo, que dançassem ao meu redor o mais devasso sabá e eu daria risada na cara de todas elas, sim, todas…

Desnorteado, atirei as roupas sobre o encosto das cadeiras e sobre os tapetes; coloquei a vela e os três livros de capa dura em cima do criado-mudo. O silêncio tinia nos meus ouvidos, minhas têmporas ferviam de febre, incandescentes. Abri a janela para permitir a entrada do frescor da madrugada e, só então, cuidadosamente, me enfiei sob as cobertas. Com um borboletear dos dedos, irônico e arrogante, desejei boa noite ao retrato da senhorita Aranka.

Seus olhos me fitaram com a compaixão fria e desdenhosa de sempre.

E desde as primeiras páginas minha intenção foi a de mergulhar no livro e seu universo centenário, pois se tratava do terceiro tomo das confissões de Santo Agostinho: *Je tombai donc, chez des hommes orgueilleusement délirants, et charnels excessivement et grands parleurs, dans la bouche de qui étaient les lacs du diable et un glu composée d'un mélange des syllabes de ton nom et du Seigneur Jésus-Christ et du Paraclet notre consolateur l'Esprit saint. Ces mots ne quittaient pas leur bouche, mais seulement le son et le bruit de la langue; et d'ailleurs un coeur vide du vrai. Et ils disaient: Vérité, et Vérité!…*

A cada página que virava, eu sem querer erguia o olhar na direção do olhar da senhorita Aranka, pois sentia que ela me observava incessante.

As frases dançavam, desmanchando-se e misturando-se; o sentido das palavras se desfazia, escorregando da minha mente. Sua firme presença atraía o meu olhar de maneira hipnótica.

E aquele início de sorriso se apresentava cada vez mais incisivo; provocação demoníaca.

– O que você quer? – levantei a voz e me virei, apoiando-me no cotovelo, curvado apenas sobre as páginas do livro a fim de evitar seu rosto e seu olhar. Não sou Tivadar Vágo, oficial desertor e revolucionário, nem o tenente romeno covarde, que fugiu para não enfrentá-la, nem o criado imbecil que morreu afogado. Não tenho medo de fantasmas, nem consegue me seduzir esse sorriso infame de donzela desmiolada…

Falava – mas sem erguer o olhar para conferir se estremecia aos meus insultos.

Ergui-o mais tarde, quando uma neblina se interpôs entre o livro e meus olhos. Todo o aposento havia sido invadido pela névoa.

O miasma leitoso do pântano, que penetrara imperceptível pela janela aberta. A chama da vela diminuíra, embaçada. Os objetos se tornaram vagos, diluídos, distantes, imateriais – apenas os olhos do retrato faiscavam fosforescentes, como os olhos de topázio dos felinos, à noite, nos arbustos.

– Eis, então, que cenografia! – gargalhei, com toda a artimanha de um filme de mistério! Que tipo de imbecil você conseguiu enganar até agora, para achar que, de novo…?…

Os olhos cintilavam fosforescentes, perfurando a névoa opaca, zombeteiros e sobrenaturais.

– O que você quer? – repeti sem poder me controlar, sentado na cama, erguendo o livro de capa dura.

Ergui-o e o atirei com toda a força.

A chama da vela crepitou e apagou.

A escuridão me engoliu; uma escuridão suja e leitosa, visguenta, de neblina. Apesar disso, acertei em cheio: os olhos fosforescentes não brilhavam mais lá em cima, estavam agora na minha altura, acendendo e apagando na escuridão, assim como brilham intermitentes os olhos das feras noturnas.

Estavam na minha altura; o retrato, portanto, caíra.

Sossegado, tateei sobre o criado-mudo a caixa de fósforos, que eu me lembrava de ter colocado junto ao castiçal. Tentei acender um fósforo, e mais outro, e mais outro. O papelão úmido e a extremidade úmida dos fósforos não produziam faísca. Tentei até o último fósforo antes de atirar ao longe a caixinha inútil, amaldiçoando-a.

Ao erguer o olhar, os olhos fosforescentes não estavam mais lá: cintilavam junto à porta.

Precipitei-me pela escuridão violeta para pegar no quadro que deveria ter caído: a moldura estava intacta e fixa na parede, mas minha mão não encontrava a tela – no interior da moldura pude sentir apenas a parede áspera e vazia.

– O que significa essa loucura? – gritei, virando-me.

As pupilas fosforescentes, esverdeadas e douradas, piscavam agora em outro lugar: em frente à janela banhada pela luz leitosa. Pulei para apanhar as luzinhas diabólicas e, nisso, elas saltaram para o lado. Meus olhos, ora acostumados à escuridão, vislumbravam um vestido branco, aderido à parede, encarando-me. Precipitei-me de novo em sua direção, e ele de novo escapou às minhas mãos.

– Comigo essas coisas doidas não funcionam! – ofeguei com teimosia, chocando-me, em meio à escuridão, contra cadeiras e outros objetos, tropeçando em roupas e esticando os braços como se brincasse de cabra-cega, tentando capturar o fantasma mordaz.

De maneira que teve início a mais insana das perseguições.

Os olhos cintilavam por toda parte, e meus braços esticados eram incapazes de alcançá-los.

Ao lado da porta, do outro lado da escrivaninha, entre mim e a cama, próximos, porém inatingíveis, meus braços que tentavam abarcar o vulto branco capturavam apenas vácuo.

Arfava no escuro, detinha-me para calcular um salto; o fantasma de olhos fosforescentes também se detinha com seu brilho inabalável e, sempre que me atirava, batia com os dedos na parede, com as mãos em pontas de ferro, com as têmporas nas portas.

Por um instante agarrei sua mão e a mão se desfez no meu aperto sem qualquer esforço, para que em seguida aqueles olhos dessem risada de minha cara com sua luz ofuscante, fria e sobrenatural.

Talvez toda aquela insensatez houvesse durado apenas cinco minutos, talvez uma hora.

Minha teimosia era para provar – provar a quem? – que não tinha medo algum e que não desistiria até desvendar, com minhas próprias mãos, o absurdo daquela aparição.

Detive-me para secar, com o dorso da mão, a testa molhada e febril; os olhos de frio ardor se detiveram também, junto à porta. Precipitei-me sobre eles, palpitando como um touro ofuscado por um jato de sangue que me invadia o cérebro; o vulto branco se insinuou pelo corredor, desmanchando-se e parando no canto mais escuro, à minha espera. Caí, levantei-me, prossegui tateando pelo breu, conduzido apenas pelo faiscar dos olhos.

E depois em outro cômodo, e mais outro, e mais outro, escada abaixo, na sala de armas.

Detinha-se quando eu me atrasava; saía correndo quando eu me aproximava.

Enquanto meus pés descalços se contraíam sobre a gélida ardósia, por uma fração de segundo me dei conta de minha bizarra e alucinada figura, desvestido, percorrendo corredores negros atrás de um vulto, atrás de uma assombração que havia ridicularizado uma noite antes, alguns instantes antes, seguro de mim, mas era ela agora que dava risadas de mim… Nada no mundo, porém, poderia me deter. Queria ver, queria saber até que ponto chegaria, queria comprovar… Comprovar o quê?

Parou encostada em uma armadura. Precipitei-me de braços abertos sobre ela, a fim de agarrá-la junto com a armadura. O homem de ferro despencou sobre a ardósia, com um estrondo que ecoou retumbante em todas as salas do castelo vazio; porém o vulto, intacto, me aguardava na porta de entrada. De novo me despenhei em sua direção, para o lado de fora.

Que lua podre se entrevia por entre nuvens mórbidas, que luz macilenta!

De esguelha vislumbrei o fantasma no alto, na direção do céu e, de repente, ao baixar o olhar, reencontrei-o, como não poderia deixar de ser, com seus olhos fosforescentes. Estava me esperando, na extremidade do castelo; desviou para o outro lado, para o parque pantanoso.

A lua cobriu a face com uma nuvem violeta; a escuridão do céu se tornou de súbito densa e opaca.

Mas não só a escuridão do céu. Pois, do lado de baixo, o parque em toda a sua extensão, pleno de esqueletos retorcidos e tombados de árvores, iluminou-se estranhamente ao matiz embolorado dos miasmas.

Uma bruma espessa e esverdeada, em que bailavam sementes de chamas envoltas em algodão.

Por um único instante pude me deter, enfeitiçado, para contemplar aquela luz fantástica, pois de imediato o vulto pôs-se a se movimentar à minha frente, bem perto, como se quisesse recordar-me de minha decisão e me afastar de qualquer tipo de hesitação. Não estava ali, afinal, para admirar um espetáculo! Meu dever era outro. E voltei a correr atrás do lépido vulto, alvo e zombeteiro, por entre as luzinhas que se acendiam e se apagavam sopradas pelo vento, que corriam junto conosco, que nos ultrapassavam e que transmitiam a luz de uma para outra, milhões de candeias amareladas, azuis, verdes e vermelhas e todas as cores do arco-íris.

O fantasma parava e dava voltas só para me esperar. Nesses momentos, as duas luzes fosforescentes e inabaláveis pareciam estrelas da manhã soberanas das constelações que aqui embaixo bailavam.

Apenas aqueles olhos permaneciam frios em sua fixidez, enquanto toda a multidão de luzes intermitentes dos charcos corria de chama em chama para se aproximar e lhes preparar um tapete de vagalumes.

Desenterrava os pés descalços afundados no lodo fermentado e me apressava. O vulto flutuava imaterial à minha frente, passava pelos troncos tombados, corria acompanhada por todas as chamas dos miasmas que chispavam junto conosco.

Chegamos até o muro; antes de atravessar para o outro lado, olhei uma vez para trás.

Todas as luzes de há pouco haviam se apagado.

Era possível apenas observar, no meio da escuridão, áspera como um pano cru, o castelo Kemény, banhado em um brilho amarelado e sulfuroso; luz que não vinha de lugar algum, e que estava mais para um suor satânico emanado pelas paredes curtidas de umidade e bolor.

A sombra alva, movimentando-se na minha frente, com seus olhos de ardente frieza, instigou-me impaciente:

– "Vamos! Está esperando o quê? Para onde está olhando?"… E, em um serpenteio, ela se insinuou para trás do muro, onde o pântano se estendia ilimitado, iluminado pelo pulsar dos lampejos gasosos.

Por baixo da sola dos pés, no lodo repulsivo, sentia criaturas viscosas se enrolando em torno dos dedos, sacudia rapidamente o pé, enojado, e corria, corria, saltando por sobre poças negras d'água, pisando em chamas que se apagavam de pronto, enroscava-me em raízes nodosas que me agarravam.

E, de repente, o susto sufocou minha respiração.

Mais uma pessoa vinha correndo de trás.

– Uuuu! Ululu! Uuuu! Ulu-lu!

Era o papudo, com seus braços compridos, com seus passos difusos, que se aproximava assobiando a respiração pelo seu fole de carne, berrando…

– Uuu! Ululu! Uuuu-Ululu!

Com toda a força que ainda tinha, comecei a correr com mais desespero; perseguindo o vulto branco à minha frente e, por trás, perseguido por aquela besta humana, que não sabia o que queria e por que corria.

– Uuu! Ululu! Uuuu-Ululu!

Seria contagioso o asselvajamento? Teria despertado em mim algo dos ancestrais lacustres? Não sei; vi-me, porém, disparar como um louco, berrando também, ainda mais alto, como se disputasse com o papudo miserável e idiota.

– Uuu! Ululu! Uuuu-Ululu!

Imitávamo-nos um ao outro e disputávamos uma corrida; enquanto corria, virava a cabeça para trás, pois sentia sua respiração rouca vinda de trás; saltava com mais ímpeto e berrava mais animalesco:

– Uuuuu! Ulululu! Uuu-Ululu!

Nenhum obstáculo me detinha. Nenhuma repulsa. Por vezes, o pé afundava até o tornozelo, gotas de abscesso respingavam no meu rosto e nos olhos, sentia na boca o gosto acerbo e repulsivo das podridões fermentadas, minha pele ardia aos cortes das folhas da espadana e talvez às mordidas de bichos visguentos; nada, porém, me detinha, fera solta dos primórdios dos tempos. Éramos dois correndo atrás da assombração das águas e, de ambos, o mais próximo da animalidade não era o papudo.

– Uuu! Ulu-lu! – ele gritava, atrás de mim, girando as patas gigantescas de gorila.

– Uuu! Ululu! Uuuu-Ululu-urru! – respondia eu com mais gana, com uma voz que me era desconhecida e que mesmo assim não me parecia suficientemente feroz.

De súbito o fantasma branco estacou, tão inesperado, que, incapaz de deter minha corrida, atravessei seu vestido imaterial.

Quis voltar, ver onde havia se desmanchado, onde estaria agora dançando atrás de mim, atraindo-me, como fizera até o momento. Algo então despencou sobre a minha cabeça, fazendo meu crânio estalar; todas as luzes que bailavam no lago se apagaram de repente, e eu caí com o rosto virado para o lodo viscoso.

Entrementes reuni minhas últimas forças para girar a cabeça e tirar, da lama acre e macerada, o rosto, as narinas e a boca, a fim de preservar a respiração. Com isso, pude também ver como o papudo saltou por cima de mim e continuou seu trajeto, brandindo os braços com seu urro triunfal, solitário e vitorioso:

– Uuuu! Ululu! Uuuu-Ululu-uuu!

*

Uma luz tênue, de um crepúsculo lívido, cobria o fundo do oceano. Os corais, com seus braços de castiçal floridos, se espalhavam como uma floresta esplêndida na profundeza sufocante das águas. Peixes compridos como lanças pas-

savam como flechas, peixes da largura de uma bandeja se detinham com seus olhos fixos e arregalados. Estrelas-do-mar, gigantescas, faziam girar seus cinco braços como a rosa dos ventos. Criaturas transparentes desciam lentas, balançando sinos sem som. E havia também caranguejos enormes e bigodudos, animais desconhecidos, de todas as cores, tremelgas-marmoreadas descarregando correntes elétricas que faziam a água estremecer, polvos trançando os braços repulsivamente, pulsando ao bombeamento borbulhante de seu liquido, vermes, crustáceos, moluscos e demais bichos monstruosos e fantásticos das profundezas; uns mais divinos que os pássaros e as flores do paraíso, outros mais repugnantes e horrendos que as quimeras dos pesadelos, passavam todos em uma procissão sem fim, uns caçando outros, uns se escondendo de outros, uns correndo atrás de outros, entrelaçando-se em pavorosos espasmos.

O ar do cano da roupa de escafandro diminuiu, sufocando minha respiração.

Sem isso, eu não teria dado o sinal para me puxarem para cima, para me despedir, com tristeza, do mundo mágico das profundezas. O refletor forte da lâmpada elétrica desenhava sulcos luminosos, esquadrinhando cantos de rocha em que se escondiam, debaixo das algas, outras criaturas desconhecidas – prometi para mim mesmo que retornaria no dia seguinte, descansado, para uma nova exploração.

Agora a corda me levantava aos balouços, com os pesos de chumbo pendurados aos pés, deixando lá embaixo a trepidação multicolorida da floresta mágica de corais.

A água se tornava mais diáfana e mais luminosa.

Só se via como se mexiam as lançadeiras dos peixes.

Mais rápido!

Sacudi o sinal da campainha para que me guinchassem mais rápido, pois minhas têmporas já tiniam e, dentro da roupa de aço, abria a boca, sufocado, como os filhotes de camundongo debaixo dos recipientes de vidro dos aparelhos de produção de vácuo, nos laboratórios.

O que havia sido aquilo?

A subida se interrompeu. Toda a luz foi obstruída por um polvo enorme, que esticou seus múltiplos braços com ventosas nas extremidades para me envolver, cingindo-me tão forte que fez estalar a roupa articulada de metal, fitando-me com seus olhos arregalados de cabeça sem rosto e que, em um único golpe, arrancou o cano pelo qual o ar escapou, permitindo que a água assassina borbulhasse: Uuuu-ululu, Uuuu-ululu!

Contorci-me sem forças, com as veias estourando e a respiração suspensa; aqueles olhos imensos e imperturbáveis, praticamente em cima dos meus, me

fitaram com atenção, com uma cruel e satisfeita curiosidade – e o polvo deu risada, deu risada com voz de gente.

Em um último gesto de esperança, tentei afastar o viscoso abraço. Os tentáculos se desprenderam; permaneceram apenas os olhos inclinados sobre a minha testa, arregalados e vítreos. Implorei-lhes piedade. Não tinha vindo até ali com nenhuma má intenção. Jamais quis importunar o império das águas. Fora simplesmente uma cândida e humana curiosidade… Jamais voltaria, jurava!

Os olhos se aplacaram, inclinados ainda com a mesma atenção, no mesmo intuito de perscrutar o meu olhar, dessa vez, porém, sem qualquer maldade cruel. Cada vez mais próximos, mais atentos e por mais tempo, até se transformarem nos olhos amarelados por trás dos óculos com lente convexa e armação de tartaruga do advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran.

– Ufa! Graças ao bom Deus posso vê-lo de volta à consciência! – suspirou, aliviado, o advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran, endireitando com dificuldade os quadris e apertando minha mão, esticada inerte sobre o lençol branco.

Tentei sorrir, ainda sem entender onde me achava.

Girei os olhos: paredes brancas enceradas, uma janela comprida sem cortina, uma cama de ferro e, acima, sobre a cabeceira, uma ficha de observação.

Portanto, um quarto de hospital.

Como é boa e suave a luz quente e ondulante que atravessa a janela! E os cravos em cima da mesinha de metal, que aroma divino!

Quis me mexer entre os enormes travesseiros. Nem os braços, nem o corpo se sujeitaram.

O advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran me contemplou com um encantamento materno, esfregando as mãos troncudas e peludas.

– Oh! Merece uma surra por ter-me pregado esse susto, foi só ficar sozinho! – censurou-me com bondade enquanto meneava, ameaça inofensiva, o indicador curto e grosso, parecido com uma salsicha.

– Quem poderia ter imaginado?… Que besteira… Nem eu sei… gaguejei, inocentando-me e tentando, mais uma vez, virar-me de lado.

– Agora se acalme! Ordenou, sentando-se ao meu lado, na beirada da cama. Tudo está bem quando acaba bem… E tudo acabou melhor do que imaginei. A única vítima foi você… Mas, agora, vendo que sua crise já passou, posso dizer que me trouxe muita sorte. Pagou caro, quase com a própria vida, mas, meu caro senhor, você acabou decifrando um enigma… Esclareceu uma controvérsia jurídica que poderia ter produzido ainda mais problemas…

– Não compreendo, disse.

O advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran pousou sobre o meu ombro a palma de sua mão do tamanho do casco de uma tartaruga, em um gesto de boa-vontade amistosa:

– Tenha um pouco mais de paciência e já vou lhe contar. Agora você não deve se cansar… O médico lhe recomendou repouso…

– E você acha que vou conseguir repousar se não me contar agora?… Vou ficar pensando o tempo todo… Farei todo tipo de suposições! – teimei, mal tendo retornado à consciência e de novo dominado pelo demônio da curiosidade. Ao invés de dormir ou de pensar em nada, vou me atormentar para descobrir… A isso você chama de repouso? – insisti, observando que a firmeza do doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran começava a vacilar.

Pôs-se de pé, mediu várias vezes o quarto, de comprido e na largura, com passos demorados, de mãos para trás; lançou um olhar pela janela, virou-se.

– Aliás, talvez seja melhor! Disse, detendo-se e arrastando uma cadeira para se sentar à minha frente. A história toda é curta… Há duas semanas, quando o encontrei…

– Há duas semanas?… – perguntei e, de imediato, meu olhar procurou o calendário na parede.

De fato: 29 de agosto… Fazia duas semanas que eu estava ali deitado, inconsciente.

– Há duas semanas, retomou o advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran, quando o encontrei caído naquele pântano miserável, depois que o trouxe para cá, em Cluj, para deixá-lo aos cuidados dos médicos, voltamos para proceder a uma investigação detalhada… Junto com as autoridades, claro. E não nos enganamos. Descobrimos, a poucos passos de onde você havia caído, enterrado na lama e em decomposição, o corpo da condessa Aranka Kemény… Foi fácil estabelecermos a identidade… Pelo anel do dedo, pela carabina ao lado, pelo que mais se pôde reconhecer do vestido apodrecido… Mais difícil é estabelecer como teria chegado até ali… Conforme a opinião do inspetor, ela teria morrido afogada e seu corpo teria afundado sozinho no pântano com o passar do tempo. Teria se afogado por acidente, suicídio, assassinato? Isso, meu caro senhor, ninguém nunca conseguirá descobrir. Por medida de precaução, Gyula, o papudo, foi preso… Mas é um coitado; não se pode arrancar dele uma única palavra, é mais besta que os quadrúpedes do curral… Foi preso por ser irmão do antigo tenente Tivadar Vágo e por adorar, segundo o relato dos criados, com os sentimentos de que era capaz, a própria patroa… Pensei com meus botões que, enciumado talvez com os poucos passeios inocentes da condessa Aranka em

companhia de Tivadar Vágo, sua mente limitada e insana tivesse concebido a ideia do crime… Mas são apenas suposições. O fato é que a descoberta descartou o último entrave. Como bem sabe, em matéria de herança, a data do óbito é da maior importância. Caso se comprovasse que Aranka morrera depois do conde Andor, então, seus herdeiros ascendentes, isto é, parentes de Ana Porumbacu, Gheorghe Porumbacu e assim por diante, poderiam exigir sua parte. Em outras palavras, todo tipo de complicação. Agora as coisas ficaram mais simples: o último falecido, em ordem cronológica, foi o conde Andor, que, tendo morrido sem deixar testamento, deixou só os meus clientes como herdeiros legais… Assim sendo, graças às suas peripécias, foram descartadas as últimas dificuldades jurídicas. Posso dizer que lhe devemos toda a nossa gratidão.

– Obrigado! – interrompi seco, sem entusiasmo, ao saber do prosaico desenlace das peripécias sobre as quais nunca ninguém nada saberia.

Permaneci calado por alguns instantes, de olhos fechados, revendo o fantasma branco e lépido da senhorita Aranka que, agora compreendo, procurava o descanso de um túmulo cristão e, por isso, atraía as pessoas para redimi-la da podridão do charco.

Em seguida, mais por educação do que por curiosidade, perguntei:

– Mas e o castelo? E a biblioteca? O leilão aconteceu?

– Oh! Sim! – respondeu, esfregando as mãos com uma satisfação refreada, o advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran. Tudo correu melhor do que eu esperava.

Inclinou-se para me segredar, em voz baixa:

– Pus um testa de ferro para leiloar duas mil jeiras de brejo. Arrematei-as por uma ninharia. Nenhum outro comprador se apresentou mesmo. Quem é que se interessaria por duas mil jeiras de brejo, junco e charco?… É um ninho de mosquitos e de febre palustre. Mas agirei de maneira sistemática. Irrigação, canalização… Depois de cinco anos de trabalho, aquilo vai valer ouro… E minha consciência está leve: fiz um lance, pois ninguém havia se apresentado. Não está certo, meu caro senhor?

À guisa de resposta, meu olhar pousou ostensivo sobre o copo vazio no criado-mudo; com marcas gordurosas e opacas de dedos. "Exatamente, límpido como esse cristal!" – pensei comigo mesmo, recordando o episódio de duas semanas atrás, no que o advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran, acompanhando meu olhar, compreendeu o que se passara pela minha cabeça, apesar do meu silêncio, pois enrubesceu, demonstrando sutileza na leitura de pensamentos ocultos, coisa que eu jamais teria esperado de sua parte.

– E os livros? A biblioteca? – indaguei, só para abrandar o embaraço daquela censura sem palavras.

– Ah! Os livros! – disse, entusiasmado, o advogado doutor em ciência jurídica. Imagine, caro senhor, que tive a maior das surpresas. Temia que ninguém se apresentasse. Mas apareceu um judeu, livreiro em Peste, que já conhecia a biblioteca toda. E lançou uma oferta inesperada: dez mil pengö… Mas não deixei de me lembrar de você, caro senhor: pedi a ele antes permissão para escolher pelo menos uma centena de volumes para você…

E ele mesmo me ajudou na seleção, todo muito gentil e solícito. Veja só! – disse-me, mostrando-me, ordenados no chão, encostados na parede, uma fileira de livros, feliz como quem houvesse preparado uma grande e agradável surpresa.

Fiz menção de me soerguer apoiando-me no cotovelo, o olhar ávido.

– Por favor, mantenha-se em repouso! – segurou-me no lugar o advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran, com aquela mão do tamanho do casco de uma tartaruga. Vou trazê-los até você, um a um, para que os possa ver…

E ele carregou os livros, um por um, limpando com o lenço desembrulhado a poeira das capas de couro, à espera de minhas interjeições de surpresa e gratidão, com a mansidão de um avô que houvesse engendrado o mais inesperado presente para o neto.

Eram só livros de ocultismo, magia, espiritismo e reencarnação, todos eles novos, de trinta ou quarenta anos atrás, selecionados em função de seu aspecto mais chamativo, com encadernação moderna e dourada. Todos eles valiam, para mim, menos do que seu próprio peso na balança. Não constava entre eles, perdido por engano, nem ao menos um daqueles volumes raros e preciosos. O livreiro "solícito" de Peste não havia oferecido em vão o seu conhecimento para se juntar à ignorância do advogado procurador. O doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran, que esperava encantado a minha reação, ficou de certa forma surpreso com o meu demasiado débil entusiasmo.

– Quer dizer que pela biblioteca inteira ele ofereceu dez mil pengö?… Quanto custam dez mil pengö em moeda romena? – perguntei, fitando o teto, onde se desmanchava meu vagão quimérico de livros: uma fortuna.

– Quase trezentos mil lei! – respondeu rápido e triunfante o doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran. Teria ficado muito satisfeito, segundo minha avaliação, com cinquenta mil lei; mas ele deu trezentos mil… Um maluco!… Não ficarei espantado se souber que em breve terá ido à falência…

– Doutor, doutor! – pronunciei em tom amargo… A biblioteca do conde Kemény valia, tranquilamente, entre cinco e seis milhões… Havia ali livros que serão vendidos, cada um, a dez mil pengö ou mais.

O advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran me fitou ressabiado através de seus óculos convexos. Em seguida, balançou a cabeça e se aproximou para arrumar o lençol branco, puxando-o até a altura do meu queixo:

– Eu não devia tê-lo cansado… Bem que o médico disse. Ainda está com febre. Vamos pôr o termômetro...

memória

(n.t.)|Diepkloof

CARTA A UMA ILHA

STIG DAGERMAN

O TEXTO: Publicado em 1948, o romance epistolar *Bränt barn* (*A criança queimada*), de Stig Dagerman, foi escrito durante sua estada na França, em 1948. Realista e psicológico, narra a história do jovem Bengt e seu pai, cuja mãe morreu recentemente, ao passo que o pai começa a se envolver com outra mulher. Bengt se revolta contra esse relacionamento, acusando o pai de não respeitar a mãe morta, e tenta impedir a nova mulher de tomar o lugar de sua mãe, ao mesmo tempo que se sente atraído por ela. Esta tradução apresenta três capítulos do livro: "Brev till en ö" ("Carta a uma ilha"), "Brev till fadern från sonen" ("Carta do filho ao pai") e "Ett sönderrivet avskedsbrev" ("Uma carta de despedida rasgada"), publicados na tradução lusitana de Irene Lisboa, em 1958, *O Vestido Vermelho* (Estúdios Cor, e depois, Antígona).

Preparação dos originais: Gleiton Lentz, da (n.t.).
Fontes consultadas: Em português: Dagerman, S. *O vestido vermelho*. Trad. de Irene Lisboa. Lisboa: Edições Antígona, 1989, pp. 142-147, 164-167 e 184-185. Em sueco: Dagerman, S. *Bränt barn*. Stockholm: Norstedts, 2010, s. 211-219, 245-250 och 274-276.

O AUTOR: Stig Dagerman (1923-1954), jornalista e escritor sueco, nasceu em Älvkarleby. Epítome de sua geração, após a Segunda Guerra sua obra teve grande acolhida com a publicação de seu primeiro romance, em 1945, *Ormen*, ao qual se seguiram três romances, uma coletânea de contos, cinco peças teatrais, centenas de poemas e ensaios jornalísticos. Sua obra é comparada a de Kafka e Camus, e aproximada do grupo de escritores suecos da década de 1940 conhecido como "Fyrtiotalisterna", por canalizar sentimentos existencialistas de medo, alienação e falta de sentido comuns causados pelos horrores da Segunda Guerra e da iminente Guerra Fria. Sua obra transcende o tempo e o espaço e continua a ser amplamente publicada na Suécia e no exterior. Suicidou-se no outono de 1954.

A TRADUTORA: Irene do Céu Vieira Lisboa (1892-1958), escritora, tradutora e pedagoga portuguesa, nasceu em Arranhó, Arruda dos Vinhos. Sua produção literária, bastante variada, que inclui poesia, conto, crônica e novela, se caracteriza por apresentar um núcleo intimista e autobiográfico que a unifica. A par de sua obra, em 1958 traduziu o romance sueco de Stig Dagerman, *Bränt barn* (vertido como *O Vestido Vermelho*). A tradução superou a passagem do tempo e continua a ser editada em Portugal, pela Antígona.

BREV TILL EN Ö

*"Det värsta är inte att han tror det är att leva.
Det värsta med hans liv är att han är nöjd med det."*

STIG DAGERMAN

BREV TILL EN Ö

Älskade!
Jag har gjort som vi kommit överens om och snart kommer jag till Din ö. Det var inte behagligt att göra det, men jag förstod ju att jag inte hade annat val. Det var svårare än jag trodde att göra en inkallelseorder. Att göra Ditt telegram var faktiskt mycket lättare. Jag tog förstås en gammal, skaffade bara ett nytt kuvert och en stämpel; besvärligast var det att ändra dateringen. Egentligen hade jag inte behövt göra så mycket besvär, för Knut knappast tittade på den. Han tyckte bara det var lite underligt, att jag blev inkallad just nu, men då jag påminde honom om de fyra veckors förkortning av tjänstgöringen som jag av studieskäl haft året före blev han övertygad. Jag kan försäkra Dig, att det känns mycket pinsamt för mig att behöva bedraga honom på det här sättet. Det är första gången i mitt liv som jag har förfalskat och så mycket är säkert, att jag aldrig blir en god förfalskare. Därtill är mitt samvete för känsligt. Så fort inkallelseordern tjänat sitt syfte brände jag upp den och blåste ut askan genom fönstret. Först då kändes det en smula bättre.

Men riktigt lugn blir jag nog först, när jag åter är hos Dig. Om jag ändå hade ord nog för att beskriva för Dig, vilket obeskrivligt lugn Du skänker mig, vilken betydelse Du har för mig och vilket omätligt värde mitt eget liv fått för mig genom Dig!! För första gången i mitt liv förstår jag, vad det betyder att verkligen ha en annan människa kär. Det innebär, att jag aldrig kan bli verkligt ensam, ty ständigt är Du i mina tankar. Vad jag än gör och

med vem jag än är tillsammans är Du hos mig. Om Du visste hur lycklig detta gör mig och hur lyckliga jag därigenom kan göra andra.

Som Du vet har Berit nu kommit tillbaka. Såsom vi har kommit överens om träffar jag henne tämligen ofta, mycket oftare än förut. Förhållandet mellan oss har blivit mycket bättre än det någonsin har varit. Jag irriteras inte längre av hennes ovanor. Då jag ju inte längre behöver känna mig bunden vid henne har jag heller inget behov av att såra henne som förut. Detta har faktiskt gjort henne ganska gott. Hon brister inte jämt och samt i gråt och har sällan huvudvärk. Naturligtvis tror hon att jag älskar henne som aldrig förr – och varför skulle jag inte låta henne tro det? Om man kan göra en människa glad och lycklig genom att bara låta bli att tala om precis allting man tänker eller gör, så ser jag ingen anledning till att man inte skall göra det. En helt annan sak är ju att direkt ljuga. Själv tar hon ju heller inte den minsta skada av att inte få veta det. Är det någon som tar skada skulle det vara jag, men jag är dock tillräckligt intelligent för att kunna skilja mellan verklig falskhet, som har till syfte att skada människorna, och en klok moderation av den så kalllade sanningen, som har till enda mål att underlätta livet för samtliga parter.

Du får förlåta mig, om det här blir ett längre och, som Du antagligen kommer att tycka, mer filosofiskt brev än dem Du annars är van vid, men saken är den att jag har känt, att det steg jag nu tar är så pass viktigt för mig, att jag verkligen måste analysera min situation ända till grunden för att vi bägge två skall kunna leva den tid vi har framför oss i lugn och ro. Du förstår, det finns ju ingenting som är så farligt som att inte veta, vad man gör. De flesta människor gör det ju inte, och därför blir det så ofta en ohygglig chock för dem, när de en gång tvingas att ge namn åt sina handlingar. I sin rädsla vid chocken förlorar de sedan varje möjlighet att klart se verkligheten sådan den är och upplever i stället en ren skräckbild av sin verklighet. Just därför är det så viktigt att i varje ögonblick av sitt liv vara klart medveten om vad ens handlingar innebär och kan få för konsekvenser. Därför ägnar jag mig också med nästan vetenskaplig lidelse åt analysen av våra gemensamma handlingar. Att bedraga andra ar inte vackert, men att bedraga sig själv är farligt.

Mycket av det Du sade sista gången vi träffades har jag sedan dess funderat över, inte minst den där frågan om huruvida jag visste vad jag gjorde. Naturligtvis vet jag det, ty annars kunde jag inte göra det. Endast när man vet vad man gör kan man göra något sådant. I själva verket finns det ingenting som är så bra som att veta vad man gör. Då finns det knappast någonting som man inte kan göra, jag menar utan att efteråt ångra det och

bli olycklig. Det som vi gör är ju en sak som alla gör, men de flesta utan att riktigt veta om det, därför att de inte vågar. Alma gjorde det. Knut har gjort det många gånger. Berit kanske inte har gjort det ännu; naturligtvis kommer hon att göra det. Jag är säker på att de flesta efteråt ångrar det och blir rädda. Jag kommer aldrig att ångra det. Därtill älskar jag Dig för mycket och därtill vet jag alltför väl vad det är jag gör. Vi som vet vad vi gör ar som schackspelare. Inte frågar vi bönderna vart vi skall flytta dem. Inte ens för drottningar har vi respekt.

Du sade också att Du ibland skämdes. Det kan jag inte förstå. Vi två har ingenting att skämmas över. De som älskar som vi är rena. Först nu har jag förstått vad renhet är. Det är att så gå upp i en känsla att den bränner sönder alla tvivel, all feghet och alla hänsynstaganden inom en. Man blir hel och stark. Man går rakt mot målet utan att tveka. Man blir också modig. Att vara ren är att kunna offra allting utom det enda som man lever för. Det är jag beredd att göra. Därför behöver jag inte skämmas. Människor som Knut däremot kan behöva det. Vad tror Du han skulle offra för kärleken till Dig? Ingenting! Inte en arbetsdag, inte en enda helhjärtad hänsynslöshet. Och tror du Alma var mindre liten, mera ren? Hon vågade ju inte ens älska så mycket att hon lät sin älskare komma tillbaka, inte en gång så mycket att hon vågade ljuga för mig.

Jag vill inte bli liten som de, så liten att allting man rör vid blir lika smått och fattigt. I hela mitt liv har jag avskytt dem för det, för att de inte vågade vara rena, för att de inte tordes göra någonting som var riktigt vackert. När jag ser på Knuts liv blir jag rädd. Jag vill inte förnedra honom inför Dig, men jag måste ändå säga Dig, att ett sådant liv som hans skulle döda mig om jag vore tvungen att leva det. Vad tror Du att leva är för honom? Ingenting annat än att vakna om mornarna, läsa en tidning, dricka en kopp kaffe, gå till verkstaden, laga en stol, äta frukost, laga ett bord, gå hem, köpa en tidning, äta middag, sova en stund, höra på radion, gå på WC, berätta en historia, svinaktig helst, gå ut, till en bio, till en säng eller ett kafé, se en film, klä av en kvinna eller dricka en pilsner, gå hem, klä av sig, snarka, vakna igen, dricka en kopp kaffe, läsa en tidning och gå till verkstan. Det värsta är inte att han tror det är att leva. Det värsta med hans liv är att han är nöjd med det. Det förfärligaste är att han tycker det skall vara så. Alla som inte tycker som han kan han inte förstå. När han inte kan förstå något säger han: Ursäkta mej, jag är ju bara en enkel möbelsnickare. Med nöd accepterar han att jag studerar litteraturhistoria och nordiska språk, accepterar det inte därför att jag blir andligen rikare genom det utan därför att han tror att jag därigenom skall bli i tillfälle att leva ett lättare liv än han. *Lättare men inte annorlunda*. I grunden

är det ju samma liv han vill ge mig. Jag skall bara ha dyrare underkläder, stiga upp ett par timmar senare, läsa en annan tidning, sitta i en kateder i stället för att stå vid en verkstadsbänk, äta en bättre frukost, äta en dyrare middag, gå på Operan i stället för på bio, ha fyra rum i stället för två, hembiträde och radiogrammofon. Kan Du förstå, att det äcklar mig? I hela mitt liv har jag, mer eller mindre medvetet, sökt efter en livsmöjlighet som inte är lik hans, som är renare, som är hänsynslösare och hetare, som kräver mera, som bränner farligare, som skänker allt utom den slappa lyckan.

Det är viktigt för mig att säga det här. Framför allt är det viktigt att säga det till Dig. Varför? Därför att jag genom Dig tror mig ha fått denna möjlighet till att leva rent. Nu vill jag offra allt: mina studier, min saknad efter mor, min fars förtroende, min fästmös tillgivenhet för det enda som jag finner är värt att leva för: kärleken till Dig.

Du undrar om jag inte har försökt göra det förr. Du frågar varför jag har väntat så länge. Jag har försökt, men jag har inte lyckats. Jag kan tala om varför. Men först skall jag tala om, vad jag har försökt med. När jag var sjutton år tog Knut mig med till ett socialistiskt möte. När mötet sjöng »Internationalen« fick jag tårar i ögonen. Jag tyckte mig upptäcka en oerhörd, allt annat överskuggande känsla av samhörighet och kampglädje hos alla dem som sjöng. Det var naturligtvis en illusion, det var min egen rörelse som kom mig att idealisera hela sångscenen, men detta upptäckte jag inte förrän långt senare. Hela vägen hem fortsatte sången att sjunga inom mig. Utanför porten frågade Knut mig: Vill du bli socialist som jag och Alma? Jag blev det – men inte som de. Ty vad tror Du de offrade för sin tro? Ingenting! De gick på möten någon kväll i stället för att gå på bio. De prenumererade på en annan tidning än grannen. På Svenska Flaggans dag köpte de ingen flagga. Däremot köpte de en röd majblomma första maj. Detta kallade de att tro. Jag kallar det ett gement bedrägeri både mot det de sade sig tro på och mot dem som sade sig dela deras tro. När jag sade dem det förstod de det inte. De var ju bara »enkla människor«. Därför behövde de inte förstå. Men när jag försummade skolarbetet för min tros skull bad de mig tänka på framtiden. Detta kunde inte jag förstå. Då sade de mig att alla människor måste tänka på sin framtid och att alla också gjorde det. Då märkte jag att de hade rätt. Jag såg mig om bland dem som trodde som jag och de och fann ingen, som ville offra allt för den trons skull. En liten tid ville de kanske offra något, men när deras personliga dröm om framtiden kom i konflikt med tron valde de drömmen om framtiden. De som hade turen att bli funktionärer hade det bäst: de behövde inte avstå från tron, den kanske blev lite kall men de behövde inte avstå; inte heller behövde de avstå från drömmen om sin per-

sonliga lycka, ty funktionärer med kall tro kan avancera hur långt som helst. Då slutade jag att offra allt för trons skull, ty den som ensam offrar allt är ganska dum.

Nästa gång var under beredskapen. Du vet vi skulle ju slåss då. Vi skulle försvara demokratin. Jag ville göra allt för att försvara den, men det var ingen som lät mig göra det. En gång talade jag om det för en kapten som var nazist. Då fick jag sex dagars vaktarrest för missfirmelse av överordnad I tjänst. Sedan började jag spela tärning och förlorade. Också när jag spelade poker förlorade jag. Men det var inte så farligt, ty jag hade inte mycket att förlora. Från kompaniexpeditionen där vi spelade tärning när fanjunkaren var ute och söp hade vi utsikt över det riktiga kriget. När den rätta sidan vann blev jag naturligtvis glad, även om den inte var så rätt som jag hade hoppats.

Nu tror jag att jag har lärt mig att innan man vill offra allt för en rätt sak bör man betänka, att alla de andra inte är villiga att offra så mycket på den som man själv. Och därigenom blir den inte så rätt utan många gånger ganska fel. Därför gäller det att hitta en rätt sak som man är ganska få om att vilja offra allt för. Ju färre man är desto säkrare kan man bli om att ens offer inte är förgäves. Bäst är det om man bara är två. Kärlek vet Du, det är ju att vara två och offra allt för att få fortsätta att vara det.

Nu är Du trött på det här långa brevet, och kanske lite rädd. Du skall inte vara rädd. Det finns ingenting att vara rädd för. Du skall inte vara rädd för moralen, ty det finns ingen som tror på den så starkt som vi tror på varandra. Det finns ingen som skulle offra tusendelen av det vi offrar på det vi tror på för moralen. Och förresten: Finns det något mer moraliskt än att offra allt för en sak, därför att man tror att den är den rätta?

Älskade! På fredag kväll skall vi äntligen få bli ensamma, så ensamma som ingen före oss och kanske ingen efter oss. Jag kommer med tiobussen. Du väntar med båten vid bryggan. Jag kommer så sent för att ingen skall behöva se oss. Jag tar bara med mig en liten väska med det allra nödvändigaste. Du vet när man är inkallad behöver man ju inte så mycket personliga tillhörigheter. Inte när man älskar heller. Då behöver man bara varandra. Det är tre dagar kvar. Tror Du jag kan vänta så länge?

Din Bengt.

PS. I kväll hände något dumt. Berit hittade en knapp i min säng. Den måste ha lossnat ur Din klänning. Jag vet inte om hon kände igen den, men i alla fall började hon tjuta. När jag frågade henne varför undrade hon om jag tyckte hon var ful. Då talade jag om för henne, att jag tyckte hon var rar.

Naturligtvis tycker jag, att hon är ful, men det är ju rätt meningslöst att låta henne veta det. Sedan frågade hon, om jag har varit henne trogen. På skoj svarade jag: Ja, flera gånger. Hon fattade inte att det var skämt och jag hade sedan stora svårigheter med att övertyga henne om att knappen var faster Idas. Till slut trodde hon det, ty bara man håller på tillräckligt länge går det att övertyga henne om allt. Knut är mycket glad över att hon kommer så ofta numera och jag håller henne kvar så sent om nätterna jag kan. Det är ju onödigt att dra misstankarna på sig. Vi måste vara mycket försiktiga. Därför tycker jag att ön är utmärkt vald. Lite svårigheter blir det väl med adressen. En värnpliktig får ju så småningom en förläggningsadress. Jag har låtsats ta reda på att jag kommer att bli förlagd till Norrtäljetrakten och gett både Knut och Berit P. R. Norrtälje som provisorisk adress. Det är ju inte vidare militäriskt men ingen av dem har ju varit inkallad, så det är nog ingen risk. God natt älskling, nu skall jag skynda mig ner med brevet, innan Knut kommer hem.

DS.

BREV TILL FADERN FRÅN SONEN

Kära pappa!

Det här brevet skriver jag på juldagsmorgonen. Berit har farit till kyrkan med sina föräldrar. Jag hade ont i huvudet så jag bad att få stanna hemma. Dessutom ligger ju kyrkliga ceremonier knappast för mig. Jag trivs mycket bra här. Byn ligger mycket ensligt och vi har åttiofem centimeter snö. Jag har alltså god användning för Dina julklappssockor. För rakhyveln ber jag också att få tacka. Av Berit fick jag en skjorta av mycket god kvalitet och av hennes föräldrar två pappersknivar av trä. De tycks tro att jag läser alldeles oerhört mycket. Visserligen har jag ju, som Du själv vet, läst febrilt hela hösten, men någon papperskniv har jag ju ändå inte nött ut. Nå, skämt åsido är Berits föräldrar mycket präktiga människor. De lever i mycket små förhållanden och har föga kontakt med yttervärlden, men de är ändå vänliga och fore-kommande. De tycker att jag är något förskräckligt fint, fast jag bara är filosofie studerande. Häromdagen hörde jag tant säga till en granne att dottern hennes fästman är en riktig filosof. Hon uttalade ordet med långt o i slutet i stället för å. Jag rättade henne inte, ty jag var rädd att hon då skulle taga illa upp. Människor här uppe är ju så stolta. När jag ville ge tant och

farbror varsin tia till utgifterna i samband med julfirandet ville de faktiskt inte ta emot det.

Jag skall inte uppehålla Dig med fler detaljer från mitt liv här uppe. Jag lovade ju Dig att så snart jag tänkt över det skriva vad jag tyckte om det Du talade med mig om just fore min avresa. Som Du så riktigt sade är det ju alltid lättare att dryfta en sak som denna i skrift än vid direkt samtal. Det Du meddelade mig beredde mig naturligtvis en liten chock. Inte för att det kom alldeles oförberett, men bättre hade det utan tvivel varit, om ni låtit mig få vetskap om ert steg redan fore första lysningsdagen. Då hade det Du kallade »uppträde« säkert kunnat undvikas. Å andra sidan vill jag, att Du skall förstå att jag inte på minsta vis klandrar Dig. Jag är ju min mors son, men jag är också Din. Jag är medveten om att jag är förpliktad inte bara till trohet mot mors minne utan också till lydnad mot Dig. Inte så att jag helt okritiskt skulle acceptera var och en av Dina handlingar som uttryck för det högsta rätta, även om jag, som Du själv nyligen så riktigt sade, har blivit förståndigare på sista tiden. Förstånd är ju nu, som Du själv inser, en sak som är ganska relativ. Med att en människa är förståndig menar vi ju i regel, att hon förstår, och därmed förlåter, alla våra handlingar. Därmed vill jag naturligtvis inte säga att Din inställning är precis denna. Min är det ju inte heller. Jag har bara nämnt det så att säga för balansens skull.

Orsaken till att jag nu förhåller mig på ett annat sätt till Dina giftermålsplaner än tidigare är nog inte i första hand den att jag i december är så mycket »förståndigare« än I februari utan mer att jag sedan den omedelbaraste sorgen släppt kunnat anlägga ett lidelsefriare perspektiv på Ditt handlingssätt. Jag är nog numera benägen att erkänna, att kärlek är någonting som man inte kan rå för. Jag kan inte längre av sentimentala hänsyn för mig själv fördölja, att detta faktum lika mycket som någon annan också gällde mor. Jag anser, att det är min plikt att tala om för Dig att jag kan bekräfta riktigheten av Din misstanke beträffande Eriks och mammas förhållande. Dessutom anser jag, att det äntligen är tid att vi erkänner för varandra, att mamma när allt kom omkring var ganska olidlig under de sista åren. Det fanns ju inte en sak man gjorde, som hon inte fann felaktig eller misslyckad. Var man snäll mot henne misstänkte hon alltid, att det låg något under. Gick man och handlade åt henne köpte man alltid galet. Gick man å andra sidan inte och handlade var man elak och önskade hennes snara död. Naturligtvis är jag medveten om, att hon var sjuk och därför berättigad till ett visst överseende, men detta förändrar ju inte det faktum, att hennes sätt att terrorisera oss var tämligen outhärdligt.

Jag kan därför förstå Dig, om Du kände ett behov av att fly till en mindre deprimerande miljö. Jag skulle nog också ha gjort det, om det hade stått i min makt. Att Du nu vill gifta Dig kan jag ju mycket väl förstå. Jag har ingenting emot Ditt val av livsledsagarinna. På den punkten måste jag verkligen motsäga Dig. Om jag har visat Din fästmö vad du kallar »kyla« beror detta nog mest på att jag länge varit osäker på hur jag skulle ställa mig till henne. Det är ju dock ännu sorgeår och förtänk mig inte om jag av hänsyn till skäl, som Du kanske skulle kalla konventionella, tvingats iakttaga ett visst avstånd från henne. Men att därav sluta att jag skulle vara på något sätt avogt inställd till henne är utan tvivel att gå för långt. Jag önskar er bägge all lycka. Att bröllopet kommer att stå en bit in på det nya året tycker jag är ett utmärkt arrangemang, då ju ingen på så sätt kan påstå att Du gift om Dig samma år som mor dog.

Jag är en smula ledsen över att Du så helt missförstod min reaktion på nyheten. Kanske måste jag komma med en förklaring. Något »uppträde«, som Du kallar det, var det inte min mening att ställa till. Att jag blev litet häftig hade två orsaker. Den första och viktigaste är att jag till följd av att mina studier på sista tiden varit ganska pressande var en smula överansträngd. Som Du själv vet har jag ju måst sitta på biblioteket halva nätter så gott som hela hösten för att ta igen vad jag förlorade genom militärtjänstgöringen och detta har inte varit till fördel för mina nerver. Den andra och mindre viktiga orsaken är, som jag redan sagt, att jag blev en smula överraskad över den plötsliga nyheten, rättare sagt inte över själva nyheten utan över att den kom så oförberett. Det hela berodde alltså inte alls, vilket Du tycks anta, på några slags känslor av förbittring gentemot någon av er. Visserligen sade Du Dig ha märkt, att Gun, sedan hon hittade det där dumma brevet från den där flickan i min ficka, när hon skulle borsta kavajen, varit en smula gramse på mig och menade, att jag därför kanske hade en viss anledning att vara gramse tillbaka. Naturligtvis kan Du ha rätt i, att det ju strängt taget inte angår Gun, om jag bedrar Berit, och att hennes scen när hon hittat brevet var ganska oförklarlig, men jag tror nog, att det finns en näraliggande förklaring till hennes upprördhet. Kvinnorna är ju mycket solidariska med varandra och på Berits vägnar kände sig Gun säkert starkt förorättad. En annan sak är, att hon knappast hade anledning att i det här fallet vara upprörd på Berits vägnar. Dels har Berit naturligtvis ingenting fått veta om saken, dels var historien ganska oskyldig. Det var helt enkelt så, att jag hos en studiekamrat träffade den här flickan. Hon är av den där typen som gärna vill falla, och ganska ofta. Du har väl sett den där skämtteckningen av kvinnan som har hjärtat till underliv? Sådan är hon.

Hennes läppar är som en köttätande blomma. Att kyssa henne är som att sjunka ner i ett kärr. Hon har inte ens gett mig någon njutning. Därför ångrar jag mig heller inte. Ty alla otillåtna handlingar bestraffas ju inte med ånger. Endast om njutningen varit tillräckligt stor ångrar vi oss. Att jag själv »föll« för henne hade en djupare orsak än bara lusten. I mitt just då överretade tillstånd hade jag nämligen gripits av misstanken att Berit bedrog mig. Efteråt går jag gärna med på, att den var absurd, men Du vet ju själv hur orimlig svartsjuka kan vara. Nu är ju det bästa botemedlet mot svartsjuka det att själv väcka svartsjuka. På så sätt kommer man ju själv i önskvärd balans. Inom parentes tror jag, att en Don Juan är en man som försöker hålla sitt liv i balans genom att inte satsa alla sina böjelser på ett enda föremål. En feg man? Nej, en klok man, ty vid varje missräkning kan han söka tröst hos någon annan. Han förstår att hushålla med sina känslor. Han är praktisk.

Nå, inte för att jag nu är någon Don Juan. Det var bara en reflexion så att säga nebenbei. Efteråt upptäckte jag naturligtvis att Berit var mig trogen. Det var ju tragiskt eller rättare sagt tragikomiskt. Jag brände då upp alla mina brev från flickan och bad henne bränna sina från mig. Olyckligtvis måste jag ha glömt kvar ett av breven i kavajen, men sådant händer ju, som Du säkert själv vet. Att Gun kom att läsa det var ju obehagligt, men faktiskt bad henne ingen om det. – För att få henne god igen köpte jag henne det där armbandet jag visade Dig innan jag reste. Det var ganska dyrt, men nog är det väl värt priset att återställa friden inom familjen. Inte sant?

Ja, nu har jag så gott jag kunnat redogjort för min inställning till saken. Skulle Du tala med Gun om mitt brev kan Du ju nämna den här förklaringen till mitt lilla förhållande med den där flickan. Det angår henne ju inte, men kanske kan det komma henne att känna sig mindre förorättad på Berits vägnar.

En god fortsättning på julen och ett got nytt år tillönskar Dig Din son Bengt.

Berit och hennes föräldrar hälsar varmt.

ETT SÖNDERRIVET AVSKEDSBREV

Ni frågar varför. Jag skall svara. Därför att jag är trött på att leva. Trött på att leva här i de små hundarnas land, de små känslornas, de små nöjenas, de små tankarnas hundland. Man skall vara nöjd, men jag vill inte bli nöjd. Jag

vill inte bli nöjd som en liten hund. Det finns ingenting vidrigare än de små hundarna när de rädda och nöjda kommer hem från sina små hundäventyr. Själv har jag varit en stor hund. Men en stor hund vill jag inte heller vara, även om det är batter att vara en stor hund än en liten. Något annat val än valet mellan att vara en stor hund och att vara en liten finns inte.

En stor hund har jag varit därför att jag har bedragit er alla. Jag har också varit en liten hund, ty jag har bedragit mig själv. I de små hundarnas land bedrar vi alla oss själva. I de små hundarnas land drömmer vi alla om små hundäventyr. Men för det största äventyret av alla är vi rädda. För att leva rent, för det enda äventyr som inte är litet, har de små hundarna en panisk förskräckelse. Ty för de små hundarna är endast det lagom smutsiga värt att leva för. I de små hundarnas land är oanständighet värre än omoral. Där vet man inte att endast ett är omoraliskt: att medvetet vilja göra någon ont. I de små hundarnas land är därför den passive ondskan mer aktad än den aktiva godheten.

I de små hundarnas land är vi alla falskspelare. I de små hundarnas land gör vi allt på skoj. På skoj matar vi alla små hundar med smulor av våra känslor. På skoj säger vi oss älska varenda liten hund som vi möter. Därför kan ingen verkligen älska i de små hundarnas land. Därför finns det ingenting äkta i de små hundarnas land. Inte ens falskheten är äkta där. I de små hundarnas land spelar till och med falskspelarna sitt falska spel falskt. I de små hundarnas land behöver man ingen tro. Därför har man heller ingen. Har man någon har man den på skoj, ty i de små hundarnas land sker allting på skoj.

I de små hundarnas land har de äldre hundarna ingenting att säga de unga hundarna. Hade de något att säga skulle de ändå inte våga säga det därför att i de små hundarnas land tror ingen på vad han själv säger. Inte ens lögnen är där riktigt lögnaktig. I de små hundarnas land ljuger sanningssägarna och talar lögnarna sanning. Därför är allting lika sant och allting lika lögnaktigt. Allting låter sig bevisas, såväl satsen som motsatsen. Därför skulle vi tro på bägge delarna, om det i de små hundarnas land skulle finnas någon som vågade tro.

I de små hundarnas land är ingen lycklig men heller är ingen olycklig. Den enda gångbara lyckan är likgiltigheten. De enda gångbara känslorna är de mycket små. De enda gångbara tankarna är de ännu mindre. Det enda vackra ar de minsta känslorna. I de små hundarnas land är förståndet aldrig vackert. I de små hundarnas land kan man aldrig förstå att det enda som inte

gör de små hundarnas läge alldeles outhärdligt är att de stora hundarnas förnuft kan analysera det.

I de små hundarnas land skulle var och en leva som han ville, om någon bara visste vad han ville. Men i de små hundarnas land vågar ingen tro på sin vilja, därför att var och en om sig själv vet att han är en falsk förrädare. I de små hundarnas land finns bara en vilja och det är viljan att alltid vara en annan. När man så blivit en annan vill man bli ännu en annan. I de små hundarnas land flyter allting. Till och med stenarna flyter. På ärlighetens sten flyter oärlighetens. Till och med maskerna bär masker. Att sätta på en mask till kallas där demaskering.

De små hundarnas land är ett land där man skäms för att leva. Betraktades det inte också som skamligt att dö skulle många hellre göra det. Även att skämmas är för övrigt skamligt i de små hundarnas land. För den som vantrivs i de små hundarnas land är det enda som återstår att bli en stor hund. Den enda fördelen med att vara en stor hund i de små hundarnas land är att man då inte skäms för att dö. Att skämmas för att leva kan inte heller en stor hund undgå, allraminst en stor hund.

Därför gör jag det jag gör.

CARTA A UMA ILHA

"O pior ainda não é ele supor que viver seja isto,
o pior numa vida destas é ele sentir-se satisfeito."

STIG DAGERMAN

CARTA A UMA ILHA

"Minha muito querida:

"Fiz o que tínhamos decidido e brevemente volto para a tua ilha. Não foi muito agradável, mas vi perfeitamente que não tinha outro remédio. Fazer uma ordem de convocação é mais difícil do que eu tinha suposto. Fazer um telegrama foi muito mais fácil. Servi-me de um velho; só tive de procurar um sobrescrito novo e um selo. O que me custou mais foi mudar a data. No fundo, escusava de tantos cuidados, porque Knut mal olhou para ele. Só lhe pareceu esquisito que eu seja chamado exactamente agora, mas eu fiz-lhe ver que no ano passado tinha abreviado o meu serviço militar em quatro semanas por causa dos estudos, e ele pareceu convencido. Custou-me muito enganá-lo desta maneira. Foi a primeira vez na minha vida em que fiz uma falsificação, e o que é certo é que jamais virei a dar um bom falsário; tenho uma consciência demasiado emotiva. Assim que a minha convocação começou a fazer o seu efeito, queimei-a e deitei as cinzas pela janela fora; foi quando me senti um pouco sossegado.

"Mas não me sentirei inteiramente calmo senão quando me vir ao pé de ti. Se eu fosse capaz de achar palavras para exprimir a inefável calma que me proporcionas, a importância que para mim tens, e o infinito valor que a minha própria vida tomou graças a ti! Pela primeira vez na minha vida compreendo o que quer dizer amar verdadeiramente alguém. Significa não me sentir nunca absolutamente só, porque tu estás-me sempre no pensamento.

Faça eu o que fizer, esteja com quem estiver, tu andas comigo. Se bem soubesses como isto me torna feliz e como por esta mesma razão torno felizes os outros!

"Sabes que Bérit já regressou. Tal como tínhamos decidido, vejo-a bastantes vezes, muito mais que antigamente. Andamos muito bem, as suas maniazinhas já me não irritam. E como já não sinto a necessidade de estar ligado a ela, já não tenho necessidade também de a magoar; tudo isto ma torna agradável. Ela já não desata em soluços por tudo e por nada e raramente tem dores de cabeça. Está naturalmente persuadida de que a amo como nunca a amei. Tirar-lhe as ilusões para quê? Só podemos dar alegria a alguém e fazê-lo feliz deixando simplesmente de lhe fornecer pormenores sobre o que se pensa e sobre o que se faz, não vejo razão nenhuma para o não fazermos. Mentir é uma coisa muito diferente. Ela não sofre nada com a ignorância em que vive. Se alguém tinha alguma coisa a sofrer era eu, mas sou suficientemente inteligente para poder distinguir a verdadeira falsidade, cujo fim é o de prejudicar outros, de uma verdade judiciosamente moderada, que outro fim não tem sendo o de simplificar a vida dos diversos interessados.

"Desculpas-me por esta carta ser um pouco mais longa – também a hás-de achar, sem dúvida, mais filosófica – que as que habitualmente recebes, mas o passo que dou neste momento é sério bastante e obriga-me a analisar-me em profundidade, visto o tempo que temos à nossa frente o devermos viver juntos em calma e paz interior. Bem sabes que não há nada mais perigoso que não saber o que se faz. A maior parte da gente não o sabe e por isso mesmo é que sofre rudes golpes no dia em que tem de atribuir um título aos seus actos. Com o medo que sentem, depois do choque, é-lhes absolutamente impossível ver claramente a realidade, pelo que a realidade se lhes torna num simples espectro. Eis a razão por que é tão importante termos a cada instante de nossa a clara consciência da significação dos nossos actos e das suas consequências. E por isto me dou, com a paixão quase de um sábio, à análise dos nossos comuns actos. Não é enganar os outros que me parece perigoso, mas enganarmo-nos a nós próprios.

"Fartei-me de reflectir sobre o que me disseste da última vez em que nos encontramos, pelo menos sobre a tua pergunta: 'se eu sei o que vou fazer'. Sem dúvida sei, caso contrário não o poderia fazer. Apenas sabendo o que se faz é que se poderá fazer qualquer coisa. No fundo não há nada melhor que saber-se o que se faz. Deste modo quase tudo se pode fazer, quero dizer, sem o deplorar e sem nos sentirmos infelizes. O que nós fazemos todos o fazem, mas a maior parte sem saber que o faz, porque lhe falta ousadia. Alma fazia-o, Knut muitas vezes também. Bérit talvez ainda não, mas virá a fazê-lo

naturalmente. Estou certo de que a maior parte em seguida o lamenta e se aterroriza. Por minha parte jamais o lamentarei. Gosto do que faço e sei muito bem o que faço. Aqueles que sabem o que fazem parecem-se com os jogadores de xadrez, Não perguntam onde colocar as suas pedras. Não têm sequer respeito pelas rainhas.

"Dizes-me, às vezes, que tens vergonha. Não posso compreendê-lo. Não temos razão, nem tu nem eu, de ter vergonha. Os que como nós amam estão puros. Só agora compreendo o que é pureza. Ser puro é sentir cada um em si um fogo a que não resiste nenhuma dúvida, nenhuma fraqueza, nenhum escrúpulo. Sentirmo-nos inteiros, fortes. Vai-se direito a um fim sem se hesitar. Também nos tornamos corajosos. Ser puro é poder sacrificar tudo, menos aquilo por que se vive. Preparei-me, não tenho nenhuma razão de ter vergonha. Mas as pessoas da espécie de Knut, pelo contrário, têm razão de ter vergonha. Que pensas tu que sacrificaria ele por ti? Nada! Nem um só dia de trabalho, nem um só dos seus actos profundamente egoístas e interesseiros. E pensas que Alma era menos mesquinha, mais pura? Ela nem ousava amar o amante a ponto de lhe permitir que voltasse! Ela não o amava bastante para ousar mentir-me uma só vez!

"Não quero vir a tornar-me tão mesquinho como eles, tão mesquinho que ao meu simples contacto tudo resulte pobre e mesquinho. Toda a minha vida os detestei porque nunca ousaram ser puros, nunca se arriscaram a fazer nada que se chamasse belo. Quando reparo na vida de Knut, aterro-me. Não quero rebaixá-lo aqui, mas tenho de te confessar que uma vida como a sua me daria a morte se tivesse de a viver. Que é que tu julgas que significa viver, para ele? Nada mais que levantar-se de manhã, ler um jornal, tomar uma chávena de café, ir para a oficina, consertar uma mesa, voltar para casa, jantar, dormitar, escutar a telefonia, ir ao W.C., contar uma história, das porcas de preferência, sair, ir ao cinema, ir para a cama ou para o café, ver um filme, despir uma mulher ou beber uma cerveja, voltar para casa, despir-se, ressonar, acordar, tomar uma chávena de café, ler um jornal e ir para o trabalho. O pior ainda não é ele supor que viver seja isto, o pior numa vida destas é ele sentir-se satisfeito. De tudo o pior é ele pensar que assim é que deve ser. Não pode compreender que haja outros que não pensem como ele. Diante de qualquer coisa que não compreende, ele costuma dizer: 'Desculpem, mas eu não sou mais que um entalhador'. Em compensação admite que eu estude a história da literatura e as línguas nórdicas. Admite-o, não para que eu me enriqueça intelectualmente, mas porque julga que por este meio alcanço a possibilidade de ter melhor vida que ele. *Uma vida mais fácil, mas não diferente*. No fundo quer que eu venha a ter uma vida como a dele. Devo so-

mente vestir roupa de baixo mais cara, levantar-me duas horas mais tarde, ler outro jornal, sentar-me numa cadeira em vez de me sentar num banco, ter melhor almoço, um jantar mais caro, ir à ópera em lugar de ir ao cinema, ocupar quatro compartimentos em vez de dois, ter uma criada para todo o serviço e um *pick-up*. Percebes que isto me mete nojo? Até aqui procurei sempre mais ou menos conscientemente a possibilidade de vir a ter uma vida que se não parecesse com a sua, que fosse mais pura, mais independente, mais intensa, que exigisse mais, que se consumisse com mais arrojo, que tudo admitisse, tudo menos aquela mole felicidade.

"Dizer isto, para mim tem muita importância. E acima de tudo, dizer-to a ti. Por quê? Porque, por teu intermédio, creio ter encontrado a possibilidade de viver, conservando-me puro. De ora avante quero sacrificar tudo, os meus estudos, a minha saudade da mãe, a minha confiança no pai, a minha prisão à namorada, à única coisa que tenha valor de uma vida: o meu amor por ti.

«Perguntas-me se é a primeira vez que o tenho tentado fazer. Perguntas-me porque esperei tanto tempo. Tentei, sim, mas não o consegui. E vou-te explicar o porquê. Porém, antes vou dizer-te o que tentei fazer. Tinha dezessete anos. Knut quis levar-me com ele a uma reunião socialista. Quando todos se puseram a cantar a *Internacional* as lágrimas vieram-me aos olhos. Parecia-me descobrir em todos que cantavam um inaudito sentimento de solidariedade, capaz de afogar todos os outros, e uma grande alegria combativa. Era uma ilusão, naturalmente. A minha própria emoção que me tinha levado a idealizar aquele espectáculo de canto, o que só muito mais tarde descobri. Durante todo o regresso para casa aquele canto não cessava de soar em mim. À frente da nossa porta Knut perguntou-me: 'Queres vir a ser socialista como eu e alma?' Vim a sê-lo, mas não à maneira deles. Porque, que é que tu pensas que eles sacrificavam à sua fé? Nada! Iam às reuniões, às vezes, à noite, em vez de ir ao cinema. Assinaram um jornal diferente do dos vizinhos. No dia da festa nacional não punham a bandeira. Em compensação compraram um distintivo vermelho no Primeiro de Maio. É a isto que eles chamam crer. Eu a isto dou o nome de abominável impostura, quer contra o que eles pretendem crer, quer contra aqueles de quem eles pretendem partilhar a fé. Quando eu lho dizia, eles não me compreendiam. Eram simplesmente 'humildes mortais'. E por isso não tinham necessidade de compreender. Mas se eu descurava os trabalhos da escola por causa de minha fé, pediam-me logo que pensasse no futuro, como toda a gente deve fazer. Achei então que eles tinham razão. Procurei à minha roda, entre aqueles que criam como eles ou como eu, e não encontrei ninguém que sacrificasse tudo pela sua fé. De princípio talvez quisessem sacrificar alguma coisa, mas assim

que seus sonhos de futuro entravam em conflito com sua fé, eles optavam pelos sonhos. Aqueles que tinham a sorte de se tornarem funcionários eram os que estavam melhor. Não precisavam de renunciar à sua fé. Esta esfriava um pouco, mas não se viam obrigados a renunciar a ela, não estando também obrigados a renunciar aos seus sonhos pessoais de felicidade, porque um funcionário de crenças frias pode avançar até onde quiser. Desde então deixei de sacrificar tudo a tal fé, porque todo aquele que se vê sozinho em total sacrifício é um estúpido.

"A segunda vez foi durante o meu serviço militar. Sabes que temos de armar batalhas uns com os outros. Devíamos defender a democracia. Eu estava disposto a tudo para defendê-la, mas ninguém mo consentiu. Falei disto uma vez a um capitão. Era nazi. Deu-me seis dias de cadeia por insubordinação. Depois disto pus-me a jogar aos dados e a perder. Ao *poker* também perdia. Mas não tinha importância porque eu tinha pouco que perder. Na secretaria da companhia, onde jogávamos enquanto o sargento-mor ia beber, tirávamos uma noção da verdadeira guerra. Quando o melhor partido ganhava eu sentia-me contente, embora ele não fosse tão bom como eu esperava.

"Creio ter então compreendido que, antes de se ter sacrificado tudo a uma boa causa, se deve reparar em que os outros não estão dispostos a sacrificar-lhe tanto como nós mesmos. Por razões destas ela deixa de ser tão boa como era e chega até a tornar-se inteiramente má. É necessário, portanto, encontrar-se uma boa causa pela qual muito pouca gente se disponha a sacrificar tudo. Quanto menos formos mais certos podemos estar de que o sacrifício não será vão. E o melhor de tudo é não sermos senão dois. Vê tu, pois, o amor é serem-se justamente dois e tudo se sacrifica para se ficarem dois.

"Deves estar cansada desta tão grande carta é talvez também um pouco assustada. Mas não estejas. Não há motivos para isso. Que a moral te não amedronte, sobretudo, porque não haverá ninguém que creia tão convictamente nela como nós um no outro. Não há criatura nenhuma que pela moral sacrificasse a milésima parte do que nós sacrificamos àquilo que consideramos moral. E, de resto, que há aí de mais moral que o sacrifício de tudo a uma causa que nos pareça justa?

"Querida, sexta-feira estaremos enfim sozinhos, tão sós como pessoa nenhuma antes de nós e talvez como pessoa alguma depois a nós. Eu vou no autocarro das dez horas. Espera-me com a barca no portão de embarque. Se chego tão tarde é para que ninguém nos possa ver. Não levo senão uma ma-

leta com as coisas indispensáveis. É preciso não esquecer que, quando se é convocado, não se precisa de muita coisa pessoal. Nem tão-pouco quando se ama. Precisamos apenas um do outro. Faltam três dias. E tu pensas que eu possa esperar tanto tempo?

Bengt.”

“*P.S.* – Esta noite aconteceu uma coisa parva. Bérit encontrou um botão na minha cama. Deve ser do teu vestido. Não sei se ela o reconheceu, mas, seja como for, pôs-se aos gritos. Perguntou-me se eu a achava feia. Respondi-lhe que a achava encantadora. Acho-a feia, bem entendido, mas absurdo era dizer-lho. Depois perguntou-me se eu lhe era fiel. Para me divertir disse-lhe: ‘sim’ umas poucas de vezes. Ela não compreendia que era um gracejo e, em seguida, custou-me fazer-lhe admitir que aquele botão devia pertencer à minha tia Ida. Por fim lá acreditou; basta-me insistir, perder tempo para a convencer de tudo. Knut anda contente por ela vir agora tantas vezes e eu faço o que posso para a demorar até tarde. É inútil levantar suspeitas. Devemos ser prudentes. Acho a ilha maravilhosamente escolhida. No entanto a minha direcção acarreta umas certas dificuldades. Passado algum tempo os soldados têm uma direcção de acantonamento. Eu fiz de conta que sabia que ia acantonar perto de Norrtalje e dei uma direcção provisória a Knut e a Bérit: ‘Posta-restante. Norrtalje’”. Não é uma direcção militar exacta, mas como nenhum deles nunca foi chamado, não se corre nenhum risco. Boa noite, querida. Vou deitar a minha carta no correio antes que Knut volte para casa.”

CARTA DO FILHO AO PAI

“Querido pai:

“Escrevo-te na manhã do dia de Natal. Bérit foi à igreja com os pais dela. Como tinha dores de cabeça pedi para ficar em casa; demais a mais as cerimónias religiosas não se fizeram para mim. Gosto bem de estar aqui. A aldeia é muito isolada e temos oitenta e cinco centímetros de neve. Tenho bastantes vezes a oportunidade de pôr as peúgas de lã que me ofereceste. Também te agradeço a navalha de barba. Bérit ofereceu-me uma camisa de óptima qualidade e os pais dela deram-me duas facas de cortar papel, em madeira. Eles dão-me a impressão de me tomar por um fenómeno. É certo, e

tu bem o sabes, que eu li febrilmente durante todo este Outono, mas apesar de tudo não cheguei a gastar uma faca de cortar papel. Fora de gracejos, os pais de Bérit são muito boas pessoas. Têm poucos haveres e pouco contacto com o resto do mundo, mas isso não os impede de serem amáveis e obsequiadores. Acham-me formidável, embora eu não passe de um estudante de filosofia. No outro dia a velhota dizia a um vizinho que o namorado da filha era um verdadeiro filósofo. Não a emendei com receio que ela mo levasse a mal. Cá para mim as criaturas são tão altivas! Eu queria dar dez coroas à velhota e ao velhote para as despesas do Natal, não mas quiseram aceitar.

"Não te quero aborrecer com mais pormenores sobre a vida que aqui passo. Tinha prometido dar-te conhecimento das reflexões que fizesse sobre a questão que tínhamos abordado antes da minha partida, mal nela pensasse a sério. Segundo tu justamente dizias, é mais fácil ocuparmo-nos de um assunto desses por escrito que de viva voz. O que me participaste causou-me, naturalmente, um pequeno choque. Não que eu não o esperasse de todo em todo, embora tivesse sido muito melhor que vocês me tivessem informado da vossa decisão antes do primeiro dia dos pregões do vosso casamento. E, assim, aquilo a que tu chamaste uma 'cena' podia ter-se evitado. Quero que tu compreendas que te não censuro de modo algum. Sou o filho de minha mãe, mas também sou o teu. Não esqueço que não sou apenas obrigado à fidelidade à memória da minha mãe, mas que o sou também à obediência a ti, sem, todavia, abjurar de todo o meu senso crítico e aceitar cada um dos teus actos como a expressão da razão última, embora me tenha tornado mais compreensivo nestes últimos tempos, como tu justamente disseste no outro dia. A compreensão é uma coisa muito relativa, como tu próprio reconheceste. Por pessoa compreensiva entende-se geralmente uma pessoa que compreende e desse modo perdoa tudo quanto se faz. Não digo que tu tenhas perfeitamente adoptado esta atitude, nem eu tão-pouco Falei disto apenas para pôr as coisas no seu devido pé.

"A razão pela qual me comporto agora diferentemente acerca dos teus projectos de casamento não é, em primeiro lugar, que eu me tenha tornado mais compreensivo em Dezembro do que o era em Fevereiro, mas creio bem que antes, porque, tendo o meu desgosto diminuído, pude considerar a tua conduta com muito mais serenidade. Presentemente inclino-me a admitir o amor como uma coisa de que se não é responsável. Não posso, por considerações sentimentais, esconder de mim próprio que um tal facto tanto abrange a minha mãe como quaisquer outras pessoas. Acho meu dever dizer-te que posso confirmar o fundamento das tuas suspeitas concernentes às relações da mãe com Erik. E também é tempo de reconhecer, aqui entre nós,

que, no fim de contas, ela se tinha tornado intolerável nestes últimos anos. Tudo quanto fazíamos era mal feito, estragávamos tudo. Se éramos amáveis para ela, desconfiava de que lhe queríamos esconder qualquer coisa. Se nos pedia para irmos às compras, nunca comprávamos o que ela queria; se não íamos, éramos maus e desejávamos à sua morte próxima. Eu sabia, naturalmente, que ela estava doente e, por consequência, não tinha direito a uma certa indulgência, o que não queria dizer que ela não tivesse uns modos quase insuportáveis, com que nos martirizava.

"Compreendo pois, que sentisses a necessidade de te escapar para um meio menos depressivo. Eu tê-lo-ia igualmente se tivesse podido. Nada tenho contra a escolha da companheira da tua vida. Mas há um ponto, realmente, em que não estou de acordo contigo. Se, como tu dizes, mostrei 'cara de pau' à tua noiva, foi devido a não saber durante muito tempo que atitude tomar a seu respeito. Ainda estamos de luto e não leves a mal se, por razões que podes achar convencionais, me vi obrigado a guardar distâncias. Mas concluir daí que a vejo com maus olhos é ir muito longe. Desejo-vos a ambos uma vida muito feliz. Acho uma excelente ideia essa de fixarem a data do casamento para o princípio do ano; assim ninguém poderá dizer que te tornaste a casar no mesmo ano da morte da mãe.

"Fiquei desolado por tu teres interpretado tão mal a minha reacção a essa notícia. Eu talvez te devesse esclarecer. Não tive nenhuma intenção de te fazer 'cenas' como dizes. Havia duas razões que me encolerizavam. A primeira, e a mais importante, é que depois de um trabalho desesperado, nestes últimos tempos, me senti algo esgotado. Como sabes, tive de passar metade das noites na biblioteca, durante o Outono quase inteiro, a fim de recuperar o tempo perdido no serviço militar, o que me transtornou os nervos. A segunda razão, menos importante, é que fui surpreendido, não pela notícia propriamente que me deste, mas por ela me ter chegado sem eu esperar. Nada disto se ressente, como tu pareces crer, de uma espécie de rancor que eu guarde contra algum de vós. Tu dizias ter, com efeito, notado que, desde que ela achou aquela estúpida carta de uma rapariga na algibeira do meu jaquetão, se mostrava menos amável para mim. E pensavas que eu também tinha certos motivos para ser menos amável para ela. Mas, no fundo, tens razão em achar que, se enganei Bérit, Gun não tem nada com isso, e que a 'cena' que ela fez quando encontrou a carta era inexplicável. No entanto, penso que se pode explicar facilmente a sua indignação. As mulheres são muito solidárias e, em nome de Bérit, ela sentiu-se ofendida. Mas desta vez não tinha inteiramente razão de se indignar, tomando como tomou o partido de Bérit. Por um lado, Bérit não soube de nada. Por outro lado, o caso era

absolutamente inofensivo. E muito simples: encontrei uma rapariga em casa de um camarada meu. É do tipo de raparigas que escorregam facilmente e muitas vezes. Já tens visto com certeza aquele desenho humorístico de uma mulher que tem o coração no baixo-ventre? Pois ela parece-se com essa. A boca dela é como uma planta carnívora. Quando a beijamos temos a impressão de cair num pântano. Nem mesmo me deu prazer. E é por isso que nem sequer me arrependo. Porque nem todas as acções proibidas têm o castigo do remorso. Só quando o gosto foi muitíssimo grande é que nós sentimos remorsos. Ela tentou-me, desejei-a, foi essa a minha única culpa. Naquele momento de excitação estava, de facto, aguilhoado pela suspeita de que Bérit me atraiçoava. Admito, já fora de tempo, que a minha suspeita fosse absurda, mas tu sabes perfeitamente como o ciúme é disparatado. O melhor remédio que há contra o ciúme é fazê-lo nascer também. Cada um atinge desse modo um desejável equilíbrio. Entre parêntesis, eu creio que um Dom João é um homem que tenta manter o equilíbrio da sua vida não fixando sobre um único objecto todo o seu poder de paixão. Um poltrão? Não, um sábio, porque, após cada decepção, pode procurar consolação algures. Tenteia os seus sentimentos, é prático.

“Mas eu não sou um Dom João! Isto não são senão reflexões minhas. Bem entendido, logo depois tive a prova da fidelidade de Bérit. Foi trágico, ou antes tragicómico. Queimei todas as cartas que tinha recebido da tal rapariga. E pedi-lhe que queimasse as minhas. Desgraçadamente havia logo de me esquecer de uma na algibeira do jaquetão! Mas são coisas que nos acontecem. Certamente já te aconteceram a ti também. Aborrecido é que Gun a tenha lido, mas ninguém lhe pediu que o fizesse. Para a acalmar comprei-lhe aquele bracelete que te mostrei antes de partir. Foi caro, mas não achas que se possa estabelecer a paz numa família mediante aquele preço?

“Penso agora que me expliquei o melhor que pude. Se falares desta minha carta a Gun dá-lhe esclarecimentos acerca da minha tal história com a tal rapariga. Não lhe diz directamente respeito, mas talvez a ajude a sentir-se menos ofendida por conta de Bérit.

“Do teu filho, que te deseja um resto de Natal feliz e também boas entradas de ano,

Bengt.”

“Bérit e os pais enviam-te os seus melhores cumprimentos.”

UMA CARTA DE DESPEDIDA RASGADA

“Perguntam-me por quê. Vou dar-vos a resposta. Porque estou farto de viver. Farto de viver aqui no mundo dos cãezinhos. No mundo dos cães dos pequenos sentimentos dos pequenos prazeres, dos pequenos pensamentos. Devemo-nos sentir satisfeitos, mas eu não me quero satisfazer como um cãozinho. Não há nada tão repugnante como os cãezinhos quando entram em casa, assustados e satisfeitos, a seguir às suas aventuras de cãezinhos. Eu próprio era um cão grande. Mas não quero ser mais um cão grande, nem penso que valha mais ser um cão grande que um pequeno. Não há outra alternativa. Tem de se ser um cão grande ou um cão pequeno.

“Eu fui um cão grande porque vos enganei a todos. E fui igualmente um cão pequeno porque me enganei a mim próprio. No mundo os cãezinhos enganamo-nos todos uns aos outros. No mundo dos cãezinhos sonhamos todos com aventuras de cãezinhos, mas receamos todos a grande aventura. Mas assim que se trata de viver puro – a única aventura que não é pequena – os cãezinhos tomam-se de um terror pânico, porque, para os cãezinhos, só o que é suficientemente sujo merece ser vivido. A grosseria, no mundo dos cãezinhos, ainda é pior que a imoralidade. Lá não se sabe que há uma única coisa imoral: fazer-se conscientemente mal a alguém. E por isto mesmo é que no mundo dos cãezinhos a maldade passiva é mais apreciada que a activa.

“No mundo dos cãezinhos todos somos trapaceiros. No mundo dos cãezinhos tudo se leva a rir. A rir se dão aos outros bocadinhos dos nossos sentimentos. A rir dizemos que amamos os cãezinhos que encontramos. E por isto é que ninguém pode tomar a sério o mundo dos cãezinhos: nem o próprio trapaceiro o é a valer. No mundo dos cãezinhos os trapaceiros enganam-se com as suas trapaças. No mundo dos cãezinhos a confiança é inútil, por isso se dispensa. Se, por acaso, alguém a tem, é a rir. Porque, no mundo dos cãezinhos, tudo quanto acontece, acontece para a gente se rir.

“No mundo dos cãezinhos os mais velhos não têm nada para dizer aos mais novos. Mesmo que tivessem qualquer coisa para dizer, de toda a maneira não ousariam dizê-la, porque, no mundo dos cãezinhos, ninguém crê no que propriamente diz. Até a mentira deixa de ser uma verdadeira mentira. No mundo dos cãezinhos quem diz a verdade mente e quem mente diz a verdade. Tudo é, pois, mais ou menos verdadeiro e mais ou menos falso. Tudo pode ser demonstrado, tanto a verdade como a contraverdade. De modo que se pode crer nas duas se, no mundo dos cãezinhos, alguém há que ouse crer.

"No mundo dos cãezinhos ninguém é feliz, mas também ninguém é infeliz. O sentimento que lá tem curso é o da indiferença, os sentimentos que lá correm são os pequenos sentimentos, únicos pensamentos que lá têm curso são mais pequenos ainda, os únicos sentimentos belos são os mais mesquinhos. No mundo dos cãezinhos a razão nunca é bela. No mundo dos cãezinhos nunca se poderá compreender que se a posição dos cãezinhos não é perfeitamente insuportável é só porque o entendimento dos cães grandes a pode analisar.

"No mundo dos cãezinhos cada um podia viver como quisesse se somente soubesse o que queria. Mas no mundo dos cãezinhos ninguém ousa ter confiança na sua própria vontade, visto cada um saber-se um falso traidor. No mundo dos cãezinhos não existe senão uma vontade e é a vontade de se ser sempre outro. E, quando nos tornamos estoutro, ainda queremos ser novo outro. No mundo dos cãezinhos tudo se derrete, até as próprias pedras; sobre as pedras da honestidade derretem-se as da desonestidade. As próprias máscaras põem máscara: pôr uma segunda máscara é desmascarar-se.

"O mundo dos cãezinhos é um mundo onde se tem vergonha de viver. Se morrer não fosse igualmente vergonhoso, muita gente morreria voluntariamente. Aliás, mesmo ter vergonha é vergonhoso no mundo dos cãezinhos.

"Para aquele que se não sente à vontade no mundo dos cãezinhos, o único recurso é tornar-se um cão grande. A única vantagem que se tira de ser-se um cão grande no mundo dos cãezinhos é a de se não ter medo de morrer. No entanto um cão grande também não escapa à vergonha de viver, um cão grande ainda menos que os outros.

"E é por isto que eu faço o que faço."

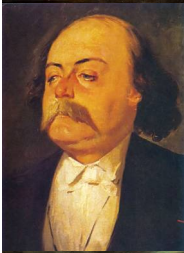
INDEX

Giorgios Gounaropoulos (p. 74)
A menina com o gato, 1917
Óleo sobre tela
ΕΘΝΙΚΉ ΠΙΝΑΚΟΘΉΚΗ, ATENAS

Vincent Van Gogh (p. 114)
Detalhe de *O Moinho de Alphonse Daudet em Fontvieille*, 1888.
Aquarela
COLEÇÃO PARTICULAR

Simone Cantarini (p. 135)
Detalhe de *O Rapto de Europa*, c.1612-1648
Gravura impressa
INSTITUTE OF ARTS, DETROIT

Catherine Denvir (p. 147)
Capa de *Don Quixote, which was a dream*, 1986
Ilustração
PALADIN GRAFTON BOOKS, LONDRES

Tamara de Lempicka (p. 157)
O turbante verde, 1930
Ilustração
COLEÇÃO PARTICULAR

Egbert van Heemskerk (p. 188)
Detalhe de *Um alquimista em seu estudo*, séc. XVI d.C.
Óleo sobre tela
SCIENCE HISTORY INSTITUTE, PHILADELPHIA

Pierre François Eugène Giraud (p. 194)
Retrato de Gustave Flaubert, c. 1856
Óleo sobre tela
CHÂTEAU DE VERSAILLES, VERSALHES

Francisco Goya (p. 212)
Retrato de María Vallabriga a cavalo, 1783
Óleo sobre tela
GALLERIA DEGLI UFFIZI, FLORENÇA

Rolf Lagerson (p. 263)
Capa de *Bränt barn*, 1968
Ilustração
NORSTEDT & SÖNERS FÖRLAG, ESTOCOLMO

CONTRACAPA:
Diepkloof Rock Shelter, África do Sul
Fotografia
ARQUIVO (n.t.)

A (n.t.) | 21º acabou-se de editar em 15 de outubro de 2021,
na Ilha do Desterro, Santa Catarina, Brasil.

Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, **Baramond**
Grego e romeno: **Palatino Linotype**